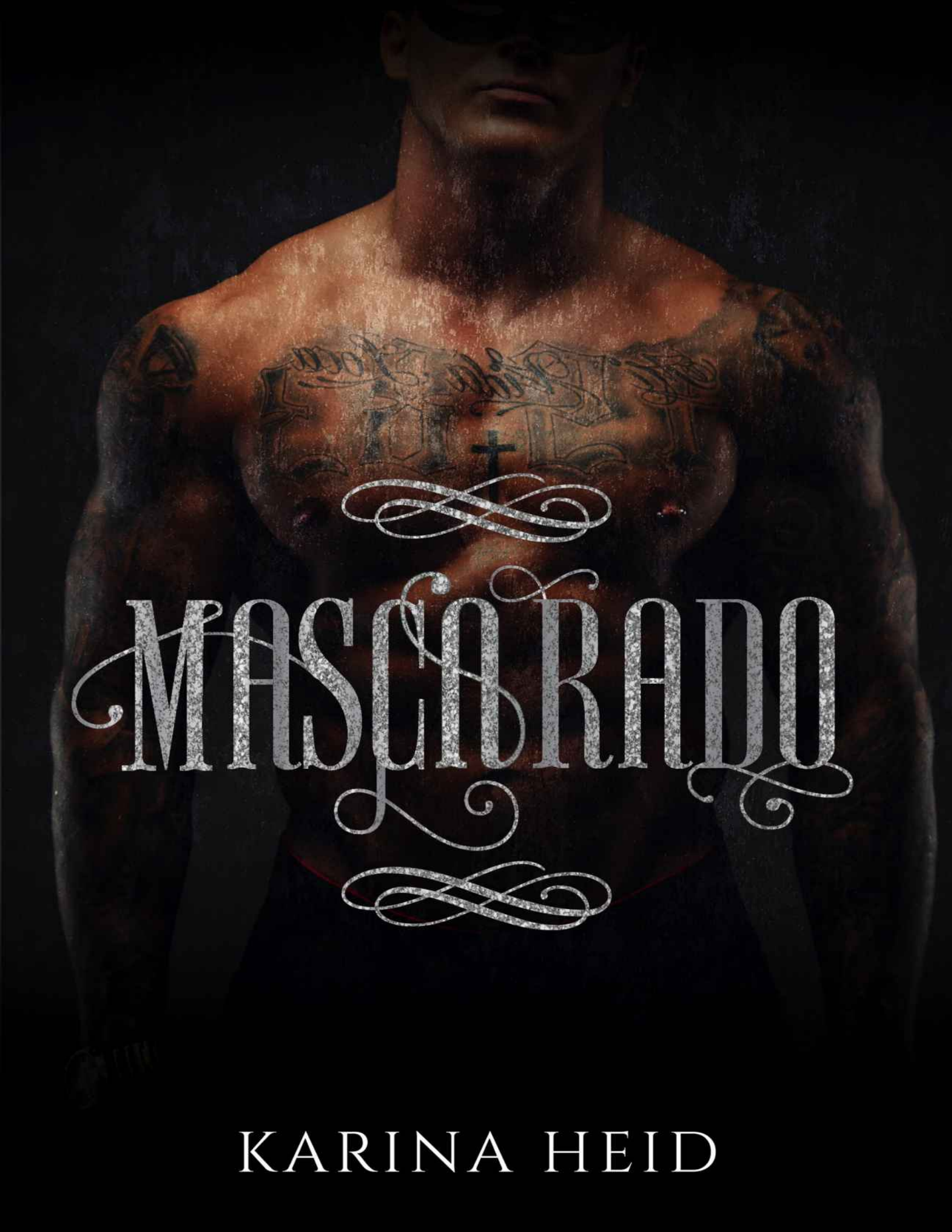


A man with a beard and sunglasses, shirtless, with extensive tattoos on his chest and arms. The tattoos include a large cross on his chest and various other designs. The background is dark.

MASCORADO

KARINA HEID



PERIGOSAS NACIONAIS

MASCARADO

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

KARINA HEID

Karina Heid
romance • pimenta • humor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

© 2019 Karina Heid Rocha
Vitória, ES - Brasil
Revisão: Fabiano Jucá
Capa: Thati Machado
Diagramação: Karina Heid

Mascarados
1ª Edição
Maio de 2019

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução inteira ou parcial
desse livro sem a prévia autorização da autora.

 Created with Vellum

PERIGOSAS ACHERON



*Às minhas fieis e animadas leitoras, que trazem
diariamente alegria à minha vida. Vocês são tudo
de bom, e merecem o melhor que eu posso dar.*

SOBRE ERIK E CHRISTINE



Quem acompanhou a história do começo, no Wattpad, sabe que ela começou inspirada na história do Fantasma da Ópera. Daí vêm os nomes dos personagens, a Ópera onde cresceram e, claro,

a máscara. No entanto, a história começou logo no início a dar sinais de que gostaria de desbravar outros caminhos. Como boa seguidora das musas inspiradoras, eu apenas a segui. Portanto, qualquer semelhança não é mera coincidência, mas elas serão poucas. A história inspirada no lendário fantasma ficará para a próxima...

CONTENTS

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Outras obras da autora](#)

[Sobre mim](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO I

— *Chris-ti-neee...*

Meu nome em forma de música ecoa pelas paredes vazias da Ópera. Chega como um dedo provocativo, me convidando para sair do esconderijo. Fecho os olhos e seguro a respiração, incomodada com os novos ares da brincadeira. A perseguição, a caça, o ataque. Se antes era tudo um passatempo, agora virou um tipo de jogo: eu me escondo, ele me acha.

Ele me acha e quando me encontra, me beija.

Eu correspondo porque sou presa, senão não corresponderia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tranquilizo o coração, repetindo entre o silêncio das batidas que amá-lo é o certo a fazer.

Corríamos um atrás do outro desde crianças, embora as corridas do início terminassem de maneira diferente. Se antes voltava para casa com o rosto cheio de lágrimas, agora voltava com as bochechas afogueadas. Raul não via minha esquiva com bons olhos; dizia que eu era fria, uma puritana. Mas o coração via aquelas brincadeiras como impróprias. Impróprias e, em minha cabeça, proibidas.

Passo a mão pelo pescoço suado e limpo a umidade na saia pesada. A sensação é claustrofóbica, como se alguém me estrangulasse.

Não gosto de estar ali. A Ópera é escura e traz lembranças ruins. Não gosto dos silêncios quebrados por estalos, nem da sensação de estar sempre sendo vigiada. E não gosto do estranho cheiro de rosas que os corredores têm. Passei a infância correndo por eles, ouvindo meu pai, um barítono alcoólatra em fim de carreira, contar histórias sobre fantasmas que morreram sonhando com aqueles palcos. Ele me deu, mais por necessidade que escolha, uma infância exótica entre plumas e máscaras, sapatilhas e instrumentos

PERIGOSAS ACHERON

musicais. A escuridão dos bastidores era tanto lar quanto eram as luzes do palco, e vivemos da glória dos espetáculos até o dia em que ele apareceu morto do lado de fora da Ópera, congelado sob a neve após um desmaio alcoólico. Foi o fim dos braços que proviam segurança, ainda que precária, e dos espetáculos vistos de detrás da cortina. No dia em que meu pai foi enterrado, fui levada a um orfanato e esquecida ali até que os Santiago me encontraram.

Era para eu ter sido uma serva da família abastada, mas na puberdade mudaram os planos. O filho de ouro havia colocado os olhos em mim.

É com um nó enredado no estômago que ouço meu nome outra vez. Ouço seus passos subirem as escadas, depois descerem. Encolho o corpo atrás do veludo das cortinas, sentindo seu vulto passar perto. Quando ele desaparece atrás dos corredores, desço as escadas estreitas em direção aos antigos camarins desativados sob o tablado, torcendo para nunca ser achada.

Abro a porta com um alívio exultante, e as lembranças se erguem no ar como pó. Lembro de quando criança entrar ali correndo às gargalhadas, perseguida por bailarinas amorosas. Elas eram

muitas, e sempre tão lindas. Elas me erguiam no colo e ralhavam com meu pai, que havia se esquecido outra vez de me alimentar. Essas eram as mães que não conheci, as tias que a Ópera me deu. Elas desaparecem aos poucos nos anos seguintes, diáfanas, tão leves quanto suas saias de tule transparentes. Sobra o camarim abandonado e a escuridão, que mal permite que eu veja as silhuetas do que ainda resta ali. Os camarins antigos foram esquecidos quando outros, mais suntuosos, foram construídos no andar de cima, mas, embora a janela esteja parcialmente coberta, enxergo as penteadeiras em fileira, os bancos estofados de vermelho e o espelho de moldura dourada. Corro os dedos pela madeira lisa, sorrindo pelas memórias. A superfície parece aveludada de tanta poeira.

Um ruído, tão discreto que poderia ser confundido com passos de ratos, me faz olhar para trás. *Como Raul me achou tão rápido?* Por um tempo mantenho os olhos na porta, atenta ao jogo de sombras. Posso sentir a presença de alguém, como o revirar discreto de um sopro.

Mais um passo, e meu coração começa a bater descontrolado. A escuridão não me deixa ver onde esbarro, e ao dar um passo para trás encosto na

arara cheia de fantasias. A luz que incide da janela reflete no enorme espelho de chão, e é essa luz que clareia uma fresta na porta. Na fresta vejo uma sombra.

— Quem está aí? — Minha voz sai trêmula.

Ninguém responde, mas há alguém ali. Sei porque sinto um cheiro vivo e fresco, como se alguém tivesse acabado de voltar do jardim. Ouço novamente um ruído, e antes que grite, vejo a silhueta.

Há um homem ali dentro, e não é Raul.

As mãos vão parar na frente da boca, abafando o grito. Dou um passo para trás e trombo no espelho. Os próximos movimentos são uma sucessão de vultos que se movem ao redor, mas não me tocam. As mãos do estranho estabilizam o espelho cambaleante, e os cachos que emolduram sua cabeça e caem na altura dos ombros roçam minha face. Tão rápido quanto ele se aproxima, ele se afasta.

As mãos continuam na frente da boca. O rapaz, agora a dois passos de distância, parece ter medo até mesmo de respirar. É dele que vem o enigmático cheiro de rosas. Aquele cheiro indistinto dos corredores, que sentia anos atrás,

durante as brincadeiras, e senti hoje outra vez.

O rapaz tem rosto anguloso, de nariz afilado e olhos azuis claríssimos. Seu cabelo parece ter saído de uma pintura renascentista que enfeita a nave de alguma catedral, e sua aura — se é que tais coisas são permitidas a mortais — parece algo vindo da esfera celeste. Se não achasse que ele representa perigo, pensaria estar na frente de um anjo.

— Quem é você? — pergunto, dando um passo para trás.

— Você não deveria estar aqui.

— E você, deveria? — a frase sai em um sopro.

Ele não responde, mas não para de me olhar.

Sua curiosidade é ambígua, tanto inocente quanto capciosa. Mas nem a inocência que bordeja a inconveniência nem o enigma da insistência são permissíveis. Um homem jamais deveria olhar tanto tempo para uma dama, e uma dama jamais deveria corresponder por tanto tempo a esse olhar.

— Estou de saída — aviso. Há algo de intolerável em sua presença.

Mas ao dar o primeiro passo, vejo que ele segura uma flor. Uma rosa vermelha, tão fresca que só pode ter sido colhida naquele exato momento. É dela o perfume que sinto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Trabalho aqui — ele diz. — Perdoe-me se a assustei.

E me estende a rosa que traz nas mãos. Ergo os olhos e encontro os seus. Se antes eles me pareciam angelicais, agora mais parecem correntes marinhas perigosas.

— Não é certo aceitar flores de estranhos.

Ele traz de volta o caule cheio de espinhos ao peito.

— Sou Christine. — Insinuo a mão em sua direção.

Ele me entrega a flor, respondendo:

— Sou Erik.

Pego a flor com cuidado, mas os espinhos são tão pontiagudos que ainda assim furo o dedo. Levo-a ao nariz, tentando segurá-la de forma a não sentir dor.

— Onde você trabalha?

— Nos jardins. Não se lembra?

Uma memória gasta cruza o pensamento. Um garoto com rosto angelical, acompanhado do pai, um antigo funcionário da Ópera. Lembro-me vagamente de sua existência, uma lembrança tão fragmentada que mal pode ser chamada de memória.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Christine?!? — A voz de Raul dispara uma onda gelada no corpo. A rosa cai no chão, e piso sobre ela para escondê-la.

— Raul? — Minha voz sai aguda. — Onde você estava?

Raul se aproxima suspeito, olhando o rapaz de cima a baixo. Circula-o como se o estudasse, mantendo uma distância segura.

— Com quem está conversando, Christine?

Olho para um e para outro com o coração acelerado, como se pega cometendo um crime.

— Esse é Erik, o jardineiro. — Eu me coloco entre eles. — Como não achava você, pedi ajuda para encontrá-lo.

Raul desce os olhos até a roupa do rapaz, investigando o casaco escuro de lã e as calças baratas. É inevitável, naqueles segundos em que tento esconder meu pavor, não notar também o estado precário de suas vestes.

A realidade cai cruel sobre o momento. A borda dos punhos puída, as unhas com aspecto de sujas. Claro. Ele é o filho do antigo zelador, hoje jardineiro. Raul não se dá ao trabalho de agradecê-lo ou se despedir. Estende o braço em minha direção e eu cruzo o meu ao seu.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos, está ficando tarde.

Juntos deixamos Erik para trás.

E por todo o caminho de volta ao muro, onde uma fenda permite as incursões clandestinas ao edifício, seguro a vontade de me virar. Aceitar a rosa foi um risco, o gesto poderia ter custado caro.

Raul atravessa a fenda, mas antes de segui-lo olho para trás. Dentre as várias flores que enfeitam o jardim da Ópera está o canteiro de rosas, onde flores vermelhas imensas aparecem aqui e ali em meio ao espinhal. E entre flores e espinhos está o rapaz com rosto de anjo. Ele nos observa fugir, segurando uma rosa destroçada nas mãos.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 2

QUINZE ANOS DEPOIS

ERIK

Você foi o mais lindo dos meus devaneios. O sopro mais raro de vida, uma rajada de vento em um dia quente de verão. Sabia quem você era muitos anos antes daquela noite, no camarim. Eu a perseguia em silêncio pelos corredores durante a nossa infância, com passos tão leves que eram impossíveis de ouvir. Senti sua falta quando foi levada embora, e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

renasci quando reapareceu anos depois — diáfana, divina —, como se feita de luz.

Você estava de volta à Ópera, e pela primeira vez me notou.

Quando viu meu vulto parado na sombra dos cenários, parecia tão surpresa quanto curiosa. Você era uma dama perfeita, tão comedida e bem educada. Por um tempo sondou minhas intenções, ou o próprio interesse que senti crescer por mim. Temia aproximar-se como quem teme um bicho exótico, cujo perigo desconhece. Temia exatamente o que veio procurar, sem saber que era desse medo que vinha o seu desejo.

Na noite seguinte, manifestou-se como um rastro de estrelas no céu. Chegou chamando meu nome, vagando perdida pelos labirintos do teatro. Mentiu, dizendo que havia esquecido algo. Tanto eu quanto você sabíamos que havia voltado para me ver.

— O que está fazendo aqui? É tarde — eu perguntei na época.

Tarde para uma dama estar fora de casa, na presença de um estranho. Você abriu a boca, mas desistiu do que ia dizer. Acalmou primeiro a mente, preferindo dizer outra coisa no lugar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Queria pedir desculpas por Raul.

Havia um homem chamado Raul na sua vida. O esnobe desagradável que a levou de mim.

— E pelo que se desculparia?

Eu queria ouvir de você.

— Ele foi rude e arrogante. Foi um Santiago, como eles costumam ser.

Eu acreditei em você.

— Ele sabe que está aqui?

Você fez que não.

— Mas ele é seu noivo.

— Ele não é meu noivo. Crescemos juntos, apenas isso. Somos irmãos.

Não havia sinceridade na sua voz, mas, tolo, ignorei a mentira. Era a sua beleza, Christine. Ela me confundia com falsas promessas de céu. E no mais, éramos tão jovens... Como poderia resistir?

Na noite seguinte, deu a desculpa da solidão. E continuou vindo, noite após noite, até que seus pés começaram a trazê-la sozinhos até meus braços.

Você procurava amor, e despertou em mim desejos ferozes.

Amor em seu pior estado.

Em seu único estado.

Você se aproximou com cuidado, e me fez a

PERIGOSAS ACHERON

mais inocente das perguntas:

— É você o fantasma que assombra os corredores do teatro?

Talvez você não se lembre da pergunta, talvez tenha acreditado que eu era mais importante do que realmente fosse. Lembro que me senti tentado a dizer que sim. Queria sua admiração.

— Não, mas gostaria de ser.

— Por quê?

— Porque assim poderia visitá-la à noite, e fazer parte de alguns dos seus sonhos.

Você sorriu do meu atrevimento, por ter ido além do que poderia ir. Mas ficou menos constrangida que lisonjeada, prova de que, se cruzei uma linha naquela noite, você a cruzou comigo.

— Então você pode bem ser o fantasma, porque já sonho com você.

Você faz ideia do que sinto hoje ao me lembrar disso?

— Se sou ele, o que seria você, que retorna nos meus sonhos para me ver?

— Somos o fantasma um do outro. — Você ergueu os olhos, olhando ao redor. — Ambos presos a sonhos e ao passado dessas paredes.

Era para ter sido esse o momento de afastá-la,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas foi um momento perdido.

— Não posso protegê-la se continuar a falar tais coisas, senhorita. Meus sonhos são profundos, e a arrastariam para regiões nunca habitadas.

— Não me satisfaria se não me carregassem para esse lugar.

Quão incauta é a juventude, quão servil nossas vontades aos desejos do coração que ensaia seus primeiros passos?

— Não quero estar apenas em seus sonhos. — Dei um passo adiante e parei na sua frente. — Quero estar no seu coração.

— Talvez já esteja — você respondeu com um sussurro. — Desde a noite no camarim sou atormentada por sua voz, e pela rosa que desperdicei lançando ao chão. — Corri os dedos pela sua pele em uma carícia delicada, no êxtase do momento. Cachos da cor do ouro mais puro desciam até sua cintura, me lembrando sonhos etéreos.

Por que não resistiu, jovem tolo?

Você mirou meus lábios, com os seus entreabertos pela respiração.

— Você é mais perigoso que fantasmas — disse em um sopro.

PERIGOSAS ACHERON

Por que a beijei?

Inclinei-me para roçar os lábios nos seus. Seu hálito era quente, e chegou pouco antes que a ponta de sua língua. Eu me perdi naquele beijo como quem se perde em labirintos internos. E naquela noite, sob o teto maldito, selei meu destino. Eu conheceria em breve toda angústia, dor e agonia que uma alma pode sentir. Eu me tornaria íntimo do inferno e tudo que ele reservava.

Por sua causa, Christine.

Estava tudo dentro de você aquela noite, mas eu não vi. Toda maldade, todo perigo. No momento em que a beijei, permiti que tudo entrasse em mim por portas que eu mesmo escancarei.

E depois daquela noite muitas outras vieram. Você me confessou uma escuridão que não conseguia vencer sozinha. Disse entre lágrimas que Raul não era seu irmão. Que você era sua noiva prometida, e que em breve o desposaria.

Como não vi na época a sua ambição? Como ignorei quão perigoso era Raul e seu grupo de amigos? Quão vis eram suas ações, quão desesperada você estava por segurança e atenção?

Mas o que jamais perdoarei, minha querida, é que não enxerguei o inevitável. Eu era um jovem

PERIGOSAS NACIONAIS

sem instrução que só podia oferecer amor, competindo com o que só Raul poderia dar: uma vida de nobreza.

— Fuja comigo — pedi muitas noites depois, e sei que foi nesse momento que imaginou a vida ao meu lado. Fora amor, eu não podia oferecer nada.

Você chorou naquela noite, e hoje sei por quê.

— Diga que precisa de mim, Erik.

— Eu preciso de você.

— Prometa que tudo que diz é verdade. — Você agarrou com força meus braços, mas já não conseguia me encarar.

— Seremos felizes, meu amor.

— Tudo o que quero é você. Diga que me ama, e eu te seguirei.

— Eu te amo, Christine. Eu te amarei para sempre.

E então, você desapareceu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 3

QUINZE ANOS ANTES

CHRISTINE

A cada cruzamento de fitas que Nana trança nas costas do espartilho, mais um pouco de ar é roubado de mim. Não que eu o ande sentindo nos últimos tempos. Ele parou de circular há semanas por mim, desde que passei a evitar o teatro. Ela une as bordas do tecido lutando contra a força de minhas curvas, blasfemando pelo exercício que

PERIGOSAS ACHERON

precisa fazer. Sinto os solavancos, olhando para a garota pálida no espelho, vendo poucas coisas nela. Dentre as poucas, um enorme buraco.

A governanta finalmente faz um laço na longa fita e anda para trás, conferindo seu trabalho.

— Está bom. Ainda consegue respirar?

Faço que sim.

— Então posso apertar mais.

Olho-a pelo espelho, e ela desiste de brincar.

— Pelo amor de Deus, mude a expressão, Christine — ela ralha andando até a cômoda, onde uma caixa redonda recém desembulhada guarda o toque final. — Há rumores de que Raul pedirá sua mão em casamento essa noite. Você deveria se alegrar.

Uma fisgada de dor corre apertada por entre as costelas. Nana volta trazendo nas mãos uma máscara delicada, bege clara, adornada por pérolas.

— Não será uma ocasião especial — digo ao pegar a máscara, sentindo-a pesar nas mãos.

— O baile anual de máscaras sempre foi e sempre será o maior evento do país. — Ela dá um tapinha em minha mão. — É a ocasião perfeita para o pedido. O rei estará lá, assim como todos os governantes das províncias. Vá, coloque-a — a

PERIGOSAS NACIONAIS

governanta incentiva. — Com a máscara ele não verá sua tristeza.

Fecho os olhos e um fio morno escorre pela lateral do rosto.

— Pare de chorar agora — ela diz em tom de reprimenda, levantando o avental para secar o caminho úmido deixado pela lágrima. — Você precisa esquecer aquela loucura. Fingir que nunca aconteceu. Você fez uma escolha — uma difícil, eu sei, também já fui jovem e fiz escolhas difíceis. Mas pense, onde estaria se optasse errado?

Ela me olha, esperando que eu diga algo. Não consigo.

— Na beira do rio, lavando roupas para famílias endinheiradas? — Seus olhos se apiedam ao ver que agora choro mais. — Nas ruas, se prostituindo? Seja grata pelo que os Santiago foram, são e ainda serão para você, minha filha. Case-se com Raul e tente ser feliz.

Balanço a cabeça.

— Eu sei.

Ela suspira, dando um passo para trás. Seus olhos observam minha tristeza e meu definhamento, dia após dia, com a agonia de quem não pode fazer nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O amor é uma armadilha para nós — ela diz, mansa. — Ele nos dá a falsa ilusão de que podemos ter asas.

Pressiono os olhos fazendo que sim. Ele dá.

— Nós não podemos — ela conclui firme, virando-se para dobrar os vestidos largados sobre a cama.

Foi justamente a falta delas que me fez ir atrás dele, penso enquanto miro o rosto triste que em breve precisará parecer feliz. Passo as costas das mãos sob os olhos, inspirando fundo.

— Olhamos para o amor da maneira errada — ela continua, de costas. — Amor é segurança. É comida na mesa para os filhos que virão.

Olho para a máscara, ouvindo-a ao fundo.

— Como tantas outras coisas na vida, o amor vem disfarçado. Parece ser aquela loucura que fazemos escondido de todos, mas é na rotina e no dia a dia tranquilo que ele se mostra. Não podemos nos render aos caprichos do coração — ela continua enquanto a cabeça retorna ao meu anjo de olhos azuis. — Você entenderá mais tarde que agiu certo.

Erik, Erik... O que farei sem você? O coração implora saber. O que fará sem mim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Você se casará com uma mulher afortunada e lhe dará filhos lindíssimos. Eu me casarei e terei os meus com Raul. Precisarei amar meu marido, e me entristeço ao pensar que nos próximos cinquenta anos o terei ao meu lado, e não você.

O último sopro de força escorre por mim.

— Ele é vendido como algo bonito — murmuro ao abrir os olhos. — Mas ele não é.

— Apenas no início, pense nisso. — A governanta pausa. — E se caso depois de alguns anos não conseguir esquecer esse rapaz, feche os olhos com força e finja que está em seus braços.

Olho-a pelo reflexo. Ela não está brincando; ela fala sério.

— O mundo das fantasias é uma fuga segura para as tristezas da vida, Christine.

Para o desgosto da governanta, há mais lágrimas para ela enxugar.

— O coração é um órgão atarefado demais para bater por bobagens. Vamos, pare de chorar e acalme-o. Ele precisa bater por outro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 4

A Ópera de Andaluzia era uma construção neoclássica de grandeza babilônica. Como um monstro, engolia com sua estrutura rebuscada um quarteirão inteiro do centro da cidade. Paredes do mais pálido amarelo elevavam-se por dezenas de metros, onde janelas emolduradas por ornamentos clássicos espelhavam as construções dos arredores. Construída sobre um antiquíssimo anfiteatro romano, resquício de tempos longínquos, ela escondia, em seus subterrâneos, arcabouços e labirintos cujos segredos nem mesmo seus antigos arquitetos conheciam. Em seus palcos

PERIGOSAS ACHERON

apresentavam-se as mais perfeitas orquestras e balés de companhias internacionais; em seus salões aconteciam os bailes mais disputados. E essa magnífica construção, orgulho do país e menina dos olhos de Andaluzia, hospedava uma vez por ano o baile de máscaras.

A Ópera enchia a cidade não só de orgulho, mas também de lendas. Nos tempos áureos de Andaluzia, meu pai costumava contar, príncipes e princesas haviam aplaudido de pé suas apresentações. Esse era o momento em que o rei deixava a capital e nos visitava, e o baile era o evento mais disputado do ano.

— Por Deus, Juan — Zara, a mãe de Raul, ralha pela segunda vez com o esposo. — Conserte esse lenço no pescoço.

Olho com deslumbre para a Ópera, inteiramente iluminada. Uma sensação de desespero mudo toma o corpo inteiro. Será que ele estará ali, naquela noite? Ou terá fugido dali, depois que fugi e o evitei nas últimas semanas? Morro a cada segundo que não sei dele e seu paradeiro. Morro cada segundo por optar pela vida segura ao lado de quem não amo.

Zara enlaça o braço ao meu, acariciando minha

pele.

— Você está tão pálida. Aconteceu alguma coisa?

— Não é nada, mamãe — Raul responde por mim.

— Comportem-se, vocês dois. O rei estará aqui. O rei e todo o resto da cor...

— Corja — Juan termina a frase.

— Corte — Zara o corrige.

Juan e Raul discordam. Para os Santiago e todos os outros que disputam o topo da pirâmide da cidade, os regentes das províncias vizinhas não passam de bárbaros. Seres sem refinamento ou habilidades políticas, que o reino tolera por motivos incompreensíveis. Ambos nutrem especial desprezo pelo lendário Conde D'Orr, regente das planícies proibidas.

Recluso e avesso a aparições sociais, o Conde povoava o imaginário da cidade. As histórias secretas, contadas nos charmosos cafés em meio a murmúrios, faziam as castas damas da cidade balançarem a cabeça em reprovação. O homem misterioso tinha a fama de manter em seu exílio distante um harém de mulheres. As histórias falavam de mulheres da vida, compradas de

Andaluzia, e causavam tanto fascínio quanto curiosidade. O que ele fazia com elas? Aquilo rendia um infindável número de histórias, que deixava as mulheres de bom nome da cidade em polvorosa.

— Acha que o Conde devasso estará aqui?

— Ele raramente vem. Mas o rei estará aqui, então nunca se sabe.

Ouçó-os enquanto olho elegantes mascarados circularem no grande salão de baile. Muitos valsam ao som da orquestra, os cavalheiros guiando as damas em suas vestes imponentes e esvoaçantes. A iluminação das milhares de velas nos candelabros reflete nos grandiosos espelhos que revestem as paredes, envolvendo o salão em um halo dourado. A cena, tão bela, acentua minha tristeza. Essa é a escolha que fiz para a minha vida. São dentro de paredes como essa que decidi ficar.

Poucos atentam para os anúncios feitos na entrada por recepcionistas de casacas escuras, mas naquela noite os convidados param quando entramos, sussurrando comentários ao pé do ouvido dos companheiros. Correm rumores de que Raul me reserva uma romântica surpresa, uma que marcará a data do baile de máscaras como o início

de algo bonito e eterno. Aguardo com o estômago revirado o pedido, afogando-me aos poucos em um oceano de tristeza. *Essa foi a escolha que você fez, uma voz desbotada me lembra. Você seria uma ingrata se partisse o coração de Raul.*

A diversão passa por mim no correr das horas sem me tocar. Raul não tem paciência ou sensibilidade para os meus humores, e há tempos me deixou ao lado de sua mãe para iniciar sua vida alcoólica ao lado do pai e de gente de aspecto importante. Sua mãe, a quem chamo de madrinha e está sempre tão vigilante de meus passos, troca ideias com a duquesa de Terragona. A conversa flui para interesses que não me dizem respeito e sou liberada por alguns segundos. Uso-os para fugir da sensação de estrangulamento, e caminho em direção ao terraço.

Do lado de fora, a noite carregada de estrelas parece tombar sobre nós, incapaz de segurar tanta luz. Fecho os olhos e sinto a brisa no rosto, deixando o ar voltar aos pulmões.

É pelo cheiro de flores que sei que ele está ali.

— Dizem que quanto mais tempo olhamos para elas, mais delas vemos.

Abro os olhos e o vejo ao lado, olhando para

cima, infinitamente mais perfeito que em meus sonhos. Ele também traja uma máscara, mas seus cachos são inconfundíveis, assim como são os olhos por trás dela.

— Elas são tantas essa noite que parecem transbordar do céu — digo engasgada.

— O céu consegue suportar o fardo. Não seria sua tarefa contê-las se não conseguisse.

Erik, como sinto sua falta.

Ele completa, como se soubesse que está para receber uma notícia triste: — ...embora de vez em quando uma ou outra escape de seus braços, e caia na terra.

Fecho os olhos, sentindo outra vez aquela sensação de perda insuportável.

— Por que desapareceu, Christine?

Nada me mantém em pé, ali e naquele momento, só o meu amor por ele. Ele ergue a mão e eu dou um passo para trás. Meu gesto soa como repulsa, mas não é repulsa. É medo.

— Não podemos conversar aqui.

— Como pode ter me abandonado? — ele insiste. — Como pode ter sumido? Achei que fugiríamos juntos.

— Me perdoe — murmuro. — Me perdoe, Erik.

Não posso fazer isso. Foi uma besteira, eu...

— Uma besteira? — ele repete, entristecido. — Uma *besteira*?

Ele se aproxima. Não sei o que me faz começar a tremer, se é seu cheiro do qual sinto tanta falta, ou o meu medo de que sejamos vistos juntos.

— Afaste-se — peço quase sem voz. — Não me toque.

Ele tenta responder algo mas não consegue, porque sua respiração parou no peito e as palavras sumiram. Olho para dentro do salão, mas as janelas, dali, viraram espelhos e não mostram nada. Mostram apenas eu e ele, e os braços cansados da noite. Como máscaras, os vidros escondem o que há do outro lado; assim como o céu que não contém mais as estrelas, também meu peito não consegue mais esconder os sentimentos.

Mas como posso esquecer que esta é uma sociedade cruel com quem falha? Não posso falhar com a família que me acolheu quando criança. Eles esperam agora, de mim, a recompensa.

Mas Erik não liga para nada disso. Está machucado pela minha decisão, embora não sinta só tristeza. Há algo além dela, muito além da dor que o machucado causa. Ele está com raiva. Seus

olhos parecem exalar algo invisível e escuro, surgido de uma profundidade que nem ele mesmo conhece. O rosto desenhado por anjos está transformado pela dor.

— O que fiz de errado? — ele pergunta. — Por que está fazendo isso conosco?

Recomeço a chorar. *Não me faça dizer, Erik.* Não me faça parecer tão horrível quanto estou sendo.

— Preciso falar com você. A sós. — Ele tenta me puxar, mas eu estaco.

— Não posso. Fiz minha escolha.

Ele ouve o que digo, mas não acredita. É horrível que eu note que se ficar na ponta dos pés, posso beijá-lo. *Saia de perto de mim, meu amor.*

— Diga que escolha fez quando estiver nos meus braços, Christine. Sei que me ama, eu sinto. — Ele enxuga uma lágrima. — Eu *sinto*.

Ele se afasta e sei que está indo para o nosso lugar. O nosso canto, o local onde ninguém pode nos encontrar. Limpo as lágrimas e sigo seus passos. Não presto atenção às pessoas, se comentam ou me seguem, elas deixaram de me interessar. Preciso dizer a ele que fiz minha escolha, que vou me casar com Raul. Mas sonho

em dizer tudo isso em seus braços, para que me convença do contrário.

— Christine? — A mãe de Raul me segura quando passo por ela. — O que aconteceu? Por que está chorando?

— Nada, madrinha — respondo quase sem voz. — Só preciso limpar o rosto. Eu já volto.

Ela me deixa ir, desconfiada.

Uma última vez, repito, atravessando o salão e descendo as escadarias. Uma despedida, e então será o fim. Sigo-o pelo jardim escuro, olhando de vez em quando para trás. Encontro-o entre as rosas com uma nas mãos. Nossos encontros são marcados por elas; não houve vez em que uma não me fosse oferecida, e todas as vezes furado a ponta dos meus dedos. Era então que, assim que uma minúscula gota de sangue brotava da pele, Erik colhia meu dedo e o colocava entre os lábios. Assim era selado algo que não tinha nome, tão impróprio quanto inconsequente. Em meus devaneios, imaginava que estaríamos ligados de forma eterna pelo sangue, e que uma parte minha correria por ele como ele inteiro corria por mim. Eu ainda não sabia que sangue significava tanta dor e tristeza, e que o futuro me reservaria ambos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas no momento só consigo enxergá-lo parado ali, envolto de esperança e escuridão, e a cada passo que dou entre os espinhos vou me lembrando por que o amo tão desesperadamente, e como nada poderia substituir esse sentimento. Nem mesmo a segurança e uma vida melhor para os filhos que um dia viriam. Nem mesmo a gratidão pelos Santiago.

Jogo-me em seus braços e colo minha boca à sua, desesperada pelo seu amor. Abro mão de tudo por ele. Envolvero seus braços, seguro sua nuca e o puxo, mais perto, cada vez mais certo. Como poderia me contentar em viver de fantasias se a realidade é perfeição? Como conseguiria amar outra pessoa, ou saber que o deixei livre para amar outra também?

Erik responde com paixão, porque sabe que o amo mais que a vida. Beija-me com a respiração ruidosa, mordendo o canto de minha boca, angustiado pelos últimos minutos e pelas semanas sem notícias. O que poderia ter sido o começo de uma nova vida, ficou marcado pelo fim de uma delas. Jamais acreditaríamos que justo nós, acostumados com o silêncio dos corredores vazios do teatro e aqueles necessários aos encontros furtivos, perderíamos os passos que se aproximam.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, Christine, Christine...

Erik me solta, e meu corpo é varrido pelo gelo da morte. Nos viramos para ver crescer na escuridão três vultos. Raul e dois de seus amigos se aproximam, cercando o espinhal.

— Christine... — A voz de Raul é um amálgama de ironia e desprezo. — O jardineiro está lhe importunando?

Meu noivo se aproxima como um felino, segurando um pedaço de madeira na mão. Seu tom tem todas as nuances do deboche. Há também uma boa dose de mágoa correndo sob sua voz, mas esse ele soube esconder melhor.

Olho para seus amigos, a nata estragada de Andaluzia. Eles estão parados, de pé, um em cada lado do roseiral. Nem se quiséssemos poderíamos escapar.

— Responda, Christine. O jardineiro foi inconveniente com você?

— N-não. — Acompanho seus olhos, em uma batalha interna para não aceitar que me viu aos beijos com outro homem. — Ele é um amigo de infância.

— Infância? — ele finge surpresa. — Você não tem amigos de infância, querida. Sequer teve

infância. — Ele ri, olhando para os outros dois. Os homens riem também.

Raul está alterado. Está bêbado, e algo misterioso e inédito parece se desenrolar em seu peito, como uma jiboia que decide acordar. Ele anda até Erik e solta o pedaço de madeira; seus braços esticam-se pra frente e empurram Erik com força. Erik tenta se defender, mas cai sobre o emaranhado de espinhos, machucando o rosto. Quando tenta se levantar, os outros se aproximam, e ele é empurrado outra vez.

— Não! Pare! — eu grito. Puxo o casaco de Raul, mas ele me agarra firme pelos braços.

— Entre, Christine. Saia daqui.

— Não o machuque, Raul. Ele não teve culpa de nada.

— Diga-me — Raul abaixa a voz, dizendo entre dentes trincados: — Ele é a razão, não é? Era ele quem você vinha ver à noite.

Seu rosto está retorcido pela raiva. Pela dor, mágoa e ódio.

— Largue-me — eu imploro. Ao fundo ouço Erik gritar meu nome.

— Diga para todos, Christine! — Raul me solta e aponta para Erik, caído. — Diga em voz alta!

Você realmente se interessaria por um *jardineiro*?

Meus olhos descem até Erik no chão. *Sim*, eu respondo em pensamento. *Mas se disser em voz alta, o que Raul fará contra ele?* Minha resposta é abaixar a cabeça.

— Não ouvi, Christine. — Raul faz uma concha ao lado do ouvido. — Você mancharia sua reputação por tão pouco?

— Raul, pare — eu choramingo.

— E você, estranho? — Raul anda até Erik. — Não tem vergonha de importunar minha noiva?

— Ela não te ama — ele responde.

Raul lhe desfere um soco no rosto. Grito, correndo em sua direção, mas Raul me engancha pela cintura.

— Sabe o que acho? — ele continua a falar, cuspiendo raivoso as palavras sobre Erik. — Acho que você não tem vergonha. Que você é na verdade um vagabundo que assusta incautos no teatro.

Eu me debato, mas Raul não me solta. Erik tenta levantar para me ajudar, mas não consegue por causa das botas em seu peito.

— Não acham que ele merece uma lição? — Raul pergunta para os outros dois rapazes. Os dois assentem, em deboche. — Eu acho.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não!!! — Arranho seu braço, mas ele me empurra tão forte que caio sobre as roseiras.

Ele me olha no chão e ergue uma das sobancelhas:

— Christine, vamos deixar que você decida. Quer que eu dê nele uma lição por te importunar? Por ter feito mal a uma dama?

Olho de relance para Erik. De cabeça baixa, faço que não.

— Ah, bom. Você não está com pena dele, está?

— Christine... — Erik me chama, mas leva um chute na boca. Solto outro grito, que chega junto com um choro sofrido. Raul se ajoelha sobre mim. Suas pernas me prendem, e uma de suas mãos firma meu pulso. Sua raiva é tão insana que me encolho.

— Diga, Christine. — Ele aperta com a outra mão o meu rosto com toda a força, como se decidisse enquanto o amassa o que quer fazer com ele — arranhar, estapear, bater. — Você tem algo a me dizer? Tem? *Tem*, sua vagabunda? Algo a me dizer sobre as visitas noturnas ao teatro?

E enquanto suas mãos amassam meu rosto e me espremem contra os espinhos do chão, eu faço que

PERIGOSAS ACHERON

não.

— Você vai se comportar se eu deixá-lo ir, Christine, vai? — ele rosna entre os dentes. Faço que sim, com sua mão apertada contra meu pescoço. — Ou vai me dizer aqui, agora, que prefere ele a mim?

Eu gastaria os próximos quinze anos tentando descobrir por que disse, naquela noite, *não*.

— Ah, Christine — Raul balança a cabeça, falando alto para que Erik ouça a minha resposta —, eu imaginei mesmo que não.

Uma lágrima corre pelo seu rosto quando ele me larga. A dor onde fui estapeada e unhada não são nada perto da dor que carregaria a partir daquela noite em meu peito.

Raul anda até os dois homens e diz:

— Sumam com ele. Será um vagabundo a menos em Andaluzia.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 5

PRESENTE

A masmorra, como o subsolo do castelo de Orr é conhecido, está às escuras. As janelas estreitas que varam as paredes robustas e deixam a luz se infiltrar estão fechadas. O criado, vestindo apenas uma calça justa, acende as velas dos candelabros sobre a mesa, movendo-os em seguida aos seus lugares. As paredes de pedra desgastadas cintilam pela claridade, revelando o que séculos atrás fora uma gruta e hoje é um labirinto feito de câmaras. Arcos de pedras adornam o teto, marcando as

PERIGOSAS ACHERON

entradas e saídas de salões. Com a chama das velas é possível ver também as águas do rio subterrâneo que correm calmas pelo ambiente e seguem seu curso através de um túnel escuro.

As duas mulheres são levadas pelas mãos escadas abaixo. A que veste o longo vermelho tem cabelos lisos e louros, e seus seios ameaçam saltar do decote exagerado. A segunda, de longo verde e rodado, é magra e longilínea, e seu cabelo escuro cai em cachos até o meio das costas. Não são bonitas, mas estão acostumadas a chamar a atenção dos homens. Mulheres da vida, como são — *eram* — chamadas em Andaluzia.

O homem as entrega ao criado e faz uma medida, despedindo-se delas. Elas observam o idoso desaparecer mancando pelo portão, deixando-as aos cuidados do criado. Tentam não demonstrar medo ou olhar demais para o peito nu do homem, mas estão desconfiadas e confusas com tudo que aconteceu nas últimas 24 horas.

Estão ali por vontade própria, disso sabem, embora prostitutas dependentes de migalhas não possam se dar ao luxo de terem vontades. Sabem que o que as espera é sexo, ou ao menos acreditam ser para isso que estão ali. O criado ajeita objetos

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre uma mesa larga e acende mais velas, sem prestar atenção nelas.

Quando foram compradas no dia anterior pelo homem manco, acharam que a morte talvez não fosse o pior que podia lhes acontecer. Algo ainda mais macabro havia acontecido. Andaluzia as havia expulsado, e agora o temido Conde D'Orr as tinha arrematado. O que poderia ser pior que a morte? Elas iriam descobrir.

Não era segredo que homens deformados surgiam de tempos em tempos solicitando prostitutas para o insaciável Conde das Planícies de Orr. Corria à boca pequena que o Conde era viciado em sexo. O problema? As mulheres que partiam para Orr nunca mais voltavam. O desaparecimento de prostitutas chamava pouca atenção aos graúdos de Andaluzia, mas entre elas era um alarme. Ninguém jamais conseguiu provar que foram mortas ou machucadas por ele, nada disso; aquelas mulheres simplesmente desapareciam na calada da noite, ou eram arrebatadas nos tribunais públicos, quando ficava decidido que não eram dignas da cidade. Mesmo anos depois, ninguém sabia do paradeiro daquelas que eram levadas.

PERIGOSAS ACHERON

O homem sem camisa desaparece atrás de uma pilastra, e as duas mulheres arriscam uma espiada ao redor. Pupilas dilatam, alertas, tentando ver alguma coisa na escuridão. Elas notam a beleza das pedras dos arcos e os pisos desgastados por pés. Notam a grande cortina de veludo vermelho, que parece esconder algo adiante, e também o rio silencioso que desaparece dentro de uma boca escura. Seus ouvidos se apuram para os sons de gotas que pingam ao longe, e as narinas se alargam ao sentir o cheiro de mofo misturado a algo mais, um odor de suor perfumado que se mistura ao de cera queimada.

Georgette, a loira, abaixa os pelos eriçados do braço. Tanto ela quanto Antônia aceitaram o convite de imediato. A vida miserável havia lhes custado alguns filhos e a saúde, e em breve as levaria de vez. E no mais, desde que Andaluzia passou a ser regida pelos Santiago, o cerco ao redor das prostitutas estava se fechando. Ao aceitarem ir para Orr, foram avisadas que precisariam levar seus filhos, nem que precisassem arrancá-los dos orfanatos para onde foram levados. Também deveriam levar documentos e pertences mais importantes, "para o caso do Conde mantê-las por

mais tempo no castelo." *Ou sumir com seus corpos sem deixar rastros*, Antônia pensa, sentindo um arrepio eriçar a nuca.

Então, menos de 24 horas atrás, haviam invadido os orfanatos e pegado suas crianças. Embarcaram na charrete na calada da noite, sabendo que era aquilo ou morrer fora dos portões da cidade, longe dos filhos.

— Você está respirando alto demais — Antônia reclama.

— Estou nervosa.

Antônia balança a cabeça, ela também está. Como não ficaria? Por que justamente elas foram escolhidas? Elas, as mais necessitadas do bairro proibido, as estragadas pela chibata. Georgette espreme as vistas para enxergar o que há sobre a mesa ao lado da cortina.

— O que é aquilo?

Antônia relanceia para o criado. — Não sei. Mas não vá olh...

Tarde demais, Georgette já andou até a mesa. Ela passa os olhos sobre o tampo e franze o cenho:

— Deus, para que serve tudo isso?

— Saia já daí! — Antônia ralha, mas acaba bisbilhotando também. Vê com o mais puro horror

os chicotes pousados lado a lado, como se dispostos para o uso. Há outras coisas ali: bolas de metal com fios pendurados, ganchos, cintos de castidade, correntes de pulso, pregadores minúsculos, imitações de membros masculinos feitos de metal luminoso. Antônia dá um passo para trás, ciente da dor que aqueles instrumentos podem causar. Sua cicatriz comicha como se tivesse acordado de um pesadelo.

Georgette rodeia em silêncio a mesa com o olhar fixo nos chicotes. Passa as mãos sobre eles, sente uns mais largos e outros mais estreitos, os longos e os curtos. Sente também a textura do couro e a maciez das cerdas amolecidas pelo uso. Toca nas bolas e no membro prateado, mas não vê ali o mesmo que Antônia.

— Não são objetos de tortura, Antônia.

Antônia ainda não achou a voz. Continua a balançar a cabeça como se as lembranças das chicotadas estalassem naquele instante sobre sua pele.

— Não são do tipo que açoitam as prostitutas.

— Georgette a chacoalha. Os braços de Antônia estão frios, e seu rosto lívido.

— Ele não vai nos machucar, sua boba. — A

loira ri, abraçando-a. Ela realmente não acha aquilo, mas a tensão da amiga a faz perguntar por que razão mostra otimismo ao lado de objetos daqueles, trancada em uma masmorra escura.

Tola, tola, tola, Antônio pensa sobre a amiga. As mensagens foram dúbias desde o começo. Sexo com um homem conhecido por sua perversão, e toda aquela generosidade inexplicável. Por que foram alimentadas com o melhor queijo e pão? Para morrer mais tarde? Por que esmeraram-se tanto no banho? As duas foram levadas após a refeição até banheiras perfumadas, onde uma serva idosa e cega as esfregou com bucha e untou suas costas e pescoços com óleos aromáticos. Escovou seus cabelos, e as livrou até mesmo do cheiro de suor azedo e do encardido eterno sob as unhas. Elas cheiravam agora a flores. Por que tanto esmero se o Conde desejava torturá-las?

Foram informadas que o Conde tem gostos peculiares, mas que não precisavam temê-lo — apenas obedecê-lo. Deveriam, sobretudo, manter a calma. A todo momento foram lembradas disso: mantenham a calma e fechem os olhos se a visão for perturbadora demais.

As portas pesadas de madeira batem no alto da

escada. As mulheres dão os braços à outra, vendo um homem musculoso descer as escadas. Metros de pele nua estão expostos, e ele só tem um lenço na altura da cintura tampando sua intimidade. Georgette engole em seco. Ele é ainda mais deslumbrante que o outro criado, que agora reaparece com equipamentos estranhos nas mãos.

Georgette está boquiaberta pelo peitoral que parece ter sido talhado em pedra, que brilha besuntado em óleo. Os homens olham as duas ao atravessar o salão. Param na frente da cortina pesada e puxam os cordões, revelando uma imensa cama de dossel, grande o suficiente para que elas entendam que não vieram servir individualmente ao Conde. Elas estão ali para participar de uma orgia.

— Senhoritas — o homem que acabou de descer as chama. Elas andam com passos incertos até a cama. Um deles dá a volta por trás de uma das mulheres e a segura pelos ombros. A loira sorri sem jeito, mas ao ver o outro fazer o mesmo com Antônio, deixa o sorriso morrer. Antônio endurece ao sentir as mãos a firmarem em pé, sentindo o farfalhar do tecido grosso sendo desabotoado. O que está acontecendo? Quem são eles?

— Segure seu cabelo — o homem murmura.

Ela ergue o cabelo sentindo cada pelo de seu braço acordar. De costas e vulnerável, ela fecha os olhos. Seus clientes não agem assim. Eles simplesmente erguem suas saias e terminam o serviço de pé, nos becos escuros do bairro. Antônia olha para Georgette e vê que ela também está com os olhos fechados.

Os braços do homem a envolvem como uma cobra, e seus dedos deslizam pelo decote, afrouxando o vestido. Dedos longos insinuam-se pela fenda, puxando um dos seios da mulher para fora, em seguida o outro. Ele a fita por cima dos ombros, enquanto a mulher, amolecida, recosta nos ombros largos.

Antônia sente nessa hora seu próprio vestido afrouxar e o homem atrás dela repetir o gesto que viu acontecer com a amiga. Seu vestido desliza para baixo sem tantas curvas que os segurem, e mãos macias envolvem seus seios. Encaixando-se nos mamilos, iniciam um movimento rítmico de puxar e soltar enlouquecedor.

Antônia sente os beijos entre o ombro e a face, na parte mais tenra e sensível do pescoço. A tensão escapa dos músculos e relaxa seu corpo. As duas foram para lá esperando sexo, mas o que estão

recebendo deveria se chamar outra coisa.

Georgette quer retribuir o carinho, sentir o membro do homem em suas mãos, mas ao tatear as coxas do homem atrás dela, é interrompida. Ele a firma pelo pulso e ela sente o roçar de pano contra os dedos.

O criado que massageia Antônia a vira, espalma as mãos em seus ombros e empurra-a sobre os lençóis. Antônia cai na cama e ele tomba sobre ela. Sua boca procura a dela em um beijo inédito, e enquanto ela responde ao avanço inusitado, ele prende suas pernas entre as suas.

É tudo muito rápido, Antônia mal vê acontecer. Quando percebe, tem uma corrente presa ao redor do pulso.

— Mas o que...?

Ela ouve a madeira bater contra o ferro da corrente e antes que possa se defender, é presa pelo segundo pulso. Tenta mexer os braços mas não consegue: há um pedaço de pau mantendo suas mãos afastadas uma da outra. Ela é imobilizada com as duas mãos sobre a cabeça.

— Não tenha medo, faz parte do ritual — o homem diz calmo, levantando-se.

— Ritual? — Ela tenta se soltar, mas o cabo de

PERIGOSAS NACIONAIS

madeira a impede. — Como assim, que ritual?

Georgette arregala os olhos. Tenta se soltar mas percebe que suas mãos também foram atadas nas costas pelo lenço que o homem tinha amarrado na cintura. Elas estão presas.

O homem que até segundos atrás fazia carícias indescritíveis em sua pele a encaminha até a cama e a senta ao lado da amiga, que ainda se debate. Georgette, mesmo em pânico, olha o corpo agora nu do homem, mas um engasgo quase a faz desmaiar.

No lugar do pênis e dos testículos, ele não tem nada.

Georgette abre a boca, horrorizada, mas é deitada pelo eunuco ao lado de Antônia. É medo o que as esquentava agora, pura adrenalina que faz ambas tremerem como se não tivessem um só osso no corpo.

Uma rajada de vento balança a organza pendurada no dossel, anunciando uma chegada. Elas olham para o lado, para a direção de onde ouvem um ruído, mas a ventania apaga as velas. A escuridão esconde quem se aproxima, mas elas ouvem os passos decididos de botas contra o chão de pedras ficar cada vez mais alto.

PERIGOSAS ACHERON

Os criados se afastam com reverência, como se seu papel por enquanto tivesse sido cumprido. O coração de ambas bate acelerado, os corpos nus arrepiados de frio e medo. Elas estão vulneráveis, presas à cama e sem saber o que aguardar. Georgette sente a sensação boa de tesão se esvair, e tudo que a inunda agora é ansiedade e calor causado pela adrenalina no sangue.

Os passos se aproximam, lentos. As poucas chamas das velas ainda acesas tremulam, como se também temessem quem vem. O Conde chegou.

Quando a voz de trovão ecoa nas paredes antigas, acorda cada célula do corpo delas:

— Boa noite, senhoras.

— B-boia noite — gaguejam. A chegada do Conde eclipsa a luz fraca.

Ele chega parecendo energizado, abrindo e fechando os punhos como se sentisse faíscas crepitarem das extremidades. As presas chegaram e ele é um predador satisfeito. Estala o pescoço, rondando-as. Sente o cheiro de medo, a dor do prazer quase palpável na ponta dos dedos.

Georgette observa a figura forte de ombros largos que se aproxima. Não consegue ver quase nada além do contorno da cabeça e um pouco das

feições do rosto. Seu queixo mostra o quadrado perfeito das feições angulosas. Vê também um pequeno pedaço de pele, ali onde a chama de uma vela a clareia. Um dos lados está coberto por uma máscara branca, e do outro, um homem de beleza abissal a encara.

O Conde aponta para Georgette:

— Arno, a loira.

A respiração de Georgette falha. O criado se aproxima com os olhos nos dela, as mãos espalmando cada um de seus joelhos. Ele se agacha em frente às pernas abertas da mulher, e sem qualquer explicação ou preâmbulo, desliza a língua pela carne úmida entre suas coxas.

Georgette se contrai inteira. Solta um palavrão baixo, levantando a cabeça para olhar. O que ela vê é o criado dando-lhe prazer. Antônio se debate ao ver o outro criado se aproximar; bate as pernas, grita 'não', mas o olhar do Conde a faz parar. O outro criado repete o gesto de abrir suas pernas e aproximar a língua de sua carne. Antônio contrai-se com os olhos arregalados sem conseguir casar as sensações incompatíveis. Terror e prazer; medo e tesão. Ela estremece quando a língua do homem passeia pela sua fenda. Ao seu lado, Georgette rola

languidamente os olhos, entregue ao mais puro deleite.

Os olhos de Antônia sobem até o Conde, vendo que os dele a chamuscam de volta.

— Agora troquem — o homem em pé comanda.

Os homens trocam de lugar. O que antes se esbaldava em Georgette agora faz o mesmo em Antônia. Antônia não consegue mais discernir se o coração troveja por causa do criado parado à frente ou se porque tem seu interior invadido por uma língua. O que está acontecendo?

Os pensamentos são interrompidos quando os criados se afastam. A intimidade das duas queima ao contato com o ar frio.

É hora do Conde se aproximar. Ele desamarra o casaco, tirando um braço da manga e depois outro, sem deixar de olhá-las. Ele é simplesmente... incomparável, as duas pensam, cada uma a seu modo. O Conde corre os olhos pelas mulheres, pausando brevemente sobre as marcas antigas e cicatrizadas das chicotadas. Por um segundo para de se despir, e uma nuvem escura atravessa seus olhos.

O momento passa depressa. Volta a olhá-las,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mira o exato meio entre suas pernas e observa o tremor que de quando em quando as arrebatava. Um canto da boca se ergue alguns milímetros.

As mulheres acompanham, ávidas, seu casaco cair no chão. Engolem em seco ao ver o peitoral musculoso e desenhado. Já tinham ouvido falar de desenhos que enfeitam os loucos, os piratas e os desajustados, mas ver aqueles desenhos em um homem da nobreza, é simplesmente singular. Elas vêem quando ele alisa o membro sob a calça justa, que se avoluma mais e mais. Resfolegam, imaginando como será quando ele as tocar. Ouviram falar dos gostos de sodomia do Conde; que seu castigo foi merecido, que ele era um homem extremamente sexual e lascivo. Ao revelar mais a pele, as mulheres notam mais tatuagens. Entendem também que seus desenhos acompanham cortes antigos e cicatrizados. Curvas de letras e queimaduras que engelharam a pele, hoje completamente cobertos de desenhos profanos e rebuscados.

Medo e pena se misturam à confusão. *O que fizeram a esse homem?*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 6

ERIK

Nada faz ruído na masmorra, com exceção do coração das duas mulheres.

— Senhoritas — digo, olhando quão belas ficam naquela posição. — Espero que saibam por que estão aqui.

As duas balançam freneticamente a cabeça que sim. Não estão ali só para serem alimentadas e esfregadas de sua sujeira, mas também não esperavam sentir prazer. A verdade é que elas não fazem ideia do que estão fazendo ali.

PERIGOSAS ACHERON

Ando com passos estudados de um lado ao outro da cama, sendo acompanhado por olhos curiosos. Quando vou, elas enxergam o perfil liso e sem falhas de um homem na casa dos trinta — e suspiram. Quando volto, seus olhos se arregalam. Fixam-se na máscara que desenha o contorno do rosto e envolve parte do nariz, descendo sinuosa até o queixo. Seu espanto não me abala. Não foram as primeiras a reagir à minha aparência e certamente não seriam as últimas.

— Vocês serão soltas ao final. Mas para isso, terão que fazer tudo que eu mandar. — Elas assentem.— As regras são simples — paro de frente para elas. Inclino o corpo sobre a cama e digo tanto para uma quanto para a outra: — Tenham prazer, mas de maneira alguma, por absolutamente motivo algum, coloquem as mãos em mim. Não gosto de ser tocado. Fui claro?

Elas fazem lentamente que sim.

— Eu toco vocês.

Elas assentem outra vez.

— Não encostem a boca em mim, a menos que eu ordene. Não peçam ou falem nada. Temos um acordo?

Ambas balançam a cabeça que sim,

perguntando-se quem, em tal posição, diria que não.

O corpo formiga pela expectativa do que vamos fazer. É sempre um jorro de vida ter corpos nus ao redor, sempre a sensação de poder. Aprendi durante os meus anos com o verdadeiro Conde D'Orr — meu salvador e, mais tarde, tutor — que a alma de uma mulher não é, como afirmam, um abismo de perguntas não respondidas. Ela é um abismo de perguntas mal respondidas. Que a dor pode ser o começo de algo, mas nunca o fim. Que o prazer reina sobre a emoção. Que amar é desnecessário.

Aprendi a manter o tom de voz calmo, porque palavras sussurradas vencem mais contendas que gritos de guerra. Que o que é dito em voz rouca nunca mais é esquecido. Que os caminhos para a alma de cada uma das mulheres que foram dominadas naquela masmorra eram muitos, mas que o caminho de volta dependia de nossa persuasão.

Todas imploraram para voltar, sem exceção.

Uma delas olha de relance para os eunucos que aguardam ao lado da cama, sem entender o que eles fazem ali. Como se lesse os pensamentos das mulheres, falo no bom tom da nobreza:

— Eles estão ali para lhes dar prazer, senhoras. Gostamos de sexo por aqui.

E enquanto elas entreabrem os lábios, sem ar, apoio as mãos na cama, entre elas, e beijo-as de leve na boca. Primeiro uma, depois a outra. Elas encaram com olhos vidrados a órbita escura ao redor do meu olho, e a cicatriz antiga que sobe dividindo meu rosto em dois. Só de tão perto ela pode ser vista. Sorrio, satisfeito. Esse é um privilégio que concedo a muitas.

— Cada ponto erógeno de seus corpos será tocado essa noite — digo calma e pausadamente, olhando ora para uma, ora para outra. — Cada protuberância será mordida. Cada fenda, invadida. Vocês sairão daqui sem forças, mal conseguindo andar, mas viverão prazeres inimagináveis.

Os olhos delas chegam a virar.

— Sairemos vivas da masmorra, Meu Senhor?
— a loira pergunta em um fio de voz.

— Vivas, e implorando para voltar.

Georgette perde o ar. *Oh, ela quer isso.* Como o diabo quer a queda do céu.

Aceno para os homens, e um gancho desce sobre a beirada da cama. Antônia é içada e pendurada pela barra que segurava suas mãos. Seu

corpo esguio parece ainda mais magro, assim, esticado. Georgette é presa a um segundo gancho, mais baixo, pelas mãos atadas à costas.

Desamarro a calça, que desce revelando as coxas. Desabotoo a camisa, vendo como elas acompanham os desenhos da barriga que termina em um V marcado. A cada peça que cai, elas se contorcem mais pra ver. A visão é tão importante para o prazer quanto o toque. Elas gostam de ver o mosaico que acompanha o limite das cicatrizes. Desenhos que foram sendo adicionados a cada ano, tampando aos poucos o passado. Animais profanos enfeitam as costas, suas figuras unidas por rosas negras de mil pétalas. Serpentes seguem as linhas dos talhos profundos. Olhos que tudo vêem de criaturas míticas cobrem a pele engelhada pelo óleo quente. Para cada dor, um desenho. Para cada estrago, muito mais que um remendo. Eu tinha hoje no corpo uma obra-prima de beleza questionável, e gostava de ver o susto que a primeira visão causava nelas.

Elas eventualmente mudavam de opinião a esse respeito.

Como esperava, as mulheres estão em choque. Georgette é a escolhida para vir primeiro. Eu me

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximo e cheiro seu cabelo. Rosas. Ela vê de perto os padrões das tatuagens — os animais e as cicatrizes por baixo deles; os estragos cobertos de tinta, o buraco escuro onde bate a pedra em meu peito. Sei que pensa que, seja lá quem desenhou aquilo em mim, precisou de semanas — anos talvez —, para me transformar em uma tela. Mais ainda, sei, pelo crisar de sua testa, que também se pergunta sobre o que está sob as tatuagens.

Ela se arrepia quando cheiro a curva de seu pescoço, e mordisco a pele tenra como se beliscasse uma iguaria. De olhos semicerrados, ela exala um suspiro baixo. Desço a língua devagar pela curva do pescoço, sentindo o gosto de pele, e quando chego aos ombros cravo os dentes ali. As mãos que sobem por suas pernas apertam sua anca com força, e ela grita. Retorno até seu rosto, sussurrando *shhhs* tranquilizadores. Não adianta gritar, ninguém vai nos ouvir. Mas é melhor trepar sem barulhos do que com gritos e histeria.

— Não precisa ter medo, Georgette.

Ela se espanta por eu saber seu nome. Ah, minha criança, eu sei o nome de cada uma de vocês. Ela balança a cabeça que não, confusa e angustiada, correndo os olhos pelos meus ombros.

PERIGOSAS ACHERON

— O que fizeram com você? — ela pergunta em um sopro.

Beijo de leve seus mamilos arrepiados enquanto passeio com as mãos pela sua cintura. Sinto nos joelhos encaixados em sua intimidade que ela lateja entre as pernas, molhando as coxas. Sussurro de volta, bem perto de seu ouvido:

— Você prefere que eu te conte ou que eu te foda?

Seus olhos castanhos encontram os meus. Estou propondo uma troca. Conto como me tornei um maldito vaso chinês ou trepo com ela sem dizer nada?

— Q-que me foda, senhor.

Sorrio. A resposta é sempre a mesma.

Matteo e Carlo se aproximam. Um desamarra as mãos da mulher atrás das costas e volta a amarrá-las na frente. Com perícia, erguem Georgette, assim como Antônio, que observava a tudo com olhos arregalados. Cada um dos homens ergue uma das pernas da loira, expondo-a para mim. Os joelhos de Georgette enfraquecem. Ela olha para Antônio sem entender que tipo de energia vibra ao redor delas, que força elétrica e pulsante pode ser essa. Ela é tanto tensa quanto sensual,

completamente diferente de tudo que já experimentaram. Jamais sentiram em sua vida de sodomia tamanha aflição; tamanho *tesão*.

Antônia continua com os olhos arregalados, braços erguidos sobre a cabeça, me olhando enquanto afundo entre as pernas da amiga.

A boca de Georgette abre quando a mente se desliga do mundo. Seu medo é substituído por algo excitante, de grandeza e cintilância imensurável. Minha língua percorre toda sua boceta, e suas coxas se fecham quando Matteo se deita sobre ela e começa a chupar seu mamilo. Continuo, sorrindo, pensando em como adoro o preâmbulo. Esse é o poder de entradas triunfais: elas abrem tudo.

Antônia, ao lado, se contorce. Meus dedos acharam sua fenda, e eles somem dentro dela. Ela estremece, abrindo-se para mim. Responde à sua entrega com uma mordida nas partes mais sensíveis da amiga. Gosto da entrega, da situação a cinco, do prazer, da liberdade de poder fazer o que quero, com quem quero, a hora que quero.

Isso é poder.

Tiro o dedo de Antônia e me levanto, limpando a boca. Os criados soltam as pernas de Georgette e um deles continuou a carícia em Antônia. Tudo

acontece como uma coreografia bem ensaiada e executada muitas vezes. Viro Georgette de costas e derrubo-a na cama de barriga para baixo, com a bunda empinada. Suas mãos continuam presas. Aliso o membro rijo, reparando-a para os próximos passos.

— O que vai fazer? — ela pergunta, trêmula, olhando para trás.

— Apertar suas correntes, minha querida.

Ela fecha os olhos e estremece. Mexo nas correntes, puxando a certa. Passo uma cinta de couro sob a barriga da mulher e ergo-a pela cintura, empinando mais a sua bunda.

Ajoelho na frente dela e abro as bandas arredondadas, percorrendo a língua quente por entre elas. A mulher acha que vai se desequilibrar e cair para frente, mas seguro-a, firme. Ela fecha os olhos, tensa, arfando alto, quando começo a acariciá-la ali. Um dos criados me traz um brinquedinho, e é ele que insinuo por seu orifício quando está plenamente lubrificada. A mulher geme quando invadida. Remexe a bunda, sentindo a pele quente e dura de uma coxa esfregar-se nela. Ao abrir os olhos toma um susto: o eunuco está sob ela, deitado na cama. Ela é agora carne entre dois

homens. Enquanto algo a invade por trás, o eunuco a beija na boca. Um beijo profundo e molhado, como nunca recebeu na vida. Um beijo que a desestrutura, que amolece os músculos e a relaxa. Ouve as correntes de Antônia se moverem, mas não tem condições de olhar para ela. Não é mais capaz de pensar. Virou uma massa amorfa de sentimentos e sensações jamais sentidas, perdida no beijo delicioso que a desnorteia, enlouquecida pelo movimento rítmico dentro do corpo.

Georgette grita dentro da boca do eunuco. Um grito rouco e perdido, um *ahhh* de prazer que explode quando tudo escurece. No entanto, seu gozo não é o marco do fim. Nós mal começamos.

As horas passam em um entrelace de variações morosas.

Quando a exaustão vence os corpos, Georgette move dopada o rosto e me olha como se tivesse sido incrível. O criado continua a chupá-la, aliviando sua ardência, mas me despeço da noite afastando-me da cama e colocando as calças. Observo satisfeito as faíscas de prazer dançarem sob sua pele mais uma vez. Ela corre os dedos pelo cabelo, contorcendo-se em êxtase na cama, ouvindo ao lado o suspiro de Antônia. A cabeça delas

PERIGOSAS NACIONAIS

vagueia com uma nova leva de sensações que se avoluma. O terceiro ou quarto orgasmo se aproxima.

Gosto de deixá-las assim. Desfalecidas sobre a cama.

— Senhor? — Leander me chama, descendo mancando as escadas. — É hora de partir se quisermos chegar a tempo ao baile.

Pela primeira vez na noite sinto o bicho que mora em mim corroer as vísceras. Coloco a blusa com desagrado, estalando o pescoço. O maldito baile de Andaluzia.

Olho para o homem parado a uma distância segura. Ele enxerga dali o fogo que crepita em mim.

— Não precisamos ir, Senhor.

Enfio a blusa de maneira brusca dentro da calça, rangendo os dentes.

— Sim, eu preciso.

Viro-me para os criados que guardam as correntes e içam de volta os ganchos, dizendo:

— Dêem um jeito nelas.

Passo por Leander e subo as escadas em direção ao primeiro andar do castelo, dizendo para as paredes:

PERIGOSAS ACHERON

— Eu adiei a vingança por tempo demais.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 7

CHRISTINE

— Sorria, minha doce Christine. Hoje a noite é nossa.

Raul leva os lábios frios até minha mão e a beija, sem tirar os olhos gelados dos meus. Sorrio um sorriso bem mais fraco de volta. Forço delicadamente a mão para baixo, a tempo de escondê-la dentro da luva quando sua mãe para ao meu lado.

— Christine, você está belíssima. — Zara desce os olhos pelo vestido escuro.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada, madrinha.

Minha sogra ajeita a máscara veneziana sobre a cabeça e me beija, entristecida. Forço o segundo sorriso do dia, por ela.

— Você deveria evitar tanto preto — ela comenta, desgostosa. — Parece tão...tão...

Infeliz?

Ela não termina a frase. Dá um tapinha em minha mão com os lábios prensados e caminha em direção ao filho, evitando pesar o momento com assuntos indigestos.

— Soube que o Conde D'Orr irá ao baile esse ano? — pergunta a Raul. Rolo os olhos, sem acreditar que mais uma vez ela mencionará o famigerado — e provavelmente inexistente — Conde de Orr. Raul se serve de mais bebida e mal lhe dá atenção. — A cidade só fala nisso — ela completa.

— Todo ano é a mesma coisa, mamãe — ele responde seco, entornando a bebida no copo. — Ele confirma a vinda, o povo o espera e ele não aparece.

— Como sabe que ele não aparece? — pergunto, ajeitando a máscara na frente do espelho do Hall. Giro o rosto, vendo pelo reflexo que Raul

PERIGOSAS NACIONAIS

me encara.

— Porque saberíamos se ele estivesse lá.

— É um baile de máscaras. Ele pode ter estado lá todos os anos.

— Não faz sentido visitar a cidade e não se apresentar.

— Faz, quando a cidade é inimiga de sua província.

Minha voz, tranquila, é uma provocação e ele sabe.

— O baile suspende uma vez por ano as animosidades. Não há por que vir e não nos cumprimentar.

— Talvez ele não queira cumprimentá-lo — finjo inocência. — Talvez o novo prefeito da cidade pouco lhe interesse.

Raul dá um passo em minha direção, mas sua mãe começa a falar no tom agudo de quem tenta evitar um conflito: — Descobriremos em breve se ele estará lá ou não! — Ela força uma risada. — Ouvi dizer por aí que ele veio arrumar uma noiva!

— Uma noiva? — O pai de Raul abaixa a Gazeta, olhando para a esposa por cima dos óculos. — Quantos anos esse homem deve ter?

Ele faz um breve cálculo mental.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oitenta, noventa anos?

— Eu e minhas amigas tentamos montar a cronologia de suas raras aparições. Este deve ser o *filho* do Conde. O *novo* Conde.

Juan Santiago olha com uma careta para a mulher. Ambos tentam se lembrar quando foi a última vez que viram o Conde, e não apenas ouviram falar dele, mas para a surpresa de ambos, não se recordam. Sabem que ele existe — seu castelo existe, assim como as planícies que governa existem — mas acham estranho que nunca o tenham realmente visto.

— Que estranho. — Zara torce a boca, olhando para o teto. — Quem será a Condessa de Orr?

Raul exala, sem paciência para aquilo. Se o Conde virá ou não, pouco lhe interessa. Nobres de linhagens antigas como a dele não se interessam pelos regentes burocráticos das cidades modernas, e se Andaluzia não fosse realmente uma cidade moderna, já teria invadido a província vizinha e acabado com os segredos e ameaças que aquela terra medieval e sem lei representa.

O ego de Raul está ferido, e mantenho os olhos nele por mais segundos do que normalmente toleraria. Preciso esticar o prazer desse momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, é hora de irmos, ou esperaremos horas na fila das charretes — Zara decide.

Raul desperta da letargia um pouco mais aborrecido. Pega a cartola no cabide e sai sem esperar por nós.

— Ele está trabalhando demais — sua mãe justifica a rudeza do filho, tentando esconder mais uma vez de si mesma o que vê. A governanta a ajuda a vestir o casaco que cobre seus ombros, e ela recoloca a máscara. Coloco minha própria capa, a máscara e saio de braços dados com minha sogra. A noite está fresca e sem lua, e as estrelas estão de volta, aos milhões.

— Como consegue tolerar esses dias tão vazios, sem seu marido em casa para lhe dar conforto? — ela pergunta dando um tapinha em minha mão, em toda sua ingenuidade maternal. Mal sabe ela que o novo emprego de meu marido causou a melhora em minha úlcera.

— Preciso ser forte — respondo.

Ela me olha com olhos tristes. Sei o que vai dizer a seguir, e me preparo para a resposta.

— Se vocês tivessem tido filhos...

Acaricio seus braços, mentindo mais uma vez:

— Você sabe que não posso.

PERIGOSAS ACHERON

Ela suspira, infeliz. Uma esposa estéril, quem poderia imaginar? O que teria feito essa família para ser castigada com tamanha desgraça? Sem conseguir continuar sua linhagem, como os Santiago fariam para continuar a ser quem eram?

Era minha tarefa evitar que sua linhagem continuasse. Os Santiago morreriam com Raul, se dependesse de mim. E por sorte, dependia.

— Nos vemos no baile — Zara se despede. Ela e Juan partem em sua charrete, e eu e Raul entramos na nossa, sorrindo e acenando até que eles sumissem das vistas. Assim que não podem mais nos ver, fechamos a cara e não trocamos outra palavra durante o trajeto até o baile. Ele passa todo o caminho concentrado nos rabiscos de seu caderno particular, enquanto olho as ruas passarem lentas do lado de fora.

Há nessa noite uma eletricidade estranha no ar. Senti a mesma eletricidade enquanto me arrumava, como senti hoje mais cedo nas lojas, quando fui comprar os últimos retoques para a noite. As pessoas comentavam sobre a vinda do Conde, e que ele viria para escolher uma noiva. O assunto corria pelos cafés e passeios, juntamente com as fofocas em torno das raras notícias que chegavam das

Planícies Proibidas. Quem não sabia dos famosos arremates das prostitutas para o seu harém infinito? Ou como escolhia a dedo os criminosos que Andaluzia rejeitava? Todos se perguntavam o que aquele homem fazia com essas pessoas.

Um arrepio corre sob a pele, erguendo cada fio do braço. *Que fim ele daria a elas?* A simples ideia de que ele poderia querer levar para casa uma noiva de Andaluzia estava mexendo com os nervos da cidade.

— ...estamos entendidos?

A voz de Raul me acorda. Estava tão distraída em meus pensamentos que não o ouvi. Ele abaixa a caderneta, entendendo que não prestei atenção no que ele disse. De novo.

— Eu pedi que tentasse, pelo menos dessa vez, *socializar*.

Por longos segundos eu o encaro. Não consigo considerar o que ele diz — raramente consigo. Só penso em como o sentimento semeado cedo no relacionamento virou uma árvore de raízes profundas. Minhas palavras saem baixas, carregadas de uma década e meia de ódio:

— Você me força a vir todos os anos ao baile, *meu Senhor*. — Pauso, porque o que esmaga o

peito sobe à garganta e preciso de um segundo para me deixar continuar. — ...Não ouse me pedir mais nada.

Ele suspira. Já não discute mais aquilo, a história é para ele águas passadas. O que aconteceu anos atrás não existe em sua cabeça. Nos primeiros meses, os meses da histeria, ele me internou à força quando o acusei. A imagem da noiva inconstante e confusa estava criada, e o diagnóstico de uma doença de fundo nervoso e causa desconhecida — histeria nervosa — registrado no laudo. Quando saí da clínica e fui à guarda da cidade dizer que havia um homem desaparecido e que desconfiava que o meu esposo estava envolvido no caso, fui dispensada. O desaparecimento de Erik foi explicado como abandono de trabalho. O casamento foi apressado, afinal, uma mulher naquele estado precisava de alguém que cuidasse dela.

Mas eu sabia a verdade. Se Erik não voltou para me ver é porque estava morto e enterrado.

Raul fecha a caderneta e exala sem paciência. Não haveria socialização naquele ano, nem em ano algum. Não sei por que se espanta, já que meu único propósito na vida é transformar a sua em um

inferno.

A charrete para na frente da Ópera, e alguns repórteres da Gazeta de Andaluzia nos cercam.

— Esforce-se — Raul diz antes de abrir a porta.

— Esforçar-me é tudo que faço.

— Faça melhor — ele praticamente cospe, saltando da charrete e deixando ao cocheiro a tarefa de me ajudar a descer.

Ele caminha na frente respondendo às perguntas que os repórteres fazem e eu vou atrás, olhando para o céu. Perco-me no número infinito de estrelas, perdendo a visão da enorme construção iluminada. Por mais gloriosa que a Ópera seja, ela perdeu para mim o seu fascínio. Houve um tempo em que estar lá, naquela data, me trazia ânsia de vômitos e estranhos ataques de pavor. Hoje, ela só me traz tristeza. Uma indiferença protetora.

Raul responde a algumas questões, mas perde rápido a paciência. Estende o braço em minha direção e eu engancho o meu ao dele, como boa esposa que preciso ser. Somos para o mundo um jovem e bem-sucedido casal que compensou a tristeza de uma vida sem filhos com trabalho. Nosso amor, para o resto do mundo, é discreto e sem rompantes, e meu papel é ser a esposa de

reputação imaculada. Até mesmo os boatos de que carregava no peito uma melancolia sem fim trazia em si uma desculpa pronta: a esterilidade. Não ter filhos me deixou aérea e infeliz.

— Sr. Prefeito — o funcionário que recolhe os convites diz antes de curvar-se. — Senhora.

Raul o cumprimenta com os olhos no hall, à procura de seus assessores. Assim que entramos ele me olha sem foco, me dá um beijo na testa e me despacha. Estou mais uma vez sozinha no baile.

O burburinho de vozes se sobressai à música de fundo, e o salão está tão cheio que duvido que consiga achar Zara e Juan na próxima hora. Caminho com olhos vítreos entre os convidados, sentindo o corpo letárgico. A sociedade mascarada mais uma vez finge se divertir, rindo de assuntos trocados em diálogos fúteis e dançando com os olhos pregados na porta. Eles aguardam a chegada do Conde, e enquanto ele não chegar, não serão capazes de aproveitar o momento.

Quando o servente passa com as bebidas, pego uma taça e dou três grandes goles. O líquido desce arranhando a garganta e esquentando o caminho.

Uma moça com máscara rendada sussurra atrás de mim para sua mãe:

— Acabei de ouvir que uma carruagem estranha acabou de estacionar no pátio!

Enfim, o maior enigma de Andaluzia estava lá. Antecipo as próximas cenas como se as visse do futuro: alguns beijarão sua mão para caírem em sua graça, outros o agradecerão pela faxina social que está fazendo na cidade. A maioria afastará suas jovens filhas de suas vistas, até que os maldosos comentários sobre a província misteriosa fossem esclarecidos. Terminei a bebida me perguntando se o nobre Conde estaria amanhã na tribuna pública. O evento medieval, reativado depois de um século pelo meu digníssimo marido quando este era vereador, alegava que a violência estava descontrolada e precisava ser contida. A "contenção", no caso, era colocar criminosos e prostitutas para serem escorraçados em público, e depois vendidos. *Um sucesso*, Raul costumava dizer. *Juri e executor de uma só vez*.

— Dizem que ele usa uma máscara. — Ouço, imóvel, a menina continuar a conversar com sua mãe.

— Todos usam máscaras, minha querida.

— Não, mamãe. A dele é permanente.

— São apenas histórias — a mãe aquieta a

jovem. — Andaluzia adora criar lendas.

— Como a do fantasma dos corredores vazios da Ópera? — a filha brinca.

— Sim, como essa.

Uma sensação antiga varre de mim a amnésia autoimposta. Afasto-me delas abrindo caminho entre a multidão, enquanto vozes há muito caladas recomeçam a falar na cabeça. *Me deixem. Vão embora.* A respiração começa a acelerar quando o antigo rosto ressurgue. Fragmentado e incompleto, como se ainda vagasse pelos corredores vazios, ou existisse em algum lugar. Com os anos me esqueci de detalhes do rosto um dia tão amado, como o formato do seu nariz e as orelhas, e vi crescer o alívio por vê-lo virar, aos poucos, uma miragem. Sequer ousou lembrar de seu nome, sob o risco de ser levada outra vez para o hospital.

O suor empapa as costas e escorre pelas têmporas. *Preciso tirar essa máscara.* As imagens não me deixam em paz, por mais que tenha desejado esquecê-las. Elas voltam outra e outra vez, sempre me arrastando como um vagalhão. A essas alturas abro caminho a cotoveladas.

Sou, de súbito, a única pessoa a forçar o corpo adiante. O resto delas estanca e só eu pareço andar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Saio da multidão e alcanço as escadarias, parando, no entanto, ao ver as portas do segundo andar se escancararem e o Conde ser anunciado. Todos olham para cima, em meio a um silêncio sepulcral.

O regente das planícies proibidas está descendo as escadas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 8

Quantos pensamentos cabem em um segundo?

Naquela fração de minuto parada à sua frente, parecia ser possível caber vários. Pensei na queda de uma pluma. Em um coração emperrado girando em torno de si mesmo, onde só ferir quem me feriu importava. Na adquirida tolerância ao desprezo e ao ódio velado. Mas talvez o maior pensamento tenha sido sobre o ângulo sublime de seu queixo, e a estranha sensação de já tê-lo admirado antes. E os olhos, tão fundos, de um azul raro, me levam de volta a tempos antigos.

Juntos, os pensamentos flutuam, tentando achar
PERIGOSAS ACHERON

um jeito de voltar ao chão.

As conversas ao redor morrem ao mesmo tempo que a banda desafina até parar de tocar. O Conde é o motivo pelo qual todos paralisam e olham para o alto. Ele é tão alto que lembra um gigante, e caminha com tamanha pompa que sequer precisa de apresentações. Há anos seu nome lhe precedia, mas sua imagem apaga todos os rumores.

Ele vem com o queixo erguido, mascarado como pede a noite, vestido do mais puro vermelho. Desce as escadas com passos lentos, as botas de cano alto mal fazendo som ao tocar no mármore.

Algo intenso me segura no lugar. É como se toda a energia e eletricidade que vi crepitar durante o dia tivessem convergido para um só destino.

Ele.

O regente de Orr para a três degraus de distância e olha para o salão, cumprimentando os presentes com uma medida de cabeça. A orquestra recomeça, tímida, percebendo de súbito que parou de tocar. Aos poucos os acordes trazem de volta a normalidade à festa. Olho para as mãos, geladas. Sinto-me fraca, como se algo estivesse errado.

O Conde volta a descer as escadas. Ele me ignora enquanto acompanho, paralisada, sua

passagem. Suas costas são largas e seu pescoço, robusto. Noto o fino acabamento da roupa e o cabelo castanho claro penteado para trás. Posso sentir à distância o calor do corpo bem delineado, e também o seu cheiro.

Meus ombros amolecem. *Rosas.*

Enquanto os mascarados voltam a dançar, imagens vão se formando na mente como figuras de um caleidoscópio. Abro a boca para respirar, mas ao invés de puxar o ar, exalo o nome que nunca mais ousei pronunciar:

— Erik?

Embora tenha sido apenas um sussurro, o Conde para. Vira-se lentamente, a máscara branca que se molda ao rosto surgindo primeiro, como a lua durante as fases.

— Perdão?

Pisco, desorientada. *Eu achei que fosse...*

Não, impossível. Minha cabeça acabou de me pregar uma peça. Seguro o tecido da saia, cumprimentando-o com a cabeça baixa.

— Perdão, Vossa Graça. Eu o confundi com outra pessoa.

Volto a ficar de pé, mas não tenho coragem de olhá-lo. *Estúpida.* Como pode ter soltado tal

besteira? Mordo os lábios, vendo que suas botas continuam voltadas para mim. Sem coragem de subir o rosto, sinto de cabeça baixa seus olhos me queimarem.

— É uma escolha triste para uma noite de festa, senhora.

Sua voz lembra trovões que explodem à distância.

— Perdão, Vossa Graça?

— A senhora está enlutada?

Luto? Olho para o meu vestido. De súbito noto que sou a única na festa a vestir uma cor tão escura. Subo os olhos e encontro duas bolas frias de mármore, que me lembram outros, menos gelados. Imagens antigas retornam e preciso me apoiar no corrimão para não cair. Há algo estranho acontecendo, porque não consigo ver o Conde à frente, e sim outra pessoa. Como se a noite descesse aos poucos e eu já estivesse sonhando, mesmo sem ter caído no sono.

Quando a noite finalmente cai, o rosto de Erik é a última coisa que vejo.



Acordo sobre um divã. Um homem de cabelos brancos e óculos minúsculos movimenta um frasco com sais de cheiro na frente do meu nariz. Rolo o rosto, vendo luzes piscarem na frente das vistas, sentindo a maciez de veludo. Não estou em uma cama, nem em um quarto; estou em um lugar amplo. Olho para o estofado vermelho e as caixas paradas ao lado; para os nós das roldanas e as corrediças pendendo do teto. Aqui é o palco. Estamos do outro lado das cortinas. Do lado de lá, a orquestra anima a festa e o burburinho é alto.

O homem ajusta os óculos na frente do nariz e anuncia:

— Ela acordou.

O estranho homem tampa o vidrinho com uma rolha e o guarda dentro de uma maleta de couro marrom. Seu rosto me é vagamente familiar.

— Quem é o senhor? — Tento me sentar, perdendo novamente o equilíbrio. Seguro em suas mãos, mas ele fala com alguém atrás de mim:

— Ela ainda não está bem.

— Onde estão todos? — pergunto. A sensação de que Raul me procura deixa o mal estar ainda pior. Não quero vê-lo, mas não sinto que estou no lugar onde deveria estar. — Onde está meu marido?

PERIGOSAS NACIONAIS

— O prefeito? — Ouço a voz estranha atrás de mim.

Uma corrente de energia atravessa minha espinha. O homem de óculos se levanta e troca algumas palavras com o Conde em um dialeto que desconheço. Em seguida ouço passos se afastarem.

Mordo os lábios, me dando conta do que aconteceu. Eu acabei de desmaiar na frente de todos.

Por segundos o silêncio do lado de cá das cortinas é completo, até que o som das botas sobre o tablado indica a aproximação. Subo os olhos pela calça vermelha colada à pele, pelo fraque elegante e pelo lenço amarrado ao pescoço em um laço perfeito. Mas é ao ver o rosto parcialmente tampado pela máscara que sinto a visão escurecer outra vez.

— Sente-se melhor? — o Conde de Orr pergunta.

Esfrego as vistas com a palma das mãos, tentando me acalmar. Faço que sim.

— Eu desmaiei na frente de todos? — pergunto, mortificada.

— Em meus braços.

É inevitável olhar para os seus braços.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu marido — repito, ajeitando o cabelo desarrumado. — Ele deve estar...

— Ele está.

— Acho melhor ser levada até ele.

— Acho melhor que ele fique do lado de fora — o Conde determina.

Encaramo-nos por algum tempo, sem que eu entenda o porquê de Raul não poder entrar. Não é socialmente aceitável que ele não esteja ali, mas me falta vontade de lutar por isso. É a semelhança, eu sei, penso passando novamente a mão pelo rosto. Não é impressão, o Conde me lembra Erik. Talvez não no rosto, mas no todo. Não sei afirmar com certeza por que esse homem se parece com Erik, e por que ao mesmo tempo não se parece em nada com ele. Mas o Conde claramente quer algo de mim, e uma parte minha deseja imensamente saber o que ele quer.

— Desculpe. Minha pulsação ficou fraca, e perdi a consciência. Não era minha intenção embarçá-lo.

— Não me embarçou. Na verdade, eu posso tê-la embarçado.

Ele corre os dedos pelo divã, aproximando-se, e eu pergunto fraca:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que me embaraçaria?

— A máscara causa repulsa em algumas pessoas.

— Oh, não, nunca. — Apoio as mãos no divã, tentando me erguer. Ele observa como demoro alguns segundos para achar o equilíbrio, atento às minhas reações. — Não é a máscara — digo andando até ele, parando à distância de um toque. — Vossa Graça estava no lugar certo, no momento certo. Eu só tenho a agradecer por ter me amparado.

Ele colhe minha mão ao lado do corpo e a leva até a boca.

— Foi um prazer, senhora.

O calor do hálito em minha pele arrepia meu corpo, mas é a textura fria da máscara que acelera meu coração e causa o rubor da face. Por um tempo sua boca pressiona minha mão, enquanto mantém os olhos fechados. É ao mesmo tempo sensual e assustador sentir irradiar dali algo quente e bom, como se aquele homem bonito e enigmático tentasse sentir a textura de minha pele em seus lábios.

Um sentimento há muito esquecido liberta-se da jaula onde o prendi.

PERIGOSAS ACHERON

Ele desce minha mão com gentileza, sem soltá-la.

— Foi o melhor que poderia ter me acontecido. Bailes não são para mim.

Balanço a cabeça, concordando: — Não são para mim também, Senhor.

Continuo com as mãos entre seus dedos. Por quê? Porque estou enfeitiçada por ele. Intoxicada por sua beleza exótica e estranhamente familiar.

— Isso explicaria a roupa escura. Você não gosta de estar aqui.

Lembro vagamente da conversa antes que tudo escurecesse. Sobre o vestido negro, e o meu suposto luto.

— Talvez explique.

O Conde olha para a porta, e diz com uma pontada de malícia:

— ... Afinal, seu marido parece estar vivo.

Um vinco surge na minha testa.

— Há lutos e lutos, senhor. Só não imaginei que isso estivesse tão óbvio em minhas vestes.

— Para um observador atento, estão.

— Talvez eu precise aprender a disfarçar melhor — respondo, puxando gentilmente a mão.

— Talvez possa começar essa noite — ele

responde. — É para isso que usamos máscaras.

A frase parece conter várias camadas.

— Prefiro a verdade às máscaras, senhor. Máscaras enganam.

— Não, querida Christine — ele responde, mostrando saber o meu nome. — Máscaras servem para a nossa proteção. Esconda seu rosto, e ninguém jamais será capaz de machucá-la.

Meu coração se aperta ou ouvi-lo dizer aquilo. São os olhos, que lembram tanto os de alguém do meu passado.

— Ela só mostra o quanto fomos machucados — respondo.

O Conde dá um passo perigoso em minha direção. Inclina-se sobre mim e diz, roçando o lábio em meu ouvido: — Elas servem para muitas coisas. Não discutirei isso com a senhora, mas afirmo que atrás delas podemos ser quem quisermos.

Fecho os olhos, sentindo o arrepio outra vez. *É a voz?* Pode ser, não sei. É, sem dúvidas, a falta que sinto de toque humano. De ser novamente embalada por braços, e sentir-me amada.

O Conde completa a frase: — Quem você gostaria de ser, Christine?

Qualquer uma, desde que tivesse ao lado a

pessoa certa.

— Não sei o que está falando, senhor.

Abro os olhos. Ele está tão próximo que estremeço. O pensamento seguinte é inevitável: o que está acontecendo? Que impulso é esse que me faz permitir tal aproximação? Que me prende no lugar como se tivesse sido pregada com pregos ao chão? *É o cheiro. O tom de voz.* A sensualidade que lembra toques e carícias que povoaram décadas de sonhos noturnos.

É o desejo de fugir, desistir de tudo.

Recomeçar.

— Entregue-se, Christine. — Seu dedo ergue meu queixo, forçando-me a encará-lo. Começo a acreditar que estou vendo uma aparição. Um anjo, e não mais um homem. — O que te feriu não pode te ferir mais.

Faço languidamente que não. *Não posso.*

— Conte-me os segredos do seu coração — ele pede com a voz rouca, perto demais.

Reluto em deixar que me carregue para devaneios intoleráveis. Estamos sós ali dentro, mas preciso conviver o dia inteiro com a minha consciência. Ela jamais sossegaria se cedesse ao impulso sombrio de...

Olho para ele, sem acreditar.

De beijá-lo.

Mas quando ele me olha de volta, vejo outra vez o mosaico de rostos. Seus lábios estão perto dos meus e posso sentir seu hálito. Seus dedos correm pela curva do meu pescoço, erguendo cada um dos pelos do meu braço. Estou ficando louca, sinto dentro do coração. Esse homem compra prostitutas. Leva criminosos para suas terras. Mas ele tem os dedos mais bonitos que já vi, e o cheiro de sua boca é de pecado.

Ele acaricia minha pele, e seu toque é tão familiar.

— Estou lhe oferecendo uma saída, Christine — ele diz, contornando a princípio os traços do meu rosto com os dedos, e então com o nariz.

Entre as pernas, algo há muito adormecido desperta.

— Não — eu murmuro, tentando lutar contra o que me acende.

— Tire a máscara, Christine. — Ele sobe as mãos pelos meus braços. — Beije-me.

Balanço lentamente a cabeça que não. Mas sim, eu quero. Vivo uma mentira há tantos anos.

— Venha comigo. — Ele avança outra vez,

PERIGOSAS NACIONAIS

tocando seus lábios nos meus. Minha respiração entra e sai ruidosa. Ele morde de leve meu lábio, sugando-o com delicadeza. Toco seu peito, perdida em um roseiral. Afogando há quinze anos em um oceano azul, sem ter como me salvar. Sonhando com os cachos fazendo cócegas em meu rosto. Sonhando em dizer a frase: você voltou.

— Conte-me seus desejos mais profundos, aqueles que estavam adormecidos em você — ele sussurra, deslizando um dedo pelo contorno dos meus seios. Um botão se abre, liberando o ar.

Não faça isso comigo.

— Conte-me, Christine... Quem a visita nos sonhos, durante a noite?

O dedo se insinua pelo decote, tocando partes minhas há anos não tocadas.

— O que estamos fazendo? — pergunto, segurando com as duas mãos os seus braços.

— Tirando as máscaras. — Ele morde meu pescoço. Sua mordida é possessiva, atrevida.

Sinto as pernas fracas. O que o torna tão irresistível, e impossível de afastar? Sua mão serpenteia em direção ao meu umbigo.

— Quando o sangue começará a correr novamente pelas suas veias, Christine?

PERIGOSAS ACHERON

Eu não sei.

— Quando seu coração voltará a bater?

Nunca mais, arqueio a cabeça, sentindo seus beijos descerem pelo pescoço enquanto sua mão aperta por cima do tecido minha intimidade. A vontade de abrir as pernas e permitir sua entrada é sobre-humana. A vontade de enlaçá-lo e ceder me custaria a vida, mas no momento parece valer a pena.

— Quando as rosas voltarão a perfumar nossos dias? — ele fala, com o nariz afundado entre as curvas dos meus seios.

Abro os olhos, assustada.

Nessa hora, as luzes do palco acendem e as cortinas escancaram-se. Vejo em completo horror, paralisada, sentindo o frio que a trilha de saliva deixou na pele fervente e exposta, a multidão. Um "ohh" conjunto de espanto me faz procurar amparo para as mãos. Centenas de rostos vêem o Conde dar um passo para longe, limpando a boca com o canto da mão. Tento fechar o vestido, procurando nele alguma ajuda, mas seus olhos estão frios como aço.

Sua boca se abre no mais maldoso dos sorrisos.

Não há mais orquestra, ou vozes. Não há como esconder o botão aberto da blusa e a cena, e sobre o

que ela se tratava. Meu marido — o prefeito da cidade — me encara adiante, boquiaberto.

— Gostaria de dizer que sinto muito — o Conde diz, tirando uma rosa do bolso e a jogando aos meus pés. — Mas na verdade, não sinto nada.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 9

O ar parece feito de puro ferro. As pessoas me olham em choque, ainda paralisadas pelo que viram e ouviram. Se em cima da tribuna estivesse uma prostituta que ganhava a vida nas ruas do bairro proibido, eles estariam gritando. Apontando seus polegares para baixo, exigindo decência, demandando expulsão. Que as cidades mais liberais do reino acolhessem gente como ela, porque em Andaluzia — na Andaluzia perfeita que defendiam — mulheres como eu mereciam ser banidas.

Tento soltar as mãos, mas os nós apertam cada vez mais. Tento ver algum rosto conhecido na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

multidão, mas não tem ninguém. Estão todos envergonhados demais. Solto o último soluço, chacoalhando o corpo sem soltar som. O desespero vem em ondas, alternando entre raiva, medo, vergonha e um tipo estranho de aceitação. E ao mesmo tempo que sinto um imenso vazio por não achar rostos conhecidos na turba, sinto alívio. Estou mortificada demais para encará-los.

No abrir das cortinas eram os botões da minha blusa que estavam abertos. Era a minha face em brasa, rendida nos braços daquele desgraçado. Era eu quem resfolegava de puro desejo e saudade, eu que faria qualquer loucura para voltar no tempo e reviver alguns segundos a mais com Erik.

Deus, o que eu fiz? Levo as mãos ao rosto. O que foi que eu fiz?

E enquanto seguro os espasmos com o rosto escondido entre as mãos, lembro-me dele. O homem por quem chorei quinze anos e achei estar morto. O desgraçado que veio para se vingar *de mim*.

Olho para cima, tentando secar as lágrimas que descem agora em dobro. Elas pingam sobre os saltos, evaporando cedo devido ao calor do meio-dia.

PERIGOSAS ACHERON

Ainda visto a droga do vestido escuro, embora as mangas tenham sido rasgadas quando fui empurrada em meio à multidão. O penteado se desfez e a maquiagem está borrada, e as pernas doem pela espera em pé. Os regentes de Andaluzia não sabem o que fazer comigo, afinal eu desonrei um homem público, um marido dedicado e provedor sério. Sou uma meretriz como qualquer outra ou privilegiada demais para a punição? Todo o jogo político do qual sempre quis distância se desenrola à frente e eu o entendo muito bem: os rivais políticos de Raul exigem que eu tenha um tratamento como o das prostitutas, afinal não sou digna da cidade. A diferença é que dessa vez Raul não discorda deles.

Volto a chorar quando lembro de como Juan quase enfartou ao me ver nos braços de outro. De como minha madrinha precisou ser levada às pressas para o hospital. Foi demais para ela saber que eu havia me entregado tão completamente a um homem com fama de lascivo, um estranho, sem ter consideração alguma por seu filho.

Mas ao lembrar da reação de Raul, meus olhos estão secos. Loucura é um substantivo brando para descrever sua reação. Seus olhos injetaram-se de

vermelho, e suas mãos viraram punhos. Ele teria me batido ou feito coisa pior se o homem manco, o mesmo que me ajudou a acordar, não tivesse se colocado entre nós. Foi preciso mais que um idoso debilitado para conter seu ódio. Alguns senhores, embora achassem que eu merecesse apanhar pela desonra que o fiz passar, o seguraram. Mas ninguém segurou seus gritos: *meretriz. Vagabunda. Cortesã.*

Abaixo a cabeça, ouvindo Clemente Zapata, chefe do executivo de Andaluzia, dizer ao povo:

— Senhores, senhoras, obrigado por estarem aqui.

Em outras ocasiões o homem obeso de cabelo crespo e voz fina precisaria acalmar a população, mas as pessoas estão em choque. Eu não sou a típica prostituta que costumam julgar. Eu era, até ontem, a esposa do prefeito.

Ouçõ os passos de Zapata se aproximarem. Ele me olha incerto, meio indeciso. Já o vi, em situações similares, inflar as bochechas e cuspir nos pés das mulheres. Já o vi tremer de excitação pelos gritos de "justiça" da multidão. Mas, embora ele esteja inseguro — eu era a esposa de um político em ascensão, e estava nos braços de um nobre —,

também sabe que nem um, nem outro estão aqui para me salvar. Por isso não demora para que ele se sinta enojado, e me destine o mesmo olhar que destina às outras. Para ele, prostitutas ludibriam os tolos incapazes de dizer não às curvas malditas. "Era tudo culpa delas", aquele velho discurso conhecido. O chamado "sexo forte" nada podia contra o sexo frágil quando os atraíamos para nossas redes. *Evas malditas*.

O homem corre o lenço pela testa salpicada de suor. Ele também estava no baile e viu tudo.

— Os Santiago foram desgraçados por essa...
— ele hesita. Pode me xingar? E se Raul mudasse de ideia? E se ele fosse punido por me punir? — ...
Por essa *mulher*.

Ele se vira para o povo.

— Quem era ela antes de receber abrigo na casa dos Santiago? — ele pergunta. — Uma ninguém! Provavelmente colhida das latrinas de Andaluzia, trazida à casa de uma família decente para receber o bom e o melhor! E como ela retribui os anos de generosidade?

Olho de relance para o povo, sentindo uma raiva revitalizada. Eles já não estão mais tão silenciosos, nem eu desejo mais ficar. Quero gritar

alto, com todo o ar dos pulmões, até que o último grito ponha para fora o que ele me fez passar. Quero acusar o Conde por ter causado tudo aquilo, quero matar Raul por ter me transformado na criatura mais infeliz do mundo.

— Pobre Raul, que confiou seu amor à essa vagabunda! — Zapata continua. — Essa mulher sujou o bom nome de Andaluzia!

Fecho os olhos. No calor do momento, e tomada por ódio, eu poderia matá-los todos. Poderia perfurar o peito e esmagar seus corações com as próprias mãos. *Erik, como pode ter feito isso?* Abro os olhos, desnorteada por achar que o Conde é ele. *Por que tenho tanta certeza?* Pela rosa que o Conde lançou ao chão? Pelos segundos em que os achei parecidos?

Não faz sentido. Por que Erik se vingaria de mim?

— Todos sabemos que fornicar fora do casamento é um ato ilícito! — o homem continua a gritar enquanto anda para lá e para cá, elevando os ânimos da multidão. Não presto mais atenção, fui dragada pela onda da tristeza. Ela me varre dali, e volto a chorar.

"Devassa!" Ouço o primeiro grito. "Prostituta!".

Devassa, prostituta, meretriz — quem se importa? Não era hora de me preocupar com a hipocrisia daquilo. O corporativismo masculino não era novidade, e as fôrnicacões tão proibidas fora do casamento só valiam para as mulheres. Se fosse Raul nos braços de outra, o fato teria sido abafado. Seria considerada coisa miúda demais para causar incômodos, quanto menos convulsões sociais.

Com o queixo no peito, tento pensar no que me aguarda. Para onde vou agora?

A voz de Raul me faz saltar no lugar.

— Eu assumo daqui, Sr. Zapata.

O coração bate, mas não é de esperança. Meu marido, o prefeito, sobe as escadas até o púlpito com os olhos cravados em mim. Eles estão vermelhos como se tivessem sido esfregados repetidamente, e uma linha dura corre toda a linha de sua mandíbula. Não se ouve um pio ao redor.

— Christine. — Ele para na minha frente e balança a cabeça. — Você me enganou por todos esses anos.

Estreito as vistas. *Oh, estamos encenando, agora.*

— Eu amei você como uma irmã, e mais tarde, como esposa. Devotei minha vida a ser o melhor

marido do mundo, e você me retribui assim — ele finge falar comigo, mas na verdade fala com o povo. — Só o demônio sabe o que levou você a querer seduzir o Conde, Christine... — Seus ombros tombam pelo peso de sua agonia. — Por que manchou assim o bom nome dos Santiago?

A turba começa a gritar, e seus gritos estão mais altos.

Abro a boca, sem saber como me defender. Está tudo tão confuso. A cabeça começa a rodar sob o peso das últimas horas. Eu fui vítima ou responsável pelo que aconteceu? Talvez tenha passado a mensagem errada para o Conde. Ele talvez não tenha tido nada a ver com a abertura das cortinas, talvez nem mesmo seja quem penso que é. Sei que ele se afastou de mim quando elas abriram, mas pode ter feito isso por medo de manchar seu nome com uma qualquer.

Ou talvez eu esteja louca. Preciso considerar essa possibilidade. Que, enlouquecida pelo desvario de que o Conde pudesse ser Erik, eu tenha enviado todos os sinais errados ao nobre. *Meu Deus*, talvez eu tenha injustamente punido Raul por todos esses anos, acreditando que ele tivesse matado Erik. Se Erik e o Conde forem a mesma pessoa, isso

significa que ele está vivo, e bem.

Talvez eu tenha sido a errada desde o começo.

Raul continua a dizer para a população como foi enganado, e como, dado a vergonha pela qual fez sua família passar, está finalizando ali nosso casamento.

— Exijo que nossa união seja quebrada — ele diz, cheio de mágoa na voz. — Esta mulher trouxe vergonha à família! Por isso, em nome de todos os Santiago, exigimos que ela seja banida da cidade.

Ergo os olhos, ouvindo a horda bater palmas em apoio. Banida. A palavra rola na língua, a princípio sem forma definida, tomando aos poucos o formato do significado final.

Raul está tendo a chance de se livrar da esposa que não lhe deu nem nunca daria filhos. A oportunidade de se livrar da nossa relação doentia. Eu dei o que ele precisava para se livrar de mim.

Naquele minuto de clareza, algumas coisas sobre o Conde também ficam claras. Foi ele quem abriu as cortinas, porque queria me destruir. Que ele seja ou não Erik, pouco me importa, ali, em cima da tribuna, prestes a ser banida. Seja lá quem esse diabo for, quero que morra. De forma lenta, dolorosa e cruel.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você tem algo a dizer? — Raul se vira para mim. — Talvez queira pedir perdão.

Ergo o queixo e encaro-o. Muitas coisas passam pela minha cabeça no momento, mas nenhuma delas inclui pedir perdão.

Cansei de fingir. Cansei de conviver com ele sabendo o que ele fez, anos atrás. De ter que provar, por causa dessa suspeita, minha sanidade. Meu coração conhece suas verdades e marcha cego em direção ao que quer, e foi isso que eu fiz. Acreditei que aquele Conde monstruoso, aquele crápula maldito pudesse ser outra pessoa. Fiz o que desejava fazer, e agora estou arcando com as consequências.

Quando a minha resposta vem, pega a todos de surpresa:

— Não preciso de seu perdão. Eu me perdoo.

Raul estica a orelha em minha direção.

— Como?

— Fiz o que queria fazer. Deixe-me finalmente em paz.

Ele se levanta e marcha com o dedo erguido em minha direção:

— Você-não-tem-o-direito! O que você fez é imperdoável!

PERIGOSAS ACHERON

— E o que vai fazer? — revido, fuzilando-o com os olhos. — Me banir por me perdoar?

— Cale a boca, sua...

Quinze anos de casamento terminam ali, com aquela troca de olhares e os punhos fechados. É nesse rio de ódio que relações mal resolvidas fatalmente terminam. Talvez nem sempre com tanto drama, ou maldades. Mas o fim é o mesmo.

— Você sabia o que eu era quando casou-se comigo — falo entre os dentes. — Sabia que meu coração era de outro.

Zapata, mais adiante, assusta-se. Ele enxuga o rosto e olha ao redor, sem acreditar que estou discutindo em público com meu marido. Sou uma meretriz atrevida? Uma louca? Uma prostituta arrogante?

Não sei o que me fez romper com todas as normas, mas sinto tanto ódio que as palavras simplesmente saem, sem censura. Odeio que tenha me sentido tão abalada pelo Conde no teatro. Que não tenha resistido às palavras certas, que por causa disso esteja sendo expulsa da minha cidade. Mas também odeio que eu tenha desperdiçado a vida ao lado de Raul. Que tenha aceitado me casar com ele achando que assim podia puni-lo — realmente

puni-lo pelo que fez. E eu puni, por quinze anos. Mas acabou. Agora, ao menos, estou livre. Não sei para onde vou ou que farei sem um teto, mas tudo que tinha para acontecer, aconteceu. Estou por minha própria conta e não tenho mais nada a perder.

Raul jamais me deixaria partir com a última palavra.

Ele marcha até o outro lado do palanque e pega a corrente usada para trancar o cercado. Volta chacoalhando a corrente no ar, e então entendo que há uma última coisa a perder.

Os berros de Raul se misturam aos gritos do povo, e nesses gritos estão misturados incentivos e exclamações. Ele vem movido à raiva, espumando nos cantos da boca. Ele grita, e grita, e *grita*, e eu só ouço sons que não se encaixam. Ele me puxa até o mastro e engancha a corda em minhas mãos no gancho elevado. Tento chutá-lo mas ele é mais rápido. Rasga as costas do vestido e só percebo o que vai acontecer quando os elos da corrente arrebetam contra a minha pele.

Vap.

As pernas falham de dor.

— Levante-a, seu incompetente! — Raul grita

para Zapata, mas o homem está prostrado. Seus olhos estão do tamanho de pratos no rosto, porque como um homem da lei, sabe que o que está acontecendo ali é ilegal. Eu não fui julgada. Não tive a pena lida em voz alta, minha punição não foi anunciada. O que está acontecendo excede as responsabilidades da Tribuna Pública, mas nada parará Raul. Nada.

Uma nova onda de choque varre o povo. O prefeito grita, Zapata acorda, eu choro de dor. A multidão assiste a tudo sem entender o trâmite. O que está acontecendo ali em cima? Eu me coloco novamente de pé, e tento afastar Raul, mas ele ergue novamente a mão, gira a corrente e com os dentes à mostra, bate em mim outra vez. A pele onde a corrente arrebenta na costela arde em crescentes cada vez mais intensas. Zonza, abro a boca para pegar ar, mas a dor é afiada demais. Meus joelhos cedem outra vez.

— Você merece ser punida! Punida! — Raul grita.

— Senhor prefeito! Senhor perfeito. — A voz de Zapata chega perdida em meio a gritaria. — Senhor prefeito, pare!

Mas Raul ainda me acerta mais uma vez, nas

PERIGOSAS NACIONAIS

pernas. As cordas cedem e caio tremendo no chão.

Grito dentro da cabeça que poderia arrancar seus olhos com as unhas. Matá-lo de mil maneiras diferentes.

— Tenho nojo de você!! — grito alto, cuspiendo em sua direção.

Os olhos de Raul, antes puro ódio, agora estão tingidos de dor.

— Eu deveria ter feito isso naquela noite — ele diz baixo, um brilho cruel passando na frente dos olhos. — Matado você, como fizemos com o bastardinho.

Algo em minha fisionomia o faz continuar.

— Sim. — Ele se abaixa, segurando a corrente com as duas mãos. — Eu deveria ter retalhado, queimado e enterrado você como fizemos com o seu amigo.

Ele se afasta, divertido com o meu choque. *Não*, balanço a cabeça. Erik está vivo. Eu o vi ontem. Foi aquele maldito que me colocou aqui.

— Mas o Conde...

Raul se levanta, ainda mais enojado.

— Você me enoja, Christine. Vê-la entregue àquele homem horrível simplesmente me causa ânsias.

PERIGOSAS ACHERON

Em um último ímpeto de ódio, Raul ergue a corrente. Fecho os olhos, me encolhendo no chão, mas antes que a corrente desça outra vez sobre mim ouço uma voz de trovão:

— Chega!

Afasto as mãos do rosto para ver o Conde de Orr sobre a tribuna, segurando a mão de Raul no ar. Zapata, que parecia pregado no lugar, acorda:

— Meu Deus, soltem-na — o homem diz, e um dos seus auxiliares me ajuda a ficar de pé. Seu interesse não é poupar minha dor, mas não piorar ainda mais sua situação.

Ao ser desamarrada, tombo no chão. Meu corpo espasma de dor. Raul não consegue avançar contra o Conde como avançou sobre mim. Eles trocam olhares de ódio, mas ele é levado dali por um de seus assessores, e por um tempo fico no chão, olhando o céu pálido. Sei que todos me observam e aguardam que eu me levante. Fecho os olhos, sentindo uma lágrima quente rolar pela bochecha. Ninguém tem coragem de se aproximar, nem de desamarrar os nós dos meus pulsos. O que foi feito foi ilegal, traria consequências. Nem mesmo prostitutas podem ser punidas sem julgamento.

— Alguém poderia desamarrá-la, por favor? —

Zapata resmunga, massageando as têmporas. — Alguém? — ele insiste.

Ouçó o som de botas aproximarem-se, e a sombra de alguém eclipsa a luz. O rosto mascarado do homem que achei ser Erik investiga meu estado, como se eu fosse uma mercadoria que tivesse caído do transporte. Quando tenta desamarrar o nó, rolo para o lado.

— A senhora consegue se levantar? — ele pergunta.

— Reze para que eu não consiga — respondo entre os dentes.

Ele retorna até o Sr. Zapata.

— Vejo que tem um problema nas mãos — ouço-o dizer ao homem. — O que fará com essa mulher?

Zapata não sabe. Ele ainda não se recuperou do acesso de fúria do prefeito, e as leis embaralham-se em sua cabeça.

— Bem, e-ela foi banida, e...

— Imagino que o açoite não estava nos planos.

— Não, não sem antes levar a questão aos presentes, e...

Se eu não sentisse tanta dor eu os xingaria até perder as forças. Mas dói tanto que se tentasse dizer

algo, sairia um grasnido. Os dois continuam a discutir as implicações do que Raul fez.

— Podemos alegar passionalidade... — Zapata sugere, e o Conde gira o rosto em minha direção.

Apoio o corpo sobre os cotovelos e sento sobre as pernas, arfando com a dor na altura das costelas. Tento rastejar para longe deles, mas a voz do Conde me faz parar.

— Tenho uma proposta. Uma que resolverá os eventuais problemas legais que o açoite causar, e ajudará a prefeitura a olhar as atitudes do prefeito de forma mais... generosa.

Zapata e eu olhamos para ele. O Conde leva a mão ao bolso interno da casaca escura que veste e traz algo às vistas.

— Quero arrematar a banida. Levarei-a comigo para Orr.

O quê?

— Você só pode estar brincando! — grito para ele.

Os olhos de Zapata brilham, como se a luz lhe tivesse sido apresentada no fim do túnel. O Conde estende para Zapata um maço de notas.

— Livrar-se dela trará menos problemas ao ilustre prefeito. Diga a quem perguntar que foi a

melhor solução no momento.

O maço vai da mão de Zapata para o seu bolso.

Mobilizo toda a força do corpo para me colocar de pé. A dor viaja por nervos e músculos, mas não é páreo para me fazer parar. Manco até eles com os olhos no rosto do nobre:

— Estou avisando: se tocar em mim, ou tentar me colocar naquela carruagem, não chegará vivo a Orr.

A resposta do Conde é um sorriso plácido.

— Isso é o que veremos, senhora.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 10

— Senhora — o ajudante do Conde me estende a mão. Ignoro-o, caminhando sozinha até os degraus. As costas latejam em contrações doloridas, e sobre a mente parece ter descido uma neblina espessa.

Meu peito está cheio de ódio. De uma raiva viva, de cor escura. Há menos de um dia eu estava em minha casa, me preparando para o baile — vivendo, sim, uma vida infeliz —, mas *segura*. Agora, 24 horas depois, estou sendo expulsa de Andaluzia. Fui açoitada em público pelo meu marido traído. Fui vendida.

Passo por Zapata, que recolhe a papelada. Ele
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estaca para me olhar, sem o ódio aparente do começo. Se antes queria minha punição, agora lhe causo pena. Um tipo de asco piedoso, ou piedade enojada. Dispensso tanto a piedade quanto o asco. Tenho vontade de cuspir nele também, mas poupo minhas forças. Preciso digerir o fato de que fui vendida como um animal de feira antes de ser entregue para o abate.

Deus, eu fui comprada pelo Conde D'Orr.

Apoio no corrimão da pequena escada, sentindo a tontura outra vez. Luzes piscam na periferia da visão. Vejo adiante o Conde atravessar a pequena multidão que ainda aguarda algum desfecho de última hora. O nobre não olha para eles; seu queixo está erguido, e ele é quase uma cabeça maior que o mais alto ao redor. Fecho os olhos tentando esquecer da dor que cada passo adiante provoca. Desço o primeiro degrau apoiando as mãos, desço o segundo. A perna que levou o baque da corrente está trêmula, e torço o rosto toda vez que a apoio no chão.

Quando os dois pés tocam o solo, a dor se ramifica em milhares de pequenos choques. O homem manco tenta me amparar outra vez, mas empurro suas mãos para longe de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se me tocar outra vez, juro que te mato — digo entre arfadas doloridas.

— Desculpe, senhora. — Ele me olha com as feições contraídas, claramente penalizado. — Trataremos de seus machucados em Orr.

— Quero que Orr queime até o talo — digo, deixando-o para trás.

O homem se vira e olha para o Conde, parado ao lado da carruagem, então volta a olhar para mim. — Ele não gosta de esperar, senhora. Tente entender, a senhora foi legalmente adquirida por ele.

Dou-lhe as costas porque não consigo lhe dar um murro. Atravesso a multidão a passos lentos, de cabeça baixa, sentindo as pessoas se virarem à medida que passo, observando minha dor. Bem feito, sei que pensam. O servo do Conde tenta me alcançar, mas os dois policiais da guarda Andaluz, responsáveis por me escoltar até os limites da cidade, o afastam.

Demora uma eternidade até atravessar as ruas da cidade. As pessoas param ao me ver passar, cochichando nos ouvidos das outras. Não ergo a cabeça, apenas continuo, um pé na frente do outro. Ainda não sei para onde vou, ou o que vou fazer

PERIGOSAS ACHERON

agora. Sei que vou seguir adiante e procurar um abrigo para a noite, ou talvez arrumar um jeito de fazer uma compressa sobre o local que arde para que não inche. Ajeito o vestido no ombro, que cai outra vez, ao menor movimento. As costas estão nuas, lanhadas pela brutalidade da corrente.

Quando finalmente chegamos ao arco que demarca a saída, os guardas param e lêem minha sentença. Não posso retornar a Andaluzia pelos próximos doze meses. Meus documentos serão enviados para o endereço que eu comunicar ao escritório geral de execuções. Os bens que a família achar justo manterem, deixam de ser minha propriedade. O resto será leiloado ou doado ao orfanato. Com a sentença lida, eles se viram e marcham de volta para a cidade, me deixando sozinha no meio da estrada.

A estrada está vazia e o vento bate fresco nas folhas das árvores centenárias, fazendo-as farfalhar baixinho. O sol segue seu arco descendente, rumando em direção ao fim da estrada. Abraço o corpo com as mãos, fechando os olhos. O choro acumulado na garganta sai em um engasgo, e finalmente abro mão do controle. Os ombros sacodem, a cabeça tomba sobre o queixo. As

lágrimas caem, grossas e mornas. O que aconteceu comigo?

O barulho de rodas moendo as pedras da estrada me faz levantar a cabeça. Seco o rosto com a costa das mãos, sem acreditar em quem vem.

— Senhora — mais uma vez o empregado do Conde me aborda. Ele para a carruagem ao lado, acalmando os cavalos arredios. — Por favor, suba na carruagem. Temos uma longa estrada até Orr, e é melhor não viajar de noite pelas Planícies.

Que parte de "não vou com você" ele não entendeu? Olho para dentro da carruagem e vejo a silhueta do Conde. Ele tem os ombros retos e o queixo erguido, e tudo em seu rosto denota desagrado. Por um tempo olho para dentro, esperando que ele se mova, reclame, me dê algum motivo para não pegar uma pedra no chão e lançar em sua janela, mas ele fica ali parado, como se minha recusa fosse uma amolação.

Ergo o dedo para a carruagem, dizendo para o cocheiro em alto e bom tom:

— Aquele homem destruiu a minha vida. Ele acabou com a minha reputação. Por que raios eu entraria naquela carruagem?

A intenção era dizer aquilo sem gritar, mas na

segunda frase já estou histérica:

— Eu fui expulsa da cidade!!! Expulsa! E você acha que eu entraria ali? NUNCA! — grito, olhando para o nobre. — Nunca! Nunca!!!

Dou meia-volta e continuo a andar. Dói pensar com dor, mas dói mais não pensar. Estou colhendo os frutos da minha falta de discernimento, da falta de pensamento. Se tivesse me guiado pela razão desde o início, não estaria aqui!

Os cascos dos quatro cavalos batem no chão ao meu lado. A carruagem anda alguns metros.

— Senhora — o cocheiro suplica em tom baixo. — Vossa Graça não gosta de ser contrariada.

Paro no lugar.

— Ah, não? — pergunto séria.

O cocheiro faz que não.

— Pois quero que você, Sua Graça, essa carruagem e Orr vão todos para o inferno! — eu berro. Olho para dentro da carruagem para ver se ele está ouvindo, e como sei que está, grito mais alto: — Vá para o inferno!!

Seguro a saia comprida e volto a andar, agora mais rápido e sem me importar com a dor. Os cavalos relincham, nervosos, quando a carruagem se move outra vez. Quando ela para ao meu lado,

ouço um ruído estranho. A porta do transporte se abre.

Viro a tempo de ver o nobre saltar da carruagem com as mãos em punho.

— Maldição! — ele grita. — Suba agora nessa carruagem! Já perdi tempo demais com você!

Sua voz é de estremecer as estruturas, mas estou com mais raiva que medo. Começo a correr, ouvindo seus passos atrás de mim. O bastardo me alcança em três segundos. Coloca-se na minha frente, encaixa o ombro na minha barriga e me ergue do chão, me jogando como um saco de batatas em suas costas. Esperneio e soco suas costelas, aos gritos:

— Me solte, seu desgraçado! Me solte!

Ele alcança a carruagem em poucos passos, abre a porta e me joga lá dentro. Caio de bunda no chão do carro, sentindo um fio de dor subir pelo cóccix em direção à coluna. Dor em seu estado agudo, que me faz entortar os dedos. Quando o olho, poderia cuspir lava:

— Seu bastardo imundo, seu MALDITO! — Chuto o ar várias vezes, acertando um dos chutes em suas partes íntimas. Ele se abaixa, o rosto atrás da máscara contraído em uma careta. — Você não

vai me levar para seu bordel! — Dou um último chute em seu joelho, e a batida do salto no osso parece atordoá-lo mais que o chute nos testículos.

— Maldita! — ele rosna. Suas mãos imensas tentam segurar minhas pernas, mas estou possuída por uma fúria demoníaca. Estapeio-o na orelha, no rosto e nos ombros, aos gritos. Ele se afasta quando a máscara sai do lugar e eu me arrasto para trás, mal conseguindo me mover alguns metros. Assim que ele ajeita a máscara no rosto, volta como uma locomotiva. Enfia o corpo dentro da carruagem, firma minhas mãos e me empurra para o fundo do veículo. Seu rosto fica tão perto do meu que poderia mordê-lo.

— Como pude achar que você era ele? — eu grito.

Nossos olhos se encontram. Os meus, vermelho sangue, injetados do mais puro ódio. Os dele, duas bolas de mármore frias. Antes que eu faça um estrago em seu rosto, ele sai e bate a porta. Ouço um barulho metálico de trinco, e quando movo a maçaneta para cima e para baixo, ela não abre. Ele me trancou ali dentro.

Ele dá dois passos para trás, arfando. Fico de joelhos e começo a socar os vidros, esbravejando

todos os palavrões que me lembro. Como ele ousa? Como ousa me atrair para uma cilada e agora fazer isso?

— Seu criminoso! Você arruinou a minha vida!

— Bato com a palma na janela. — Eu vou matar você!

Sei que ele me ouve porque seu rosto está crispado, e nem mesmo a máscara esconde isso. Ele endireita a casaca e dá passos aleatórios de um lado para o outro, como um bicho em uma gaiola. Certamente não esperava tanto ódio. *O que esperava, seu idiota?*

— Você acabou de propósito com a minha vida! — Bato na janela outra vez.

Ele para com os punhos ao lado do corpo, como se precisasse segurar o ímpeto de lutar comigo. Mas então o cocheiro o chama, e ele olha para cima.

— Vossa Graça, pelo amor de nosso senhor santo Cristo...

Seu perfil mascarado fica visível. O cabelo, até há pouco impecavelmente penteado, se desfez na confusão dos tapas. Na parte de trás, como se tivesse se soltado durante a briga, um cacho levanta. Um único cacho. Um cacho perfeito.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele imediatamente puxa o cacho para trás, ajeitando-o outra vez à cabeça.

Ele faz um gesto de impaciência em minha direção e troca palavras com o cocheiro. O servo desce do banco externo e caminha até a frente dos cavalos. Ajuda o Conde a soltar o bridão e o arreio de um deles, e em seguida o ajuda a selá-lo.

Observo a tudo sem forças. Sentada no assento, respirando fundo, tento entender o que acabei de ver. Levo pela última vez os olhos úmidos até ele, vendo-o subir no cavalo e me olhar de volta.

É realmente você?

Ele puxa as rédeas do cavalo e dispara pela estrada. Minhas mãos caem sem força sobre o colo enquanto a charrete se coloca em movimento, rumo às Planícies Proibidas, lar do Conde D'Orr.

Lar de Erik.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO II

ERIK

O cavalo galopa pela estrada de terra em um embalo furioso. A vegetação passa como um borrão verde, e a brisa fria do outono anuncia o inverno rigoroso que vem. Galopo inclinado sobre a crina do animal, agarrado às cerdas, estalando o chicote no ar. Fujo dela, das minhas últimas ações e dos sentimentos que caem como avalanche sobre o ódio tão cuidadosamente construído ao meu redor. E ao despencar, a avalanche revela verdades há muito sepultadas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sensações antigas e empoeiradas, antes trancafiadas no fundo do peito, estão agora à mostra. É vergonhoso e desmoralizante retornar com ela; é igualmente inacreditável que tenha estragado a vingança perfeita — orquestrada com esmero — com o estúpido e impulsivo arremate.

Eu comprei você, Christine. Eu a trouxe para Orr!

O que fiz arde no peito como o estalo de um chicote. Arrependimento, fúria, indignação. Mas principalmente — e é dessa considerável fração que vem minha fúria — sinto *excitação*. Uma tormenta efervescente sob a pele, uma consternação recheada de imagens do que pode acontecer de agora em diante.

Você saber quem sou, que estou vivo, que assumi a posição na árvore genealógica de uma família que não é a minha? Uma preocupação secundária. O ódio que sente por ter desmascarado sua falsidade e coração de pedra? Indiferente. A única coisa que sinto é essa mistura de penitência e euforia, de revolta e prazer. O combustível que me fez continuar a viver todos esses anos não se encerra com a sua desgraça; a vingança continua.

Quinze anos atrás você me fez de tolo e me

PERIGOSAS ACHERON

entregou de bandeja para três sádicos. Eu estaria morto se não fosse pela piedade do verdadeiro Conde das Planícies, que me encontrou jogado em uma estrada escura e transformou Orr no meu lar. Tornei-me seu aprendiz nas artes mais rebuscadas do sexo. O Conde tinha gostos requintados, e me mostrou que prazer e dor podem andar lado a lado.

Hoje tudo que ele me ensinou faz sentido.

Você se tornou uma serpente nesses últimos anos. Não foram poucas as vezes em que, ao surgir no meu pensamento, deixou para trás o que uma picada de cobra deixa na vítima: peçonha. Era para eu ter assistido à sua ruína e partido; ter deixado Raul descontar sua ira em você. Achei que assistiria ao seu fim de bom grado, mas não esperava que fosse julgada tão rápido, e de forma tão cruel. Quando Raul ergueu a corrente, percebi que havia ficado dependente do seu veneno. Disparei em sua direção com uma fúria desconhecida, disposto a matá-lo. Na minha mente, você era minha. Só eu podia lhe causar dor.

Quando você desmaiou nos meus braços entendi que desonrá-la, apenas, não traria a redenção. Você me desestabilizou quando disse meu nome antigo, da vida de antes. E enquanto

olhava para você tentando detestá-la, uma brasa apagada voltou a arder. Você havia ficado ainda mais bela depois de todos os anos. Parecia a mesma garota que um dia quis fugir comigo, e depois mudou de ideia.

Quando sussurrei aquelas coisas em seu ouvido atrás das cortinas, e insinuei os dedos pelo seu decote, não posso afirmar que fingia. E estaria mentindo se dissesse que as coisas correram como eu imaginava. Eu esperava cortejá-la por mais tempo, e lançar mão do pudor, se necessário, para mostrar ao mundo a víbora que você era. "Você mancharia sua reputação por tão pouco?" Raul perguntou a você aquela noite, atrás do teatro. Quem poderia imaginar que se entregaria tão completamente naqueles poucos minutos atrás da cortina?

Seu marido não a fazia mais feliz? Ou cabe mais de um homem em seu coração?

Você permitiu que eu cruzasse todas as linhas, e vi desejo em você. Carnal, intenso, em quantidades que só alguém como eu entenderia. E então meu ódio virou fome. Uma avidez desmedida por seu corpo, um desejo descomunal de pendurá-la nua nas masmorras. Queimei durante toda a noite

pensando nisso. Em você, e no que poderia fazer. Foi aí que entendi que minha vingança não precisava acabar ali. Ela seria prolongada.

Quanto a Raul, sua hora chegará — é uma questão de tempo. Mas confesso que me surpreendi quando reconheci, durante seu acesso de fúria, todo o ódio e o amor que sente por você. Que feitiço você lança sobre os homens, para te amarem e depois odiarem tanto você?

Você é o meu veneno, e decidi hoje continuar sentindo-o correr pelas veias. Tenho uma inclinação para a dor — você vai conhecê-la — e me acostumei com o tormento que sua ideia traz. Nos próximos anos eu dobrarei você. Subjugarei você como homem algum fez. Essa seria a verdadeira vingança por ter sido tão cruel, anos atrás. Por ter escolhido viver quinze anos felizes ao lado do meu carrasco, mesmo sabendo o que ele fez comigo.

A masmorra será a minha vingança. E, na hora certa, deixarei Raul saber de quantas formas foi fodida por mim.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 12

CHRISTINE

À medida que a paisagem vai ficando mais plana, vou me lembrando do que ouvi até hoje sobre Orr. No orfanato, as histórias sobre o nobre que habitava as planícies além das florestas eram puro terror psicológico. O maior inimigo de Andaluzia era um homem misterioso, que costumava arrematar prostitutas e criminosos em leilões. Para fazer o quê? Lembro vagamente de ter perguntado certa vez. As freiras faziam o sinal da cruz, sem responderem. Mas quando repeti a pergunta anos

PERIGOSAS ACHERON

depois durante uma conversa em um café para algumas das senhoras com quem costumava passar o tempo, elas tinham uma resposta. *Orgias*, disseram em voz baixa, como se dizer o próprio nome da coisa pudesse incriminá-las. O Conde D'Orr tinha apreço pelos degenerados — principalmente pelos do sexo feminino — e as queria em seu subsolo. Ainda lembro do brilho dos olhos delas ao contarem as histórias, e o asco e o fascínio que a ideia provocava. *Um subsolo. Uma masmorra*, uma delas provocou.

Nem em mil anos poderia imaginar que o Conde seria Erik.

Erik era um garoto de Andaluzia quando desapareceu. Como ascendeu ao título de Conde em Orr? E se não o usurpou, como o conquistou?

Também lembro da frase de Raul, dita ao pé do ouvido: "Eu deveria ter retalhado, queimado e enterrado você como fizemos com o seu amigo."

Os pelos do corpo levantam à simples lembrança de sua voz. Sempre soube que Raul e seus amigos machucaram Erik naquela noite, só não fazia ideia do quanto. Relutei em acreditar que o mataram; era uma acusação séria e eu não tinha provas. Mas com o passar dos dias, sem notícias, como poderia

acreditar em outra cosia? Magoada e ferida, acusei Raul. Fui à guarda de Andaluzia, mas aquilo só me rendeu uma segunda internação. Como o corpo jamais apareceu, precisei escolher no que acreditar. Era melhor acreditar que Erik estava morto do que aceitar que havia ido embora e me deixado para trás.

Por isso, quando lembro dele no baile, inteiro e nem um pouco machucado, sinto mal estar. Sofri anos a fio acreditando no pior. Havia algo em seu rosto que justificava o uso de uma máscara, mas sua postura majestosa não combinava com o pobre coitado que defendi tão veementemente no passado. Por quem gastei quinze anos da vida vingando.

Leander, o cocheiro, grita "Ôa, ôa" para os animais e os pensamentos dispersam. Enxugo outra lágrima, magoada. Erik nunca retornou à Andaluzia. Por que agora, depois de tanto tempo? E por que nessa volta havia reservado algo tão vil contra mim?

— Senhora, vamos fazer uma pausa — o cocheiro avisa, abrindo a porta da carruagem. Salto sentindo as costas doloridas, aliviada por ter um chão firme sob os pés. Cansei de chacoalhar pela estrada de terra.

Leander busca água no córrego e leva o balde até os cavalos.

— Como podem fazer isso? — pergunto observando os bichos beberem. — Como podem comprar pessoas?

O velho finge não me ouvir.

— E o que fazem com as moças que "adquirem"? — pergunto, inconformada. — Forçam elas a trabalhar para vocês? Vendem como escravas para países em guerra? O que podem querer com tantas mulheres?

— Não acredite em tudo que ouve, senhora.

— Não ouvi nada, Leander; eu *fui comprada*. Estou aqui contra a minha vontade, e quero saber o que vai acontecer comigo!

O velho parece desconfortável quando sobe os olhos até os meus: — Não vai acontecer nada que a senhora não queira.

— Como assim é uma questão de querer? Pois bem, não quero estar aqui!

Ele coça a cabeça.

— O Conde não é uma pessoa ruim.

— Bem, acredito que em Orr a palavra ruim deva ter um outro significado.

Ando de um lado para o outro, segurando como

consigo o ombro do vestido, que insiste em cair. O cocheiro termina de dar água aos bichos e confere as ferraduras dos cavalos. Ele claramente está evitando a conversa. Quinze anos sem notícias, e agora ele surge, me seduz como se eu fosse uma meretriz e me arremata, como a um porco em uma feira municipal.

— Eu não entendo sua raiva — digo atrás de Leander, referindo-me ao Conde. — O que fiz a ele?

Leander desiste de conferir a ferradura do último cavalo e acelera o passo em direção à frente da carruagem.

— Ele era outra pessoa — digo, caminhando atrás dele.

Leander sobe até seu assento e limpa o rosto com um lenço que tira do bolso.

— Acho que ele deixou de ser aquela outra pessoa anos atrás, senhora. Vamos? — Ele olha para trás, e só então percebe que não abriu a porta da cabine para mim. Faço um gesto de desmerecimento com as mãos e abro eu mesma a porta.

Deixei Leander visivelmente desconfortável com a conversa, mas antes de subir no carro,

PERIGOSAS NACIONAIS

pergunto:

— Ele era um garoto quando nos conhecemos. Hoje se tornou um homem cruel. Não o reconheço mais.

Leander me olha penalizado.

— Sua Graça não é apenas cruel, senhora. Ele é um monte de outras coisas.

Subo na carruagem e tomo assento, pensando na escolha de palavras que ele usou. Ele não negou que o Conde seja cruel, disse só que ele não é apenas aquilo. Leander ajeita as rédeas nas mãos, indicando aos cavalos que estamos para partir, e eu olho ao redor procurando um meio de fugir. Não há nada além de mata, planícies isoladas e montanhas ao fundo. Como farei para sair daqui quando chegar a hora?

Mas antes que ele parta, pergunto da janela:

— E a máscara?

O cocheiro olha para trás. — Como?

— Qual é o motivo dele usar a máscara?

— Terá que ver com os próprios olhos, senhora.

O homem ergue as rédeas e as desce com força, colocando a carruagem em movimento.

PERIGOSAS ACHERON



Pela próxima hora recortamos paisagens monótonas, e acabo adormecendo embalada pelo sacolejo monótono das rodas. Acordo com o ruído de rodas triturando o cascalho, sentindo enjoo pelo balançar. Olho para fora e vejo verde. Milhares e milhares de quilômetros de morros baixos cobertos pelo pasto que se estende até o horizonte.

Os campos estão banhados pelo sol de fim de tarde. Vapor sobe do chão morno e úmido, e o cheiro é de terra e decomposição de turfa. A carruagem para de tremelicar e passa a rodar de forma mais branda, e ao longe ouço o mugido de gado e o balir de ovelhas. Bato na janela e Leander a abre.

— Onde estamos?

— Chegamos, senhora. Aqui é Orr.

Admirada, vejo que Orr é uma vila. Ela tem fazendas e uma praça, e muitas árvores ao redor. Não sei por que imaginei um lugar sombrio e árido, repleto de cantos e pessoas assustadoras, mas o que vejo é uma aldeia de beleza sem igual. A carruagem para na frente do castelo, e a

visão silencia os pensamentos. O castelo de Orr é uma construção antiga e imponente, com gárgulas guardando os portões e grossas torres de pedra.

Leander salta da carruagem e corre até o portão para soar uma sineta, anunciando nossa chegada. Ajeito a saia como posso, pensando que o Conde deve ter chegado muito antes, dado o galope desembestado com que partiu. Leander retorna e abre a porta, e desço sentindo o antigo enjoo se transformar em um turbilhão interno. Um homem vestido de casaco, botas de montaria e calças justas se aproxima. Ele me olha discretamente de cima a baixo, e em seguida troca palavras em um dialeto estranho com Leander. Os dois olham para mim. Leander assente, e o homem retorna ao castelo.

— Venha, senhora Santiago. Vou levá-la até seus aposentos. O conselheiro do Conde acabou de me informar que a senhora ficará na ala norte.

Olho para o castelo e para as construções ao redor, onde mulheres curiosas interrompem suas tarefas para me observar. Algo na frase não faz sentido.

— Eu ficarei *dentro* do castelo?

Leander balança a cabeça que sim, como se também não tivesse entendido essa parte.

— Do castelo do Conde?

Leander dá de ombros: — Só temos esse castelo por aqui.

Arrasto as mãos pelo cabelo desgrenhado, sem acreditar naquilo.

— Todas as mulheres que são trazidas para cá são acomodadas no castelo? — pergunto, confusa.

— Não, senhora. Elas geralmente vão para a acomodação das recém-chegadas. Aqui ficam apenas as que o Cond...

Ele para de falar no meio da frase.

— Que o Conde o quê? — incentivo-o a terminar a frase.

Ele me dá as costas e acelera em direção ao castelo, e preciso ser rápida para alcançá-lo.

— O que o Conde faz com as mulheres que vem para cá, Leander?

— Terá a chance de perguntar a ele tudo que deseja saber, senhora.

Atravessamos um pátio e entramos na residência. As poucas pessoas que encontro no caminho me olham como se eu tivesse acabado de chegar de um país estrangeiro. Cruzamos corredores escuros decorados por quadros que mostram nobres de aspecto enfadado e subimos

uma escadaria que leva até a torre norte.

— O quarto é isolado do resto da casa, e as chances de cruzar com o Conde, pequenas — Leander explica. *Isso é bom*, eu penso.

A temperatura do quarto úmido, mais baixa que o resto da casa, é a primeira coisa que noto. As paredes são de pedra e a lareira está apagada. As lágrimas inundam novamente os olhos. Vou morrer de frio. Mas o que é o frio quando a vida anterior inteira acabou? O que eu tenho agora é isso: um quarto monástico sob o mesmo teto que Erik.

Leander me mostra o cômodo:

— Aqui está sua cama, senhora. Espero que descanse.

Só há a cama e uma pequena mesinha no quarto. Da janela fechada posso ver o verde das planícies, vários andares acima do solo. Se eu tentasse pular, morreria pela queda.

Arrasto as mãos nos braços frios, tentando me aquecer. Quero perguntar se alguém pode vir acender a lareira, mas Leander sai do quarto. Quando ouço o *clic*, corro até a porta, mexendo a maçaneta para cima e para baixo, em vão. Ele me trancou ali.

Deito na cama dura, abraçada aos joelhos, e

choro por tudo que aconteceu. O sol desaparece atrás das árvores altas e o quarto fica ainda mais frio. O silêncio é quase fúnebre, só interrompido pelos roncos de fome da minha barriga. Penso na máscara de Erik, e pela primeira vez sinto algo novo em relação a ele crescer em mim. Raiva. *Eu o detesto*. Detesto que tenha sumido, que hoje ache que pode me comprar, que sua vaidade o faça sair por aí vestindo uma máscara idiota. Detesto-o pela primeira vez na vida, e o ódio alivia a dor da mágoa.

Minutos depois, outro *clic* indica que alguém está abrindo a porta.

Uma mulher idosa entra no quarto, segurando algo. Sento na cama, olhando para ela. Ela entra Tateando ao redor com uma mão, como se procurasse apoio para o que traz. Acha um banco sob a mesinha e pousa a bacia que estava encaixada à anca sobre ele. Caminha até a cama com os olhos perdidos, arrastando o banco com a bacia, e só então vejo que é cega.

Ela acha minhas pernas. Coloca a bacia no chão, senta-se no banco à frente e pergunta:

— Sente dores?

— S-sim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi queimada?

Me assusto quando pergunta aquilo.

— Não.

Ela não mostra qualquer reação.

— O bom de ser queimada é que a brasa impede o machucado de infeccionar. Foi açoitada?

— Sim — respondo engasgada.

— Chicote?

— Correntes.

Ela faz que entende. Abaixa e molha um pano na bacia, espremendo-o para remover o excesso de água. — A propósito, sou Imelda.

— Sou Christine.

A velha paralisa quando ouve meu nome. Por um tempo olha para a frente, sem reação, depois me toca como se pudesse me achar com um resquício de visão.

— Tire a roupa, Senhora.

Ela ouve o farfalhar da roupa saindo de mim. As mangas descem com facilidade, e o tecido escorrega pela cintura até o chão. As pernas, agora nuas, mostram as marcas dos elos em vermelho. Tento ver as costelas, igualmente marcadas. Algo volumoso se acumula na garganta.

— Deite na cama e leve minha mão até onde foi

PERIGOSAS ACHERON

machucada. Não precisa fazer duas vezes, uma só vez basta.

Deito de bruços na cama e mostro a ela onde dói. Avalio o rosto da velha enquanto sinto a pele quente receber o ar frio do quarto. A mulher encosta o pano na água de lavanda e fecho os olhos, sentindo arder onde ela encosta. Por um tempo seguro os gemidos, Imelda não parece o tipo de pessoa que se condoeria por minha dor, mas há algo que preciso saber.

— Por que vocês me trancaram?

— Para evitar que zanze por aí sem ser convidada.

— Então sou realmente uma prisioneira aqui?

— Não seja tola. O Conde não mantém prisioneiros.

Olho-a, sem acreditar naquilo.

— Acho que as palavras aqui em Orr significam coisas diferentes do que em casa. Como posso ter sido trancada e não ser prisioneira?

— Posso não trancar a porta, se quiser. Mas terá que prometer que não andará pelo castelo.

— Eu prometo.

Imelda continua a fazer compressas sobre os machucados. Às vezes ela os toca com gentileza

com a ponta dos dedos, para ver se estão inchados ou abertos.

— Fizeram um estrago e tanto em você — comenta.

Uma lágrima rola pelo rosto. Balanço a cabeça que sim. Eles fizeram.

— ... Fizeram estragos em muitas de nós — a velha continua, molhando o pano na bacia outra vez. Viro o rosto para olhá-la, e só então percebo que seus olhos têm cicatrizes nas pálpebras. Alguém foi cruel com ela também.

— Vire-se — a mulher manda. Deito com as mãos tapando os seios, e ela passa o pano sobre o inchaço das pernas. Minutos se passam.

— Por que estou aqui? — finalmente pergunto. Viro o rosto, olhando para ela. Sei que consegue ver alguma coisa, não muito. Preciso saber se ela mentirá para mim.

— No castelo?

— Em Orr. O que o Conde faz com as mulheres que traz para cá?

— Isso só o Conde pode lhe dizer.

— E quando isso acontecerá? — pergunto, agoniada.

A mulher suspira. Pega o pano, joga dentro da

bacia e se levanta, empurrando-a para baixo da cama.

— Você faz perguntas demais. Quer um conselho? Fale menos. Quem fala demais por aqui acaba descendo mais cedo às masmorras.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 13

Tateio o lençol áspero, abrindo os olhos devagar. O teto está escuro e a luz que vem da lua é fraca, mal permitindo o contorno das coisas. Pouso a palma sobre o corpo sem sentir dor. Exalo, aliviada. Foi tudo um pesadelo. Estico o braço procurando minha mesinha de cabeceira, estalando a língua, seca, no céu da boca. Foi um pesadelo. O peito sobe e desce tranquilo, mas uma vaga impressão me diz que eu deveria estar mais...

Um *flash* invade a memória.

A vergonha pública. Ser arrastada pelas ruas por Raul. A situação privada tornada pública, a
PERIGOSAS ACHERON

surra, e então...

O peito começa a subir e descer na velocidade certa. ... E então, Orr.

Estou em Orr. Não há mesinha de cabeceira ao lado, porque não estou em casa. Encaro a penumbra, as paredes cinzas, a cama estreita e um jato quente toma o corpo. Estou sob o mesmo teto que Erik, e o fato que antes significaria tudo pra mim agora me horroriza.

A neblina do sono se dissipa. Levanto zozna e pouso os pés descalços no chão, sentindo o frio nas solas. Como podem ter me deixado ali, no frio? Aliso os braços arrepiados. A barriga ronca outra vez, e quando engulo, parece descer areia pela garganta.

Ando até a janela. A garoa cai mansa sobre o campo vazio e o silêncio é ensurdecedor. Preciso achar água. Ando até a porta e pouso a mão na maçaneta gelada, ouvindo as palavras de Imelda: “não perambule pelo castelo”. Só que a sede é mais forte que a prudência, e se eu não me movimentar, morrerei de frio. Ademais, todos devem estar dormindo.

A porta range baixo. As escadas estão escuras, e por precaução vou descalça. Desço os degraus até

PERIGOSAS NACIONAIS

o segundo andar, olhando de um lado para o outro do corredor. Endireito o vestido rasgado nas costas e caminho em silêncio pela imensa ala até o fim, onde escadarias continuam, levando ao primeiro andar. Vou olhando para as paredes, onde quadros em molduras rebuscadas mostram os vários donos do castelo através dos séculos. No último deles vejo um jovem de cabelos cacheados virado de costas, como quem observa os montes. Jamais havia visto um quadro retratar alguém virado, e por um segundo paro para apreciar a silhueta longilínea e a beleza dos cachos que caem na altura dos ombros. E num instante tão breve quanto uma batida do coração, sinto o peito apertar.

Monstro. É isso que você se tornou.

Acelero o passo, ignorando os objetos caros e os tapetes ancestrais. Sigo o rastro das lamparinas que clareiam o caminho, olhando de vez em quando para trás para decorar o trajeto. É o cheiro de comida que decide a direção. Meu estômago ruge no silêncio dos corredores. O cheiro é de caça queimando em fogo baixo, durante a noite, para ser servido amanhã. Não planejava assaltar a cozinha, mas se fizer direito, ninguém precisa saber que estive ali.

PERIGOSAS ACHERON

Na cozinha, um javali assa em fogo baixo, fincado em um espeto. Panelas de cobre estão penduradas nas paredes, e ervas caem do teto, amarradas em feixes. A cozinha é um misto de aromas bons e ruins de sangue, óleo, ervas, fumaça. Uma luz tênue entra da janela alta, vinda da lua. Enquanto procuro uma faca para cortar o pão deixado sobre a mesa, deparo-me com uma despensa. Nela, uma porta. Ela parece ter sido propositalmente camuflada por cabos de vassouras e cestos vazios, como se alguém não quisesse que ela fosse aberta.

Por que haveria uma porta ali? Esse é o tipo de pergunta que nos mete em encrencas, mas pode nos levar até a saída. Afasto os cestos e as vassouras e abro a porta, esperando que ela me leve até o lado de fora do castelo, mas ela leva a uma escadaria. As escadas levam ao subsolo, e estão às escuras. A curiosidade é maior que a fome e o medo, porque se essa escada levar a algum túnel, ou à estrebaria, estarei fora daqui em dois tempos.

Desço dois degraus até onde a escada faz uma curva. Ali, a luz de uma câmara chega tremulante. É mais forte que eu: sigo a trilha de lamparinas acesas sem fazer barulho. O silêncio é fúnebre, e o

chão tão gelado que ando com os dedos quase curvados. A luz tênue clareia algumas celas. Parecem há muito desativadas, mas ao passar por uma, paro no lugar.

Ergo o nariz no ar, reconhecendo o cheiro de sangue seco. Olho para um lado e para outro, tiro uma das lamparinas da parede e entro no pequeno calabouço, abrindo a grade. No chão, às vistas, há roupas ensanguentadas. Tapo a boca e dou um passo para trás, quase derrubando a lamparina. Há vestidos de mulheres ao redor. Eles foram rasgados e estão tingidos de vermelho.

Dou um passo para trás. *O que você faz com essas mulheres, Erik?*

É nesse instante que ouço o gemido.

Por longos segundos, espero. Tento me convencer de que é impossível ter ouvido alguma coisa, mas a presença dos vestidos sujos diz o contrário. A vontade é de correr. Para fora do castelo, desse lugar horrível, de Orr — mas as pernas não se movem. O ar entra pesado no corpo e a cabeça perde o foco. Um novo gemido, mais longo, faz meu coração voltar a socar as paredes do peito. *Você é um assassino, Erik? É isso que fazem por aqui?*

As escadas continuam a levar para baixo, e mal vejo quando meus pés se movem. Não sei o que espero, ou o que penso em fazer, mas não consigo impedir o próprio corpo de tentar. O Conde esconde alguma coisa lá embaixo, e algo me diz que posso ser a próxima a acabar ali.

Os gemidos ficam mais altos à medida que me aproximo. Sopro a chama da lamparina e continuo no escuro, tentando discernir que tipo de gemidos são aqueles. Dor? Parecem muito fracos para serem de dor. Então ouço gritinhos e risadas, e um "Ahhh, isso que você faz com a língua sequer tem nome...".

Arregalo os olhos, e só então percebo o que está acontecendo. Minhas bochechas começam a queimar. Os gemidos não são de dor, e sim...

Exalo, irritada comigo mesma. *Como poderia saber?* Tudo indica que uma violência aconteceu lá em cima!

Ouço agora gemidos masculinos. Roucos e sensuais, seguidos por rosnados e outro grito, desta vez feminino. Isso é ridículo, mas ainda assim estico o rosto até a quina e tento ver o que estão fazendo. Uma pilastra atrapalha a visão, e embora uma parte minha — uma grande parte minha —

grite “vá embora!”, a outra precisa *ver*. Ando pé ante pé até a pilastra adiante, tomando cuidado para o vestido não se enroscar entre meus pés. Está escuro, com exceção do centro da gruta, onde um ruído de molas segue rítmico. O coração retumba e um calor estranho toma conta do corpo.

Os gemidos ficam mais altos. Inclino a cabeça outra vez e vejo as pernas de uma mulher no ar. Dois criados a rodeiam, enroscando-se nelas, apalpando o corpo amarrado por cordas. *Oh, meu Deus, o que é isso?* Meu coração perde uma batida. Na verdade, meu coração parou de bater por inteiro. Nunca vi, nem sequer imaginei que algo assim poderia acontecer. Que tal coisa pudesse ser... feita entre um homem e uma mulher... Fecho os olhos, engolindo a saliva. Cordas, amarras, homens beijando a pele nua, e o contorno daquele homem de pé sobre a mulher, é tudo tão...

Volto a encostar a cabeça na pilastra, ofegante. É tudo tão nojento. As pernas tremem tanto que estão bambas. O machucado lateja sob o tecido do vestido, e algo esquenta ao redor do rosto. Algo palpita entre minhas pernas também.

Nojo, nojo!, grito dentro da cabeça, mas meu corpo diz o contrário. Tento acalmar o fôlego,

pousando a lamparina apagada no chão com cuidado para não fazer barulho. Mas ao invés de correr, estudo a distância até a próxima pilastra. *O que está fazendo, Christine?*

A urgência de ver o que fazem ali — saber o que Erik vem fazendo todo esse tempo — é mais forte que a razão. Tudo é mais forte que a razão, no momento.

Preciso entender a transformação que Erik sofreu. Por que deixou de ser o objeto dos meus sonhos para se tornar material desse pesadelo. Dou um passo grande e pausado em direção à outra pilastra, e outro, e outro. Ninguém me ouve, os dois homens estranhos e a mulher enroscam-se de tal maneira que eu poderia saltar até o outro lado e não seria notada.

Então *isso* é uma orgia, penso quando, já detrás do esconderijo novo, vejo a cena inteira.

Meus joelhos fraquejam. É primitivo e animalesco, despudorado e pecaminoso. Mas embora sinta asco, o corpo responde à cena. O calor inunda a face, os seios se arrepiam, e uma língua de fogo se espalha pelas partes de baixo.

Passo a mão pelo pescoço suado. Os corpos desenroscam-se e a mulher se estica languidamente

na cama. O criado some por trás de uma parede e retorna arrastando um grande objeto. A princípio parece um grande alvo, um círculo redondo. Ele é trazido na vertical, apoiado sobre uma base móvel. A mulher ouve o ruído das rodas e se apoia sobre os cotovelos. Arregala os olhos, entendendo que será amarrada ali. Acho que a mulher vai chorar, mas ela sorri. Ela caminha por conta própria, nua, até a roda, e estende seus braços para que os homens os amarrem. Pulsos e tornozelos são fixados à roda com cintas, e quando estão bem firmes, os dois checam para ver se a roda está pronta para girar.

Um rangido de porta indica a entrada de alguém, e uma lufada de ar remexe os cabelos da mulher amarrada. Encolho o corpo atrás da pilastra, sem ar. Sei quem está chegando. Alguém vem descendo as escadas, e pelo som das botas, é *ele*. Fecho os olhos e aperto as coxas uma a outra, tentando diminuir a chance de ser pega por causa do vestido armado. Ouço o Conde parar ao lado dos criados e pedir que acertem algo que vê na roda. Os criados obedecem.

Então ele solta uma risada de prazer:

— É a minha vez, Sâmia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou aqui, meu Conde malvado...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 14

CHRISTINE

Fecho os olhos ao ouvir a mulher pronunciar "Conde". Odeio o visco em torno da palavra, o modo como o "e" termina em um gemido. Mas embora com nojo, o coração está em alvoroço. Ouço o artefato de madeira gemer, acompanhado de uma risada feminina. Que tipo de sodomia fazem aqui?

Erik sussurra algo para Sâmia e eu congelo. Por que ele está sendo tão gentil com a moça que amarrou? Olho ao redor, atenta aos sons. Os

PERIGOSAS ACHERON

gemidos não combinam com o horror que a minha imaginação construiu. *Continue imóvel, Christine, e você voltará para o quarto sã e salva.*

Limpo as mãos úmidas no vestido sem conseguir segurar a curiosidade. Inclino o corpo e vejo de trás da pilastra Erik afrouxar o casaco. Acompanho o gesto elegante com que tira a vestimenta, e no modo como os ombros largos se movem sob a camisa de linho. O casaco cai, e ele faz alguma brincadeira com a moça: eles se conhecem, já fizeram aquilo antes. Ela elogia seu peito robusto com os olhos lustrosos de desejo, claramente querendo tocá-lo. E quando ele tira a camisa, entendo o porquê do elogio: à simples visão de seu corpo, quase perco o equilíbrio. Não porque ele é forte, mas porque, do pescoço até a cintura, sua pele é inteiramente marcada por imagens.

Por um segundo esqueço onde estou. Que preciso me esconder, que se for pega ali pararei no lugar da mulher. Estou congelada no lugar, paralisada pela visão dos desenhos. A imagem é hipnótica, e Erik um enigma que não consigo entender. *Onde está sua pele, Erik? Por que a cobriu com tantos desenhos?*

Ele desabotoa um botão da calça, em seguida outro. A camurça desliza pelas pernas esguias. Ele se desfaz das botas, da calça e deixa à mostra as curvas do traseiro. Levo a mão ao pescoço. Embora esteja frio, suou profusamente. A respiração sai tremida, em intervalos curtos.

As calças abaixam e vejo sua silhueta corpulenta. Ele é longilíneo e forte, bem mais forte do que me lembro, o corpo inteiro tomado por uma robustez contornada por curvas sinuosas. Os ombros largos descem estreitando na altura do quadril, arredondam na altura do traseiro e continuam por coxas imensas. As tatuagens cobrem tudo. Tudo que a luz fraca permite enxergar.

A essas alturas eu não respiro; eu ofego. Os braços fortes agarram a manivela da roda e a giram, e a mulher, antes de pé, fica de lado. Seu cabelo invade o rosto e ela parece torta, mas não grita, nem chora — só olha para ele. Ela é apaixonada por ele. Pelo corpo que irá tocá-la, e pela ideia de ser possuída por ele.

A roda gira outra vez até que ela esteja de cabeça para baixo. Suas pernas estão abertas e sua intimidade, exposta. O Conde dá um passo em sua direção e projeta o quadril para frente. Suas costas

arqueiam, e ele olha para baixo.

Eles se encaixam.

A mulher. Ela está...

Sim, ela está. A mulher engole tudo que ele oferece, e eu quase perco mais uma vez o equilíbrio. Não é apenas a cena de sexo em si o que me leva a perder as forças: é imaginar que um dia amei aquele homem, e sonhei com ele durante anos. Sua força e todas aquelas tatuagens o deixaram irreconhecível. Algo se enrosca dentro do estômago — algo ácido e antigo, como uma ferida que se recusa a sarar. É Erik e não é, ali

O Conde inicia um vai e vem lento e rítmico, as mãos abertas ao lado do corpo como se se entregasse a tudo aquilo sem qualquer censura. Ele, às vezes, segura no cabelo dela e o puxa para ajustá-la; às vezes ele joga a cabeça pra trás, entregue às sensações. Então ele abre as pernas da mulher, encaixa os polegares dentro dela e observa o que ela tem de mais íntimo.

Meu pensamento desencarrila quando ele desce o rosto até o centro de suas coxas e mergulha ali, com língua, nariz, com tudo. Pego ar alto demais, e preciso tapar a boca com as mãos. A mulher serpenteia em movimentos suaves e rítmicos. Ela

está gostando e não faz questão alguma de esconder.

— Meu amo... — ela ronrona, afastando-se das partes íntimas dele com um sorriso safado no canto da boca. — Meu lobo malvado...

Erik ergue o rosto e uiva como um animal. Os uivos ecoam na masmorra, e dou um passo para trás. Os criados riem e a mulher também. Ao mesmo tempo que o terror toma conta de mim, sinto o corpo estalar, ligado. A pele das coxas está arrepiada, a pressão entre elas, insuportável. Por causa do rasgo no vestido que o deixa frouxo, os bicos dos seios, arrepiados, roçam desconfortavelmente no tecido, reagindo de forma anormal. A cena reaviva o que há séculos dorme profundamente em mim. Como e por que, é minha pergunta. Essa mistura de coisas ruins e coisas boas, essa mistura de sensações que me faz ter asco e desejo? Imitando um lobo, entregando-se a um prazer imoral com uma mulher amarrada a uma roda medieval!? Nessa hora a mulher engasga pela pressão do pênis no céu da boca e o larga. O Conde para, quieto por alguns segundos, e temo que tenha sido o meu coração que me entregou.

— O que foi, meu amo? — A mulher pergunta.

— Nada.

E recomeçam tudo outra vez, sem pudores nem pressa. É nojento, grotesco, assustador. Quente e fascinante. Já não sei se corro, fujo ou fico ali. Estou confusa, sentindo a umidade descer entre as pernas. O peito continua subindo e descendo, e apoio a mão na coluna enquanto a outra desliza até as coxas. O Conde agora está debruçado sobre a moça, afundado entre as suas pernas. Suas costas fortes estremecem em um espasmo, e eu coloco a mão sobre minhas partes íntimas.

Erik rosna e a moça solta um soluço engasgado. Minha mão faz pressão ali, na junção entre as pernas. Um pensamento desobediente forma uma imagem: *eu, na roda*. No lugar da moça, à sua mercê. Um suspiro escapa longo e demorado, me esvaziando. A mulher choraminga outra vez e eu acordo. Tiro a mão de cima da saia e chacoalho a cabeça, assustada com o que fiz. Prefiro morrer a acabar ali, e preciso sair desse lugar agora.



ERIK

PERIGOSAS ACHERON

A umidade cobre meu membro e eu fecho os olhos, prendendo o lábio entre os dentes. As sensações são sempre deliciosas. *Isso, garota.* Muito bem.

Sâmia não precisa se mover — ela nem consegue —, só eu entro e saio de sua boca, no ritmo que quero. Preciso admitir que na roda, Sâmia é a melhor. Ela não sente tonturas como as outras, nunca reclama, toca sua vida, não me aborrece com pedidos de carinho. Sâmia é perfeita para a masmorra.

Gosto que ela sorria enquanto me agrada. Quando diz que sou seu lobo. *Meu lobo malvado*, ela diz baixinho enquanto lambe toda a extensão do meu pau. Por isso geralmente sou generoso com ela, e por eu ser generoso, ela retribui.

Mas minha generosidade não é entregue em dinheiro, e sim com a moeda favorita da masmorra: a língua. Pago bem, e mordo também — um extra. Sorvo seu interior, faço-a bater com a cabeça de leve na madeira, pedindo pra gozar. Faço quase tudo com ela porque amo a textura do interior feminino e não me importo que estejam em tempos férteis ou sangrando. Gosto de mulheres, do cheiro delas. Mulheres como Sâmia.

Solto um rosnado de satisfação entre suas

PERIGOSAS ACHERON

pernas. Ela ri, contraindo o corpo, e é nessa hora que ouço, do fundo da masmorra, um soluço. Não mais que um ruído, um engasgo fraco e delicado.

O ruído vem de trás da pilastra. Conheço cada eco e rangido que a masmorra faz, e reconheço gemidos engasgados como ninguém. Sâmia continua o vai e vem rítmico lá embaixo. O sexo, agora que sei que temos visitante, fica especial. *Ela* está com fome e com frio, perdida em um ambiente hostil. Ela viria atrás de mim onde eu estivesse, e eu não poderia estar mais feliz que ela me achou.

— O que foi, meu amo? — Sâmia pergunta, quando percebe que não estou exatamente ali.

— Nada — respondo.

Foram anos de ouvido atento ali embaixo. Anos de mulheres implorando por mais, delirando ausentes em murmúrios de sim's e não's. Viro para trás discretamente, apenas o bastante para que Sâmia não pare, mas o suficiente para que eu veja.

Oh, e eu a vejo.

Sâmia interrompe a lambida e eu a forço a continuar, com a mão em sua cabeça. Não há muitas pilastras, ela só pode estar atrás da principal, perto da saída secundária. Prendo os olhos, pensando no passado. Não queria pensar nisso, mas

são imagens antigas que chegam.

Você foi cruel comigo. Planejo ser cruel com você.

Eu poderia pedir aos criados que a pegassem, por que não? Que a amarrassem e lhe dessem uma lição que ela jamais — *jamais* — esqueceria. Mas a idéia não me seduz. Na verdade, ela me causa mal-estar. *Ninguém toca nela.*

Eu mesmo darei a ela a lição que merece.

Infelizmente o gozo não vem, porque a cabeça se inflamou por algo diferente. Chamo Matteo e Carlo e peço que soltem Sâmia. Ela é colocada sobre a cama, sem entender. Jamais esteve na cama comigo sem ser amarrada. Mas quero marcar a mente de Christine com uma imagem. E na ânsia de chocá-la, esqueço a minha própria regra: a de nunca ser tocado. De maneira bruta, agarro Sâmia pelo quadril e a deito na cama. Sâmia franze a testa, sem entender. Os criados também se entreolham. Essa não se parece com uma das coreografias que executamos noite após noite.

Ajoelho sobre a cama e puxo-a. Coloco-a na beirada, joelhos apoiadas no lençol e bunda empinada. Já não penso mais no meu próprio prazer — não, ao menos, o prazer do sexo em si — mas na

imagem que quero que Christine leve para o quarto, quando voltar. Sexo é poder. É redenção. É o uso de dor para atingir ápices. Sei que na hora certa, Christine gritará como Sâmia vai gritar.

Eu vou quebrar você, Christine. Assim como você me quebrou.

Agarro no cabelo cacheado de Sâmia e a penetro de vez. Sâmia solta um grito longo e gemido. Entro e saio dela, enxergando Christine ali, comigo, de quatro. As mechas loiras escorrem da minha mão durante o devaneio. As curvas delicadas roubam meu ar. Sâmia se contrai, encontrando meu ritmo e se adaptando a ele. Dou um tapa estalado em sua bunda e ela solta um gritinho. Costumo bater nas bandas das nádegas, às vezes usar os chicotes macios, mas elas geralmente sabem o que as esperam. Desta vez a pego de surpresa.

— Vossa Graça, o que...

— Shhh!

Seguro em sua cintura e pressiono-a contra mim, rosnando, entrando e saindo, soltando entre as arremetidas gemidos de prazer e palavrões. Sâmia se espanta no começo, mas então entra na dança: grita e geme frenética. Sente minhas coxas baterem em sua bunda, sente os tapas estalarem na carne. E

PERIGOSAS NACIONAIS

ela grita. Esqueci que ela é do tipo barulhento.

— O que você é? — pergunto em um rosnado arfado, puxando seu cabelo.

— Sou sua!

— Desde quando?

— Desde sempre, meu amo!

Ela grita de olhos fechados, sentindo o próximo orgasmo se aproximar. Sorrio, fechando os olhos. *Terei em breve suas mechas douradas entre os dedos. Sentirei seu perfume outra vez.* Mas não darei nada de mim, como fiz no passado: tomarei tudo que você tem. Talvez até mesmo gostará. Você se surpreenderia como tantas gostam. Não a matarei de dor, mas existem na vida outras formas de morrer.

Sâmia sabe que há algo errado. A ela pouco interessa minha encenação, ela já viu de tudo em sua vida de prostituta em Andaluzia. Já viu amor e ódio, já dormiu com bêbados, membros da nobreza, teve até amores sinceros, por isso sabe dizer o que é verdadeiro e o que não é — e a minha encenação é falsa. Eu estou encenando para os olhos de alguém. Os seus? Não, ela sabe que não, mas para quem seria, então? E no mais, não será ela que pedirá para parar, por isso ela só embala na dança.

PERIGOSAS ACHERON

O êxtase que se aproxima é verdadeiro, ainda que o sexo tenha sido uma farsa. Ainda que sinta o desconforto de tocar em outro corpo, que aquilo oprima parte do peito, um corpo é um corpo, e responde à penetração como sempre faz: com gozo.

A cena é assustadora e brutal. Rio para o alto, uivando outra vez quando uma enxurrada de calor me toma o corpo, os membros, as pernas, e convulsiono em ondas de choque. Fenomenal. Cru, como deve ser.

Sâmia tomba, chacoalhando o corpo em espasmos também.

— Foi inacreditável, Vossa Graça.

Viro-a na cama, seguro seus braços para que não me toquem e me inclino sobre ela.

— Obrigada, senhorita. — E enfio a língua em sua boca.

O beijo é profundo, molhado e faz barulho.

— Você é louco. — Ela ri gostosamente quando a solto.

Levanto e estalo as costas. Olho para os criados, mudos, e aponto para Sâmia. Eles sabem o que fazer. Matteo e Carlo sobem com a moça, que acena alegre. Dois segundos depois, a porta principal se fecha.

PERIGOSAS NACIONAIS

O silêncio recai sobre a masmorra. Uma falta de vozes escura e sombria, livre da vida que enchia o lugar. Ando até a mesa, procurando minhas roupas. Recoloco a calça, me demorando para subi-la. A visão do corpo tatuado faz parte do show. Quero que ela veja o que fiz; o que *ela* fez. Se Christine nunca saiu de Andaluzia, as chances de ter visto uma tatuagem é mínima, e a primeira impressão geralmente é de choque.

Abotoo o último botão, e o silêncio fica ainda mais revelador.

Sei que ela evita até mesmo respirar; posso sentir seu medo e sua tensão. Posso imaginá-la jurando, caso saia dali, que nunca mais vai fugir do quarto. Tudo que ouviu sobre o Conde era verdade; tudo que a horrorizou nas conversas da cidade, presenciou ali. Sua carne treme tanto que eu *ouço*. Ela bate os dentes, de tão nervosa. Vejo com o canto do olho que ela se sentou, abraçou os joelhos e abaixou a cabeça, torcendo para que a escuridão a esconda e algum milagre a tire dali. *Sinto muito, Christine, esse milagre não acontecerá.*

Coloco as botas calmamente, me encaminhando para a saída. Hora de pegar uma lebre fujona.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 15

A cabeça não consegue esquecer o que viu. Ela retorna à mulher exaurida na roda, como se a própria roda se encarregasse de trazê-la de volta sempre que eu afasto a imagem. Como pode ter saído desse lugar sorrindo? Como pode ter gostado de estar... ali?

Nem em mil anos, mesmo se quisesse, conseguiria entender o que vi ali. O estômago reclama outra vez, vazio. A acidez da falta de comida parece corroer não só suas paredes, mas tudo ao redor. Erik é um sádico. Ele se tornou um dominador bruto que em nada lembra o garoto que

PERIGOSAS ACHERON

eu perdi. Nada.

Os ruídos cessam. Ele subiu as escadas? Não ouvi a porta bater outra vez. Levanto o rosto, mal respirando, e me inclino. Não vejo ninguém, ele deve ter ido embora. Levanto sem fazer ruído, apoiando a mão na pilastra. Preciso chegar à torre o mais rápido que conseguir.

Assim que me levanto, mãos se fecham em torno do meu pescoço.

À frente está Erik. Na verdade, só enxergo sua máscara, porque o resto do rosto está imerso no escuro. Abro a boca para gritar, mas suas mãos estão fechadas ao redor do meu pescoço, e meu grito sai engasgado. Suas mandíbulas estão travadas, e a chama azul em seus olhos procura meios de me queimar. Tento afastá-lo, mas ele é mais forte que eu. Minhas pernas mal sustentam o corpo, e o coração bate como se pudesse explodir.

Há algo nele que excede a raiva. Seus olhos correm meu rosto, revirando minhas feições. É inevitável olhar para ele e não chorar, é horrível que nosso reencontro tenha sido, desde o início, uma interminável peça de horror.

Tento afrouxar suas mãos, mas ele parece em transe. Imóvel, perdido em pensamentos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por favor — sai em um engasgo. — Por favor, não me machuque.

A frase o acorda. Ele afrouxa a mão, mas continua com ela no mesmo lugar.

— O que está fazendo aqui? — pergunta ríspido.

Abaixo os olhos, arfando. As lágrimas escorrem pelo rosto e pingam no chão, sobre os pés descalços. — Eu estava procurando comida. E água.

Ele franze os olhos.

— E achou que encontraria comida e água *aqui*?

Um calombo de saliva desce a garganta, e ele sente.

— Achei ter ouvido um gemido. Então descí pra...

— Pra ajudar? — Um canto de sua boca se ergue, e eu me encolho de asco.

— Não! Achei que estivessem torturando alguém!

Erik sorri: — E eu estava. Gostou do que viu?

Subo os olhos só o suficiente para olhá-lo.

— Não.

Os olhos dele descem pelo meu rosto, e não sei

PERIGOSAS ACHERON

dizer se acredita em mim ou não. Passam por minha boca, meu pescoço, pela minha cintura. Descem até ver que eu estou descalça. Então ele balança a cabeça, me recriminando.

— Por favor, me deixe ir — murmuro.

Estou com frio e sede. Envergonhada de ter presenciado uma cena de sexo e o visto nu. Tudo que quero é deitar na cama e emudecer as lembranças. Cortar acesso aos sentidos e desaparecer durante o sono.

— Eu me perdi ... — gemo baixo. — Ouvi barulhos, achei que...

— Você estava tentando fugir, Christine?

Arregalo os olhos e chacoalho a cabeça:

— Não! Não estava!

Ele me olha de lado. Não acredita em mim.

— Você veio até aqui porque achou que pudesse existir uma saída — ele fala.

— Não estava pensando em fugir! — Abaixo os olhos. — Estou descalça, Vossa Graça.

Ele não se move, mas também não insiste. Onde iria sem sapatos? Em silêncio, continua olhando para mim. Parece pensar no que vai fazer, mas não se decide nunca, e eu fico ali, presa pelo pescoço, no aguardo que ele faça algo. Sei que

ouve meu coração batendo, que o sente bombeando sob os dedos na jugular. Ele sabe que estou com medo, mas por razões que ainda não entendo, decide brincar um pouco mais.

— Nem sonhe em vagar pelas planícies desacompanhada, Christine. Você não daria dez passos pela floresta antes de ser cercada por lobos.

Tudo em seu sorriso indica que ele se diverte com o meu terror.

— Mantereí suas palavras em mente, Vossa Graça.

Mais uma vez o toque fica insuportável, e encará-lo, impossível.

— E já que parece estar disposta e curiosa, sinal de que se sente plenamente recuperada da viagem, pedirei que Imelda passe amanhã suas tarefas. Começará os trabalhos arrumando os cômodos do castelo.

É minha vez de me perder em seus olhos, na tentativa vã de entendê-lo. *Onde nos perdemos, Erik?* E em que mundo aceitarei ser sua escrava? Minha vontade é enfrentá-lo, mas não confio nele no momento. E no mais, a máscara na frente do seu rosto funciona como um tipo de repelente, de escudo entre nós. Erik não é Erik, preciso

constantemente me lembrar disso. Seja lá o que aconteceu a ele nos últimos anos, aquilo o mudou.

Além disso, as imagens da noite ainda queimam vivas na mente.

— Aviso, no entanto, que se você fugir, eu mesmo irei atrás de você.

Baixo os olhos em concordância, mirando por falta de opção seu tórax pintado. De perto vejo as imagens despudoradas talhadas na pele, ainda que uma ou outra rosa negra seja visível entre as imagens. Mas sob os desenhos algo não parece normal. Os relevos, as fissuras, a pele engelhada...

— Caçarei você como um cervo, Christine — ele diz baixo, me acordando do terror. Subo os olhos, horrorizada pelo que fizeram com sua pele. — Eu a trarei para cá à força, e passará a trabalhar aqui embaixo. Comigo.

Sinto a bile subir à boca.

— Por que está fazendo isso, Erik? — Minha pergunta não é mais que um fiapo de voz solto no escuro. — O que fiz a você para querer me ferir?

— Ferir? — ele repete. — Você não sabe o que é ser ferida.

Ele finalmente me larga. Dou um passo pra trás, sentindo o acre da saliva se misturar ao odor de

PERIGOSAS NACIONAIS

suor e sexo que ele exala. A sensação é de que vou vomitar.

— O que eu te fiz? — pergunto com a mão na garganta dolorida. — Por que fez aquilo comigo em Andaluzia?

Mas Erik me dá as costas e anda a passos largos para as escadas.

— Por que estou aqui?! — grito em uma última tentativa de obter respostas, a voz se elevando à medida que ele sobe as escadas.

— Um gesto de misericórdia, senhora, nada mais — ele responde rude, sumindo na escuridão assim como chegou: ao som de botas martelando o chão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 16

Retorno ao quarto com o coração estalando surdo no ouvido. As mãos tremem quando fecho a porta e encosto o corpo contra a madeira. Está tão frio ali dentro que meus dentes batem uns nos outros, mas talvez batam porque a cabeça continua mandando imagens dos últimos minutos na masmorra: o sexo, a luxúria, a agressão desmedida contra mim. Que aquele homem seja Erik é uma afronta às minhas memórias. Eu desejaria do fundo do peito não ter sentido um dia sua falta. Enquanto eu sofria, ele estava ali: sendo essa pessoa horrível que se tornou.

Caminho entre soluços até a cama e me sento,
PERIGOSAS ACHERON

sem forças. O que aconteceu nos dois últimos dias não faz sentido. É claro que Erik me odeia, mas por quê? Por que não me deixa ir embora então? Sumir?

Mas escapar para onde? Para quem?

Tombo sobre o lençol frio. Mal fecho os olhos, ouço baterem à porta.

A vontade é mandar embora. É gritar de raiva. Mas ouço a batida outra vez e levanto, com medo de estar desobedecendo alguma regra idiota sem saber. Ao abrir a porta, vejo algo reluzir no chão. Está escuro para ver o que tem ali, mas ao abaixar vejo uma bandeja prateada, e sobre ela, um pêssgo, um pedaço de pão e uma moringa de água. Olho para as escadas. Ninguém. Arrasto a bandeja para dentro do quarto e, sentada no chão, avanço sobre a comida e a água.

Deus, eu estava com tanta fome.

As imagens da orgia dão lugar ao puro prazer. O pêssgo está doce e succulento, e o caldo escorre do canto da boca. Os corpos em transe, o encaixe de Eric, o ardor que revira olhos e enlouquece as mãos. *Pare, Christine.*

Saciada da fome e da sede, deito na cama abraçando os joelhos, ouvindo de longe os gemidos

lacônicos e a entrega completa da mulher na roda. Quero odiar cada segundo visto, mas é o corpo que queima como se em brasa que acaba me aquecendo durante a noite e me salva do frio.



Sei que amanheceu porque os pássaros cantam. Quando abro os olhos, me deparo com a figura atarracada de Imelda à minha espera. A mucama tem a cara de quem chupou um limão e eu nem arrisco dar bom dia. *Por que ela está ali?* Mas então a memória chega e eu lembro do que fiz. Ela está brava por eu ter desobedecido suas ordens e saído do quarto.

— Levante-se — ela resmunga.

Sento na cama, zonza. Gostaria de perguntar se ela foi repreendida por ter deixado a porta destrancada, mas engulo a vontade. Imelda não parece muito 'disposta', para colocar sua fúria em termos brandos.

— Georgette, Antônio — ela grita por trás dos ombros, e duas mulheres aparecem carregando um tacho de madeira cheio de água. Elas colocam com

esforço a tina no canto do quarto, passando curiosas os olhos por mim.

— Coloquem a toalha e o sabão sobre a mesa — a senhora ordena, e as duas correm apressadas para obedecê-la. A moça loira coloca uma toalha de linho e um sabão amarelado sobre a madeira e volta até a amiga, no aguardo de mais ordens. Imelda grunhe algo que eu entendo como "hora do banho", coloca um embrulho sobre minha cama e sai do quarto, ao lado das duas.

Assim que a porta bate, exalo, cansada. Parece que mil coisas aconteceram desde que abri os olhos, um minuto atrás. Tiro-me do vestido fedorento e entro na tina, esfregando a pele. As marcas das correntes estão menos vermelhas, e doem apenas se eu tocá-las. Tento não pensar que a partir de agora sou uma criada, assim como as moças que trouxeram a tina; que precisarei ver Erik passar por mim e fingir que não fui comprada como um animal. Quando penso no que suportei desde aquela noite no teatro — e, se estendo o pensamento até os anos de raiva ao lado de Raul —, concluo que não há motivo para acreditar que algo bom me espera de agora em diante. É injusto, triste, desesperador. Uma vida desperdiçada. Mas é

o que vejo no horizonte para mim.

Após o banho, abro o envelope de tecido sobre a cama. Dentro dele há um vestido simples e um par de sapatos, meias e roupas íntimas. Não saberia dizer o que sinto ao ver a peça de roupa. Ela é a materialização de minha permanência em Orr. A confirmação do pesadelo.

Já vestida, olho pela janela o campo verde, iluminado pelo sol. Sinto mais uma vez como se estivesse dentro de um sonho ruim. De dia, Orr é bem diferente do breu pouco convidativo da noite, onde palavras como "lobos" e "caça" me assustaram; decido que se fugir será de dia. Pela porta da frente, quando eles menos esperarem.

Desço as escadas e encontro Imelda na cozinha. Ela me passa as tarefas, mostra onde ficam as roupas de cama e os materiais de limpeza. Diz a que horas devo entrar e sair de cada cômodo para não interromper reuniões, ou me deparar com o Conde.

— O Conde não encontra serviçais pelo castelo, estamos entendidas?

Balanço a cabeça que sim.

— Juro que não entendo por que está aqui — ela resmunga. — Dou conta de tudo sozinha,

sempre dei. Ele nunca colocou ninguém aqui dentro.

Guardo para mim que o Conde um dia foi apenas um rapaz, e que durante meses trocou comigo juras de amor. Mas isso foi em outra era, em outro lugar. Colocar-me no castelo apenas parecia ajuda humanitária; a verdade é que o gesto não passava de desprezo e humilhação.

Com as tarefas dadas, começo o trabalho. As horas passam morosas enquanto engomo fronhas, dobro lençóis, limpo quartos. Não chego perto dos aposentos do Conde, Imelda jamais permitiria e eu jamais seguiria, em pleno juízo de minhas capacidades, naquela direção. Mas enquanto o corpo aguenta o fardo, a cabeça sucumbe.

O problema dos trabalhos manuais é que eles deixam a mente livre para vaguear, e a minha vagueia pela masmorra. Se abro os olhos, vejo o corpo bem delineado de Erik, arremetendo contra a boca da mulher. Se fecho os olhos, as imagens acendem-se como tochas por trás das pálpebras, quentes e eróticas, e odeio que de ambas as formas elas mexam horivelmente comigo.

Quando desabo na cama aquela noite, a vida antiga de cafés e restaurantes chiques de Andaluzia

PERIGOSAS NACIONAIS

parecem fazer parte de outra existência. Uma miragem que nunca existiu. O corpo lateja, dolorido, e o cansaço é forte demais para dar chance à reclamação. A única imagem que vem antes que me entregue à escuridão completa é a de um corpo perfeito marcado por tinta. Na mente, Erik é um devasso agressivo que merece meu desprezo, mas para o corpo, ele é outra coisa. Quero achá-lo repelente, quero sentir asco, mas o comichão na altura do estômago diz o contrário. Como pode a carne sentir desejo por um monstro?

Sem respostas, adormeço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 17

— NÃÃÃO! — o rosnado de Raul ecoa pelos corredores da prefeitura. — Não, não e não!!!

Zapata dá um passo para trás. O prefeito bate com as mãos sobre a mesa e lança com fúria a pilha de papéis no chão.

— Ela não pode ter ido com ele!

— Mas, Senhor... — Zapata tenta, não sem uma boa dose de esforço, entender o raciocínio de Raul Santiago. — O que deveríamos ter feito, depois do açoite?

Raul havia sido desmoralizado em público, sua reputação manchada e sua honra ferida. Ele mesmo

PERIGOSAS ACHERON

fez justiça com as próprias mãos, surrando a esposa traidora. Por que estaria tão possuído ao saber que o Conde a levou para Orr? Deveria estar satisfeito por ter se livrado da maldita. Parei aqui

— Ela não é um animal! — ele grita ,encarando o oficial. — Ela pecou, ela errou, ela fez algo digno das chibatadas que levou, mas ela era *minha* esposa! — Seu rosto está vermelho e os olhos, injetados — Ela nunca podia ter sido vendida, Zapata! Nunca! — ele grita, cuspiendo ao redor.

— Bem, senhor... — Zapata tenta trazer alguma lógica à sandice. — O senhor tampouco poderia te-la açoitado em público, de correntes, e sem o veredito popular. O que fiz foi para protegê-lo.

— Proteger a mim? — A ira de Raul se volta contra o homem. — A mim??? Acha que não sei o que me esperava? — Ele bate no peito. — Como desejei nos próximos dias que viessem me buscar e me punir pelo que fiz?

Zapata ajeita a peruca, tentando não ofender o prefeito com o seu profundo descaso. A verdade é que não liga para o drama, e quer ir embora.

Mas Raul liga. Ele começa a chorar, e Zapata olha para a porta, incomodado, querendo sair dali.

— Eu era...— Raul soluça. — Eu sou louco por ela...

Raul apoia as mãos na mesa e abaixa a cabeça. — Ela é minha esposa. Minha companheira fiel e virtuosa há quase duas décadas.

Virtuosa? Zapata confere o sapato, descobrindo desanimado que os criados não o engraxaram direito. Virtude para ele tem outro significado.

E enquanto Raul chora dizendo algo sobre como eles eram próximos e haviam sido irmãos antes de serem casados, Zapata lembra das visitas dos Santiago — tanto pai quanto filho — aos bordeis de luxo do bairro proibido. Todo esse drama sentimental não enganava ninguém. O senso de virtude do prefeito não é apenas falho; ele estava em completo desarranjo com a realidade (e com o seu cargo).

— Eu não sou o mesmo desde que ela partiu. — Raul olha com os olhos inchados para um lugar qualquer da sala. — Eu não sabia que me sentiria tão... vazio. — Ele balança a cabeça, confuso. — Ela foi seduzida por ele, Zapata. Enfeitiçada!

Até parece, Zapata pensa, balançando a cabeça em concordância.

— Correm rumores na cidade sobre aquele

homem. — O prefeito sobe os olhos, e Zapata finge prestar atenção. — Ninguém sabe direito quem ele é, ou o que faz... E sua fascinação por prostitutas? Isso o torna um membro da nobreza extremamente suspeito, não?

Diferentemente de Raul, Zapata enxerga a ironia da frase.

— Acha que ele a colocará para trabalhar nas ruas de Orr? — Raul arregala os olhos, como se o pensamento só tivesse lhe ocorrido agora.

— Não sei, senhor.

Raul arrasta as unhas pela cabeça, o desespero fazendo talhos no couro cabeludo. Sua roupa está amarrotada e fedida, e o hálito incendiaria o prédio, caso tivesse contato com fogo. Ele larga os cabelos, agora em pé, e olha para Zapata como se tivesse tido uma ideia.

— Ajude-me a elaborar uma carta — ele pede ao oficial. — O Conde precisa saber que não pode adquirir uma excluída sem veredito popular! Ele precisa me devolver Christine!

— Raul, por favor — Zapata pondera. — O que fará com ela em Andaluzia, senhor? Nenhuma senhora, nenhum homem digno da cidade a olhará outra vez, ou a receberá em sua casa. Christine está

marcada na cidade.

Por algum tempo ele e um desesperado Raul se entreolham. Os olhos do prefeito estão erráticos, inchados e vermelhos. Olham para Zapata, mas não o vêem. Zapata tem dúvidas sobre o quanto Raul está pensando no bem estar da mulher. Ele não quer perder sua propriedade, é compreensível.

— Pense no desgosto que dará a seus pais caso sua senhora retorne. — Zapata adiciona de forma tranquila, como quem fala com uma criança no limite da explosão. — Pense em como ficaria sua carreira política depois dessa história...

Raul volta a chacoalhar os ombros, cedendo a um choro sentido.

— Sinto tanto sua falta.

Zapata olha para a porta outra vez. Será que se sair sem se despedir, Raul se lembrará no outro dia?

— Emílio! — O grito de Raul faz Zapata saltar no lugar. — Emílio!!

O assessor de Raul chega correndo à sala.

— Quero que redija uma carta — Raul fala, limpando os olhos com as costas das mãos. — Que escreva, na verdade, duas cartas.

Zapata o olha sem entender. Duas?

— Enderece uma ao condado de Orr. Diga ao Conde que ele está com a minha esposa, adquirida por engano como prostituta. Diga que eu a quero de volta. Que estou enviando ao rei a mesma petição. Isso não lhe dará qualquer chance de questionamento. Mas não escreva essa última frase.

Emílio começa a tomar notas.

— Quanto à carta para o rei, informe que minha esposa, Christine Santiago, foi punida por questões pessoais e levada para Orr sem minha autorização, e sem julgamento popular. Quero que ele providencie uma intermediação. Não, espere. Seja mais enfático. — Raul balança o dedo, pensativo. — Diga que em alguns dias marcharemos para Orr, eu e um grupo da guarda Andaluzenha, e que iremos resgatar Christine. Não é um "ataque", apenas uma precaução de que a traremos de volta sem maiores dores de cabeça. Ela não é uma prostituta, ela é minha esposa. Ela errou e pagou por isso: fim da questão. Entendido?

Emílio afirma que sim, ainda rabiscando as palavras do prefeito no papel.

Raul vira-se para Zapata: — Ela não é propriedade de Orr.

Zapata olha para Raul e algo se acende por trás

de seus olhos. Orr e Andaluzia nunca foram cidades amigas, e evitaram-se durante anos. As relações de Orr com o rei são um mistério, mas agora, com motivos, Andaluzia pode ter algo a ganhar.

Emilio deixa a sala, e Raul exala, como se um peso tivesse sido tirado de seus ombros.

— Orr sempre dando trabalho. Devíamos ter invadido aquele buraco há tempos — o prefeito desabafa.

Zapata puxa uma cadeira.

— Talvez essa seja realmente a hora, senhor. Por que não conversamos melhor sobre isso?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 18

A primeira vez que nos encontramos depois do incidente da masmorra, estou de quatro no chão. Ajoelhada, limpando um dos inúmeros corredores do castelo. Sei que é ele quem está vindo pelo som das botas. Ouço seus passos à noite, antes de me recolher, e nas primeiras horas da manhã quando ele deixa o castelo rumo à vila. Sei que ele se aproxima e preciso do dobro de concentração para continuar esfregando o chão e não olhar. Mil vezes me perguntei como reagiria quando o visse, e, bem, a reação está ali: bambeando os braços e contraindo o estômago, como se estivesse doente. Ainda sinto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seus dedos ao redor do meu pescoço quando fecho os olhos e volto à masmorra. Algo ácido sobe à boca, e eu intensifico os movimentos de esfregação.

Sua reação ao me ver é parar. Os sons das botas se extinguem, e segundos de silêncio absoluto recaem sobre nós.

Então, ele recomeça a andar com passos lentos, quase cautelosos.

— Boa tarde.

Intensifico a esfregação.

— Como estão as costas?

Paro de esfregar a madeira e respondo para as suas botas:

— Não doem mais.

Ele continua parado ao lado, me fazendo sentir vergonha pela posição, pelas roupas encardidas e pelo lenço no cabelo. Na hora certa eu devolveria cada segundo de terror que me fez passar. Cada indecência que fez na minha frente, e que despertou sensações indecorosas e anormais em mim. Fugiria dali, e tanto Orr quanto Andaluzia nunca mais ouviriam falar de mim. Mas essa não é a hora.

Como ele não demonstra interesse em continuar seu caminho, volto a esfregar o chão.

— E o pescoço?

PERIGOSAS ACHERON

Um fio de eletricidade se espalha da nuca em direção aos membros, e termina em um nó de ódio na base do estômago.

— Por sorte, inteiro.

Não espero que ele se desculpe, e ele não se desculpa. Ele dá meia-volta e retorna de onde veio, com passos ainda mais duros. Esse é o primeiro e único encontro durante a semana, e rezo naquele instante para que não haja outros.

Por sorte, dias se passam sem que eu o veja.

É durante uma noite tranquila, enquanto janto na cozinha, que volto a ouvir do Conde. Imelda e Leander, o cocheiro, sentam-se ao meu lado, cada um com seu prato de sopa. Não é raro que se juntem a mim durante a janta, mas na grande maioria das vezes não trocamos mais que duas palavras. Eles tomam seus lugares em silêncio e eu continuo a comer de cabeça baixa, sem tentar entender do que é feita a sopa ou se gosto dela ou não. Mas embora não queira conversar com eles, sinto falta de conversas. Tentei puxar assunto com as criadas que ajudam Imelda, mas elas me ignoraram. Vejo-as entrarem mudas e saírem caladas no castelo, mas assim que deixam as premissas, conversam animadamente — quase de

PERIGOSAS NACIONAIS

maneira vulgar — a caminho da vila. Da janela do meu quarto posso vê-las saudar as outras mulheres ao longe, e trocarem gargalhadas tão altas que os ecos são ouvidos na torre. Sei que foram proibidas de falar comigo, o que torna a tortura de estar ali ainda pior — e a certeza de que preciso fugir, maior.

— Ainda pensando muito no passado, senhora?

— Leander me traz de volta.

— Certamente que não, senhor.

— Então anda pensando no futuro — Imelda resmunga.

— Não sabia que era proibido pensar.

Leander olha com o canto dos olhos para Imelda, e volta a comer, em silêncio.

— Não é — a mulher responde. — Mas mostra que não está com a cabeça aqui. No serviço.

Continuo a tomar a sopa em silêncio. Longe de passar pelo passado e me aventurar no futuro, meus pensamentos são bastante presentes, e frequentes. Neles eu saio para ajudar a lavar a roupa em um riacho próximo, e de lá desapareço. Sob as roupas sujas, levo uma pele para me proteger do frio. Na cintura, uma faca que já roubei da cozinha.

Leander interrompe meus pensamentos:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe perguntar, senhora. Mas como estão as costas? Ainda doem?

— Não. Passou.

— Eu tratei das costas dela — Imelda se mete outra vez. — É claro que estariam boas.

— Você não viu a força com que o prefeito desceu as correntes sobre ela.

Imelda larga a colher, que faz barulho na borda da tigela.

— Não vi nela nada mais grave do que vi nas outras. A diferença é que as outras não estão aqui para fazerem-se de coitadas.

É minha vez de largar a colher na tigela e encarar a mulher.

— Não me recordo de ter reclamado das costas — digo calmamente. — E se dependesse de minha vontade, estaria longe desse lugar.

Leander abaixa a cabeça, emendando:

— Ela não era prostituta, Imelda.

Exalo, sabendo que basta o mínimo dos comentários para inflamar a governanta.

— Bem, se foi açoitada, agiu como uma. Aliás, por que o prefeito bateria em uma condenada? Não existe uma fila de capatazes dispostos a fazer o serviço? — ela resmunga.

PERIGOSAS ACHERON

A fome pode ter passado, mas o ímpeto de rebater, não.

— O prefeito era o meu marido. Ele jamais deixaria alguém encostar a mão em mim; essa era uma maldade que cozinhava há anos em seu peito. Quando dei a oportunidade, ele a usou.

Por segundos intermináveis Imelda olha para mim — ou para o vulto que acredita ser eu.

— ... e por que razão ele...

Leander prende a respiração no peito, com medo de que eu conte. Oras, é claro que eu conto.

— Porque Sua Graça, o digníssimo Conde de Orr, armou uma armadilha para mim — olho para Leander, para que fique claro que sei que ele estava envolvido: — ... com a ajuda de seu servo, claro.

Leander abaixa a cabeça, e Imelda fecha a cara. Eu continuo porque nada nesse mundo me faria parar agora:

— ... Ele me levou para trás das cortinas do teatro, disse coisas inimagináveis no meu ouvido, e assim que me rendi aos seus encantos e o beijei, as cortinas se abriram. Meu marido e toda Andaluzia nos viram juntos. Esse foi o meu crime.

Imelda para de balançar a cabeça e cai em um profundo silêncio, como se até mesmo seus

pensamentos tivessem emudecido. Ela claramente não esperava ouvir aquilo. Leander também emudece, e só eu volto a comer.

— Sinto muito, senhora — Leander diz, cabisbaixo.

Seus pedidos de desculpa não me interessam, como não me interessa mais falar do assunto. Por razões que ainda não entendo, a saída de Andaluzia, embora catastrófica, trouxe menos dor que as correntadas na pele. Trouxeram na verdade um misto de sentimentos. Alívio e liberdade. Distância da vida triste que levei por tempo demais, embora tenha sido repostada por outra, igualmente ruim. Mas daqui eu posso fugir; de lá eu não conseguia.

— Só não entendo por que fui trazida para cá — continuo. — Se ele queria me prejudicar, conseguiu. Eu estava na sarjeta, fui escoltada para fora da cidade.

— Talvez ele tenha se apiedado, senhora — Leander murmura.

— Leander — Imelda ralha. Ela condena o criado, mas assim como ele, está curiosa. Não me esqueci da cara que fez quando descobriu meu nome. Ela sabe de coisas que eu não sei, e pretendo

PERIGOSAS NACIONAIS

descobrir.

— Piedade? — Remexo a sopa, sem apetite. — Não acho que o Conde tenha um coração.

Os dois não dizem nada.

— Ele tem — Imelda diz depois de um tempo. — Um remendado, mas tem.

Sinto ímpeto de dizer que conheci o homem que ele foi *antes*, mas guardo a informação. Talvez não seja a hora de dizer a eles tudo que sei.

— Sinto dificuldades em acreditar — digo. — É tudo um grande mistério. A máscara, suas motivações, as prostitutas que traz de Andaluzia para cá...

Olho com o canto dos olhos para os dois. Leander volta a comer, mas Imelda continua imóvel.

— A senhora é uma criada nessa casa. Contenha sua curiosidade.

— Se fui trazida para cá como uma prostituta, eventualmente não precisarei saber o que ele deseja com elas?

— A senhora não é uma prostituta!

— Só por que ele me colocou aqui dentro, e não na vila? Fui comprada e arrastada para Orr, exatamente como ele faz com elas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Imelda está perdendo a paciência e eu entendo que estou entrando em águas perigosas. Sei muito bem o que o Conde faz — em parte — com as mulheres que vêm para cá, mas por outro lado, isso não parece ser tudo. Essas mulheres estão bem. Estão fortes, animadas, e ocupam a vila às dezenas. Elas passam cavalgando e somem, às vezes por horas, enquanto ouço tiros serem disparados. Não sei se elas têm algo a ver com isso, mas definitivamente elas não estão ali apenas para saciar o Conde devasso. Ou o Conde é vinte vezes mais devasso do que imagino ser.

— Talvez não vá gostar quando ele a enxergar como uma — Imelda provoca.

— Quando ele me enxergar como uma o quê? Prostituta? Ele já fez isso! Quando me humilhou em público, assegurou-se de que todos me vissem assim também.

— Certamente ele não tem em vista para a senhora o que tem para as outras. — Imelda sobe ligeiramente o tom, e sei que em breve sairá de sua boca algo útil.

— Não sei. Por que outro motivo me colocaria tão perto de onde as recebe, à noite?

Leander engasga, e Imelda se inflama. Como

PERIGOSAS ACHERON

sei das masmorras? Terão que se esforçar para descobrir.

Como imaginava, Imelda explode:

— A senhora mal tem carne no corpo! É pequena de dar dó, e magra além do reparo! Certamente tombaria sob um sopro mais forte do vento. Para as exigências do Conde, a senhora é uma imprestável!

— Desde quando um homem com desejos insaciáveis olha para um só formato de corpo? Não sei de que maneira a "falta de carne" o impediria de...

— Do que está falando? — Imelda me interrompe, ríspida. — E como ousa chamá-lo de insaciável?? Orr está sob ataque, precisa de defesa! O que acha que Sua Graça faz com as mulheres?

Leander olha para cima, como se pedisse ao teto proteção. No momento, estou verdadeiramente chocada.

— Como assim, o que as prostitutas de Andaluzia e as defesas de Orr têm a ver com...

Leander me interrompe.

— Senhora, acredito que esteja confundindo duas coisas — distintas, sim, mas não necessariamente excludentes. Os rumores que

PERIGOSAS NACIONAIS

ouviu sobre o Conde são verdadeiros. Mas o Conde não traz as mulheres para cá apenas para questões, digamos... corporais.

— Leander, cale-se agora. — Imelda afasta a tigela, e a sopa derrama sobre a borda.

— Ela está aqui, Imelda. Ela verá tudo, uma hora ou outra.

— Verei o quê? — pergunto, sentindo fagulhas estalarem no estômago.

Leander limpa a garganta e abaixa o tom de VOZ:

— O Conde valoriza mais as mulheres do que lhe dá crédito.

Céus. Tapo a boca, mas o riso escapa entre os dedos. Sim, temos aqui um grande benfeitor. Ele arremata mulheres em Andaluzia, as transforma em força de trabalho e à noite deita-se com elas, sem precisar pagar pelos serviços.

— Fazendo-as trabalhar de graça para ele?

— Para Orr! — Imelda bate a mão sobre a mesa. Leander continua, a despeito da ira da mulher:

— Ele tem muito respeito por elas.

— Transformando-as em mão de obra escrava?

— Não. Em guerreiras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus olhos arregalam.

— Como é?

— Elas são o exército de Orr.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 19

Saio do castelo sem me preocupar em esconder meus rastros, ou que alguém pense que estou fugindo. Na verdade, saio com uma só ideia na cabeça: ver se o que me disseram é verdade. A informação de que Orr transforma as prostitutas de Andaluzia em soldados é fascinante e inacreditável. Só de pensar no que Zapata ou Raul — ou qualquer outro homem que açoitou, mutilou e expulsou aquelas mulheres — pensaria quando soubesse disso me faz rir sozinha. Preciso ver com os meus próprios olhos o que é essa vila, como elas são, quem as treina. Por quê? Não sei. Talvez porque a

PERIGOSAS ACHERON

ideia de que podemos lutar é tão absurda que só acreditarei vendo.

Atravesso os jardins do castelo abraçada ao xale, escondida pela escuridão. Sigo o caminho das luminárias até as primeiras ruas do vilarejo sem saber o que procurar. Um aglomerado de pessoas? Um centro de treinamento? A rua está vazia, e a temperatura, baixa. A rua de pedra está envolta em uma neblina fraca, típica das noites daqui, e as luminárias dos postes parecem rodeadas por halos. Sigo o zunido de gente e chego a uma taverna.

Olho através do vidro, tentando enxergar alguma coisa, e vejo que tem gente ali dentro. Luto contra a vontade de entrar e a necessidade de voltar para o meu quarto. Ouço risadas, e a necessidade se rende. Há quanto tempo não ouço risadas?

Duas mulheres param ao meu lado.

— Vai entrar? — perguntam, e eu dou um passo para o lado.

Elas abrem a porta e o calor chega até nós esfumaçado e doce, como o cheiro de bebida misturado ao suor. A música que era apenas um zumbido fica alta, assim como as risadas. Elas seguram a porta e olham para mim. Olho para elas — para os sorrisos leves, as calças ao invés de

saías, os cabelo soltos e rebeldes — e acabo não respondendo por pura surpresa. Elas dão de ombro e entram, e a porta bate. Assim que ela se fecha, estou novamente no escuro e no silêncio.

Ajeito o xale ao redor dos ombros e solto o cabelo. Engulo em seco e abro a porta, sem pensar demais. O barulho de vozes e risadas é ensurdecedor. Grupos de mulheres conversam ao redor das mesas, na frente de copos de vidro cheios de um líquido dourado e espumante. Ninguém realmente nota ou estranha minha chegada, talvez só uma ou outra erga os olhos e me inspecione sem muito interesse. Algumas estão sentadas nos colos de homens que parecem se divertir o mesmo tanto que elas. Ao mesmo tempo que me espanto e me pergunto que raio de sociedade existe ali, me fascina o fato dessa mesma sociedade existir. Talvez eu jamais tivesse prestado atenção às pequenas coisas que estou vendo — a bebida liberada, as conversas sem freios, o flerte livre com os homens —, mas agora que estou aqui, algo fica claro. Uma cidade que transforma suas mulheres em soldados não pode lhes negar mais nada. Elas são *livres*.

— Olá, benzinho. — Uma senhora de seios

fartos e decote avantajado para ao meu lado. Ela traz oito canecas nas mãos pelas alças — uma em cada dedo — e me olha de cima a baixo. — Onde vai se sentar? Ajeite-se que já venho lhe atender.

Acompanho ela se afastar e tombar os copos sobre uma mesa, entornando a espuma da bebida sobre a borda. Ela enfia o dinheiro que lhe entregam entre os seios, recolhe as canecas vazias e responde a gracejos como se falassem com amigas. Depois que deixa as canecas no balcão, caminha em minha direção, enxugando os dedos no avental.

— Tem uma mesa mais ao fundo, se não quiser ficar aqui perto da porta.

Meus pés a seguem enquanto ela vai abrindo caminho entre as mulheres e alguns homens. Embora não devesse estar ali, estou contaminada pelo sentimento ébrio de liberdade. Ela indica a mesa e eu me sento, me encolhendo no canto mais escuro do local. Não tinha a menor intenção de me sentar, muito menos de ficar, mas o que são alguns minutos em comparação com a noite interminável e solitária na torre gelada?

— Ora ora, o que temos aqui? — Uma loira de cabelo cacheado para na minha frente. Ela traça calças e uma blusa de tecido fino, e o rosto

maquiado traz a expressão de surpresa legítima. Sem o vestido simples e a touca no cabelo, quase não a reconheço.

— Georgette?

— O que está fazendo aqui, Christine?

— Eu... segui o barulho. — Rio de mim mesma, sem acreditar que estou mesmo ali. O sorriso logo vira uma careta: — A verdade é que não sei o que estou fazendo aqui.

— O Conde sabe que saiu do castelo?

Balanço a cabeça que não. — Mas por favor, não estou pensando em fugir, nem nada. Eu só estou surpresa que tenha achado um lugar assim na vila. Como o que achei aqui.

Ela pausa por um instante, pensando no que disse. Então puxa uma cadeira e se senta na minha frente.

— Eu sei — ela confidencia. — Eu também sou nova aqui, e tive a maior surpresa da minha vida assim que cheguei. Mas, senhorita, Orr é real.

A servente nos traz uma cerveja, e recuso por não poder pagar. Georgette, que havia recebido seu primeiro soldo semanal, se oferece para pagar a cerveja para mim. Aceito, satisfeita por estar ali naquela situação extraordinária. Ela sorri para o

PERIGOSAS NACIONAIS

copo, orgulhosa por ter pago por ele, e me incentivava a brindar.

— A Orr.

— A Orr. — Os copos se chocam, e eu levo a caneca pesada à boca. Dou o primeiro gole e arregalo os olhos: — É amargo!

— Sim! — ela vibra comigo. — Me falaram que é melhor no outono, quando os barris esfriam, mas do jeito que está, está bom.

Brindamos novamente. Ela, plenamente satisfeita; eu, estranhamente surpresa.

— Eu não imaginava nada disso — digo em confidência. — Na verdade, achava que as mulheres trazidas para cá eram mortas.

Ela balança a cabeça:

— Cheguei a achar isso também. Você achou as roupas ensanguentadas, não foi?

Balanço a cabeça que sim, espantada por ela também tê-las visto.

— Algumas de nós chegam bem machucadas aqui. Jogamos todas as roupas que trazemos de Andaluzia fora. Uma vez por semana um carroceiro passa e as leva para queimar. Algumas mulheres o acompanham, e observam a queima até que não tenha sobrado nada da vida anterior.

PERIGOSAS ACHERON

Volto a ficar séria, pensando em como entendi tudo errado. Uma ideia, no entanto, vai se formando na cabeça. Georgette está aqui, e sabe mais que eu sobre Orr. Talvez não tudo, mas pode me ajudar a descobrir um pouco mais sobre esse lugar. E sobre Erik.

— Quer dizer que todas as mulheres que vêm para cá aprendem a lutar?

— Sim.

— Mas como...? E por quê?

— Ora, senhorita, o Conde está formando um exército — ela responde com os olhos nos meus.

Não precisamos trocar mais palavras sobre isso. Orr e Andaluzia sempre foram cidades inimigas, e um exército motivado por vingança é um exército determinado.

— Quem de nós não odeia aquela cidade, não é mesmo? — ela conclui, como se tivesse lido meus pensamentos.

Faço que sim. *Quem de nós não odeia aquela cidade?*

Pouso a cerveja na mesa, cautelosa quanto às perguntas seguintes: — E quanto aos homens? O Conde não costuma buscar homens na cidade?

— Ouvi dizer que ele é muito seletivo com os

criminosos que traz para cá. Se forem crimes brandos, como roubo, ou desavenças políticas, ele oferece uma chance de virem para Orr. Mas se forem assassinos ou cruéis com mulheres, ele não os traz.

— Ele quer o monopólio da crueldade — comento, amarga.

Georgette arregala os olhos.

— Crueldade? — Ela leva a caneca à boca, pensativa. Então, como se entendesse a frase a seu modo, pisca maliciosa: — Oh, claro. A "crueldade." Conhecemos bem sua "crueldade".

Abro a boca para corrigi-la, mas vejo que surgiu uma ruga em sua testa.

— Desculpe ser tão direta, Christine, mas tem uma coisa que eu e Antônio não entendemos. É a masmorra que a está mantendo no castelo por tanto tempo, não é?

Vejo um sorriso malicioso iluminar seu rosto.

— Isso é sinal de que ele gostou de você.

Um calafrio percorre meus nervos. Ela acha que estou por lá porque estou sendo levada à noite para o calabouço dos horrores?? *Deus, não. Imagine!*

Mas ao mesmo tempo, sei o que fazem ali, e acho que Georgette pode me ajudar a descobrir

uma ou duas coisas sobre Erik.

— Sim — respondo sem jeito. — É a masmorra.

— Sortuda. — Ela dá um gole em sua bebida, com os olhos perdidos. Memórias deliciosas parecem cruzar sua mente.

Ajeito o cabelo, tentando parecer desinteressada: — Muito sortuda... Ainda mais com aqueles dois homens, os que auxiliam o Conde em tudo...

Georgette arregala os olhos.

— Eu quase desmaiei quando vi! — Ela tampa a boca com as mãos, nem um pouco preocupada em contar tudo, afinal, para ela, estamos confidenciando coisas que ambas fizemos. — Perguntei ao redor por que eles estão ali, se na verdade não podem fazer sexo.

— Não podem? Como assim?

Por que estariam ali, se não pudessem?

— Christine, você é hilária! Vai dizer que não notou que eles não têm...

Ela olha para baixo, e eu não entendo.

— Que eles não têm o quê? — pergunto, sem ideia do que ela está falando.

Ela balança a cabeça e estala a língua:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mais uma vez, Andaluzia. A bela e casta cidade que expulsa seus párias também faz suas maldades... A general Myrtes disse que Carlo e Matteo foram castrados quando ameaçaram contar ao povo o que andavam fazendo nas cadeias da cidade. É isso que fazem com dissidentes naquele lugar.

Ela faz um gesto de corte e olha para a virilha.

Minha mão escorrega da mesa para as coxas, e o xale cai dos ombros. Aqueles homens foram *castrados*?

— Quando o Conde nos leva para a masmorra, deixa que os dois nos dêem "tratos extras". Por nós, por eles, não sei. Acho que faz isso por um misto de piedade e pimenta; talvez porque queira nos dar algum contato físico, já que ele tem essa coisa de que não podemos tocá-lo.

Concordo com ela, mas então sua última frase me faz parar. Por que Erik não gostaria que o tocassem? Quero perguntar o porquê, mas preciso perguntar no tom certo, ou ela saberá que nunca estive com ele.

— E por que você acha que ele tem... essa... *mania*?

Meu coração bate em agonia.

PERIGOSAS ACHERON

— Céus, Christine. — Ela me olha com uma careta. — Como assim, por quê? Você foi vendada, ou sedada na hora?

— Vendada — confirmo. Eu inventaria qualquer mentira na vida a essas alturas para saber mais.

— Um homem que foi torturado daquela maneira não tolera toques. Eu mesma odeio que encostem nas minhas costas. Você sabe, onde...

Abraço o copo com as mãos, fazendo que sim. Eu sei. Eu entendo. E ao mesmo tempo em que tento me manter normal, minha respiração entra e sai tremida. *Erik foi torturado. Os desenhos escondem cicatrizes.*

— E a máscara, ela...

— Jogaram óleo quente sobre seu rosto, foi o que me falaram. Foi uma sorte ter salvo o olho. Mas tudo ali ao redor... Bem...

Georgette suspira enquanto meu coração perde batida atrás de batida, até que a verdade sobre o que aconteceu se forma na mente. Antes que o coração pare, chego às respostas finais.

Sei por que foi torturado. E por quem. E por que me odeia tanto.

Eu me casei com seu torturador, e com ele vivi

luxuosamente por quinze anos.

Minha respiração se altera, e o peito sobe e desce, sem ar. Sinto um suor frio acumular-se sobre os lábios e descer pela coluna, vértebra por vértebra. Uma fraqueza inédita amolece meus membros.

— O que foi, querida? — Ela toca minha mão e, ao sentir minha temperatura, sobe os olhos. — Christine, você está gelada.

— Não estou bem — admito.

Mal tenho tempo de entender o que acabei de descobrir. Uma gritaria estridente começa no meio do bar, e entre a fumaça e a bagunça vejo um homem alto e mascarado caminhar por entre as mulheres. Georgette abre um sorriso derretido, e entendo imediatamente que estou perdida. O Conde caminha em nossa direção, com os olhos cheios de ódio.

— O Conde — ela diz em um murmúrio. Seguro em sua mão e imploro:

— Georgette, preciso sair, já.

— Oh, meu Deus. — Ela se dá conta de que eu não deveria estar ali. — Ele não sabe que está aqui!

Bem, *agora* ele sabe.

Ela percebe que está na rota de nossa colisão, e

PERIGOSAS NACIONAIS

sussurra:

— Não posso lhe ajudar, mas posso ficar na sua frente. Vá. Saia pela cozinha.

Ela se vira e eu me esgueiro por entre as mulheres que caminham na direção do Conde, dificultando sua aproximação. Que idiota eu fui, de vir aqui. Que idiota eu fui de não ter desconfiado de seu ódio. Saio por detrás do balcão e atravesso a cozinha, e quando abro a porta e sinto o cheiro limpo e frio da noite, começo a correr. O castelo está a menos de cinco minutos de distância, e tudo que preciso é entrar pelos fundos e subir até a torre.

Mas assim que dou alguns passos, sinto mãos fortes me segurarem. Duas mulheres me agarram pelos braços, cada uma de um lado, e me arrastam até o Conde, que me aguarda na rua.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 20

ERIK

Por uma semana bebi galões e galões de vinho e gastei o chão dos corredores em frente ao seu quarto. Mil vezes pensei em arrebentar aquela porta e matá-la, mil vezes pensei em jogá-la contra a parede e perguntar, no alto de minha embriaguez, por que tinha que existir. Por quê? Por que não morreu durante esses anos? Por que não sofreu nas mãos do marido que escolheu? Por que fez da minha vida uma tortura sem fim?

Mas mil vezes retornei aos meus aposentos com
PERIGOSAS ACHERON

a alma em pedaços, o espírito arrasado pelo ódio e pela covardia. Por que a trouxe para cá? Por que não consigo matar você nem mesmo dentro de mim?

Porque, sem o ódio que sinto por você, eu não teria motivo para viver.

Você povoa cada um dos meus pesadelos. Cada um dos meus sonhos ruins. Meu corpo arde por você como se eu vivesse no inferno, Christine.

Quando me disse que não fugiria comigo e me deixou para morrer naquela noite, morri de certa forma, também. Mas então você se casou com Raul, e eu renasci. Gastei cada minuto da vida seguinte me convencendo de que você era o próprio mal. Que sendo a mulher mais linda da face da terra, me olharia hoje com nojo, e sentiria repulsa por mim.

Mas você me confundiu todas as vezes. Na vez em que se entregou tão rápido atrás das cortinas, na Ópera. Quando me observou na masmorra, arrepiada de excitação e medo. Ou quando eu saía todas as manhãs para a vila.

Você me vigia o tempo todo. Quando parto cedo para os campos de treinamento, sinto seus olhos em mim. E então, um dia eu vi. Você estava

lá, me vigiando outra vez. As longas mechas loiras escapando por trás da cortina, as mãos receosas segurando o tecido leve. "Ou ela é uma espiã, ou ela quer você", minha general disse. Ela também notou.

E dia após dia, meus pensamentos foram mudando de forma. Tentei recolocá-la no lugar de objeto odiado, tentei erguer a barreira que a raiva provia, mas não conseguia mais me imaginar invadindo seu quarto e pousando as mãos ao redor de seu pescoço. Eu dava outros finais a esse encontro. Finais radicalmente diferentes dos que costumava dar.

E agora, enquanto meu peito lutava contra dois sentimentos, recebi uma carta. Seu marido a queria de volta. Ele ameaçava nos invadir, convocar a mediação do rei, mover céus e terras para te reaver.

Ele te ama, mesmo você sendo uma infiel. Ele bateu em você, e a quer de volta.

E eu sei, do fundo do meu coração, que você irá com ele, e isso fere meu peito como nada até hoje feriu.

O que tenho a oferecer, senão dor e ódio? Um corpo mutilado, que camuflou com tinta toda a dor? Uma masmorra interna, onde vivo enjaulado em

minha própria mente, e persigo prazeres dolorosos como forma de equivaler a dor de não conseguir mais amar ninguém?

Não consigo perdoar você, nem dizer adeus. Porque agora não só odeio você, como quero você outra vez.

E então ouço sobre a moça na taverna, conversando com uma das inocentes novatas, descobrindo cada um de nossos segredos de guerra. Minha general foi clara: você não valeria a pena, nem a vida de tantas outras moças quando viessem buscá-la.

Tenho uma única chance de fazer você ficar. Mas para isso precisarei me livrar da armadura mais protetora que já tive, e fazer algo inimaginável: eu precisarei tocar e ser tocado por você.

E você precisaria gostar.



CHRISTINE

— Me soltem, eu consigo andar! — Tento me

PERIGOSAS ACHERON

livrar das garras das mulheres, mas elas não me dão ouvidos. O Conde nos segue em silêncio durante o trajeto.

Durante a curta caminhada vou pensando em coisas horríveis. Onde estava com a cabeça por ter saído, ou achado que poderia entrar em uma taverna cheia de soldados e não ser avistada? Pelo modo como me levam, acham que sou uma espiã de Andaluzia. Que posso estar tentando descobrir algo para usar contra o Conde. *Oh, acreditem: se eu conseguisse eu tentaria algo contra ele.* Mas ao mesmo tempo, a informação de que a máscara e as pinturas no corpo escondem a tortura que sofreu arrasam com meus nervos já bastante roídos.

Elas me largam no hall da entrada principal e ele entra em seguida, fechando a porta. Aliso os pulsos, sentindo a pele onde elas me seguraram arder. Enquanto massajeio os braços, observo como elas conversam com Erik.

— Se quiser que aguardemos ali fora, Vossa Graça, podemos dar um jeito...

— Não precisa, Myrtes — ele a interrompe. — Posso lidar com ela.

Mas Myrtes, uma ruiva quase tão alta quanto Erik, continua a olhar de modo sombrio para mim.

— Não vale a pena, Erik. Não arrisque o que temos aqui por ela.

Ele me lança um olhar de congelar a alma, e eu aperto o xale contra o corpo. Sei que não valho a pena — o Conde já demonstrou seu desprezo outras vezes —, mas o que Orr poderia estar arriscando para me ter aqui?

Assim que elas se vão, ergo o queixo e aguardo. Ele não me mete mais medo; na verdade, quero estar ali. Quero saber o que Raul e aqueles dois outros monstros lhe fizeram, e por que ele nunca retornou a Orr, ou pensou em se vingar. Mas ele continua a me olhar de um jeito sombrio, abrindo e fechando as mãos ao lado do corpo.

Quando ele fala, como se as mandíbulas tivessem sido forjadas em aço, dá um passo para cada palavra:

— O-que-estava-fazendo-na-taverna?

Ando para trás, quase tropeçando na saia. *Estava sendo curiosa*, mas como responder àquilo?

— Quem permitiu que saísse do castelo?!

Ele dá mais um passo, e eu encosto no corrimão da escadaria.

— Ninguém!

— O que você queria lá?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ver o que você faz com as prostitutas que trouxe para cá! — digo, me encolhendo quando ele quase encosta em mim.

— Por quê?? — Sua voz está banhada em ódio, mas também em dor.

— Pare com isso, por favor — peço. — Eu só queria saber.

— Para passar a informação para o seu exército? — Ele ergue meu queixo, me forçando a olhá-lo. Há tantos sentimentos ruins faiscando de seus olhos que finalmente acredito em sua raiva. Ele me considera culpada pelo que fizeram a ele. Ele me vê como uma inimiga.

— O exército? — pergunto em um fio de voz. — Por que diria qualquer coisa a eles?

Ele corre os olhos pelo meu rosto, e meu coração para de bater. As pernas mal me sustentam em pé, tamanha tristeza que cai sobre mim. *Como poderia querer mal a ele, agora que me sinto culpada pelo que lhe fizeram?*

Eu deveria ter seguido Raul e seus amigos quando o levaram. Eu deveria ter chamado a Guarda. Eu deixei de fazer tanta coisa.

— Por causa ... — ele arfa, tentando se controlar. Enfia a mão dentro do bolso do casaco e

PERIGOSAS ACHERON

traz a ponta de uma carta às vistas. Mas ao me olhar, muda de ideia. Enfia novamente a carta no bolso e se afasta, me dando as costas.

Suas mãos estão tão apertadas que parecem prestes a quebrar os próprios ossos. Seja lá o que esteja controlando-o, está roubando toda a sua energia.

— Christine...

Ele arrasta as mãos pelo cabelo, e um cacho descola do todo bem penteado. De costas, com o peito pesado de culpa e dor — por ele, por *nós* —, ele se torna, para mim, o Erik do passado. Dou um passo em sua direção, estendendo a mão. *Só um toque, e posso trazê-lo de volta.*

Mas quando minha mão encosta em seu ombro, ele se vira com os olhos injetados e agarra meus braços:

— Você não vai me destruir de novo!

— Erik, do que está...

Ele embrenha os dedos pelo meu cabelo e prende meu rosto a centímetros do seu.

— Erik não existe mais — diz, tão baixo e tão perto do meu rosto que posso sentir seu hálito.

— Perdão, mas ele existe — digo perto de sua boca, lembrando das cenas sensuais que me fez

assistir. *Mais um centímetro e eu poderia beijá-lo.*
Um centímetro.

Suas garras viram dedos que rearranjam-se entre meu cabelo. Eles mais me trazem para perto do que me afastam, e eu já não empurro o corpo para longe dele. Seu hálito entra e sai de sua boca, entrando na minha. Posso sentir o gosto que seus beijos tinham.

— Ele morreu — o Conde sussurra.

Faço que não.

— Não... *Você* o matou.

Erik solta meu cabelo com um rosnado. Mas assim como fez quando me tirou de Andaluzia, ele investe contra mim, agarra meu braço e me carrega escadas acima. Tento me desvencilhar, lançando o corpo para os lados, e no ímpeto de escapar vou derrubando jarros de flores e mesas de canto pelo caminho. Grito o mais alto que consigo, chamo Imelda e Leander, mas a noite é alta e eles já se recolheram. Chuto suas pernas e tento empurrá-lo, mas ele é mais forte que eu.

— Solte-me! — Tento me jogar no chão. Na confusão, derrubo uma mesa de canto.

— Pare de derrubar meus móveis!

— Então me solte, seu bárbaro nojento!

Arranho seus braços e tento mordê-lo, mas ele está com casaco e tudo que consigo é sentir os fiapos de pano na boca. Ele atravessa um enorme corredor enquanto vou me debatendo, derrubando quadros ao tentar me segurar nas paredes. Ele abre uma porta, e de súbito, me lança com toda a força em uma cama. Quico sobre ela, vendo ao redor todo tipo de tapeçaria cara e um dossel imenso ao meu redor. Ele me trouxe para o seu quarto.

— O que está fazendo, seu monstro? — Eu me afasto dele sobre a cama.

Ele está possuído pela ira, e não acho que bater nele ou xingá-lo vai me ajudar. Erik sobe na cama e se aproxima de joelhos. Segura meus pulsos com as mãos e passa a perna por cima de mim.

— O que vai fazer? — Olho-o assustada. Estou presa sob ele.

— Cale a boca, Christine! Você não sabe o que eu passei!

— Então me conte!

Algo cruza à frente de seus olhos. De ódio, eles mostram mais. Um desespero mudo, uma agonia silenciosa. Olho para a sua máscara sabendo o que ela esconde. Relaxo os braços e suas mãos já não têm contra o que lutar. Se ele quer resistência,

PERIGOSAS NACIONAIS

chega — não vou mais resistir.

— Conte-me o que aconteceu anos atrás — imploro em um sussurro, e ele solta minhas mãos. — O que eles fizeram com você?

Ele continua a arfar com as pernas ao meu redor, me olhando, confuso. O rosto bonito, parcialmente escondido, está retorcido por sensações e sentimentos conflitantes. A força com que sua virilha pressiona meu quadril é despropositado; eu não ofereço mais qualquer resistência e isso o faz acordar.

Ele sai de cima de mim, ciente de que se excedeu. Senta-se na borda da cama, afunda a cabeça entre as mãos e diz:

— Você é uma víbora, Christine.

Fechos os olhos, balançando a cabeça que não. Não sou.

— Se é isso que acha, deixe-me partir.

— Vá embora.

Uma sensação triste toma conta de mim.

— Não daqui, do seu quarto. De Orr.

Por um segundo ele pausa, então responde: — Não.

— Como assim, não?

— Não posso deixar você ir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olho para cima e exalo. As mesmas sensações que contorcem seu rosto me silenciam. Ele está à distância de um toque, e ao mesmo tempo que não o quero, quero que continue perto de mim. Preciso saber. Preciso me desculpar, e contar a ele que casei com Raul para fazer da sua vida um inferno — e fiz. Que achei que ele estivesse morto, ou teria vindo para cá. A pé. Quinze anos atrás.

— Erik...

— Deixe-me pensar! — Ele continua com as mãos na cabeça.

— Eu vou para a masmorra com você.

Ele congela no lugar. Meu coração bate tão forte que pulsa em todos os lugares. Ele se vira e me olha, como se não tivesse entendido, ou precisasse saber que não ouviu errado.

— Como?

— Eu vou com você para a masmorra, se me contar o que aconteceu naquela noite, anos atrás.

Ele levanta da cama. Espero que ria, me ignore ou me rejeite, mas ele não fala nada. Tampouco se move ou responde. A pergunta roubou seu chão.

— A masmorra é para...

— Eu sei para que ela serve. — Respiro fundo.
— Deus, eu sei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O que estou fazendo incinera cada célula do meu corpo, e me queima como brasas de um fogão. Eu faço qualquer coisa para saber. Quero saber mais do que imagino querer.

Por longos segundos nos olhamos, sem nos entender. Estávamos com ódio, disso sabíamos. Mas sabíamos que sentíamos algo mais?

Ele faz que sim e parte, esperando que eu o siga.

Eu o sigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 21

Desço as escadas atento aos passos discretos atrás de mim. Acendo as lamparinas do caminho, achando o ritual repetido mil vezes completamente estranho. Ele nunca foi feito acompanhado, e definitivamente nunca foi realizado com tanta tensão.

Embora tenha imaginado mil vezes encontrar Christine na masmorra, o fato dela descer as escadas atrás de mim por livre e espontânea vontade é perturbador. Que eu não a tenha arrastado até aqui embaralha os sentimentos, na verdade. Imaginei várias vezes que a surpreenderia

PERIGOSAS ACHERON

outra vez atrás das pilastras, a puxaria pelos braços e lutaria para prendê-la às cordas. Que precisaria da ajuda do Carlo e Matteo para acalmá-la, que ela espernearia quando eu tentasse beijá-la. E em meus devaneios eu me frustraria imensamente ao final, porque embora meus desejos sejam sombrios e definitivamente carnavais, minhas ações são pensadas. Não avançaria sobre ela sem o seu consentimento, não preciso forçar ninguém a fazer sexo sem vontade. Na verdade, a própria ideia é indigna e imoral, e não começaria a ser um covarde com ela.

Quando fecho a porta, sinto o frio do subsolo. Um frio interno e desconfortável, que jamais senti ao chegar ali. Christine parece nervosa. Anda encolhida, como se assim chamasse menos minha atenção, mas como ela não chamaria? Ela não é o tipo de mulher que recebo ali embaixo.

Ela anda até a mesa onde repousam os objetos que o verdadeiro Conde D'Orr trouxe de suas viagens à Ásia, e me apresentou nos anos em que me acolheu. Enquanto Christine a circula com olhos arregalados, penso em quantas vezes me vi ali, ouvindo-o falar sobre os limites do sexo, e a imaginei sofrendo em minhas mãos. Ela esteve por

PERIGOSAS NACIONAIS

centenas de noites naquela masmorra, comigo, sem saber. Ela era a parte da dor que o prazer exigia.

— Você não precisa fazer nada que não deseje, Christine.

Ela continua a olhar para os objetos, sem entender para que servem. Há um brilho curioso em seus olhos, como se ela imaginasse seus usos e perdesse o ar pelo que vê dançar na mente.

De súbito, ela desperta e faz que sim. Que sabe que está ali por escolha. Então se vira e pergunta:

— Mas temos um trato, lembra-se? — Ela me olha, corada. — Sou sua essa noite, se me contar tudo.

Fico satisfeito que o lenço ao redor do pescoço esconda a saliva que desce grossa.

— Na hora certa farei uma proposta melhor. Você decidirá se aceita ou não.

Ela continua a caminhar ao redor da mesa, investigando os brinquedos. Pela primeira vez em muitos, muitos anos, me sinto inseguro. Não sei de onde tiro a firmeza na voz para dizer:

— Você sabe o que faremos aqui, não sabe?

Seu rosto avermelha como se estivesse em carne viva.

— Sim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Temos algumas regras aqui embaixo.

Ela para de andar e me olha.

— E quais são elas?

— Para começar, você tem voz. Se não estiver gostando do que estiver acontecendo... — é difícil dizer as últimas palavras, afinal estamos falando de sexo — ...fale. Diga que não quer, e eu paro.

Seus olhos são duas luas no rosto. Assim como eu, ela visualiza a cena.

— A outra regra é que não gosto de ser tocado. Por isso você será amarrada.

— Não.

Evito olhá-la. Essa não é uma regra aberta à discussão. Não abriria essa exceção para uma desconhecida, e jamais pensaria em abrir para ela.

— Pois bem. — Dou meia-volta. — Devemos retornar ao castelo então. Essa regra é inviolável.

Ando em direção à escada, aguardando ouvir seu aceite ou qualquer coisa que me faça parar. Deus e o diabo são testemunhas de que não quero ir embora. Mas apenas quando abro a porta ouço sua voz:

— Está bem — ela diz em agonia. — Está bem.

Fecho os olhos e exalo. Ao virar, vejo um fio molhado cortando sua bochecha ao meio. Não é

PERIGOSAS ACHERON

sem sofrimento que ela aceita a masmorra e minhas condições.

Nos próximos minutos tento fazer tudo com cuidado para não assustá-la ainda mais. Puxo as correntes do teto e desamarro as fitas de couro devagar, sem coragem de olhá-la. Peço suas mãos com um gesto e ela as estende. Elas estão frias e trêmulas, e só de tocá-las sinto algo efervescente correr pelas veias. Ato-as com o couro macio com cuidado para não apertar demais, tão próximo de seu corpo que chego a sentir seu calor. Meu coração bate tão alto que acho que ela o ouve, e só consigo terminar a tarefa porque entrei em automático e realizo as tarefas como em um ritual.

O tempo todo ela olha para mim. Quer achar o garoto tolo do passado no que restou do meu rosto, e pelo que tudo indica, apieda-se dele. Ela não vai encontrá-lo, sinto dizer. Aquele garoto morreu muito tempo atrás.

Quando ela está firme no lugar, Carlo e Matteo entram. Eles nos rodeiam em parte surpresos — não me esperavam ali àquela hora —, parte preparados. Estão sempre a pouca distância, e sabem dos procedimentos. Pela roupa que Christine veste, coletam água do rio subterrâneo e se

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximam com um balde e panos nas mãos. Christine olha assustada para a entrada deles e em seguida olha para mim:

— O que é isso?

— Eles lavarão você. Não se preocupe.

Mas seu rosto mostra mais que preocupação. Ela começa a balançar a cabeça que não, e tenta se livrar das tiras que prendem seus pulsos.

— Não. Não, não!! Achei que estaríamos sós!

Tento acalma-lá, mas a situação escala. Ela começa a hiperventilar, e tento contê-la — a princípio com as mãos, depois com o corpo. Ela se debate contra mim. É terrível imaginar seu desespero por algo que não oferece riscos, mas parte de mim também estava inquieta desde quando eles surgiram. Não os quero ali. Não hoje.

— Shhh — eu sussurro em seu ouvido. — Sshh. Eu disse que não vou fazer nada que você não queira.

Ela arfa perto do meu ouvido. Sinto a respiração quente contra meu pescoço, e o choramingo baixo de desespero. Fico perto dela até que ela volte a respirar normalmente e se tranquilize. Quando ela se acalma eu me afasto.

— Eu mesmo lavarei você.

PERIGOSAS ACHERON

Aquilo não parece ajudá-la. Ela olha pra mim, os imensos olhos azuis arregalados, e implora sem palavras por algo que não entendo.

— ...Ou podemos esquecer tudo isso, Christine.

Talvez seja isso que devemos fazer. Sexo sem compromisso é infinitamente mais descomplicado do que isso. Se ela fosse qualquer outra eu estaria brincando com seu corpo, rodeando-a como um predador ou mordendo-a nos lugares mais inusitados. Mas ela desgasta meus nervos. Ela é algo completamente *novo*.

Graças aos céus ela faz lentamente que não. Ela não quer parar, ela só não os quer ali. Meu peito se inflama de algo quente e bom.

— Carlo, Matteo — falo em direção aos dois.
— Eu mesmo a lavarei. Estão dispensados esta noite.

Os homens não entendem. Enxoto-os com o olhar, e eles deixam o balde no chão e partem, fechando a porta. Somos novamente só nós dois ali dentro.

Seu rosto volta a aparentar susto e surpresa, e o choro silencioso estanca. Ela está tensa, mas resoluta; suas mãos são dois punhos acima da

cabeça. Levo as mãos à jaqueta e tiro-a, estendendo-a sobre a mesa, tampando os instrumentos que podem assustá-la, como os membros masculinos de metal e os chicotes. Ela observa alerta como dobro a manga da camisa, atenta às tatuagens do antebraço.

— Conte-me sobre elas — ela pede, e eu balanço a cabeça que não. Ela ainda não está pronta.

Embora estejamos ambos de roupa, a tensão sexual é palpável, sólida como se pudesse ser coletada no ar. Meu sangue borbulha nas veias e inquieta minhas extremidades. Só de pensar que a tocarei, o peito explode em sensações luminosas.

— C-como pensa em começar? — ela pergunta.

— Começarei lavando você.

Ela observa como me aproximo e toco o laço do corpete. Os dedos formigam enquanto solto tira a tira, afrouxando a peça, evitando olhá-la. Ela estremece quando ele desliza pelo corpo esguio e cai aos nossos pés. O vestido de baixo é liso e transparente, agora que a anágua também cai sobre o chão, e posso ver suas curvas através dele.

Levo os dedos até o fino laço que segura o vestido ao corpo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Importa-se se eu cortá-lo?

Penso em dizer que ela encontrará três outros, novos, sobre sua cama amanhã, mas antes que diga algo, ela faz que não. Não se importa.

Pego sobre a mesa um artefato belíssimo trazido de minha última visita à Inglaterra, uma tesoura de cobre com lugar para o polegar e o indicador. Ela olha o objeto pontiagudo assustada, mas mais assustado estou eu. Sei que cada corpo nu é uma obra de arte singular, mas o dela não é qualquer corpo. Ele é o corpo dos meus sonhos de garoto. O que verei agora terá o poder de queimar minha retina. De prejudicar minhas noites futuras. Vê-la nua será o meu castigo pessoal. Marcará a ferro minhas lembranças, e medirá todas as outras depois dela.

Encaixo a tesoura na borda da gola e sigo cortando até a manga, vendo o vestido se soltar de um lado e revelar ombros estreitos e lisos.

Posso ver seu coração saltar sob a pele, e sei que ela ouve o meu.

— Está frio — ela diz assim que deslizo um dos lados para baixo.

— Em breve sentirá calor — digo, fascinado pela sua visão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sei que minha expressão está franzida quando começo a cortar do outro lado. Que engulo litros de saliva, e que não me mexo por segundos inteiros, fazendo a ansiedade atingir picos angustiantes.

O tecido escorrega por inteiro, parte pela frente, parte por trás. Desço os olhos vendo seios redondos e alvos de bicos franzidos e inchados. Ela fecha os olhos, tremendo como se o corpo não comportasse mais ossos, e tivesse se transformado em líquido. Não consigo parar de olhá-la. A barriga lisa, a cintura fina, a penugem dourada entre as pernas. Meu membro dói, apertado contra a calça.

Finalmente acordo da visão escultural e me mexo. Ando até o balde e trago-o para perto. Sobre a mesa está um óleo de rosas que evito usar por causa do cheiro, mas a mão o pega mais rápido que a cabeça desaconselha. Ela agora me acompanha com os olhos, envergonhada, as bochechas ardendo em brasa. As pernas estão levemente cruzadas e os pés equilibram-se sobre o vestido caído.

A intenção era passar o óleo na toalha e a toalha no corpo, mas elimino a toalha. Coloco o líquido nas mãos e levo-as até sua barriga.

— Você vai gostar do cheiro — murmuro sem coragem de encará-la.

PERIGOSAS ACHERON

Ela fecha os olhos e cita o que disse a ela, naquela noite em que a trai:

— "Quando as rosas voltarão a perfumar nossos dias?"

Algo entala em minha garganta quando deslizo as mãos pela cintura até as costas, voltando pelas nádegas. A sensação de sua pele contra a palma é enlouquecedora. Mal consigo controlá-las, mal acredito que disse aquilo para ela. O que está acontecendo comigo, por que me sinto tão enfeitiçado? A mente parece envolta em neblina, e as mãos ganham vontades próprias. Elas retornam à pele, deslizam pelo meio das pernas, ao redor dos seios, sobre os mamilos cor de rosa. Pontudos, parecem pedir meus toques. Quase me inclino sobre eles para tocá-los com os lábios, mas me seguro. Ainda não. Massageio com óleo seus braços, suas axilas, seu pescoço. Aproximo o corpo do dela, arrastando as mãos pelas costas, das nádegas ao pescoço, embrenhando os dedos entre as mechas macias. É inevitável encará-la, tão perto. Seu cheiro é uma loucura à parte, quase uma tortura merecida. Ela está completamente esticada, as pernas falharam algum tempo atrás. Meu rosto acompanha ávido suas reações, e cada vez que um

dos vincos do rosto se desfaz, repito o gesto. Ela às vezes encosta em mim no balançar de ir e vir, e eu sinto ao mesmo tempo o flagelo do asco e o calor do desejo pelo seu toque. *Beijá-la seria o meu fim, não seria?* O fim dos sentimentos ainda intactos, o fim do que coleí aos poucos, no decorrer dos anos.

As mãos embrenham-se entre suas pernas. *Você confia em mim?* Penso, correndo os olhos pelo rosto bonito. Ela, que tinha as pernas cruzadas de forma protetora, abre-as como se em resposta. Molho o pano no balde e levo até sua intimidade. Arrasto o tecido contra ela, provocando em Christine um espasmo. Os fios loiros são poucos e revelam suas camadas internas, e deixo por um segundo a toalha de lado e lavo-a por dentro, pelos lados, por trás, sentindo sua carne macia contra a pele dos dedos. Ela arfa e geme. Quando retorno com o movimento, pede algo em voz baixa. Preciso de forças para não me colocar de joelhos na sua frente, abrir suas pernas e mergulhar a boca entre elas, para limpá-la com a língua até que só sobre seu inchaço coberto pela minha saliva, mas levo o pano de volta ao balde. Continuo a lavá-la — pernas, joelhos e os pés delicados. Pego os outros panos e passo-os no pescoço, nos braços, nos seios,

PERIGOSAS NACIONAIS

na barriga. Ela não tem coragem de abrir os olhos, e se entrega no escuro, ardendo como se estivesse com febre.

E ela arde muito menos que eu ardo.

Lavo-a inteira. Cada centímetro de pele brilha, lustroso pelo óleo e cheirando a rosas. Quem diria que a próxima vez que a tocaria seria assim, envolta em uma névoa de desejo, sob circunstâncias tão bizarras? Que ela estaria amarrada no meu subsolo, nua e ao meu dispor, exigindo apenas uma história?

Ela solta um gemido e desperta dos minutos sensuais com olhos pesados:

— Por favor, me desamarre.

Não há nada nesse mundo que eu queira mais que me deitar com ela, e fazer tudo que a mente imagina. Mas não posso desamarrá-la.

— Não posso.

— Por favor, deixe-me tocá-lo. Deixe-me fazer o mesmo com você.

Chego a dar um passo em sua direção e ela se inclina, tentando encostar a boca em meu peito. *Perigo*, eu reajo. Seguro-a no lugar. Ela tenta se livrar das amarras, mas é inútil. Ninguém conseguiu até hoje.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com os olhos enganchados nos dela, desço a boca gentilmente por sua pele até um dos seios, e engulo um dos mamilos, sob seu olhar atento. Ela solta um som de surpresa e deleite, e os dedos, que passeiam pela periferia das coxas, sentem a umidade descer por entre elas.

Se eu não fosse tão experiente em sexo, eu teria arreventado as correntes e fodido-a no chão. Mas controlo meus instintos há muito tempo e sei fazer melhor que agir como um animal.

Ela se encolhe quando passo a boca até o outro mamilo, tão durinho e pontudo que tenho vontade de mordê-lo. E mordo, de leve. Ela ergue uma das coxas, e não acho que saiba o que está fazendo quando me abraça com as pernas. Encaixo-a em mim para a sua surpresa — e minha — , mais perto do que pensava chegar dela. A visão dela nua encaixada em mim, mesmo que eu ainda esteja de roupa, me tira do rumo. Levo a boca ao seu pescoço e a beijo. Um beijo gentil, succionado, seguido de uma mordida. Aliso sua nádega com carinho. É tanta vontade junta, tanto desejo ardendo em mim que acho que vou enlouquecer. Quero-a mais que já quis qualquer mulher que já tive. Quero-a mais que quis todas juntas, e de vez.

PERIGOSAS ACHERON

— Por favor — ela implora.

Ajoelho à sua frente, movendo suas pernas da cintura para os meus ombros. Ela olha em desespero cálido como encaixo seus joelhos ao lado da minha cabeça, e abro-a para mim. Encosto o nariz em seus pelos e inspiro, torpe de fome. Ela geme alto quando a boca úmida beija sua intimidade.

Ela me prende entre as pernas, tenta se soltar outra vez, contorce-se em desespero.

— Por favor, me toque. Por favor. Com a boca. Com as mãos, eu não ligo como — ela mal nota que diz aquilo. — Leve-me para a cama, Erik. Faça comigo o que fez aquela noite com Sâmia.

Arrasto o nariz entre suas coxas, tentando a obedecer à parte louca em mim.

— Você quer, não quer? — sussurro lá embaixo, e ela ouve.

— Mais do que viver.

Afasto para olhá-la. Eu poderia fazer qualquer coisa por ela. *Quase* qualquer coisa.

Tiro uma de suas pernas do meu ombro e desço a outra do outro, sob sua supervisão angustiada. Levanto, quase encostando a boca na dela, para que sinta seu cheiro em mim. Ela se inclina para me

beijar, mas me afasto. Sussurro rouco ao pé de seu ouvido:

— Você prefere que eu te foda ou conte a história?

É um ou outro, e eu não consigo fazer os dois.

Ela olha para mim com os olhos cheios d'água. Seu peito sobe e desce de desejo, enquanto sente meus dedos traçarem desenhos em sua barriga.

— Erik...

— Essa é a condição, Christine. Eu desamarro você e a deito naquela cama agora, se abrir mão da história.

Minhas mãos descem até sua coxa, e insinuam-se pela sua fenda. Ela fecha os olhos, e quando os reabre, responde:

— Quero que me conte sua história.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 22

CHRISTINE

Rosas, sempre elas.

Erik entorna o óleo sobre as mãos e dispensa a toalha, e eu morro em vida de tanto desejo. Mãos hábeis começam a esfregar o óleo em minha barriga e minhas costas. Ele espalha o líquido perfumado pela curva do meu pescoço e desce até os seios. Seus olhos estão na massagem, em mim, nas minhas reações, em cada pelo do corpo erguido e arrepiado. Tenho vergonha de estar nua na sua frente, e de responder ao seu toque com tremores

PERIGOSAS ACHERON

que me sacodem dos pés à cabeça, mas ao mesmo tempo nunca desejei tanto estar sem roupa na frente de um homem. Onde está a vergonha? O pudor, o horror do ato libidinoso? Não está aqui. Até ontem eu tinha certeza que o odiava, que ele era um estranho, mas agora ele me lambuza de óleo e me massageia de um jeito assustadoramente sensual e eu poderia dar tudo para ele, até mesmo a alma. Mordo os lábios quando ele me lava lá dentro, esquecendo a toalha por alguns instantes para sentir minha pulsação com os dedos. As pernas, frágeis para aguentar meu peso, cedem.

Seus dedos tocam meus seios, massageando os bicos, enquanto outros somem entre as minhas pernas. Ele está de roupa e imploro que tire, porque preciso vê-lo. Sentir como é tocar o que ele tem, o que ele é. Ele se aproveita de minha entrega para testar meus limites — e também os seus. Mas olhar para mim, ele não olha. O segredo da tortura é nunca encontrar os olhos do torturado.

Inclino-me para beijá-lo. Agora, desesperadamente. Envolvero-o com as pernas, e para fugir de mim ele se abaixa, leva a língua ao meu centro e me lambe como um gato. São carícias e ao mesmo tempo um assalto aos sentidos. Um

ataque às defesas, um golpe em minha força de vontade. Mal consigo manter os olhos abertos. A cada instante o discernimento me abandona mais e mais, e conheço uma parte minha que não conhecia: um estado animalesco e primal, que tem vontade de morder, de agarrar, e força o corpo a fazer movimentos próprios. A anca faz círculos ao redor da sua língua, simulando os círculos que ele faz ali no meio. A mente parece perdida em um nevoeiro, à procura da entrada para o paraíso que ele guarda.

— Você quer que eu te foda ou que te conte a história? — ele pergunta.

E entre a névoa da perdição, sei que preciso dele mais vezes, e não só agora. Quero o que é certo querer. Eu o achei sob a máscara e não vou perdê-lo outra vez. Sua história é minha chance de pedir perdão: é minha redenção.

— Quero ouvir sua história.

Um vinco surge entre os olhos azuis.

— Christine...

Acho que ele vai parar, mas ele não desiste fácil. Ele se aproxima e embrenha os dedos no meu cabelo, puxando minha cabeça para trás. Morde meu queixo, respirando de maneira forte e morna

perto do meu rosto. Imploro em pensamento que me beije. Procuro, entre idas e vindas de inconsciência, algo dele que não queira hoje, ou alguma coisa que consiga amar mais do que amei.

Ele mordisca meu pescoço. O ombro. A pele tenra atrás da orelha. Sinto algo quente e úmido deslizar da garganta até o bico de um seio. Convulsiono, fraca, quando ele o lambe repetidas vezes, como se tentasse capturar dali uma última gota de néctar. Ele solta o meu cabelo e desço os olhos. Sua cabeleira cacheada está descendo até o meio das minhas pernas outra vez. Mas ao invés de ver sua língua percorrer a trilha úmida de antes, ele ajoelha e me gira, me colocando de costas para ele.

Tento me soltar outra vez, me manter forte, mas um raio de eletricidade percorre o corpo como uma flecha quando sinto a língua áspera percorrer a curva da bunda.

— Erik...

— Peça, Christine. Peça por mim.

Eu peço. Gemo e imploro que ele me abrace e me penetre fundo. Quero-o afundado entre as minhas pernas, quero sua intimidade contra a minha, latejando dentro de mim em espasmos torturantes. Mas peço em pensamento, entre

gemidos. Sinto a máscara roçar minha coxa e sua língua infiltrar-se onde jamais me senti tocada. Como um toque pode ser tão agonizante?

Ele segura meu corpo de um jeito que sua língua captura a ponta mais sensível do pico mais íntimo, e me entrego, fraca, outra vez ao desespero. Estou perto de chegar a um lugar onde nunca estive porque a estrada nunca foi tão acolhedora ou chamativa. Prestes a atingir alguma coisa. Luzes brilham na periferia da visão, sonhos se misturam à penumbra, sob a luz de mil velas. Arqueio as costas, forço o corpo contra sua boca, tão fora de mim, tão louca, que faria tudo por ele.

Ele me mordisca entre as nádegas. Faz coisas impensáveis com a ponta dos dedos.

— Posso te dar as estrelas essa noite. Opte por mim. Eu quero entrar em você.

A cabeça tomba para trás, querendo mais. Quero tudo, mas quero-o sem máscaras. Quero arrancá-la da frente do rosto, sem me importar com o que ele seja, desde que me conte de uma vez por todas o que ele se tornou.

Seus dedos continuam a passear por locais desconhecidos, hábeis em me manter à margem de um lugar estrelado. Um dedo se insinua, lambuzado

PERIGOSAS NACIONAIS

de óleo, entre minhas pernas. Sinto a faísca de um ponto migrar para outro, prestes a me lançar para um lugar sem nome. Quero segurar a sensação para sempre para retornar a ela em um momento futuro com ele.

Sinto o óleo escorrer entre minhas coxas enquanto ele se levanta, sinto seus lábios perfumados de um perfume exótico tocarem minha boca.

— Preciso sentir você.

Solto um gemido suspirado. Com o dedo ainda enterrado em mim, ele diz rente ao meu ouvido:

— Você é doce. — E leva o dedo à boca. Ele retorna o dedo para dentro de mim, e o traz até a minha boca para sentir o que ele sente. Aquilo é pecaminoso e inarrável. Simplesmente indescritível.

— Preste atenção ao que proponho, Christine. É a última vez que perguntarei.

Movo a cabeça que sim. Estou ouvindo.

— Você me quer dentro de você?

Minhas pálpebras tremulam, meu corpo é uma massa mole e entregue.

— Diga que me quer dentro de você e te darei tanto prazer que explodirá em mil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu quero, Erik.

— Então vou repetir a proposta. Mas atenção.

— Sua voz se torna mais grave. — Se optar pela história, nunca mais tocarei em você.

Olho-o menos perdida que me sentia há alguns minutos. Por um segundo — um único segundo — acho-o tão perigoso e tão machucado que o sinto além da salvação. Olho para ele mas só vejo um sádico, e me irrita pela sensação luminosa e estrelada se afastar cada vez mais.

Repito a resposta, não sem lástima:

— Quero sua história. Afaste-se de mim se não pretende contá-la, por favor.

Ele não espera por isso.

Não tenta me tocar outra vez, porque sente vergonha. Ele nunca planejou me contar nada, e agora que sei, congelo sob seu toque. Contar implicaria em revisitar a tortura e reviver o ódio, explicar por que nunca fez nada contra Raul e o deixou crescer politicamente, e casar-se com quem causou toda a dor. Eu estava preparada para a sua raiva no início, porque sei que sem a catarse ele jamais conseguiria me ver de forma diferente. Mas quem não estava preparado era ele. Ele preferiu interromper a noite do que me contar a verdade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele exala, irritado, no mesmo instante em que concluo — apesar de tudo — que meu coração ainda bate por ele de maneira tempestuosa. Que jamais bateu por outro e jamais bateria. Ele desamarra meus pulsos sem me olhar, como se estivesse se livrando de um problema.

— A história, Erik — peço, massageando os pulsos.

Ele me dá as costas e anda até uma estante. Pega uma manta e me estende sem me olhar.

— Não.

Pega a jaqueta sobre a mesa, e na pressa derruba os objetos que ela esconde.

— Como assim, não? Temos um acordo.

— O acordo está cancelado — diz, marchando em direção às escadas.

— Olhe para mim, droga!

Ele para.

Sei que estou mexendo com um lado seu que não conheço, que ele é volátil e que o fato de não conseguir me encarar representa um perigo. Mas também sei que ele acabou de quebrar sua palavra. Que estava blefando comigo.

Ele tenta ajeitar o cabelo, desarrumado, e quando não consegue solta um rosnado baixo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esqueça essa noite, Christine. Foi um erro.

— Ela não precisa terminar assim.

— Não quero terminá-la de jeito algum.

Isso é uma grande mentira, e ambos sabemos.

— Você nunca teve a intenção de me contar, teve?

— Vá embora — ele diz baixo, ainda tentando colocar a jaqueta. Mas como ir embora, depois de tudo que fizemos? Depois de tudo que ele prometeu que faria?

— Do que tem medo? — Dou um passo em sua direção. — Que sinta mais ódio de Raul do que já sinto? Que sofra? acredite, Erik, eu sofri mais do que...

— VÁ EMBORA! — ele grita, e eu me sobressalto.

— Por que nunca retornou a Andaluzia? — pergunto outra vez. — Por que não procurou o rei, por que nunca procurou punição para os monstros que fizeram isso?

Ele se vira tão rápido que mal vejo quando dá dois passos e agarra meus braços:

— Nunca mais pise aqui embaixo. Nunca mais venha aqui.

Deixo que me segure, ainda que seus dedos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pressionem demais a pele. Aquilo é dor em seu rosto? É desespero?

— O que aconteceu, que não consegue me contar?

— O trato está cancelado — ele diz entre os dentes.

Faço que não. Como o homem que me beijava tão apaixonadamente há pouco pode ter se tornado tão distante?

— Você achou que o sexo funcionaria para mim como funciona para você.

Suas narinas dilatam, e há um brilho escuro em seus olhos.

— Outras mulheres também quiseram saber, não quiseram? — testo todos os seus limites, mesmo que ele avermelhe e todo tipo de expressão transtorne seu rosto. — Mas elas preferiram o prazer a saber.

— Você não tem ideia do que fazemos aqui.

— Você tenta calar seus demônios aqui! — Aponto para o subsolo. — Tenta aliviar a dor da alma infligindo dor nos outros, procurando nela algo de bom!

Seus olhos se apertam, inflamados.

— Não fizemos nada, Christine. Nada. E nunca

PERIGOSAS ACHERON

faremos.

— Não diga isso — digo gentil, na esperança de que sejam palavras vazias e eu ainda possa salvar a noite. É isso que quero, e sei pelo tanto que parecia excitado comigo, que ele queria também. Forço o corpo adiante, procurando seu calor. Ele não deixa.

— Não. — Ele balança a cabeça.

— Você me quer, eu sei... Quer me beijar o mesmo tanto que eu quero. Você ainda sente alguma coisa por mim...

— Pare! — Ele me sacode de leve.

— Deite-se naquela cama comigo. Conte-me o que aconteceu, em seguida consuma o que ambos queremos.

Sinto, sem forças, o calor entre suas mãos. Sei que ele o sente também de onde está. Seu peito infla de ar e de palavras, em um acúmulo que só aumenta e não explode nunca.

— Vá embora — ele sussurra quase sem forças.

Encaramo-nos por um tempo: eu, incrédula; ele, machucado. *O que fizeram a você?* Pergunto com os olhos. Não aceito que me dispense assim, e que falte com a palavra. Lembro da dor do início, quando ele sumiu. Das ameaças de Raul e do

pânico de imaginar que nunca mais o veria. Das desconfianças de que algo saiu errado aquela noite, da solidão das noites insones seguintes, achando que ele estava morto.

O fascínio de tê-lo tão próximo se mistura à raiva pelo que fez comigo. O desespero de não poder tocá-lo se mistura à mágoa da promessa quebrada. Sei que sou responsável por cada cicatriz em seu rosto e seu corpo, e que as rosas escuras que tem desenhadas no peito escondem o amor que sentia por mim, e agora são símbolos do ódio. Mas se não fizer algo, ele partirá.

— Você tem medo de me perdoar — falo, sabendo do risco que corro. Seus dedos tremem ao contato com minha pele. Seu rosto trava uma luta interna entre querer minha presença e não suportá-la. — Você sentiu ódio de mim por tempo demais, e agora se sente atraído por mim outra vez. Você está com medo.

Requer uma coragem imensa dizer aquilo, e presenciar cada palavra acertar um nervo. Ele empalidece.

— Você não sabe de nada.

— Eu vejo o que está acontecendo ao redor. Você se tornou alguém importante para esse lugar.

Por que arriscaria a segurança de sua cidade por uma vingança pessoal? — Toco-o nos braços, acariciando-o com a ponta dos dedos. — Eu vejo a nobreza desse gesto, juro que vejo. Você não poderia atacar três nobres Andaluzenhos e sair ileso. Orr não sairia ilesa... E eu entendo por que fez aquilo comigo, na Ópera.

Devo estar louca — e estou, de certa forma, sentindo seu toque em mim em cantos diversos, ansiando horivelmente por mais.

— ... E hoje vejo como teve motivos para me odiar.

Ele afrouxa as garras ao meu redor.

— Por minha causa machucaram você. Raul não suportou saber que meu coração era seu. Eu perdoo o que fez comigo na Ópera. Por favor, me perdoe também.

Todo o amor, toda a saudade que nutri por ele durante todos esses anos retornam com força total. Eu não só o perdoo, eu o quero perto de mim. Senti mais coisas na última hora do que nos quinze últimos anos em Andaluzia. Não quero mais deixá-lo.

Um segundo. Um segundo é o tempo que dura seu olhar de entrega. No segundo seguinte ele me

PERIGOSAS NACIONAIS

afasta. Solta meus braços e dá um passo para trás.

— Eu nunca devia ter retornado àquele lugar.

— Se você não tivesse voltado, eu jamais saberia que está vivo.

Quanta dor há em seus olhos quando ele responde:

— Vivo? Não estou vivo, Christine.

Ele dá meia-volta e se afasta.

Não suporto ouvir aquilo. Corro atrás dele e o viro, querendo seus lábios mais que tudo no mundo. Mas, talvez cegada pela frustração, pela palavra não mantida ou pela última frase dita cheia de dor, faço o impensável.

Já que não arranquei dele a história do que aconteceu, opto por ver com meus próprios olhos o que fizeram a ele.

Eu arranco sua máscara.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 23

Aguardo a violência que seu olhar e as mandíbulas travadas mostram, mas sua ira se transforma em algo que não sei dar nome. Mágoa. Dor. Vergonha. Sei, no entanto, que no momento em que cravei as unhas em sua máscara e a arranquei — em minha defesa, porque estava ferida e humilhada —, assinei minha sentença para fora de Orr, da masmorra e também da sua vida. O homem de um metro e noventa, imenso em porte e presença, tão seguro ali embaixo, está agora acuado. Ele dá um passo para trás, em completo choque, com a alma desnuda e exposta.

PERIGOSAS ACHERON

E o que a nudez mostra é que parte de seu rosto foi inteiramente destruído.

A pele ao redor dos olhos é engelhada. Tudo que cobre a parte direita da cabeça, da orelha à base do nariz, foi destroçado por algum ácido ou líquido quente. Onde antes havia pele lisa hoje mostra uma superfície rugosa rabiscada de queloides altas. O olho foi salvo por milagre, mas a sobrancelha desapareceu, assim como o cabelo ao redor da orelha. Há tanta dor e confusão em seu rosto — e tenho certeza, também no meu —, que levo a mão à boca. Eu me arrependo imediatamente do que fiz.

A máscara cai da minha mão, rolando no chão enquanto ele desaparece no escuro, subindo as escadas em fuga.

Escorrego até o chão, sem ar pelo que acabei de ver. Não tenho condições de ir atrás dele, porque a força das pernas desapareceu e o que me resta é algo que ele não precisa ver. *Piedade. Estou com pena dele.*

Mas não é só pena o que sinto. Há também um misto de sentimentos ruins. Uma vontade imensa de desabar em um choro que esperei demais para derramar. Vergonha. Raiva. Arrependimento. Mas, ao mesmo tempo, ele se foi e preciso me desculpar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Subo as escadas sentindo o peito carregar o peso do mundo. Ando pelos corredores vazios e escuros enrolada na manta, sem esperanças de que possa consertar o que fiz. *Ele vai me enxotar daqui. Ele vai me matar.* Mas como poderia ir para o meu quarto depois de tudo e fingir que a noite não aconteceu?

Bato algumas vezes na sua porta, mas ele não responde.

— Por favor, Erik, abra — imploro.

Nada. Longos e torturantes minutos se passam, e eu bato outra vez.

— Por favor, me perdoe. Eu não deveria ter feito aquilo.

Por horas aguardo que ele abra, mas ele não abre. Eu fiz algo impensado e inconsequente, e ele não vai me perdoar. Lembro de seu rosto desfigurado e sinto no fundo do peito o mais puro amor. A imagem não me enoja ou assusta, ela só me causa uma indignação profunda e tardia. E sinto dor, também. Dói de um jeito horrível saber que aquilo foi causado indiretamente por mim.

Ah, se eu tivesse fugido com ele. Se eu tivesse escondido melhor meu amor. Se eu jamais tivesse encontrado-o.

PERIGOSAS ACHERON

Todas as opções o teriam salvo. Foram as decisões que tomei que fizeram aquilo com ele.

Exausta pela noite e ciente de que Erik jamais abrirá essa porta para mim, subo para a minha torre, onde uma noite gelada e solitária me aguarda.



— Senhorita, acorde.

Abro os olhos, enxergando um vulto vermelho à frente. Esfrego as vistas e o vulto entra em foco, mostrando o rosto sardento da ruiva que me trouxe arrastada até o castelo, ontem. A general de Orr está no meu quarto, e não veio sozinha.

Sento na cama vendo uma mulher morena colocar meus poucos pertences em uma bolsa de pano. É claro que minhas ações trariam consequências, mas não imaginei que elas viriam tão cedo.

— O que estão fazendo? — pergunto, ainda zozna de sono.

— Movendo você daqui.

Coloco os pés no chão, tonta pela sonolência.
Você não perde tempo, Erik.

— Para a vila?

Ela para de mexer nas coisas e olha para mim:
— Claro, para onde mais?

Se ela sabe de alguma coisa, não deixa escapar o quê.

— Ordens do Conde, eu imagino.

Observo a soldado fechar a bolsa minúscula onde estão dois vestidos e uma anágua. Aquilo é tudo que tenho.

— Vista-se. Não temos o dia inteiro.

Respiro fundo e me levanto. As imagens da noite — a inquietante experiência na masmorra, a pele de Erik em contato com a minha, sua falta de palavra e mais tarde, seu desmascaramento — chegam de vez, pesando o peito. *Como pode me afastar de você, se minha vontade agora é nunca mais sair de seu lado?*

Mas aceito com resignação o que a mulher ordena e tiro a camisola. Ao menos estou aqui. Sua mágoa um dia diminuirá, eu sei que vai. Falarei, na hora certa, que sua aparência não importa. Que nunca o esqueci e jamais o esqueceria. Que a lembrança do seu rosto é o que menos volta à

memória.

Visto o vestido dobrado que Myrtes me estende, me perguntando como ela sabia que eu precisaria de um. Calço os sapatos e acompanho as duas em silêncio pelos corredores, sem olhar para os lados. Sei a hora de me calar, e essa é a hora.

Fecho os olhos e inspiro fundo quando me lembro de sua vergonha. Vai passar, repito para mim mesma. Vai passar. Quando já estamos nos jardins, olho pela última vez para o castelo. Minha estadia ali foi horrível e bem mais breve do que imaginei. Vejo a torre norte e a janela vazia de onde eu o observava sair todas as manhãs. Sinto o coração apertado por saber que em algum lugar ali dentro ele está ferido, e não possa fazer nada para melhorar sua situação. Tenho sorte por ele não ter enlouquecido quando fez o impensável. Ele poderia ter reagido de outras formas.

Mas antes que me vire de vez, os olhos captam algo na torre sul. Um rosto mascarado me observa, impassível e imóvel, da janela mais alta. Sinto o corpo pinicar por algo quente e irresponsável, que acelera as batidas do coração. Myrtes precisa me chamar duas vezes para que eu desperte e continue seguindo-a. Quando ela olha para a torre e vê quem

eu observava, olha para mim. Abaixo a cabeça e continuo caminhando.

— Ele a levou para lá, não foi? — ela pergunta quando me alcança. — Conheço esse olhar.

Algo inconveniente sobe em direção à garganta. Claro, eu havia me esquecido disso. Que o Conde tem muitas mulheres. Então me lembro que não sou nada, nem ninguém. Sou uma a mais em sua longa lista. *De onde tirei que estava em condições de cobrar sua história?*

— Sei que não me pediu conselhos, mas vou dizer o que sempre digo às meninas que se apaixonam por ele: supere-o. Absorva toda a liberdade que Orr oferece. Treine e seja uma guerreira, lute por uma vida decente porque aqui você consegue. Só não seja uma romântica, porque não adiantará de nada. — Ela pisca, com ares de experiência: — O que vocês tiveram foi apenas sexo.

Ela está errada, por isso balanço a cabeça:

— Não fizemos nada.

Ela solta uma risada incrédula.

— Querida, deixei você ao lado dele noite passada. Tive que buscá-la na manhã seguinte, com a solicitação de que lhe trouxesse roupas novas.

Seu "não fizemos nada" não me convence.

— Não fizemos *tudo*, na verdade.

Nem sei porque conto aquilo a ela. Acho que preciso desesperadamente entender aquele homem, ou o que está acontecendo comigo. Como Myrtes me parece menos bélica hoje do que pareceu ontem, é ela quem ouve meu desabafo.

— Tudo é muita coisa. Não há tempo para fazer *tudo*. Eu mesma fui e visitei várias vezes aquele lugar e em nenhuma delas repetimos brinquedos.

A informação de que ela esteve lá embaixo me faz perder o ponto:

— Vocês já...

Ela coloca a mão no meu braço. — Sim, estive. Eu e toda a população feminina de Orr.

Estou tão sem palavras que ela fica séria.

— Orr não é lá conhecida por suas Óperas e bailes de gala, mas temos algumas diversões por aqui.

Abro a boca, sem palavras. Ela volta a andar e eu a sigo porque andar ajuda a tirar da cabeça a imagem mental que fiz das centenas de mulheres cruzando pela masmorra. Aquele foi o lugar em que me senti por alguns segundos especial, e de certa forma adorada. Que eu seja uma em uma centena

me faz mal fisicamente.

Que grande burra eu sou.

— Quando disse que não fizemos tudo, quero dizer que não finalizamos o ato.

As palavras saem tão baixas que ela precisa esticar o ouvido em minha direção.

— O que disse?

— Que tivemos preliminares — digo, tímida, usando o termo pela primeira vez na vida. — Algo íntimo e assustadoramente bom, e só.

Myrtes para e coloca as mãos na cintura.

— Essa é nova para mim. Você tem alguma doença? Geralmente Imelda cura as que vêm doentes, mas você não parece mal.

— Não estou doente.

— O que fez então de tão pavoroso que ele não quis subir em cima de você?

Irrita-me que ela fale dele com tanta intimidade, e que esteja escarnecendo de mim. *O que essas mulheres têm, que falam desse assunto tão abertamente?*

— Isso não é assunto para ser tratado na rua, muito menos entre estranhas — respondo, sentindo o calor subir pelas bochechas. Passo por ela, tentando alcançar a soldado que nos aguarda mais à

frente.

— O que você fez então, moça, para ser expulsa no dia seguinte do castelo?

Não é mais a general que pergunta, é uma mulher curiosa.

— Eu quis saber a história da máscara.

Ela passa um tempo olhando para mim, então balança a cabeça e segura uma risada.

— Não me diga que respondeu...

Balanço a cabeça que sim.

Isso explica minha expulsão. Omito que arranquei sua máscara à força quando ele decidiu não contar a história, e que ser expulsa do castelo é uma reação branda para o que fiz. Sei que a mágoa e a raiva de Erik são maiores que isso.

— Como conseguiu? — ela pergunta genuinamente interessada.

— Não tive um único segundo de dúvidas — respondo. — Se mil vezes ele me perguntasse, mil vezes responderia que preferiria saber a continuar.

— Filha, você disse não para o melhor sexo da sua vida. Você poderia perguntar o que aconteceu para qualquer outra aqui. Todas sabemos que ele foi torturado por bandoleiros e deixado à mercê da sorte. O Conde o encontrou e o trouxe para cá, e

nos últimos anos desenvolveram uma amizade profunda. O Conde deixou as terras e o título para ele, e essa é a história.

Faço silêncio, lembrando do maldito dia. Um caroço se embola na garganta.

— Enfim, que pena para você. Se acha que conhece sexo, ele mostraria que você não sabe nada.

Exalo, aborrecida.

— Não sei nada.

A frase escapa. Não era intenção contar sobre minha vida pessoal para elas, mas agora que falei, Myrtes e a outra me encaram como se eu tivesse vindo da lua.

— Que tipo de mulher é você, senhorita? — Ela me olha desconfiada.

Lembro com asco das duas únicas vezes em que Raul encostou em mim. A primeira, na noite de núpcias, quando arrombou a porta e deitou sobre mim com as mãos na minha boca, e ameaçou me internar outra vez se eu não abrisse as pernas e sangrasse. Ele precisava de provas de que eu era virgem, e quando provei, disse a ele que se me tocasse outra vez eu o mataria.

A segunda vez que me atacou, fui expulsa e

mandada para cá.

E é essa história que conto em poucas palavras para Myrtes no meio da rua estreita, cercada de casebres. Conto também que meu coração sempre foi de um só homem, mas omito que homem é esse. Que não fui prostituta no bairro proibido de Andaluzia, mas que fui uma nos grandes salões da sociedade — e que guardadas as imensas diferenças entre os dois tipos, a sensação de valer pouco era a mesma.

Myrtes ouve o relato em silêncio, com um vinco na testa. Em seguida volta a andar, me forçando a andar também.

As duas mulheres me levam até uma hospedaria, onde ficaria até achar um lugar definitivo para mim, e esperam comigo enquanto me arranjam um quarto. Quando estou preparada para subir, Myrtes diz:

— Você está segura aqui.

Sorrio para ela.

— Seguro é bom. É mais do que poderia esperar.

Despeço-me delas com um sorriso, e elas partem. Mal coloco os pés dentro da hospedaria, ouço um grito feminino do lado de fora. Não é um

grito de susto ou medo, é um grito treinado. Um sino começa a badalar ao nosso redor, e todos parecem saber o que fazer. Uma mãe e duas crianças desaparecem pelas portas do fundo, a senhora que atende na hospedaria fecha as portas e me força a sair. Saio da estalagem sem saber o que está acontecendo, e vejo dezenas de mulheres correrem para lugares específicos, como se soubessem exatamente o que fazer. Olho para o fim da rua e já não vejo ninguém — nenhuma movimentação. Do outro lado, um grupo formado por homens e mulheres sai a cavalo dos muros altos do castelo, em direção à estrada.

Reconheço Erik entre os primeiros. Seja lá o que está acontecendo, aquilo o fez sair de sua torre e partir a cavalo.

Sigo-os de longe, ouvindo algo. À medida que me aproximo, vejo dois grupos na estrada. De um lado os cavalos escuros de Orr, cinco ao todo, com o Conde no comando; do outro lado, um grupo muito maior de homens sobre cavalos brancos. A Guarda de Orr.

Meu coração para ao reconhecer a pessoa à frente do grupo forasteiro: Raul.

Caminho por entre as árvores em direção aos

homens e cavalos parados frente a frente na estrada, ciente da tensão que paira ao redor. Eric está ao lado de Myrtes, de frente para Raul e alguns cavaleiros da Guarda de Andaluzia. Sei o que Raul está fazendo ali, e só de pensar nisso meus membros viram gelo. Uma vaga impressão — uma suposição apenas, nada concreto — é que algo terrível se abaterá sobre mim em breve.

Como eu estava certa.

Paro atrás de uma árvore e ouço uma trombeta anunciar o porta-voz da caravana, que se adianta aos outros. O homem desenrola um pergaminho e lê em voz alta que a cidade está em uma missão de resgate. O *meu* resgate. A cada palavra lida uma lágrima escorre do rosto. A cada termo usado eu olho para Erik sobre o cavalo, imóvel como se feito de mármore. Faltam forças no corpo para correr dali e me embrenhar nas florestas e desaparecer para sempre — dele, de Raul, de tudo que conheci até hoje. Faltam forças até mesmo para chorar tudo que o coração pesado pede para derramar. Tudo que consigo é enxugar o rosto na saia e lembrar da noite na masmorra, e dos momentos passados com Erik. No seu toque, e em alguns dos olhares perdidos que me lançou.

Fecho os olhos quando a mensagem acaba, com a sensação de que algo grande foi arrancado de mim. Até mesmo a culpa por ter arrancado a máscara de Erik desaparece. Nada mais importa. Raul está ali, veio me buscar e não há ninguém em Orr disposto a lutar por mim.

Saio detrás da árvore e caminho em direção a eles. Não preciso ganhar tempo até que me procurem, nem deixaria que lutassem por mim. Ao simples pensamento de imaginar Raul ou qualquer um de Andaluzia trazendo mais dor a Erik, chego a estremecer. Causamos a ele toda ordem de tortura e miséria, e o mínimo que posso fazer é ter a dignidade de tirar Raul dali.

Para o bem de quase todos.

Chego por trás da formação de Orr olhando para Erik, que terminou de ouvir a proclama mas continua no mais absoluto silêncio. Ele encara Raul e os outros de queixo erguido, com a mesma imponentia que me fez tremer no teatro, e ainda faz meu coração dar socos no peito. A essas alturas todos já entenderam que a guarda está ali para recuperar a esposa vendida "por engano" pelo marido ferido e adquirida "de forma ilegal" pelo malicioso Conde D'Orr. Myrtes continua a olhar

PERIGOSAS NACIONAIS

para Erik, no aguardo de sua decisão. Estou em suas mãos.

Mas à medida em que caminho em direção a ele, com tudo em suspenso no aguardo da sua resposta, vou pensando nas opções que lhe foram apresentadas. Ele tem duas, e uma é claramente mais benéfica que a outra. A primeira é devolver a mulher que não lhe serviu nem mesmo para lhe dar prazer — e que cometeu o impensável e desrespeitoso ato de arrancar sua máscara e expor sua face deformada. A segunda opção é negar, e assim comprar a briga com a cidade inimiga, arriscando seu exército em uma guerra que só traria prejuízo. E tudo isso por mim.

— Estou aqui — digo, caminhando com as mãos apertadas ao lado do corpo em direção a eles.

A movimentação dos cavalos de Orr me faz parar no lugar. Myrtes me olha assustada, como se questionasse de onde saí ou o que estou fazendo ali. Os outros homens que os acompanham olham para Erik, sem saber o que fazer. Já para Erik, não tenho coragem de olhar. Falta dignidade para encará-lo. Atravesso por entre os cavalos, evitando olhar para o alto, ou tocar em qualquer um deles. Estou por um fio da completa desolação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Paro na frente de Raul, exalando todo o ar do corpo.

— Estou aqui.

A expressão de Raul é uma afronta a tudo que ele me fez, e ao horrível casamento que tivemos. Ele parece lívido, como se tivesse resgatado a esposa que foi raptada — e não *expulsa* por ele mesmo — da cidade onde viviam.

— Christine!

Ele tem a audácia de saltar do cavalo e estender os braços em minha direção, como se fôssemos próximos ou íntimos. A tropa atrás de mim se inflama pelo gesto brusco. Os cavalos se movimentam batendo os cascos no chão, e Myrtes chama meu nome baixo. Assim como os soldados de Orr reagem à aproximação de Raul, os próprios guardas que o acompanham mandam ele permanecer no lugar, longe dos locais. Observo como ele dá dois passos para trás, temeroso de que seu gesto possa disparar uma luta para a qual ele não está preparado.

Olho-o com asco. Que tipo de pensamento cruzou sua cabeça? Que eu o perdoaria pela surra de correntes e simplesmente retomaria o casamento de onde paramos?

PERIGOSAS ACHERON

Tudo em mim sente nojo dele e daquela chegada, mas nojo e tristeza são sentimentos tão conhecidos que não causam mais nada. E embora esteja confusa demais com sua aparição e não saiba como reagir, sei que está acontecendo bem mais do que a situação aparenta. Raul ficou sabendo que fui vendida ao Conde, um homem com fama de devasso, e resolveu reivindicar sua posse. Aproveita o fato de que fui trazida a Orr, uma cidade inimiga, e vê no resgate a chance de confrontar a cidade, sondar suas estruturas de defesa, e eventualmente preparar-se para atacá-la. Não sou tola, ouvi muitas conversas que iam nessa direção.

Eu? Eu sou apenas uma fagulha com o potencial de acender um pavio que ele mesmo pretendia colocar aqui.

— Christine, afaste-se deles. Ainda não demos nossa resposta. — Ouço a voz de Myrtes atrás de mim.

Aguardo com os olhos fechados ouvir a posição de Erik, mas ele continua uma estátua. Segundos se passam de completo silêncio. Os guardas de Andaluzia encaram os cavaleiros de Orr com hostilidade. Raul não consegue tirar os olhos de

mim, das vestes que trajo, dos arredores rurais. Sinto vontade de acabar logo com aquilo e dizer que vou onde eu quiser, e ficarei onde eu quiser, mas não consigo imaginar em que ponto do globo ou época da história uma mulher pode decidir onde ir e com quem ficar.

Resigno-me, não sem raiva e uma imensa mágoa.

Como a voz de Erik não vem, dou um passo adiante. Sou irrelevante demais para causar uma guerra entre Orr e Andaluzia. Mas a decisão chega com *raiva*; ela sobe aos poucos por mim. Espalha-se quente por braços e pernas, e incendeia o pescoço e o rosto. *Ele* causou tudo isso, quando se vingou de mim no teatro. *Ele* fez com que eu apanhasse de correntes, em praça pública. Ter me trazido para cá e me tocado não deveria desculpar nada. Eu deveria odiá-lo por agora me transformar em um tipo de espólio de guerra, e abster-se de dizer algo em minha defesa. *Por sua causa, Erik, eu vivi uma vida inteira de tristeza, e ainda tenho muitos anos para continuar sentindo-a.*

Eu odeio você por não dizer nada.

Olho para trás e vejo Erik migrar os olhos do rosto de Raul para o meu. Jamais esquecerei o olhar

que ele lança de volta. O que vejo é um homem incapaz de sentir emoção, e que lida com a minha vida como se ela não valesse nada. Seu rosto continua erguido e o maxilar travado, e os olhos frios parecem forjados de puro aço. *Você não guerreará por tão pouco, eu sei.*

Ele não diz nada. Nem para mim, nem para Myrtes, nem para Raul ou a guarda. Ele dá meia-volta e galopa de volta ao castelo, como se tudo aquilo tivesse sido um evento pouco importante e que tomou tempo demais. Myrtes o observa se afastar sem saber como agir pelos próximos segundos. Ela vocifera algo e olha para mim. Não pode decidir pelo Conde, nem sabe na verdade o que significa sua retirada da conversa. Ela coloca o cavalo para andar, e eles param ao meu lado.

— Acatamos a solicitação de Andaluzia — ela diz em alto e bom tom. — Podem levá-la.

Em seguida olha para mim com nítido desagrado.

— Desculpe, Christine. Não há nada que eu possa fazer.

Ela também dá meia-volta e cavalga de volta para dentro dos muros do castelo, me deixando na estrada.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 24

ERIK

Subo as escadas amparando as mãos nas paredes, tentando afrouxar o lenço ao redor do pescoço. *Preciso de ar.* Nas vísceras se embola algo oleoso e bravio, como cobras tentando se mover em um espaço apertado. Desde o momento em que ela arrancou minha máscara e viu o inominável, sofro de algo que achava ter superado.

Vergonha. Embaraço. Insegurança.

Ah, Christine... O desmascaramento revelou a vontade silenciosa de agradar seus olhos, prova de PERIGOSAS ACHERON

que você não é — jamais foi, jamais seria — uma qualquer. Os sinais estavam todos lá, durante os momentos em que meus dedos percorreram metros de pele sua como se tocassem algo santo. Um sentimento ignorado reaceso no peito, como a chama de uma tocha vinda de um túnel escuro. Seus olhos apaixonados nos meus, como um sonho que me persegue há anos. Os suspiros e gemidos, tanto exalados quanto suprimidos, a cada pedaço seu que sentia em minha boca. Tentei manter distância, mas o coração insistia em bater por você. Mais forte. Mais rápido. Eu me perguntava como você podia mostrar tanta entrega, tanto ardor e loucura se optou anos atrás pelo meu inimigo. E enquanto me torturava com pensamentos assim, me perdia no modo como você parecia liquefazer entre meus dedos. Cada toque dos meus lábios em seu corpo, cada suspiro de prazer que arranquei de você só serviu para mostrar que eu ainda sinto o mesmo que antes, e que aquela montanha incontornável de sentimentos só estava encoberta por uma década e meia de poeira e ódio.

E agora eu perdi você.

Cambaleio até o quarto e ando até a janela sentindo o coração falhar. *Você se foi.* Constatar

isso é tão terrível que sinto vontade de gritar. Arranco minha máscara e lanço-a longe, soltando um urro de dor. Olho para a carta em cima da escrivaninha e faço-a voar no ar, junto com o móvel. Não entendo que ímpeto é esse que me faz ter vontade de lutar até minhas últimas forças por você, que me dá forças para matar mil homens para não sentir outra vez o que você está me fazendo sentir!

Eu cortaria a garganta de Raul se não fosse pela promessa que fiz. Jurei ao meu padrinho, meu salvador, que honraria Orr acima de tudo — inclusive da vingança que cozinhava em mim. Que jamais colocaria seu povo em perigo, e manteria a cidade isolada da sujeira de Andaluzia. Quando vi Raul se aproximar de você foi como se mil punhais me ferissem no peito.

Ele não precisou nem pedir. Você caminhou sozinha até ele.

Tombo de joelhos no chão, sem saber o que fazer. O que colocamos dentro desse vazio no peito? Como fechamos esse rasgo no coração?

Você disse que eu não tinha palavra quando me recusei a contar o que aconteceu. Você tem razão, eu não tenho palavras. Elas não vêm, nunca saíram

de mim. As coisas terríveis que fizeram comigo nunca acharam voz. São monstros sem forma pairando em corredores de velhos castelos, sussurrando no ouvido que só me resta voltar a odiar você. O ódio é preferível à dor.

— Erik?

Ofego, ajoelhado no chão, quando ouço a voz de Myrtes. Peço um segundo e me levanto. Coleta a máscara no chão e a recoloco no rosto, ajeitando o cabelo. Só então falo:

— Entre.

Myrtes entra e fecha a porta. Pela expressão, sei que aguarda uma explicação para a reação de há pouco. Ela espera que eu comece a falar, mas não quero.

— Por que não retrucou? — ela finalmente pergunta.

— Não há o que retrucar. — Volto a olhar para a janela, para que ela não veja meu estado. Sei que ela está segurando a língua para não soltar a próxima frase. Vamos ver quanto vai durar.

— O senhor pagou por ela. No mínimo deveria ter exigido compensação.

Sinto uma pontada de dor ao lembrar que ofereci dinheiro por ela. Do seu estado, caída na

praça da cidade, depois da surra covarde.

— O problema foi resolvido, Myrtes. Isso é tudo?

Por longos segundos ela não diz nada, e me viro discretamente para ver se ela ainda está ali. Ela está, e furiosa.

— Por que está alterada? — eu me irrito. — Você sabia da carta, sabia que eles viriam. Ontem mesmo disse que não valia a pena lutar contra eles.

Myrtes troca o peso do corpo entre as pernas. Sua língua passeia dentro da bochecha, sinal de que está prestes a me dizer algo que, sabe, vai me desagradar. Mas dirá, mesmo assim.

— Não gostei do que ouvi da moça — ela começa, balançando a cabeça. — Eu achava que ela fosse uma espiã, alguém que eventualmente retornaria a Andaluzia e contaria sobre o que viu aqui. Mas então ela... me contou coisas, e eu me senti atingida. Pessoalmente envolvida com ela.

Tento modular o tom ao perguntar:

— O que ouviu?

— Olha, Erik, sei que vocês têm uma história. Você foi para Andaluzia por uma noite e retornou com a esposa do prefeito. Manteve-a no castelo, coisa que jamais vi fazer. Quando a levou lá para o

seu palco particular, não fez com ela a metade do que faz com as outras.

— *Palco particular?*

— Por favor, sei que o assunto é desconfortável, mas como responsável pela defesa dessa cidade, preciso entender o que está acontecendo. Quem é ela, e por que ela mexe tanto com você?

— Se é isso que veio saber, vá embora. — Volto a olhar para a janela, sentindo o centro do peito queimar.

— ... E o fato dela ter preferido saber da história. Aquilo realmente me intrigou.

— Vá embora. — Subo o tom. A conversa não está ajudando o meu estado.

— Ela contou que foi estuprada pelo marido?

Congelo na posição, sentindo um arrepio correr gelado pelos membros.

— Não. Provavelmente porque não é verdade — digo, ríspido.

— Ela rejeitou a experiência que ofereceu ontem porque não sabia o que estava sendo oferecido. Ela não conhece nada sobre sexo.

A voz de Myrtes é de espanto e incredulidade, e por mais que queira que ela pare de falar, o que ela

PERIGOSAS NACIONAIS

fala lateja em meus ouvidos. — Ela mentiu para você, general.

— Ninguém mente tão bem, Erik, principalmente com o olhar. E o olhar dela quando te viu na janela, mais cedo, era de quem havia sido profundamente magoada.

— Myrt...

— Ela é apaixonada por você. Mas você não aceita, não é mesmo?

Assim que a ouço, sinto o sangue sumir das extremidades.

— Você nem desconfiava?

Por mais que a frase me toque, o que aconteceu depois mudou tudo. Ela me viu. *Como poderia me amar?*

— Isso foi antes dela ver meu rosto.

Myrtes avalia minha expressão, e volto a dar as costas para ela.

— Acho que finalmente descobrimos um motivo, Erik.

— Do que está falando?

— Uma razão para lutar. Andaluzia tenta há anos entrar em confronto com Orr, e nunca sentimos que era a hora. Talvez agora seja o momento.

PERIGOSAS ACHERON

Olho-a incrédulo, ofendido pelo modo como o peito acelera em resposta às suas palavras.

— Está sugerindo que devemos invadir Andaluzia para recuperá-la? — A intenção era parecer ofendido, e não emocionado.

— Você sempre me perguntou sobre isso. Em que momento eu saberia ser a hora. Pois eu digo: esta é a hora.

Olho-a por um tempo, e vejo o rosto vincado formar um sorriso. Ela tem uma ideia, e tudo em mim quer ouvi-la.

— Você marcharia até lá com as garotas? Elas não estão prontas.

Myrtes se aproxima e pousa a mão em meu braço.

— Tenho um plano, e ele envolve a minha irmã.

Não acredito que ela disse aquilo.

— Acha que ela...

— Não só ela, como também *ele* ficará do nosso lado.

— Não sei, Myrtes, não podemos contar com eles.

— Não só podemos, como vamos. Lembra do que eu disse quando me ofereceu o posto de

PERIGOSAS NACIONAIS

general? Quando, contra tudo e todos — e pela primeira vez na história —, acreditou que uma mulher pudesse fazer a diferença para Orr? Lembra do que eu te disse na ocasião?

— Você sempre falou demais. É muita coisa para lembrar.

— Eu disse que, ao colocar uma mulher nessa posição, você teria que respeitar um modo diferente de pensar. Pois bem. Esqueça a marcha bélica, os confrontos violentos e os motivos torpes. Atacaremos do nosso jeito, com aliados e pelos motivos certos.

— E como regente de Orr, posso saber que motivos são esses?

— O único motivo pelo qual vale a pena lutar, Vossa Graça. Por amor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 25

ERIK

Foram dias miseráveis de espera. Não podia partir sem a resposta, e a resposta estava demorando. O tempo passava de forma absurdamente lenta; primeiro, as sombras cresciam dentro do quarto, então elas se alongavam e por fim sumiam. Às vezes Leander aparecia para ver como eu estava; nas outras, Imelda tentava entrar para arrumar o quarto e eu a mandava embora. A bandeja com a comida permanecia do lado de fora da porta, porque pouco me importava comer. Durante esses

PERIGOSAS ACHERON

dias de martírio mal saí do quarto. Deitava na cama e tirava a camisola cortada de debaixo do travesseiro. Levava-a ao rosto, fechando os olhos ao sentir seu cheiro, lembrando da noite em que a lavei, inteira. O corpo aquece, como se aceitasse aquelas memórias como certas. E enquanto cada segundo da noite se repetia na mente, torcia e pedia a algo maior que eu, que ela sentisse de fato o que Myrtes me garantiu. Que ela gostasse de mim, nem que fosse o suficiente para retornar. Uma vez aqui, eu imploraria por seu perdão. E tentaria, sem saber como, fazê-la me aceitar.

Mas nem só coisas boas passam pela cabeça. Não posso esquecer que Christine partiu de Orr profundamente magoada. Achei que ela tivesse se entregado a Raul porque quisesse partir. Que tinha perdoado seu marido — embora aquilo me parecesse doentio — porque tivesse aprendido a conviver com a dor, como eu.

Mas altruísmo? Render-se para evitar que fôssemos atacados?

Não.

Como podia saber que ela era infeliz? Que durante anos o evitou? Que sentia algo por mim, e não só pelo homem que fui no passado?

Eu devia ter desconfiado, na Ópera. Ela disse o meu nome assim que me viu. E na masmorra, sua entrega não foi falsa; ela queria estar ali, comigo. Ela se entregou quase por inteiro, mas eu estava tão envolvido em minha própria dor, tão miseravelmente preso ao passado e à ideia de não ser mais o homem que um dia amou, que só consegui puni-la e afastá-la.

E agora, os dias passavam morosos. O que Raul Santiago havia feito com ela? Myrtes garantiu antes de partir que ela estaria segura, porque era um trunfo para Andaluzia. Eles a coagiriam a contar o que viu, ou a usariam para uma eventual barganha. Mas isso pouco me acalmava. Eu passei quatro dias completamente imerso em preocupação, perguntando aos céus se estava bem. Se aceitaria conversar comigo. Se voltaria para cá.

E enquanto Myrtes não retorna, não consigo controlar a angústia. Mantenho dois homens no campo, distantes no horizonte, no aguardo dos primeiros sinais de que ela está retornando. Não aguentaria esperar se não soubesse que tenho sentinelas a postos, prontos para me trazer a mensagem algumas horas mais cedo.

— Senhor? — Imelda bate à porta, e eu acordo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Enfio a camisola debaixo do travesseiro, ajusto a máscara e abro a porta. Ela empurra a bandeja para dentro. — Sua refeição.

— Não estou com fome.

— Não perguntei se estava. — Ela entra no quarto, estacionando o carrinho ao lado da mesa. Em seguida olha para o cômodo, procurando meu vulto, e quando me acha, cruza as mãos, dizendo solene: — Fico feliz que tenha decidido buscar a moça.

Esse é o problema de se estar sempre cercado por mulheres. Elas jamais guardam a opinião para si.

— Ah, sim? — respondo à senhora que quinze anos atrás tratou meus ferimentos, e me conhece melhor que qualquer outro ali. — Se não me engano, reclamou dela todos os dias em que estive aqui.

— Eu reclamaria da família real, se me dessem a chance — ela resmunga. Enquanto roubo uma uva do cacho que trouxe, ouço-a completar: — O problema é que, agora que sei quem ela é, sei também o que representa para o seu coração machucado.

A uva desce apertada pela garganta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que não disse que ela era *a Christine*?

— Porque não me lembro de tratar de assuntos privados com a senhora — respondo, começando a não gostar do rumo da conversa.

— Não foi ela quem cometeu aqueles horrores com você, foi?

— Não — eu a tranquilizo. Sei por que pensa assim, mas não foi. — Ela não teve culpa.

— Então parta com as garotas, destrua aquele lugar maldito e a traga de volta. E enquanto vemos daqui Andaluzia queimar, corteje-a, e seja o cavalheiro que deveria ter sido com ela e não foi.

Agradeço sua opinião, empurrando-a delicadamente em direção à porta. Essa é a hora em que ela começa a dar indiretas sobre a masmorra, e como jamais arrumarei um casamento levando mulheres para lá. Embora Imelda seja cega, não é nada surda.

— Leve flores, elas sempre funcionam.

— Sim, boa ideia. — Empurro-a com gentileza para fora.

— E se ela quiser bater na sua cara, deixe. Mulheres machucadas precisam aliviar sua fúria de algum modo.

— Anotado.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah! — ela diz antes que eu consiga fechar a porta. — Não demore a ir. Ela pode querer se vingar pela demora. Quanto mais dias, maior fica a nossa raiva.

— Agradeço sua colaboração às minhas já milhares de preocupações. Não é minha intenção demorar.

Imelda parte satisfeita por ter colaborado de alguma forma e eu fecho a porta. Mal tenho tempo de exalar. Assim que ela fecha, ouço as batidas na porta. Abro preparado para agradecer mais uma vez pela sua preocupação, quando vejo um dos sentinelas que mandei aguardar a volta de Myrtes na estrada.

— Vossa Graça, Myrtes está voltando.

Meu coração recomeça a esmurrar as paredes, como se acompanhasse o som de tambores. Saio do quarto como uma flecha, e cruzo os corredores correndo em direção à estrebaria. Disparo com o cavalo pela estrada, precisando ouvir a resposta. Não ajo mais com a tranquilidade de um regente, mas como um jovem com impulsos incontrolláveis típicos da puberdade. Ela está tão próxima de mim, em meus devaneios. Tão ao alcance das mãos. Mas para recuperá-la — de livre e espontânea vontade

— preciso de um plano. O meu, Myrtes descartou. Quando contei que planejava entrar com armas e punhais em sua casa e tira-la à força de Andaluzia, matando quem estivesse no caminho, Myrtes sugeriu que eu repensasse a ideia. Seria uma tragédia, e concordei que sim, seria. Ela disse ainda que Christine merecia mais consideração e trato, depois de tudo que fiz. Que eu precisava mostrar a ela que conseguia ser minimamente civilizado e, quem sabe, parcamente cortês.

Não tive muitos argumentos para discordar. Disse sim para tudo.

Mas o plano de Myrtes dependia de forças externas, e é a resposta para essas condições que busco, galopando tão depressa. Não saber a resposta destrói meus nervos e arruina meu coração. Precisa dar certo.

Myrtes vem cavalgando ao lado de dois de seus soldados, e nos encontramos na estrada, a quinze minutos da sede de Orr. Ela dispensa as meninas quando me vê e me encara com um meio sorriso no rosto quando finalmente a alcanço.

— Não aguentou esperar que eu chegasse? — pergunta, maliciosa.

— Não. Vá, fale.

Ela passa por mim, erguendo o queixo. Sei quando quer fazer charme, e praguejo a mim mesmo por confiar tanto em mulheres. Elas são simplesmente insuportáveis quando estamos agoniados, e parecem tirar um prazer incompreensível de nossa miséria.

— Pare com isso. Conte-me.

— *"Minha irmã está bem, obrigada por perguntar. Meu cunhado está bem também"*. Achei que se importaria em saber.

— Se não me contar agora, rebaixarei você a soldado — ameço-a, aborrecido.

— Oras, Erik, é claro que eles estão do nosso lado. Áurea é minha irmã, e ela apoiaria você em qualquer assunto.

É como se um peso imenso caísse de meu peito, e eu conseguisse finalmente respirar. Não achei que teriam má vontade frente ao pedido, mas sei que o que pedimos pode alterar muita coisa. E eles precisariam se mobilizar rápido.

— Então quer dizer que...

— Sim, quer dizer exatamente isso. Meu plano, minhas regras. Partiremos amanhã, porque eles chegarão em breve. Você sabe que não convém demorar a pedir perdão a uma mulher magoada,

não sabe? Quanto mais dias...

— ... Quanto mais dias passarem, maior será a sua raiva. Já entendi. Partimos amanhã antes mesmo do raiar do dia.



CHRISTINE

O jantar acontece como das últimas vezes: em silêncio. Os criados entram e saem mudos, com os olhos arregalados. Não sei se estão envergonhados por mim ou de mim, mas o fato é que pouco a pouco os rumores de que a esposa expulsa a cintadas está de volta, e quanto mais frenesi minha volta causa na cidade, mais silencioso vira o meu mundo.

O som do talher batendo na louça, cortado aqui e ali pelo tictac do relógio, e os suspiros que às vezes tanto eu quanto ele soltamos, são os únicos sons que se ouve na casa.

— O cordeiro está bom?

Olho para o prato intocado e não respondo. Levo a taça de água à boca, conferindo as horas. Às

nove subo para o meu andar e fecho a porta do quarto, e por algum tempo me vejo livre de Raul. Ainda não o respondi nem uma vez desde que cheguei, ou desde que nos reencontramos em Orr. Exige esforço não ouvir sua voz, mas estou ficando melhor a cada dia. Já quase não registro sua imagem à frente, e daqui a pouco ele será inteiramente invisível. Temo somente desaparecer também, enquanto apago o mundo pouco a pouco.

Afasto o prato quando o relógio bate as nove badaladas. Estou aqui, mas nas condições que aceitei. Sem toques, sem aparições públicas, sem conversas. Mais uma vez dois estranhos vivendo de aparências sob um mesmo teto, e só. Com a diferença de que, desta vez, intenciono matá-lo se aproximar-se a menos de um metro de mim.

— Vou para o meu quarto.

Raul arrasta a cadeira e se levanta. Seu olhar tem um tom de desespero que deveria me afligir, mas estou cansada demais para me importar.

— Espere. Pensei que pudéssemos conversar essa noite.

— Não temos nada para conversar. — Levanto também.

— Sim, temos — ele insiste. — Você passou

duas semanas fora, naquele lugar horrível. Ouvi coisas pavorosas sobre o homem que governa aquelas terras, e quero saber se ele fez algo contra você.

Olho-o sem realmente entender como alguém como ele pode acusar outros de crueldade. Gostaria de perguntar o que ele considera cruel. Fazer sexo não convencional? Machucar um homem a ponto de deixá-lo morrer na estrada?

— Algo contra mim? — repito sua pergunta, fingindo pensar. — Algo do tipo "me surrar de correntes", "me expulsar da cidade," ou ... — Paro antes de dizer a última frase: jogar ácido sobre a face de desafetos?

— Eu já pedi desculpas.

Ah, claro. E eu sou obrigada a aceitá-las. Pouso o guardanapo sobre a mesa e dou-lhe as costas.

— Boa noite, Raul.

— Christine, até quando fará silêncio sobre o que aconteceu?

— "Para sempre" é uma boa resposta para você? — quebro o jejum de respostas enquanto subo as escadas.

A verdade é que cansei daqui, dele, da vida, de Andaluzia. Não quero mais nada disso, nem pensar

outra vez em Orr. Recuso-me a admirar uma sociedade que não mexeu um dedo para me proteger, e me entregou de bandeja ao bandido que me torturou e me fez ser expulsa da cidade. Não há no mundo quem preste, essa é a verdade. A sensação é que só existe eu e esses sentimentos horríveis que sinto, que escureceram o mundo e o deixaram mais triste.

— Christine, sei que no momento de fúria agi errado — Raul diz ao pé da escada, quando já estou quase alcançando o segundo andar. — Mas ponha-se no meu lugar. Você foi flagrada com a blusa aberta na frente de todos. — Ele faz cara de nojo. — Você entende que nunca mais poderá frequentar esses mesmos lugares, não entende? Que eu, como seu marido, tive minha vida social e política arruinada!?

Acho que ele quer que eu sinta pena. Abro a porta do quarto e fecho-a com toda a força, chacoalhando as paredes quando a madeira se choca no batente. O que sinto por você não é pena.

Coloco a cadeira encaixada na maçaneta, para o caso dele beber demais e tentar abri-la à força, como fez duas noites atrás. Dou dois passos para trás no quarto escuro. Vocifero baixo quando

lembro que me esqueci de trazer a lamparina para acender os castiçais. *Maldição.*

Mas quem tem cabeça para ler, com tantos horrores obstruindo a mente? Solto o cabelo, que cai em cascata pelos ombros, e tiro os anéis. Coloco-os dentro da louça branca sobre a cômoda de madeira, a única coisa que enxergo na escuridão, e tento desabotoar o vestido. Um ar frio invade o quarto e remexe as cortinas, e vejo que deixei a janela aberta. Estranho, não me recordo de tê-la deixado tão escancarada.

E enquanto caminho até ela, vejo sobre a cama um cartão, e sobre ele, uma flor.

Congelo no lugar. Alguém esteve ali. Ando até a cama e levo a mão à flor como se ela fosse uma armadilha. Uma rosa. Trago o cartão às vistas e levo-o até a janela. Olho para fora, conferindo se há alguém ali: não há. Sob a parca luz da lua leio a palavra:

Perdão.

Sento na cama com as pernas bambas. O corpo começa a faiscar como o pavio aceso de uma bomba. Olho para as minhas mãos e sinto-as acesas, como se iluminadas por alguma substância que aquece e reluz. Erik. Erik está em Andaluzia, e

está me pedindo perdão? À simples lembrança dele meu coração começa a palpitar, e o corpo a queimar. Queimar como fogueira. Como incêndio em época de seca.

Fecho os olhos tentando sentir a raiva que senti ao deixar Orr, mas o que vem é a sensação luminosa de saber que ele esteve ali. Vejo seu rosto desfigurado, sem máscaras, na minha frente. Vejo o peito marcado de desenhos, largo como o mundo e tão perfeito. E lembro também de todos os atos obscenos que fez comigo naquela única noite. Como é estranha a sensação de arder pelo que não devemos desejar.

E como é forte isso que me coloca de pé e me impulsiona a encontrá-lo.

Preciso dizer a ele que o ódio por ter aparecido e virado minha vida ao avesso, em seguida estalar minha mão em sua cara e por fim me jogar em seus braços.

Olho para o pedaço de papel procurando outra informação — onde encontrá-lo —, mas não há mais nada escrito ali. Aperto a rosa, frustrada, e o espinho fere meu dedo. Enquanto levo o dedo à boca, entendo a mensagem. *Sei onde ele está, e sei que está esperando por mim.*

Infelizmente preciso esperar uma hora até que Raul esteja bêbado demais para notar que desci. Às dez, paro no primeiro degrau da escada e ouço o barulho da casa: nada. A cada degrau que desço, sinto como se estivesse prestes a desmaiar. A mente fantasia coisas que me enrubesceriam em outra vida, mas que nessa me movem como o fogo move uma locomotiva. Desço amparando as mãos nas paredes, sentindo a carne tremer pela antecipação.

Saio de casa e me enveredo no bosque, sem entender o que ele pretende. Me chamar para voltar? A mente se ilumina pelo pensamento ilógico. E o que eu faria lá, sabendo que ele leva mulheres para uma masmorra, e com elas performa atos impensáveis que arrancam gemidos tão altos que acordam o castelo?

Espanto da mente o pensamento. O que sei é que ele está ali, e quer pedir perdão. Preciso dizer quão decepcionada estou por ele não ter me defendido e se recusado a me entregar. E preciso pedir desculpas também por ter arrancado sua máscara.

O caminho que pego é o que pegava anos atrás. O bosque, parte do jardim, está escuro, mas é fácil achar a fenda na cerca que divide a mansão do

jardim da grande Ópera. Abaixo para caber onde antes passava aos risos, louca pelos encontros furtivos nos corredores escuros, e atravesso o jardim de rosas com uma sensação estranha no peito. Nostalgia. Melancolia.

O teatro está às escuras, mas velas foram acesas indicando o caminho. Não há ninguém ao redor, e eu caminho estalando os dedos de tensão. Um fogareiro queima dentro da barriga. A voz não sairá sem embargo. Olho ao passar por uma entrada o grande palco vazio. As cortinas que me revelaram pouco tempo atrás estão fechadas, e deixo-o para trás. Não acho que Erik me aguardaria ali. Desço as escadas estreitas que levam ao antigo camarim, hoje apenas um depósito de coisas bolorentas, sabendo que é ali que ele está.

Preciso tatear pela superfície dos móveis para me orientar. O coração parece querer sair do peito, de tanto nervoso. E se ele não estiver ali? E se foi tudo um mal-entendido?

Mas uma voz gutural e emocionada prova que não estou enganada:

— Obrigado por vir.

O susto me faz andar para trás e esbarrar em uma penteadeira. As mãos cravam na madeira,

enquanto os olhos o procuram na escuridão.

Uma luz cresce ao redor de um pavio, e eu o vejo. Primeiro sua silhueta, depois ele inteiro. Ele sopra o fósforo e ergue a lamparina. A luz chega trazendo cheiro de queimado e a visão perfeita do seu rosto: metade de uma beleza indescritível, metade uma lua crescente no céu. Sua visão quase faz meu coração parar — do traje elegante e bem modelado ao corpo aos ombros largos e fortes — e até esqueço que estava com raiva.

— Não ouvi você chegar — digo, pousando as mãos no peito para acalmar o coração. Estou com dificuldades de respirar.

Ele olha para a rosa entre os dedos e sorri.

— Estou feliz que esteja aqui.

Por segundos fazemos silêncio. Por que ele não fala, não sei. Sei que minha voz, caso dissesse algo, sairia falhada.

— Christine... — Ele pousa a lamparina sobre um móvel empoeirado. — Desculpe-me por tudo.

A lista é longa, Erik.

— Perdoe-me por ter arruinado sua reputação. Por ter desejado feri-la. Quem estava ferido era eu.

Que Deus me permita ouvir o que ele tem a dizer sem chorar ou ruir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Perdoe-me por não ter conseguido impedir que ele desse a primeira correntada em você. — Erik abaixa a cabeça. — Pedirei perdão para sempre, se me permitir, por ter demorado a intervir. Achei que haveria ódio suficiente em mim para me sentir vingado, mas me senti pequeno e cruel.

Abaixo a cabeça e concordo. Foi cruel.

— ... E me perdoe também por ter levado você até a masmorra e prometido algo que ainda não consigo dar.

Ergo as vistas, vendo-o lutar contra as palavras.

— Não achei que... ao sugerir que continuássemos, você pediria para parar.

Sinto a face quente ao lembrar da noite. Meus olhos encontram os dele, e torço para que a sua lista de desculpas esteja no fim. Estou irremediavelmente apaixonada, e preciso mostrar o quanto.

— Quando vi você andar até Raul, dias atrás, achei que fosse porque minha face tivesse assustado você. Que você preferia encarar Andaluzia a ficar conosco.

— Como? — A frase é tão estranha que o interrompo.

— Achei que quisesse fugir. Que não suportaria

PERIGOSAS ACHERON

me ver.

Aquilo é demais para mim. Dou um passo em sua direção, próxima o suficiente para dizer: — Eu jamais deveria ter tirado sua máscara, Erik. Mas seu aspecto não me assusta — engulo em seco, procurando coragem para completar: — Na verdade, você me atrai.

Corro os olhos pelo seu rosto, sentindo-me idiota por confessar o que pra mim é óbvio. Como vou conseguir dividi-lo com tantas outras? O que vai acontecer a partir de agora? Mas, no momento, o que importa é deixá-lo saber que ele jamais — *jamais* — me assustaria.

Toco de leve seu rosto, com medo de afastá-lo: — Como pode achar uma coisa dessas?

Por um tempo ele me encara, mas então cede. Encaixa minha mão entre o rosto e o ombro, e leva minha mão à boca. Beija longamente cada um dos meus dedos, em silêncio, enquanto o degelo acontece. Não preciso ouvir mais nada. Não preciso dizer mais quase nada.

Com a força com que Erik pressiona o peito contra mim, um dos espinhos da flor me fura. Ele traz meu dedo à vista, acompanhando a gota minúscula de sangue que brota.

PERIGOSAS NACIONAIS

Trocamos olhares, e quinze anos de dor desaparecem. Ele leva meu dedo à boca, suga-o de leve, e em seguida me beija.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 26

A decisão foi tomada assim que ele me fez a pergunta:

— Christine, aceita sair de Andaluzia esta noite para nunca mais voltar?

Minha resposta foi entrelaçar os dedos aos dele.

— Aonde você for, eu vou.

Ele me olha emocionado, e me beija outra vez. Seus dedos embrenham-se no meu cabelo e meus braços envolvem seu pescoço. Na ponta dos pés, sinto-o me apertar contra seu corpo enquanto sua língua passeia fundo em minha boca. Agarro a lapela de seu casaco, sentindo o pulso acelerar.

O beijo é interrompido sem vontade, entre arfadas, por ele.

— Quero isso mais que a vida. Mas precisamos ir. Já.

Myrtes nos espera do lado de fora da Ópera, em uma das ruas laterais. Na hora de subir no cavalo, ela indica que posso viajar com ela, mas Erik me estende a mão e me puxa até sua cela, me encaixando na sua frente. Seu peito duro e quente encosta nas minhas costas, e seu hálito chega perto do ouvido cada vez que respira.

— Não será uma cavalgada fácil. — Ele se ajeita entre a cela e eu. Está apertado e sinto suas partes íntimas roçarem meu traseiro. Não tenho dúvidas que será um calvário.

Saímos de Andaluzia por um bosque que faz limite com a cidade, evitando as ruas vigiadas. Quando a estrada escura surge, aumentamos a velocidade. Ele e Myrtes não trocam uma palavra, movendo-se como em uma coreografia, como se treinados para situações como essa. Faço o máximo de silêncio para não atrapalhá-los, porque o medo de sermos parados ou reconhecidos eleva a tensão a níveis insuportáveis. Eles bolaram um plano de fuga que contou não só com os dois, mas também

com Leander e uma carroça quebrada na estrada principal, uma cortina de fumaça para diminuir a patrulha da rua. Temos pouco tempo até chegar a Orr: até às seis da manhã estaremos em vantagem; depois disso, quando descobrirem que fugi, poderão ou não vir atrás de mim. Pelas poucas conversas que ouvi entre Raul e Zapata, eles virão.

Mas nem o medo nem a tensão competem com o sentimento bom de que ele voltou por mim. Que está ali, em pessoa, para me reaver, porque me quer ao seu lado. Deixo Andaluzia para trás sem remorso. Minha vida aqui se encerrou.

Cavalgamos por horas. Desperto de um breve cochilo quando o sol finalmente se insinua no horizonte, clareando a estrada. Ao redor só existem planícies desabitadas, mas a sensação é que estou em segurança, encostada em seu ombro e amparada por ele. Myrtes vai na frente e nós atrás. Olho-o por cima dos ombros, e ele interrompe o olhar endurecido de quem presta atenção ao redor para sorrir. Arrasto a lateral do rosto em sua jaqueta, feliz por estar ali. Viro para trás e olho-o mais uma vez para ter certeza de que não foi um sonho. Um beijo breve mostra que não é. Mas não quero um beijo breve, nunca mais. Beijo seu queixo

demoradamente. Inalo seu cheiro, perdida em sensações novas e desenfreadas. Bom dia, eu o desejo em pensamento, sorrindo de volta para a frente.

Minha demonstração de afeto não é desperdiçada.

Sinto seu nariz mover meu cabelo para o lado, e beijos delicados correrem pela pele sensível do pescoço. Curvo a cabeça, começando a ofegar. Os beijos se intensificam e viram lambidas e mordidas que me arrepiam e amolecem.

Suas mãos apertam com força minhas coxas sobre o tecido da saia. A simples pressão do seu toque me faz gemer de vontade. O cavalo continua a marchar devagar, bem mais lento que o de Myrtes, e ela vai ganhando distância. A respiração está mais rápida e mais profunda, fazendo o peito subir e descer. Um calor fora do normal se espalha do ventre em direção ao resto do corpo.

Uma de suas mãos solta a rédea e se entrelaça à minha. Levo-a até a minha barriga, encostando a cabeça outra vez em seu ombro. A vontade de que me toque é torturante, e no embate entre vergonha e desejo, vence o desejo. Desço suas mãos devagar até o meio das minhas pernas, à intimidade

apertada contra o couro da sela, indicando o que quero. Ele murmura meu nome enquanto sobe camada por camada de tecido até que sua mão ache minha pele. Queimo quando seu toque vira realidade, e seu dedo entra em mim. Queimo ali embaixo desde que sua língua me despertou, dias atrás, e seu toque é a coisa mais perfeita que poderia imaginar. Ele leva o dedo do meio até o meu centro e inicia um movimento delicado de entrar e sair. Sinto a umidade envolver seus dedos, facilitando o acesso. Ele força com os outros dedos meu ponto mais íntimo como se o empurrasse para dentro, achando espaço entre minhas coxas e a sela. Puxo o ar como se ele faltasse no mundo, ouvindo-o murmurar palavras incoerentes. Ele mordisca minha orelha enquanto fricciona meu clitóris. Perco boa parte da paisagem nesse ir e vir e vai-e-vem de dedos, porque fecho os olhos e me entrego como se só existisse no mundo eu e ele, e nada mais.

— Christine. — Sua voz parece pronta para explodir de emoção. — Que feitiço é esse que lançou sobre mim?

— Não sei — respondo com sinceridade. — Só espero que ele nunca se quebre.

Em algum momento Myrtes percebe o que está

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecendo e acelera a cavalgada. Não estamos longe de Orr, e sua presença é desnecessária.

— Não chegaremos a Orr se continuar a me provocar.

— Não consigo evitar — digo arrastando o rosto no seu, encaixado contra o meu ombro.

Ele sussurra em meu ouvido:

— Provarei você inteira, minha vida. O que existir em você para amar, eu amarei.

Solto um suspiro, pegando sua outra mão e trazendo-a até meu corpo. Ela sobe firme pelo meu abdômen, acaricia um dos meus seios, corre em direção ao pescoço e entra entre as minhas mechas. Sem aviso, puxa meu cabelo, erguendo meu rosto. Estou inteiramente rendida em seus braços. Sua boca procura a minha para um beijo molhado, que mais se assemelha ao sexo oral que me proporcionou na masmorra.

— Ah, meu amor — ele rosna quando me larga.

Sim, eu sou. Com uma boa dose de força e equilíbrio, tiro sua mão de mim e passo uma perna por cima da cela, sentando de lado. Ele entende o que quero e me ergue, me ajudando a passar a outra perna por cima da sela e me sentar de frente para ele.

PERIGOSAS ACHERON

A paisagem passa agora ao contrário, mas não a vejo porque o abraço e me fundo a ele por inteiro. Sei, durante o próximo beijo, que ele está tenso e retesado pelo corpo colado ao seu. Não sei se é dor física ou emocional que sente, mas à medida que sua virilha roça contra a minha e sinto sua ereção estufar a calça, o desejo vence o medo.

As mãos passeiam pelos músculos duros do seu corpo enquanto os lábios formigam pela fricção do beijo. Ele me firma pela nuca enquanto a língua explora minha boca. Tanto amor. Tanto desejo não vivido ali.

— Você sabe que não teremos tempo para ficarmos juntos, não sabe?

Ele me avisou que eles usariam minha vinda para um ataque, e que a guarda de Andaluzia poderia chegar a qualquer momento. Que não nos veríamos como gostaríamos por causa da mobilização e da concentração que uma batalha exigia. Eu sei.

— Por isso quero você agora — falo contra sua boca.

Ele me olha com um fogo diferente. Como se eu tivesse formalizado a permissão para avançar. Ele ergue as mil camadas da saia e desabotoa o

primeiro botão da sua calça. Seguro em seus braços para me equilibrar enquanto ele ofega em silêncio. Minhas coxas tremem quando ele ergue a saia e me desnuda, olhando para baixo. Ele balança de leve a cabeça, como se a visão da minha intimidade o desorientasse. Estou assustada com o que vai acontecer, mas quero tanto que aconteça que levo as mãos até o estreito espaço entre nós e desabotoo os outros botões faltantes da calça. A visão de seus pelos pubianos saindo por entre a abertura me causa palpitações por partes diferentes do corpo. Não tenho muita experiência na anatomia masculina, e tento tirar seu membro de dentro da calça tremendo tanto que ele faz isso por mim. Engulo em seco à visão de seu membro grosso e endurecido, rodeado por veias azuis. Passo os dedos por ele, espalhando o que mina ao redor, soltando um gemido ao sentir a textura de veludo e seu peso. Erik endurece o cenho, crava as mãos em minha bunda e me suspende, me trazendo para si. Já não tem mais a expressão perdida que tinha antes, seu semblante em outra ocasião me poria medo. Com a barriga encostando na sua, desço lentamente sobre ele. Ele me ajuda a mover o quadril para o encaixe, descendo sob o ritmo da

marcha do animal.

No início a sensação é puro prazer — centímetro a centímetro de pele envolvendo seu membro duro, que me alarga para caber. Mas no segundo seguinte, desço com o trote desabando sobre ele, e ele se enterra inteiro em mim. Abro a boca de susto, e ele a cobre com seus lábios. Com a mão em minha cintura, me beija com posse, me ajudando a subir e descer sobre ele como se eu não pesasse nada. A sensação é de arrebatamento. De que vou explodir com tantas sensações. Gemo dentro da sua boca quando a queimação e a ardência dá lugar a algo que não sei o nome. Solto arquejos espaçados que são suprimidos pelas mordidas que ele me dá no pescoço. Ele responde à penetração com seriedade e furor; seus dedos me seguram com tal força que minha carne treme. É tão quente, tão extasiante sentir a carne distender para fazê-lo caber que cravo as mãos em sua lapela e rosno pela primeira vez na vida. Mexo a cintura, erguendo o corpo e descendo, apoiando o pé em suas botas. Começo com ele um movimento de subir e descer lento e profundo, no ritmo da cavalgada, ele deslizando dentro de mim e saindo, entrando e saindo. É tão sublime e violento — é

PERIGOSAS NACIONAIS

uma sensação tão abrasadora e grandiosa ao mesmo tempo — que o mundo inteiro poderia sumir e eu não notaria. Cada vez que desço com força sobre ele, gemo; cada vez que saio, mais altos ficam seus sons.

Quando olho para ele em certo momento acho que está sofrendo. Suas sobrancelhas estão vincadas e a boca entreaberta, e meu coração se aperta. Acaricio sua face, incapaz de continuar se aquilo estiver lhe fazendo mal. Ele nota minha preocupação e acaricia meu cabelo, sussurrando:

— Estou bem.

— É que você...

— Isso é prazer, Christine.

Sorrio, voltando a relaxar. Volto a me entregar à cadência dos movimentos, à dança que começamos e agora mais parece uma corrida para chegar a algum lugar. Continuo segurando seu rosto com as pontas dos dedos, e deixo meus gemidos encontrarem os seus. Ele suga meus lábios, murmurando coisas bonitas. Estou tão longe, tão dentro de minha cabeça, sentindo aquela fricção bendita da sua pele contra a minha, que só consigo afundar o rosto em seu pescoço e sorrir.

Segundos depois, sob a luz dos primeiros

PERIGOSAS ACHERON

minutos de sol, seu rosto banhado pelos raios dourados franze, e sua boca se entreabre.

— Amo você — solto num rompante, sem acreditar que estou presenciando aquela cena. Não planejava dizer aquilo, simplesmente escapa. Mas uma vez dito, sinto a verdade das palavras e repito: — Deus, como amo você.

Ele me aperta em um abraço e solta um gemido rouco e longo. E como num passe de mágica todos os vincos e fissuras, e toda a dor que vi na metade exposta do seu rosto se desfazem. Ele amolece por inteiro — seu peito duro se curva, suas pernas relaxam, a pressão das mãos desaparece. Um sorriso calmo ergue os cantos de sua boca.

Como se eu tivesse acabado de roubar todas as suas forças, ele responde: — E eu amo você.

Quando a loucura termina, paramos ao lado de um riacho. Esticamos as pernas e alongamos a coluna, trocando olhares cúmplices. Quando voltamos à estrada, ele tem uma expressão diferente, como se pensasse em algo que não tivesse ainda compartilhado comigo.

— Achou bom? — ele pergunta depois de algum tempo.

Faço que sim. Foi a coisa mais deliciosa que já

fiz.

— Mas não foi perfeito. — Ele me olha de lado.

Sei do que ele está falando, já me toquei antes. Mas faço que não. Foi perfeito, não quero que pense que não foi.

— Em breve será. — Ele sorri para a paisagem.

Sei que sim. E por não dar ao pensamento um segundo de minha preocupação, estranho quando, alguns metros adiante, seus beijos nos ombros recomeçam. Sua mão envolve minha garganta e me força contra ele, e eu acordo, interessada no que ele está fazendo.

Sua mão desamarra habilmente meu espartilho e o desce. Algo entre as minhas pernas começa a pulsar. Ele também desamarra o vestido e o afrouxa, e vejo, sem acreditar, ele descer tanto um quanto o outro, me deixando exposta no meio da estrada.

— Erik, o que está...

— Shhh... — Ele roça sensualmente o peito em minhas costas nuas, procurando minha intimidade novamente sob a saia. Seu dedo me acha ainda lambuzada de fluidos, e recomeça os movimentos, dessa vez um diferente. Circular,

contínuo, que tanto me faz estremecer quanto levar choques. Sua outra mão vai até um dos meus seios e o acaricia. Com o indicador e o polegar em pinça, espreme o bico até o limiar da dor.

— Ai. — Eu me contraio.

— Calma. — Ele intensifica o movimento dos dedos. — Empurre a dor para o lado de trás da cabeça. Concentre-se no meu movimento aqui embaixo.

Faço o que ele manda. Fecho os olhos e sinto o vento frio competir com os raios de sol, trazendo frio e calor. Ele não mede a força, nem é sensível. Enterra os dedos em mim e belisca o mamilo, e começo a arfar sem saber ao que prestar atenção. Sinto após algum tempo algo luminoso correr sob a pele. Estrelas se avolumam entre as pernas. Ele morde minha orelha de leve, observando por cima dos ombros o que faz em mim, atento às minhas reações.

E lá está a explosão, como prometeu que eu sentiria. Solto um gemido fraco quando meu corpo espasma, e colapso sem forças contra ele. Ele para de mexer no meu corpo, vira meu rosto e morde meus lábios.

— Jamais deixarei você sair da minha cama

PERIGOSAS NACIONAIS

sem sentir isso — avisa.

— Jamais sairei da sua cama — aviso de volta, sorrindo para a frente enquanto avisto o castelo de Orr crescer no horizonte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 27

A tensão em Orr pode ser sentida nas conversas, na movimentação dentro e fora do castelo. Nas baías, nas estalagens e nos campos, soldados e camponeses se reúnem para discutir o que farão se a ajuda solicitada por Myrtes não chegar. As crianças foram levadas para fora da cidade, e estão seguras em um vilarejo distante. Sinto o estômago queimar enquanto olho, do quarto em que fui acomodada, a estrada. Observo nesse momento, da torre mais alta, cavalos e amazonas passarem em velocidade frenética pelas ruas da vila, preparando-se para um ataque que ninguém sabe quando ou se

PERIGOSAS ACHERON

ocorrerá. O que sabemos é que essa é a chance que Andaluzia precisava para atacar, que eles são dez vezes maiores que Orr e muitas mil vezes mais preparados. É o suficiente para acreditar em guerra.

Nas noites em que Eric chegou de madrugada depois de averiguar tudo que uma batalha exige, ele dormiu sozinho, em seu quarto. Na primeira noite em que passei aguardando que ele chegasse, concluí que o que aconteceu no caminho para cá havia sido intenso demais, e ele precisava de espaço para se acostumar à minha presença. Que o preço para me ter havia sido alto demais. Mas então, na segunda noite, entendi que ele estava fugindo. Para ele, o sexo não era a culminação da intimidade entre duas pessoas, como é para mim. Deitar-se ao meu lado — e permitir que eu o despisse e o tocasse — era o que ele temia, e ainda não se sentia preparado.

No terceiro dia sou acordada por um beijo terno na testa. Abro os olhos e me deparo com seu rosto bonito, e mãos que passeiam por meu corpo. Ele veste uma blusa branca e calças de montaria, e tudo indica que está para sair outra vez.

— Bom dia, minha rosa — ele diz.

Sorrio, me espreguiçando, mas o momento de

PERIGOSAS NACIONAIS

relaxamento é breve. Sento na cama, alerta. Há algo grande acontecendo e não posso perder tempo entre as cobertas.

— Bom dia, meu amor.

Ele pega minha mão e a beija.

— Desculpe não ter vindo outra vez essa noite — ele diz sem me olhar. — Estou chegando tarde, tão cansado que...

— Está tudo bem — eu o asseguro. Ambos sabemos a verdade, mas não há motivos para falar nisso agora. — Algum sinal de Andaluzia?

— A sentinela acabou de avisar que não. Nada à vista.

Balanço a cabeça. Os nervos de todos devem estar expostos, à flor da pele. A antecipação de uma batalha pode ser pior que o grito de guerra.

— Suas amazonas devem estar bastante nervosas. Muitas têm filhos.

— Elas estão. Mas é por eles que lutam.

Uma preocupação cresce em mim.

— Erik, Andaluzia é muito mais forte que vocês. Eles se preparam há décadas para suas batalhas. Tenho tanto medo que vocês sejam...

Esmagados, é a palavra que vem, mas como posso dizer aquilo em voz alta?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele acaricia minha mão e diz olhando para elas:

— Foi por isso que pedimos reforços ao rei.

Sento ereta na cama, surpresa. Então essa é a ajuda que esperam.

— E por que o rei nos ajudaria? — minha pergunta é sincera. Andaluzia traz mais impostos, é mais desenvolvida e investe pesadamente em poderio militar. Orr é uma vila obscura e agrícola, que pode bem incomodar por seus costumes de vanguarda.

Erik se inclina e beija minha testa.

— Você saberá em breve o porquê.

Estreito os olhos.

— Não estou entendendo.

Erik se levanta. Ele pode ser devastador à luz de velas, na masmorra, ou sob o luar. Mas é na luz da manhã que ele consegue ser mais encantador.

— Christine — ele diz meu nome de um jeito emocionado, e meu coração começa a pular. — Se entrarmos em guerra, quero garantir que você permanecerá em Orr, e cuidará de tudo que fazemos aqui.

O coração, que saltava, para de bater. O sangue foge das extremidades.

— O que está...

PERIGOSAS ACHERON

Ele se ajoelha ao lado da cama e abre a mão. Dentro dela há um anel. Levo a mão ao peito, assustada. *O que ele está insinuando?*

— Você está achando que vai morrer? — Empurro sua mão para longe.

Ele pega minha mão outra vez, com gentileza, e desliza o anel pelo meu dedo, segurando-o firme.

— Seja minha esposa. A Condessa de Orr.

— Erik, não! — Meus olhos enchem de água.

Não sei nem por onde começar. O que ele está sugerindo é que talvez não sobreviva. Que devo continuar seu legado sem ele. Mas conheço um mundo sem ele, e não pretendo vivenciar toda a dor da sua ausência outra vez. Balanço a cabeça que não. *Não, não e não.*

Ele envolve minha mão com as suas, me acalmando em tom brando: — Não sairei para um campo de batalha sem o seu sim. Isso é mais importante para mim, no momento, que vencer a própria guerra. Você é a única coisa importante na minha vida, Christine, sempre foi, e sempre vai ser. Diga sim, e terei mil razões a mais para viver.

Há tanta agonia em seus olhos, tanto a perder que o puxo pra um abraço apertado. Aperto-o contra mim, querendo bater em seu peito por me

fazer sentir tanto medo e apreensão.

— Perdão por trazer tanta tristeza a vocês. Mil vezes perdão.

Ele beija minha testa, forçando o corpo para trás. Tento puxá-lo outra vez para perto, mas assim, com tão pouca roupa nos separando, ele não consegue.

— O que vai acontecer aconteceria de qualquer forma, era uma questão de tempo. Mas se nosso plano funcionar, esse será o fim das ameaças a Orr.

Seguro sua camisa e não o deixo se afastar demais.

— Eu já perdi você antes. Não aguentaria te perder outra vez.

Sua resposta é pressionar o anel no meu dedo.

— Diga que sim.

Tento segurar o choro. Faço que sim. Ele molha os lábios, igualmente tocado, e diz para o anel:

— Quando você foi expulsa de Andaluzia, seus direitos e deveres foram dissolvidos. Quero formalizar nossa união ainda hoje. Transformar você legalmente em minha mulher.

Balanço a cabeça que sim. Embora confusa, não tenho dúvidas que não há mais vida para mim longe de seus braços. Ele se levanta e parte, e me sobra

olhar para o anel e desejar que a sorte esteja do nosso lado dessa vez.



Às quatro da tarde, sob um céu calmo, sou levada por Leander até a pequena capela de Orr. Na capela estão Myrtes e Imelda de um lado, Georgette e Antônia do outro. Erik me aguarda ao lado do padre, um expatriado de Andaluzia, sobre o altar.

Meu coração bate forte ao caminhar até ele, por cima de pétalas de rosas. Não há nada enfeitando a capela, a não ser as flores. E ele. Diferentemente das vezes em que apareceu vestido de trajes nobres e formais, ele veste a mesma roupa que vestia durante a manhã. Ainda lidava com os cavalos e as armas que em breve usaria quando interrompeu tudo para estar ali. Sorrio ao vê-lo que, mesmo suado e cansado, sua expressão é de certeza e paz.

Ele me olha durante toda a fala — breve — da cerimônia. Seus votos prometem amor e respeito até o fim dos nossos dias, e uma nuvem escura passa diante de seus olhos quando diz aquilo. Prometo, da minha parte, amá-lo e respeitá-lo para

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre, na saúde e na doença, na guerra e nos tempos de paz. Termino minhas próprias palavras em prantos, e ele se comove o suficiente para me deixar afundar a cabeça em seu peito.

Ao final ele beija minha testa, delongando-se no gesto. Há muito mais coisas que não foram faladas, ali. Tanto medo e expectativa, tantas perspectivas ruins. Mas aquele não pode nem deve ser um momento de tristeza, por isso nos beijamos em meio a sorrisos fracos, e abraçamos as pessoas ao redor.

Depois, cada um de nós volta para seus afazeres. Volto à torre, à vigília solitária, procurando de ambos os lados da estrada um sinal. Do reino, esperança; de Andaluzia, o tormento.

Ele some ao lado de Myrtes em direção à vila, preparando-se para o que vem.



A Guarda de Andaluzia desponta no horizonte naquela tarde. Os sentinelas já haviam soado as trombetas e avisado que vinham, logo informando que vinham em um número estimado de trezentos

PERIGOSAS ACHERON

homens à cavalo. Eram muitos, quase o dobro de mulheres em idade de lutar em Orr. A partir do momento em que essa informação foi dada, o caos tomou a vila e perdi Erik de vista.

Não havia mais o que fazer: era lutar ou fugir. Aquelas que tinham cavalo seguiram com Erik e Myrtes até o limite da cidade, enquanto os que não tinham seguiam a pé. O desespero podia ser sentido da visão da torre, gente correndo de um lado para o outro na vila, mulheres e homens procurando entre suas ferramentas diárias — ancinhos, pás, facas — qualquer coisa com que pudessem atacar ou se defender. Todos contavam com a chegada das tropas do rei, mas elas não vieram. Era ao mesmo tempo inacreditável e aterrorizante pensar que em breve aqueles que amávamos não estariam mais ao nosso lado, e que a ameaça remota de ataque havia finalmente se concretizado.

Era de esmagar o coração ver aquele desespero e saber que eu era a causa daquilo. Era esmagador imaginar Erik na linha de frente, alvo mais uma vez de Raul e Andaluzia. Por isso, quando tomo a decisão de descer e lutar, sinto um alívio gelado descer pelo corpo. O preço da minha presença ali não deveria ser tão alto, nem Orr deveria ter que

pagar por mim.

Erik não merecia nenhuma cicatriz a mais.

À medida que a cavalaria de Andaluzia se aproxima, eu me despeço em pensamento dali. Troco o vestido por calças, prendo o cabelo e desço as escadas resoluta, sob protestos de Imelda, que grita que ela tem ordens de me manter na torre. Viro-me para ela antes de chegar à saída:

— Você aguentaria ver Erik morrendo, e Orr se tornando o que Andaluzia é?

Ela não consegue responder.

— Pois então incentive-me a ir.

— Se a senhora for e morrer, o Conde não resistirá.

— Se ele se for, só me restará ir também.

Continuo a decida certa sobre isso. O corpo inteiro bate em uníssono, como uma grande jugular pulsante que me ejeta adiante. O que acontecer a Erik, acontecerá comigo. Temos agora um só destino, eu e ele, e farei de tudo para que seja um destino em que continuemos juntos e vivos.

Desço o último lance de escadas disposta a me colocar na frente da tropa de Andaluzia, se necessário. Terão que explicar, caso um dia precisem, por que mataram aquela que vieram

resgatar. Não me iludo que não me despedaçarão sob os cascos dos cavalos, porque bem sei que o que querem é mais terras, mais ouro, mais servos — e não eu.

A multidão de jovens e idosos procurando abrigo dentro das paredes muradas do castelo faz com que seja quase impossível chegar à rua. Vejo Erik à distância, entre outros. Mais alto e altivo que os homens e mulheres ao redor, ele conversa com um capitão que não conheço. Suas feições estão duras e ele traja um uniforme azul marinho, similar à da guarda da cidade. Ergo a mão na esperança de que me veja, mas em meio a tantas cabeças sou apenas mais um morador apavorado.

Entre tanta confusão, perco um segundo olhando-o. Sinto uma vontade absurda de fugir dali levando todos, mas principalmente ele. Deus, não deixe Orr ser punida pelo que nós desengatilhamos, peço em meio ao burburinho de vozes, sem qualquer esperança de ser ouvida. Permita que possamos um dia ter a chance de viver ao lado do outro.

Eu já o perdi antes, e chorei por dez vidas por sua causa. Eu não resistiria, não de novo. Como se atraído por minha prece, ele olha em minha

direção.

— Erik! — eu o chamo, erguendo os braços. Mas a correnteza de corpos me empurra para trás. Não importa quanta força faça para me mover adiante, não avanço. — Erik!

Sua olhadela é breve e não me encontra. Talvez, se me encontrasse, me mandasse voltar. Pelo menos eu falaria outra vez com ele, penso, e a primeira lágrima embaça as vistas. E se esta for a última vez que eu o vejo? O momento da despedida? Acotovelo as pessoas procurando espaço, agoniada por ele estar prestes a partir, avançando metro a metro com os olhos fixos onde ele está. Uma força gigantesca aquece a pele e me injeta de ânimo, e logo sou um aríete abrindo fendas em pedras. Mas antes que consiga alcançá-lo, ele faz um gesto com a cabeça para o homem que conversa, vira o cavalo e parte, cavalgando para o campo. *Não. Não!*

Quando finalmente chego ao descampado ao redor do muro, vejo a Guarda de Andaluzia perto demais para interromper qualquer coisa. Myrtes e Erik estão longe, em formação ao lado de tantas outras. Um número imenso de cavalos negros alinha-se ao longo da planície, e mais adiante, um

PERIGOSAS NACIONAIS

grupo três vezes maior de cavalos brancos cresce em tamanho. Uma trombeta toca ao longe, anunciando o início — ou o fim de tudo.

Não, esse não pode ser o fim.

A trombeta toca outra vez, e dessa vez todos param: eu, a multidão, Erik, Myrtes, o exército das amazonas e também a guarda de Andaluzia. As trombetas vêm de outro lugar. Vêm do oeste.

Erik e Myrtes se viram. Eles olham para a direção do pôr do sol. Olho para trás protegendo os olhos, vendo uma movimentação que mais se assemelha a um segundo ataque romper no horizonte.

Mas o que vem não chega para nos atacar. Um infindável número de homens a cavalo, trazendo bandeiras que flamulam longas e reluzentes sob o brilho dourado da tarde, desponta veloz. Ao redor de toda planície, até onde a vista alcança, cavalos se espalham levantando poeira na linha que separa os morros do céu. Um zumbido de vozes incrédulas logo escala para gritos de alegria espontânea. Um soluço fica preso na altura da garganta e fica por lá, me impedindo de falar, soluçar, gritar. A ajuda chegou.

A guarda de Andaluzia estanca, surpresa.

PERIGOSAS ACHERON

Estavam preparados para encontrar camponeses e pouca resistência, não a cavalaria real.

A tropa real se espalha por Orr como um enxame. Eles tomam toda a planície e campos das redondezas com seus cavalos e soldados de fardas vermelhas, ocupando lugares estratégicos da vila. Um general com o peito e os ombros cobertos de insígnias passa por nós, escoltado por homens armados, em direção a Erik e Myrtes. Sigo a multidão que os acompanha, com os olhos firmes em Erik. O general se aproxima e eles trocam cumprimentos e palavras. Pouco depois, atravessam a ponte e cavalgam em direção ao exército inimigo, de onde um general se destaca dos outros e vai ao encontro do grupo.

Mantenho as vistas no desenrolar de eventos com a respiração em suspenso. Mal noto quando as trombetas soam mais uma vez e os guardas começam a afastar as pessoas do caminho.

— Abram caminho para Vossa Majestade, o Rei e a Rainha!

O rei em pessoa está ali. A carruagem passa por nós, puxada por cavalos gigantescos. A riqueza do aparato — com suas bordas esculpidas em madeira e adornadas em pinturas douradas magníficas —

silencia a multidão.

A carruagem para e um dos cocheiros salta para abrir a porta. De dentro salta um homem alto de traços finos, vestido com uma farda similar à da tropa, porém mais trabalhada. Ele é escoltado por um grupo de soldados armados que afastam as pessoas e as mantêm longe. Um dos soldados lhe estende um belíssimo cavalo coberto com a bandeira do reino e ele o monta. Juntamente com vários outros, cavalga em direção ao grupo de regentes e militares.

Estou tão fixada nos eventos que não noto quando os soldados abrem caminho para a rainha. Ela desceu da carruagem e caminha em direção ao castelo. Vem carregando a saia pesada, segurando o tecido com os dedos longos e incrustados de anéis, seguida por um séquito de amas. Pela forma e decisão com que caminha, parece saber onde vai. Seu cabelo está preso em um coque rebuscado no alto da cabeça, vermelho como as folhas dos freixos no outono. Quando olho seu rosto, tomo um susto: é Myrtes quem vejo ali?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 28

Imelda abre a porta do castelo com um sorriso inédito. Seus olhos correm os espaços vazios tentando reconhecer a silhueta conhecida, e quando enxerga o vulto da rainha, abre os braços. Vejo com total espanto a rainha abrir os seus também, e envolvê-la carinhosamente. Elas riem sem a menor formalidade uma para a outra, como se conhecessem-se há milênios. Ando até elas com receio, dividida entre o desenrolar dos eventos no descampado e a curiosidade pelo reencontro improvável.

A semelhança entre a rainha e Myrtes faz todo

PERIGOSAS ACHERON

o sentido. E a rapidez e presteza com que o reino se mobilizou para estar ali também. Áurea e Myrtes foram cuidadas por Imelda quando vieram de Andaluzia, claro. Por alguma ironia do destino uma delas tornou-se rainha, e hoje governava o reino ao lado do rei.

Mas a cabeça não para as ligações ali. Se Myrtes já conheceu a masmorra, essa mulher deslumbrante muito certamente já a conheceu também.

Avermelho completamente.

Imelda solta Áurea, apalpando-a para sentir se ela está realmente ali.

— E a invasão? — ouço-a perguntar, preocupada com Erik.

— Está tudo bem, Imelda querida. Os homens estão no campo, encerrando — espero que de uma vez — essa hostilidade absurda. Vamos entrar.

Imelda faz uma mesura e a rainha entra, seguida de suas damas de companhia. A senhora está prestes a segui-las quando se lembra de mim. Para todos os efeitos, ela não sabe onde estou, só que deixei o castelo.

— Christine? Você está aí? — ela grita ao redor.

Estou perto o suficiente para responder baixo:

— Estou.

— Fique conosco, o Conde não gostaria de saber que a perdi de vista.

— Christine? — A rainha para no lugar ao ouvir meu nome.

Entro atrás dela, encontrando-a parada no meio do hall, com os olhos em mim. Caminho até ela sem saber o que fazer com as mãos, me sentindo ligeiramente idiota por estar vestida como um homem, sem entender sua relação com Erik. Independente de como me sinta, abaixo a cabeça e curvo o corpo:

— Vossa Majestade.

Levanto, mas permaneço de cabeça baixa. Estou sendo escrutinada, e a sensação é desestabilizadora. Áurea passa os olhos por mim, descendo as vistas pelas vestes masculinas, em seguida sobe os olhos averiguando cada centímetro meu, do rosto ao cabelo.

— Então essa é você — diz, entre a surpresa e a ofensa.

Não faço ideia de como sabe de mim, e pela suas feições, não sei se quero saber.

— O que está fazendo aqui? — ela demanda

saber.

— Essa é a Condessa de Orr — Imelda se apressa em dizer, procurando minhas mãos. Ela se coloca ao meu lado, como se precisasse me proteger. — O Conde a resgatou de Andaluzia.

A informação é dita apressadamente, como se fosse necessário explicar à rainha que não sou a mesma pessoa que era.

— Ele a resgatou e a fez sua esposa? — Áurea olha para Imelda para confirmar a informação.

Continuo de cabeça baixa enquanto Imelda afirma, e posso sentir a eternidade passar entre a troca dos segundos. Então Áurea desperta, indica às amas que precisa falar comigo em particular e se afasta. Sigo-a, obedientemente, sentindo as pernas fracas.

Subimos em silêncio até a torre sul. Durante o caminho vou me perguntando o que ela quer comigo, como sabia quem eu era e por que diabos pareço tê-la ofendido. Saímos por uma porta até o terraço murado, de onde vemos à distância os homens no descampado. O vento sopra frio, embora a planície esteja banhada da luz do fim de tarde.

Áurea anda até a murada e passa um tempo

olhando para eles, talvez preocupada com a segurança do próprio marido. Ao menos é isso que eu estou fazendo nesse momento: olhando para o meu, e desejando que ele volte logo. Erik está ao lado de rei numa clara demonstração de aliança, enquanto os homens de Andaluzia estão de frente, afastados. Sinto o coração apertar, sem achar espaço no corpo para bater.

A rainha abre um sorriso discreto.

— Andaluzia nunca gostou do que fazemos em Orr.

Olho-a com o canto das vistas. Ela continua a olhar para o campo, pensativa. Então se vira e pergunta: — Por que foi expulsa de lá?

— Fui considerada uma traidora, Majestade.

Céus, como é difícil moderar as palavras. Não faço ideia de como posso estar ofendendo-a.

— Que tipo de traição cometeu?

Molho os lábios.

— Eu... fui flagrada com o Conde, majestade. Enquanto era casada com o prefeito de Andaluzia.

Torço para que minha teoria sobre quem ela é — ou foi — esteja correta. Ela pode se sentir bastante ofendida por meu ato, se eu estiver errada. Não conheço fora de Orr quem não se sentiria. Mas

para a minha surpresa a rainha olha para os homens adiante e solta uma risada. Uma de deboche, de quem gostou de ouvir uma história com um desfecho metade bom, metade ruim.

— Ah, Erik — ela solta, balançando a cabeça.
— Ele sabe ser irresistível.

Avermelho mais uma vez, mas dessa vez sinto uma pontinha de ciúmes. Então, como se não soubesse o que é ter freios na língua, ela solta:

— Ele já deixou que o tocasse?

Arregalo os olhos.

— Como?

— Sempre disse que aquela que conseguisse fazer isso o teria para sempre.

Balanço a cabeça que não. Céus, ela sabe sobre isso? Mas ela não se acanha, na verdade se diverte com minha surpresa. Depois de um tempo encarando minha mudez, diz:

— O que falarei aqui é segredo, e pode ser punido com pena capital se você contar a alguém. Estamos entendidas?

Faço que sim. Ela apoia as mãos bem cuidadas sobre as pedras da murada, pega ar e começa:

— Muitos anos atrás, eu e minha irmã fomos expulsas de Andaluzia, pelos motivos que você

deve imaginar. Naquela noite, enquanto vagávamos pela estrada sem saber para onde ir, uma carruagem parou ao nosso lado. Era o velho Conde de Orr, hoje já falecido. Ele perguntou o que havia acontecido, e nos convidou para vir para cá. Quando entramos, notamos que havia mais alguém na carruagem. Um jovem bastante machucado, desmaiado em um dos bancos. Pelo estado em que se encontrava, duvidamos seriamente que ele veria a luz do dia. Pois bem, esse jovem não apenas viu a luz do dia, como provou ser um homem sem igual. Um verdadeiro nobre de caráter, embora incorreto e indecente em todos os aspectos privados, se é que me entende.

Ela se apoia na murada, e eu me apoio também, interessada pela história de Erik.

— Aos poucos, nós três nos tornamos inseparáveis. O Conde tinha suas estranhas predileções sexuais, mas sabíamos que ele era um visionário. Ele queria que estudássemos. Que lutássemos como homens. Não havia para ele distinção entre sexos: eu e Myrtes éramos tão valiosas quanto Erik, embora com Erik ele tenha desenvolvido com os anos uma relação paternal. Seu desejo era que uma de nós o desposasse, e

seguíssemos adiante o plano de perpetuar Orr. Mas Erik não aceitou.

Abaixo os olhos, sem coragem de olhá-la.

— Está tudo bem. Não éramos apaixonadas por ele, nada disso. Éramos apaixonadas pela ideia de liberdade. E embora não estivéssemos interessadas em casamento, nada nos impedia de brincar nas masmorras.

Ela me olha de um jeito malicioso, como quem sabe que também já estive lá.

— Enquanto Myrtes e ele entendiam-se bem — Myrtes aceitava suas subjugações, amarras, e toda aquele *nonsense* submisso —, eu era o oposto. Nunca aceitei que me amarrassem, nem achava graça em obedecer ordens. Eu era a pior prostituta de Andaluzia, posso afirmar para você — ela faz questão de me dizer aquilo olhando em meus olhos. — Sempre achei que esse meu traço de personalidade me mataria, que eu tinha algum problema. Hoje posso afirmar que não sou a única. Descobri, em minhas andanças pelo mundo, que muitas outras são como eu. Chamam-nos de *dominatrix*. Não aqui, nas províncias — ela olha ao redor, pensativa. — Mas nesse mundo subterrâneo que Erik já lhe apresentou, não faço o papel da

moça amarrada. Eu estou do outro lado da brincadeira.

Tenho certeza que meus olhos estão do tamanho de pratos em meu rosto. Ela não se abala:

— Mas isso não tem nada a ver com o motivo pelo qual te chamei aqui. O que eu pretendia dizer é que certa vez, em meio a uma brincadeira com Erik em que ele tentava me atar, contra-ataquei. Imobilizei-o e o preendi com as mesmas cordas que queria me prender.

Minha respiração está em suspenso. Áurea ergue um canto da boca:

— Era para ser uma brincadeira, apenas um subjugó encenado. Mas o que aconteceu foi simplesmente apavorante. Erik saiu de si, parecia estar sendo atacado outra vez. Em seu terror, voltou ao dia em que foi torturado, e vivenciou cada uma das torturas outra vez. Eu já não sabia mais o que podia fazer para ajudá-lo, ele gritava, chorava, e em meio a tudo repetia seu nome. Foi horrível. Foi realmente horrível. Mas é daí que conheço você.

Meus olhos estão marejados de lágrimas. Ela suspira, continuando:

— Foi então que eu vi. Na altura da cintura, cortando-o por toda a região das costas e chegando

até o outro lado.

Seco o rosto, sem entender: — O que viu?

— Isso ele terá que mostrá-la quando decidir confiar. Não cabe a mim contar. Mas enfim, eu só queria entender. Eu poderia jurar que ele guardava um oceano de ódio por você, e não amor.

Olho-a, e ela ri para a paisagem.

— Não é interessante como esses dois sentimentos estão tão próximos?

Por um tempo penso em Erik e nos horrores que sofreu. Em como ainda tenho muito a percorrer até desarmar sua armadura, e como quero ter esse tempo. Mas também quero saber mais sobre esse lugar, e suas pessoas únicas.

— Importa-se se eu fizer uma pergunta pessoal, Majestade?

Ela não responde, apenas me olha.

— Como conheceu o rei?

Ela conta como se contasse algo já muito repetido, e não um segredo.

— Vivemos em uma época em que, caso descobrissem o que fazemos, seríamos enforcados. O Conde conhecia as estranhas preferências do rei. Sabia do que ele gostava, e quem indicá-lo.

— O rei sabia sobre o seu passado em

Andaluzia?

— Oh, sim. De absolutamente tudo.

Olho-a sem entender. Como poderia o rei casar-se com uma prostituta? Ela entende minha dúvida, e completa:

— Para todos os efeitos, sou uma prima distante da tradicional Casa de Orr. Erik e o velho Conde me providenciaram não apenas um título, mas também um passado.

Sorrio, e ela sorri de volta.

— Fico feliz que tenham se encontrado — digo com sinceridade. Ela se perde por um tempo em pensamentos, concluindo:

— Quando somos diferentes, a diferença do outro nos conforta. Sou, como meu nobre marido diz, "a mais forte joia da coroa". Mas isso ele só fala em nossas masmorras, é claro.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 29

Desde que a família real se foi, no amanhecer do dia seguinte, sinto que Erik está escondendo algo. Ele não entrou em detalhes sobre o que conversaram com o exército de Andaluzia, nem que tipo de acordo foi fechado.

Ele passa o dia em reunião com Myrtes e seus conselheiros enquanto espero pacientemente. Podemos respirar aliviados? Posso finalmente chamar Orr de lar? Temos muito que conversar. Ele tem muito a dizer, e eu também.

Para começar, quero saber quando me mudarei para o seu quarto.

PERIGOSAS NACIONAIS

No auge da tensão aquilo parecia um detalhe, e nossa distância, uma decisão sensata. Ele estava se preparando para uma guerra, precisava de descanso — eu entendi completamente. Mas o dia passou e não vi nenhuma movimentação para me mudarem para lá. Minhas coisas continuam no quarto ao lado, e as dele no seu.

Tento ler, bordar ou manter o otimismo, mas é frustrante saber que há uma história não contada que entrelaça tantas coisas. Seu medo de aproximação, lembranças horríveis demais para serem compartilhadas, e eu.

Quando ele entra no salão, largo o livro que tentava ler e me levanto. Ele veste farda e calça de montaria, como se pronto para partir outra vez — uma cena deslumbrante, mas que faz meu coração parar. Na mente rodopia todo tipo de assunto: medo de não conseguir burlar seus medos, de não conseguir tocá-lo, de saber o que aconteceu com ele ou se poderei um dia ajudá-lo. Além disso, quero saber o que ele tem no corpo, e a rainha se recusou a me contar. Por tentar responder a tantas perguntas, sinto os nervos em frangalhos.

Ele para ao me ver, o rosto crispado por trás da máscara. Minha agonia é tanta que agora é física.

PERIGOSAS ACHERON

Mas então suas feições amansam e ele acha forças para sorrir. Seu peito desinfla, e ele cruza a sala.

— Não sabia onde você estava. Esse deve ser o décimo cômodo que entro procurando você.

Aquilo me tranquiliza de um jeito avassalador.

— Estou aqui. — Estendo a mão pra ele. Ele leva minha mão à boca e beija os nós dos meus dedos.

— Movi terra e céu para manter você ao meu lado. Não suma, Christine.

— Onde estaria, se não aqui? — Aproximo-me. De seu corpo emana o calor de uma caldeira, e seu cheiro masculino dispara faíscas sob minha pele.

— Está tudo bem? — pergunto. — Entre Orr e Andaluzia? Foi tudo resolvido? — Solto minha mão das suas e toco-o de leve no peito. Ele deixa minha mão ali por um tempo, depois a pega outra vez. Balança a cabeça que sim e por um tempo me olha em silêncio. Sei que por trás da placidez algo não está bem. — Existe algo que você não quer me dizer?

Ele continua a me olhar como se estivesse perdido, e não conseguisse se encontrar. Então faz que não, leva os dedos até minha nuca e me puxa para um beijo tranquilo.

Não sei por quanto tempo nos beijamos. Parece uma eternidade, e ao mesmo tempo termina em um piscar de olhos. Sua língua morna e perfumada acha caminhos em minha boca, e eu retribuo entregando a minha. Suas mãos se mantêm castas nas minhas costas, e as minhas em sua barriga. Embora tenha queimado tantas vezes sob seu toque, o que se espalha por mim no momento tem outra tonalidade. É calmo e perene, porque entende a dimensão da eternidade. Aquela é a cor do para sempre.

Seguro seu rosto entre as mãos e inspiro o ar que sai dele, querendo-o dentro de mim. Tanto o ar quanto ele.

— Por favor, venha para a nossa cama. Por uma noite inteira — peço sem abrir os olhos.

Seus lábios roçam meu rosto: — Tenho outros planos para a noite.

Abro os olhos e encontro os dele, em chamadas. Não era exatamente isso que tinha em mente, mas é isso que meu corpo quer, porque começa a responder de todas as maneiras.

— Ah, é? — Deixo o assunto que queria tratar de lado. — Que planos?

Ele me traz pelas mãos através dos corredores

silenciosos, mantendo os olhos nos meus. Desta vez sei para onde vamos, e o caminho até lá. Mal posso esperar. Embora a experiência no cavalo tenha sido intensa, ela foi longe de ideal. O que vivi e senti merece mais espaço e mais tempo. Muito mais tempo. E espaço.

Você é meu, penso enquanto desço as escadas atrás dele. E eu te amo do jeito que você é.

Observo-o enquanto ele caminha até a cama, no centro da masmorra. Nada de amarras, pelo que percebo. Ele para ao lado do enorme dossel. Existe algo de diabólico no modo como ele sorri para mim, como existe algo malvado em mim quando sorrio de volta.

— O que temos para hoje? — pergunto, passando as mãos pela madeira da cama, observando os brinquedos dispostos sobre a mesa ao lado.

— Você — ele responde com voz rouca. Suas mãos estão atrás das costas, como se negociasse as condições comigo.

— Eu? — Toco o indicador em um brinquedo estranho que mais parece um colar de pedras enormes.

— Sim, você.

—Só eu?

Sorrio para o Conde que definitivamente não pode ser chamado de homem de uma mulher só. Não consigo esquecer que ele e a rainha são velhos conhecidos, e que apesar de não ter visto ciúmes da parte do rei, eu sinto ciúmes dele. Sei que seu coração bate forte quando está comigo, e que me escolheu para dividir a vida. Mas como vou saber se mais tarde seu coração não vai bater por outras?

— Só você, e ninguém mais.

— Até quando? — Pego um dos seus muitos chicotes na mão. Sinto a textura do couro, imaginando como aquilo deve ser usado.

Ele ri divertido, embora se esforce para não demonstrar. Olha para o lado e responde, cheio de charme: — Está com ciúmes, Condessa?

— De todas as Sâmias, Antônias, Georgettes, Myrtes e Áureas? — pergunto, fingindo prestar atenção a outro brinquedo, menos assustador, que mais parece um pregador de roupas. — Imagine.

Ele anda em minha direção e tira o objeto de minha mão.

— Não haverá outras.

A frase me anima de uma maneira quase infantil.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sua fama correu o reino, Vossa Graça. Como poderia confiar em tal criatura? — digo, vendo-o se aproximar. Seu olhar parece ainda mais fundo na escuridão. Há uma incógnita neles, uma expressão perigosa. Lembro dessa expressão quando ele me agarrou pela garganta não muito tempo atrás, aqui mesmo, e achei que perderia minha vida. Mas só conheci a vida ao seu lado, dentro do seu braços.

Ele me olha com as sobrancelhas baixas, a testa pesando a expressão.

— Amo você de tantas maneiras que sequer consigo contar — ele murmura. — Você preenche por inteiro o meu coração.

Ele se inclina e beija meu pescoço. Fecho os olhos, perdida na sensação sublime de sentir seus lábios na minha pele.

— Faça comigo tudo que fez às outras — peço — Tudo. Comigo.

— É bastante coisa. — Ele encosta os lábios nos meus.

Beijo-o breve, dizendo os meus termos: — Em troca quero você inteiro, Erik.

— Você já me tem.

— Eu quero mais. Quero tudo.

PERIGOSAS ACHERON

Ele faz que sim com a cabeça, distante. Deixo o assunto sério para depois, precisando senti-lo em mim. Pela força com que seus dedos cravam em minha cintura, é isso o que ele quer também.

Desamarro os laços que prendem a roupa na pele, sob sua supervisão febril. Ele tira sua roupa também. Livra-se da manga e da outra, enquanto saio de dentro do vestido. Ele desabotoa a calça, e me lembro que nunca o vi sem roupa. Vi partes, mas não inteiro.

Fico nua, e ele, aos poucos, também.

Gostaria que não fosse tão escuro ali embaixo, que pudesse vê-lo melhor. Mas o que vejo me rouba o ar. Sua visão é magnífica. Seus desenhos ganham vida sob a luz das velas, o negro das rosas realçando contra o dourado da pele vazada. Vejo um pouco do estrago sob os desenhos também — cicatrizes, asperezas incomuns —, mas o todo se sobrepõe aos detalhes. Ele é um Deus esculpido em mármore, trazido de uma terra distante. Um totem, uma edificação ao poder e à virilidade. A calça desce pelas pernas musculosas e ele a atira para o lado. Afasta-se para tirar a bota e no segundo seguinte estou respirando com dificuldade.

É injusto dizer aquilo, mas não trocaria um
PERIGOSAS ACHERON

único centímetro de seus desenhos pela pele que tinha antes. As marcas que ele traz agravaram meus sentimentos por ele. Meu amor por tudo que ele se tornou é feroz. Seus machucados me fizeram respeitá-lo de um jeito devastador.

Suas cicatrizes o tornaram, aos meus olhos, invencível. E o que sua dor me diz hoje, quando consigo pensar nela sem derrubar lágrimas, é o que meu coração anuncia sem cessar, desde que o conheceu: sou dele.

Ele não me toma nos braços como desejo, ele me conduz para a cama. Quero puxá-lo, mas no momento quero mais ceder do que exigir. Ele me deita e volta à mesa. Os músculos das costas, das pernas e do traseiro são uma linha única e sinuosa contra a luz.

— O que vai fazer comigo? — pergunto sorrindo, tensa e excitada ao mesmo tempo.

Ele pega da mesa as três coisas que toquei: as bolas, a pinça e o chicote, e se aproxima.

— Tudo. Exatamente como me pediu.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 30

ERIK

Há coisas mais fortes entre o céu e a terra que brasões, poder e dinheiro. Mais forte que a dor e a separação. Que o tempo pouco misericordioso que tinha como tarefa extinguir o que existia entre nós, mas não extinguiu.

E isso, que é mais sólido que o ouro e a prata, e mais persistente que minhas marcas e meu horror a elas, é também mais forte que as consequências da vingança. Não posso contar ainda o que aconteceu naquele encontro nas planícies de Orr, e o que ficou

PERIGOSAS ACHERON

acordado. Ela não precisa saber disso essa noite. *O que ela precisa saber, eu ensinarei.*

Desde que a encontrei, seu toque faz parte da esfera do inimaginável. É fogo tocando a pele, que queima tudo e deixa rastros de destruição. Seus beijos abriram cada cadeado enferrujado que enjaulava meu peito, e derrubou todas as minhas certezas. Todos os pensamentos sombrios que me torturavam caíram por terra. No lugar, deixaram delírios de felicidade.

Ela tenta me abraçar, os cabelos da cor do sol espalhados pelos lençóis. A boca rosada pede com delicadeza: "Não me afaste".

Olho seu rosto de anjo sem acreditar que me escolheu. Os pesadelos do passado, em que eu a via como responsável por ter sido marcado como um animal, se transformaram em seu oposto. Foi alquimia. Bruxaria, obra dos Deuses.

Como pode a vida ter me concedido esse anjo dourado?

— Você é minha rainha — sussurro.

Ela tenta se aproximar outra vez. Tenta tocar no meu peito com tanto cuidado que quase dói parar sua mão no ar. Seguro seu pulso, olho para a mão pequena, quente, macia, e beijo-a antes de amarrá-

la. Seus olhos são duas luas de prata no rosto.

Quando foi que me apaixonei tão loucamente por você?

Ela se entristece por ter sido amarrada. Desconfio que nunca conseguirá furar minha blindagem, por mais que tenha todas as armas para isso. Meu anjo, o estrago foi profundo demais. Quero agradá-la em dobro por decepcioná-la, mas é triste deixá-la acreditar em coisas que não consigo dar.

Suas mãos estão bem atadas nas costas. Ela se deixa amarrar sem resistência, confiando que só vou lhe fazer bem. Beijo sua pele alva do pescoço, prometendo em beijos que dou minha palavra. Beijo a clavícula, a veia que pulsa alta no pescoço, o centro do peito, onde bate seu coração. As pernas deixo soltas, para mais tarde. Sento sobre ela, exalando de satisfação. Eu mesmo sou um coração pulsante, latejando enquanto pede por ela.

Ela corre as vistas pelo meu peito, e me sinto exposto. Seu olhar me intimida. Fico de quatro sobre ela — seu corpo encaixado entre minhas pernas, seu rosto sob o meu — e a beijo outra vez. Ela solta sons sensuais, de entrega. Ergue discretamente o quadril e o move contra mim,

querendo contato. Eu poderia trocar todas as brincadeiras para lhe dar o que pede — e o que quero —, mas preciso me conter pra não ceder.

— Não — sussurro em seu ouvido. — Ainda não.

Sento sobre ela, sentindo-a úmida embaixo de mim. Pego o primeiro dos brinquedos e o trago às vistas. As pinças — chamo de pinças porque é com isso que se parecem. É um prendedor de metal com um brocado pendurado na ponta. Parece uma joia — e é — e só de imaginá-las em Christine perco a voz.

Ela olha sem medo para o objeto, sem entender o que é aquilo. O peito aperta por estar fazendo isso com ela. Ela não tem quase nenhuma experiência em sexo.

— Christine — hesito com o brinquedo na mão. — Diga-me se não gostar e pararei, está bem?

Um vinco aparece em sua testa, mas ela faz que sim. Coloco o brinquedo de lado e me inclino sobre ela outra vez, tão perdido de amor que quase a desamarro. Mas ao invés eu a beijo de maneira feroz, arremetendo o quadril contra o dela, sem penetrá-la. Ela começa a respirar rápido. Seu corpo treme contra o meu, e suas pernas tentam me

envolver. Solto sua boca, rosada da fricção, e desço até seus seios.

Eles são tão lindos. Os bicos são pequenos, miúdos no centro da carne. Levo a boca até eles, lambendo-os até que fiquem duros.

— Sinta, Christine — digo, mordendo um deles na ponta, até que ela se contorça. — O quanto dói?

Ela ofega, respondendo rouca: — Dói, mas é bom.

Trago o brinquedo à vista.

— É isso que essa pinça faz. Só que por bem mais tempo.

Seus olhos encaram imensos os meus.

— Você vai sentir agonia, depois dor. Vou compensar sua dor com qualquer coisa que te dê prazer. Você aceita?

Ela hesita. — E se doer demais?

— Peça, e eu o tiro. Tem minha palavra.

Ela faz que sim, e eu levo a pinça ao primeiro mamilo. Ela solta um silvo agudo de dor quando o solto e ele espreme a carne sensível. Coloco o segundo, atento às suas reações, parte preocupado, parte *voyer* de sua dor. Volto a sentar sobre ela, extasiado com tamanha beleza. Jamais vi, em todas as vezes em que preendi aquilo às dezenas de

mulheres, uma cena tão linda.

Como prometido, compenso-a. Enquanto ela me olha com o peito ofegante, desço até o centro de suas pernas. Ela pouco ajuda na tarefa de me conter. Abre-as, tombando os joelhos de lado, e levo a língua até seu centro rosado. Ela tem o gosto de todos os pecados unidos, e a capacidade de me fazer perder a concentração. Sorvo sua intimidade como quem precisa daquilo para existir. Ela se contorce, gemendo alto, e é impossível não gemer àquela altura. É impossível não estar perto do ápice.

Largo-a e ela faz que não.

— Erik, por favor, eu estava... quase...

— Ainda não, meu amor.

Volto a sentar sobre ela. Olho para os bicos presos: estão vermelhos, inchados entre o aço. Lambo suas pontas com delicadeza e ela grita. Eu sei. Conheço essa dor. Eles ficam absurdamente sensíveis quando presos. — Agora preciso que me obedeça, Christine — peço, erguendo-a com ternura da cama. Ela senta, o cabelo revolto e a expressão de quem precisa de mais, e a viro com cuidado. Ela precisa ficar de quatro, sem deitar sobre o colchão por causa do metal preso ao peito.

Sua cabeça se apoia no colchão e sua bunda fica para o alto. Eu poderia me contentar em observá-la, assim, pela eternidade. É uma visão de deixar um homem tonto, vê-la entregue, à frente. Aliso sua pele, contornando cada curva com devoção. Beijo suas partes, acaricio absolutamente tudo, lavo-a com a língua. Ela chora, pedindo que a solte.

— Quer parar por aqui? — paro tudo, imediatamente. Ela faz que não, e reformula a frase:

— Quero que continue — diz engasgada. A dor da pinça agora é outra, o brocado de ouro puxa o bico para baixo, e ela parece sôfrega e ansiosa.

— Vou continuar, meu amor — respondo ajoelhado atrás dela.

Carinhosamente, começo a massagear suas partes íntimas. Ela sente meu dedo chegar perto de onde jamais foi tocada, e retrai. Deito sobre ela, lutando contra toda a minha agonia de contato para mordê-la de leve no pescoço. Ela relaxa os músculos e solta gemidos baixos. Logo seu cheiro me inebria e me faz esquecer que meu peito está colado às suas costas, e enquanto espalho beijos e mordidas pelos seus ombros, introduzo a primeira bolinha do segundo brinquedo nas partes nunca

tocadas.

Preciso firmá-la, porque ela salta de susto. O cordão de bolinhas, um artefato raro trazido da Índia, é uma experiencia única. Insiro uma a uma as cinco nela, e pouco a pouco elas somem em seu corpo. Ela serpenteia, perdida em sensações inéditas. O tempo inteiro aguardo ouvir seu não, mas não ouço. Ela geme e arfa, mas não pede que eu pare. O prazer misturado à dor, a sensação de explosão mais poderosa que mil bombas, é mais forte.

Ela está por um triz. Já não luta, não se debate, só chama meu nome. Seus olhos estão fechados, e sua pele, suada. Seu cabelo gruda no pescoço, e a vontade é de afundar meu nariz ali. Mesmo enlouquecido por sua visão, me encaixo nela. Encosto meu membro em sua entrada e a ouço implorar, ofegante:

— Sim. Erik, por favor. Sim.

Penetro-a com delicadeza, sem coragem de forçá-la a mais nada. Seguro no couro que ata sua mão para firmá-la, olhando para o chicote parado ao lado. Falo mentalmente que não. Jamais teria coragem de estalá-lo contra sua pele, ela me é preciosa demais para aquilo. Fecho os olhos e forço

PERIGOSAS NACIONAIS

o membro um pouco mais, sentindo-a apertada ao meu redor. Sinto sua textura umedecer meu membro, e por um minuto estou no céu. Entro e saio lentamente, observando sua rendição. Você vai voar hoje, Christine. E por estar com você, terei meu momento no céu.

Enfio o dedo na argola que segura o cordão de bolas e puxo-as, uma a uma, com delicadeza. Cada uma que sai de seu corpo a faz saltar, e preciso segurar sua cintura para não sair de dentro dela. Ela grita meu nome entre gemidos, e por fim geme tão alto que quase desaba na cama. Seguro-a pela cintura antes que caia, atento às pinças que poderiam machucá-la. Saio de dentro dela e a viro.

Ela tomba desfalecida entre os lençóis, lânguida, sem forças sequer para abrir os olhos. Abro suas pernas com delicadeza e seus joelhos tombam outra vez sem forças para o lado. Em seus lábios há um sorriso tímido.

Enterro o membro outra vez dentro dela, colocando suas pernas ao meu redor. Entro e saio, sem prestar atenção em minhas próprias sensações. Tudo que vejo é seu sorriso. Só ela interessa ali. Ela, sua forma perfeita, sua alma que é a metade que a minha buscava.

PERIGOSAS ACHERON

Ela toma um susto quando tiro ao mesmo tempo as duas pinças dos seios. Uma onda de dor lancinante chega, consequência do fluxo de sangue trazendo de volta a sensibilidade às extremidades. A ardência e o calor a fazem abrir a boca. Ela abre os olhos, olhando com a testa vincada para mim.

Tão perfeito o seu prazer. Exatamente o que eu queria para ela e para mim.

Deito sobre ela com cuidado, colocando um mamilo na boca. Molho-o de saliva, aliviando a dor. Faço o mesmo com o outro, sabendo que fazer isso a levará à loucura. Ela ofega loucamente, soltando gemidos. Deixo-a com a dor e o prazer, terminando a penetração. Entro e saio dela mais rápido, sentindo a respiração acelerar.

Em algum momento quero deitar sobre ela, deixar que meu calor a conforte, e sentir seus braços à minha volta. Seu peito é a minha casa, e o meu é a sua. Mas a agonia e o desejo não batem, eles lutam entre si. Paro o movimento por segurança. Minhas muralhas estão prestes a ruir, e sem elas não tenho nada. Quando isso acontecer estarei desnudo pela primeira vez desde que decidi me fechar. Totalmente vulnerável.

— Você não pediu pra parar — digo, quase

acusando-a por ter resistido até o fim.

— Não queria parar, Erik. — Sua voz chegou aos ouvidos. Meu peito vibra, emocionado. Por que sinto que minha máscara cai, se continua fixa no rosto? Para que ela me serviria, se aquela mulher consegue me ver inteiro?

Continuo o movimento de quadril sem compreender que sentimento é esse que floresce quando nenhuma condição parecia favorável. Mas ele existe, e é forte. Tão forte que preciso senti-la mais.

Não vejo em que momento deito sobre ela e colo a boca à sua. Ela mordisca meus lábios, em desespero, precisando dos meus beijos. Quero sentir seu suor no meu, e me perder em um sentimento novo e excitante, muito mais poderoso que qualquer outra coisa que já fiz ali.

E enquanto essa loucura cresce em mim, desamarro-a com pressa antes que mude de ideia. Ela se solta e agarra meu cabelo, me puxando contra seu corpo. Morde o canto da minha boca, grunhe ao apertar minha bunda. Nunca houve homens tão devassos quanto os que pisaram ali embaixo, nessas masmorras, mas nunca existiu, por outro lado, mulher mais desejada.

PERIGOSAS NACIONAIS

O entra e sai é diferente, agora que me encaixo perfeitamente a ela. Ela morde meu queixo, atenta aos meus olhos fechados e à tensão dos músculos. Logo não há mais estrelas nos céus; elas estão todas dentro do peito. E elas explodem de vez, chacoalhando os céus.

É demais tombar sobre ela — ainda não consigo.

Tombo de lado, olhando para o teto do dossel. O silêncio e o frio voltam à masmorra — não tinha notado nem um nem outro até agora. Sinto em mim o cheiro dela — seu suor, seus fluidos — e fecho os olhos, me perguntando se esse não seria o melhor cheiro do mundo. Ela desliza os dedos pelas minhas costelas, seguindo a trilha de cicatrizes. Aquilo me desperta e me contrai.

Levanto da cama e finjo estar bem — sou péssimo fingidor, e ela nota. Mas ao mesmo tempo não há como apagar os momentos passado ali. Ajoelho-me aos pés da cama, sorrindo, e ela sorri de volta. Beijo seus pés, em um ato de profunda devoção. Por mais que goste da dominação e do poder, sei reconhecer quando sou vencido, e presto justa homenagem ao que me conquistou.

Gosto de poder, por isso gosto do amor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 31

CHRISTINE

Erik me carrega como se eu fosse uma pluma até o primeiro andar, e me deita sobre o tapete felpudo do salão. As toras estalam na lareira e as brasas crepitam, mansas. Ele toma lugar ao meu lado, nem tão longe que pareça estranho, mas bem menos perto do que eu gostaria. Ele nos cobre com a manta, embora estejamos vestidos, e ajeita as almofadas para nos dar conforto. Sob a luz dourada ele mais se parece um sonho. Um daqueles que nos intriga e seduz, ao qual nos agarramos sem

PERIGOSAS ACHERON

realmente entendê-los. Ele afasta o cabelo da frente do meu rosto para me ver, os dedos passeando pelos fios.

— Como posso ser amado pela mais linda das criaturas? — pergunta com meus cachos entre os dedos.

Sorrio, procurando o aconchego do seu corpo, mas ele se afasta. Ele sempre é sutil no gesto, e tenta me compensar de outras formas. Nesse, ergue meu queixo e me beija.

Acabamos de sair da masmorra, onde experimentei as sensações mais intensas possíveis, e aqui estou, sentindo a respiração pesar outra vez. Ajeito o rosto para beijá-lo e a face encosta na máscara. Por que máscaras, ainda? Minha vontade é tirá-la, mas já fiz isso e aquilo quase nos arruinou. Aceito-o com ela, aceito a distância, aceito fingir que não existem fatos entre nós que desconheço. Aceito tudo por um bem maior: uma vida ao seu lado. É o homem por trás da máscara que me interessa. Em algum momento ela cairá, literal e metaforicamente, ou viveremos uma história incompleta. Não nascemos para uma história incompleta.

Ele deita de lado, de frente para mim. Sinto o

PERIGOSAS ACHERON

corpo desperto outra vez, como se ele realmente nunca adormecesse ao seu lado.

Desta vez Erik se move com estranha ternura. Ergue minha saia com gentileza, sentindo cada sensação que o encontro entre as peles provoca. Sei que luta contra algo, eu sinto. Ele tenta se concentrar nos ruídos que o amor faz: mãos deslizando por pernas, corpos se encaixando, e aqueles que as superfícies meladas fazem ao se encontrar. Gemo quando ele entra em mim, e suspiro quando arremete fundo. Quero-o tanto que beira à loucura. Jogo a cabeça para trás e ele me lambe. No pescoço, entre os seios, ao redor da orelha. Rolo o rosto ao sabor da excitação, olhos cerrados e boca entreaberta, me sentindo perfeitamente amada. O que estamos fazendo ali, ao lado da lareira, é algo novo e diferente do que acabamos de fazer lá embaixo. É o tipo de amor que eu procurava. Que qualquer mulher procura. O que encontrei vai além do que os sonhos se permitiam.

Toda a delicadeza que jamais conheci — talvez apenas com ele, anos atrás — é nova para mim. Seus olhos intensamente azuis e o dourado da pele sob a luz da lareira são as cores que minha nova

vida têm.

— Diga que me ama — ele pede, rouco.

Oh, Erik, que dúvidas você tem? Desperto do transe e olho para ele:

— Como um pássaro ama a liberdade.

Ele parece angustiado com a resposta.

— Tudo que farei, farei por você, Christine — diz entre o ir e vir.

Abro os olhos, despertando. Ele continua entrando e saindo de mim, as vistas passeando pelo meu rosto.

— O que quer dizer com isso?

— Que esses últimos momentos com você valeram por quinze anos.

Sinto-o quase indefeso dentro de mim. Tento abraçá-lo, mas ele se afasta outra vez. É tão frustrante que haja tanta distância entre nós quando o sinto em mim.

— O que está acontecendo? — Eu o puxo outra vez, mas ele segura meu pulso. Beija minhas mãos e interrompe o ato. Não consigo mais voltar à sensação de deleite, agora quero respostas. Alguma coisa aconteceu naquela planície e ele não quer me contar.

— Erik, por que está falando assim?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele rola para o lado e deita de costas. Abaixo a saia e vejo que ele aperta o olho com os dedos, hesitante.

— Você precisará saber, em algum momento — confessa.

— Precisarei saber de *tudo*, se me quer ao seu lado!

Após longos segundos, a voz de Erik finalmente corta o silêncio:

— Quando chamamos a guarda real, sabíamos que não seria tão simples. Não era uma questão de afugentar Andaluzia daqui, apenas. Era de resolver uma questão que se arrasta há décadas.

Faço que sei.

— Ao saber de você, e sobre a situação, o rei fez o que achou correto. Não entraríamos em uma batalha, sob riscos de enormes perdas, para resolver um assunto pessoal. O que ele sugeriu encerrou a disputa e as ameaças de ataque, e tanto eu quanto Raul não pudemos dizer não.

Amparo o corpo sobre o cotovelo, atenta ao que diz. Uma sensação fria corre pelo peito.

— O que está dizendo, Erik?

— O rei sugeriu um duelo. Espadas.

Chacoalho seu braço, sentindo o coração

PERIGOSAS ACHERON

esmagado:

— Um duelo?! — Minha voz quase não passa pela garganta. — Você vai duelar com Raul, por *mim*?!

— Não tive escolha. Mas sim, vou duelar por você. — Ele finalmente me olha. — Porque você é minha esposa agora, e ninguém vai te tirar de mim.

Sento no tapete, sentindo o corpo sem forças e a cabeça anuviada. Tento buscar as palavras certas, mas elas não vêm. Só sinto vontade de bater nele. Esmurrá-lo, abraçá-lo, chacoalhá-lo para que ouça o que acabou de me dizer.

— Ninguém me tirará de você? A MORTE tirará você de mim! — finalmente solto o grito preso no peito. — Você enlouqueceu? Raul é um exímio espadachim! Como pode ter feito isso comigo?— Sinto as lágrimas incharem os olhos. Todo o sonho de uma vida tranquila pode ser arrancado de nós de uma hora para a outra. O que será de mim se perder, Erik? Sinto o corpo falhar ao simples pensamento.

Erik faz silêncio, alheio ao meu choro sentido. Viro-me para o lado e desabo em lágrimas, me perguntando quando — e agora, como — aquele terror acabará.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A verdade é que vai além de você — ele finalmente confessa.

Ouç-o, mas não me viro. Sei que vai. Sei que Raul é seu demônio particular, que lhe infligiu dor e estragos impossíveis de serem falados.

— Então não diga que é por minha causa — respondo.

Estou cheia de raiva. A energia que direcionava para o amor agora acha novos caminhos, e eles são fortes e muitos.

— Você quer vingança. Prometeu ao antigo Conde que não a perseguiria, e agora viu a chance de consegui-la. Mas a vingança pode acabar com o que estamos construindo aqui! — Eu me viro, angustiada. — Quero você em segurança, Erik. Quero você no meu futuro, porque quero você para sempre!

Ele está condoído, mas igualmente resoluto.

— Posso vencê-lo.

— Sei que pode! Mas pode morrer também. Pode sair ferido, ser machucado outra vez por ele!

Ele fecha os olhos. Eu deveria acreditar nele, mas no momento meu medo é maior que a crença.

— Você não sabe como desejei esse momento, Christine.

PERIGOSAS ACHERON

Ouçó sua confissão de olhos fechados.

— Eu quis matá-lo de tantos jeitos. Quis enforcá-lo, cravá-lo de balas, apunhalá-lo. Quis torturá-lo aos poucos, como ele fez comigo. Passei anos guardando esse desejo por uma promessa que fiz e honrei. Mas quando você veio para Orr, entendi que boa parte do meu ódio estava no fato de que ele estava com você. Como podia odiá-lo mais por isso do que pelo que fez a mim? Aquele homem arruinou meu corpo e parte do meu rosto. Quando invadi sua casa em Andaluzia e deixei a rosa sobre a sua cama, tive a chance de matá-lo, mas tudo o que pensei foi em você. Acredite nisso, meu amor, você é maior que minha vingança.

"Só que a sugestão do rei resolveria a batalha sem nenhuma outra morte. Ela tanto anulava minha promessa ao meu padrinho e salvador quanto me dava a chance de encerrar a animosidade entre as duas cidades, que sempre assustou moradores, em um ato que me traria um encerramento. Eu preciso matá-lo, Christine."

Afundo o rosto em seu pescoço e ele me acolhe em um abraço.

— Erik, e se ele matar você? — Soluçó contra sua pele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Morrerei como um homem feliz.

Deus, segure meu ímpeto de socá-lo. É tão injusto!

Por um longo tempo soluço abraçada a ele, e ele me consola. Ele beija meu cabelo e fala:

— Não me lembrava quão doce e frágil você era. Quão perfeita cabia em meus braços.

Solto-me de seu abraço parte ferida, parte transtornada. Não sou frágil. Posso ter sido um dia, quando fiz a tolice de não fugir com ele antes que fosse atacado. Mas passei quinze anos em um covil, fui violentada, escorraçada, surrada, vendida, comprada. Ele está enganado se acha que sou a mulher de antes.

Levanto, para o seu espanto. Estou cansada da berlinda e da sensação de caminhar sobre cordas, sem enxergar o chão. Não quero mais medo ou histórias pela metade. A sensação de felicidade que me permiti sentir mais cedo foi uma miragem, ela nunca existiu. Até quando vou postergar a sensação de paz? Até quando vou ser tratada como espólio, efeito residual de uma guerra? Ou quando a vingança deixará de nos assombrar?

— Quando acontecerá esse duelo?

— Em oito dias. Na fronteira entre os

PERIGOSAS ACHERON

condados.

Ergo o queixo, ajeitando a saia. Faço que entendo, mas não entendo.

— Estarei no meu quarto quando quiser me encontrar. Mas só venha quando estiver pronto para me deixar tocá-lo, e contar o que fizeram em você. Faça-me concordar com sua vingança. Se corro o risco de te perder em pouco mais de uma semana, assumo o risco de se abrir.

Ele se apoia sobre os cotovelos, sem entender.

— Se quiser tocar em mim outra vez, terá que ser por inteiro. Sem máscaras.

E ele que entenda o que quiser com essa frase. Não voltarei atrás dessa decisão. É isso ou nada.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 32

No dia seguinte ao ultimato, acordo com o perfume de uma rosa vermelha pousada sobre o travesseiro ao lado. Ele veio durante a noite mas não conseguiu se deitar comigo. Acaricio a rosa, sentindo algo sem nome no peito. Procuro-o durante o desjejum para perguntar por que não ficou, mas Imelda me avisa que ele saiu cedo com Myrtes para treinar.

Passo horas angustiada à sua espera, imaginando cenários sombrios. Na hora do almoço ele chega, me beija, mas foge com os olhos, sem conseguir me encarar. Almoçamos e ele sai sem dizer a que horas volta. Jantamos sem mencionar o

PERIGOSAS ACHERON

assunto, fingindo que a vida continua. Como se não houvesse um duelo marcado para breve, uma exigência intransponível de minha parte e uma rosa que significa tanto eu te amo quanto me perdoe, mas eu não consigo. Não tenho voz quanto ao duelo, mas quanto ao ultimato sei que fiz uma exigência impossível. Eu cederia por amor, assim que ele tentasse me tocar.

Mas estranhamente ele não tenta.

Na segunda noite ele deixa outra rosa ao lado da cama. Quando tento puxar assunto na manhã seguinte, tocando de leve sua mão durante o café, ele desconversa e parte. Parece ter mais medo de mim do que da morte, mas sei que tem medo de reviver os horrores que sofreu e se sentir fraco frente a Raul. Como não entendê-lo?

Mais um dia de desassossego e aperto no peito se vai. De arrependimento por tê-lo afastado de mim, quando estava tudo tão bom entre nós.

E assim, noite após noite, ele se esgueira pelo quarto durante a madrugada e deixa a flor ao lado da cama. De resto, só silêncio.

Por seis noites angustiantes eu o espero e ele não vem. Até que na sétima noite, véspera do duelo, peço para falar com Myrtes depois do jantar,

quando ele se recolhe.

Leander corre até a vila e a chama. Ela aparece a contragosto, porque sabe que a colocarei contra a parede e ela não pode e não deve falar sobre ele comigo.

Ela chega ressabiada, vestindo roupas comuns, ao invés da farda. É estranho vê-la tão feminina, e em resposta à sua beleza o monstrinho verde do ciúmes, que mora no fundo do coração, quase cresce, emergindo com fúria. Não é possível que ele tenha procurado conforto em seus braços, é? Ele seria tão vil e superficial assim? Mas no meu íntimo não acredito que seja, por isso decido acreditar em meus instintos.

— Boa noite, senhora — ela diz, entrando na biblioteca. Fecho o livro e me levanto, engasgada demais para dizer o que penso. Decido começar pelas beiradas, sondando o que está acontecendo.

— Boa noite, Myrtes. Por favor, entre.

Ela entra e se senta no sofá da frente. Embora ela seja alta, forte e uma autoridade em Orr, na minha frente ela se parece apenas uma mulher, como eu.

— Leander disse que queria falar comigo. Se é sobre Erik, adianto que...

— É sobre Erik — digo com os olhos nos dela.

— Não posso revelar nada, e a senhora sabe. Sugiro que procure seu marido e pergunte diretamente a ele o que quer saber.

— Ele se recusa a conversar comigo.

Ela não responde. Como Erik, não consegue olhar para mim.

— Myrtes. — Eu a forço a me olhar. — Raul é um exímio lutador. Ele treina há anos, eu conheço suas habilidades.

— Erik é um ótimo lutador também — ela diz quase ofendida.

— Por favor, diga-me que ele está preparado. Que ele pode vencer.

— Não tenho permissão para falar dele, senhora. Por favor...

— Por *mim* — eu peço. — Sei que sou nova em Orr, que cheguei da maneira mais horrível e trouxe todo tipo de problemas a vocês, mas eu amo Erik mais do que tudo nesse mundo. Existe alguma coisa que eu possa fazer para ajudar? Há algo que eu tenha dito ou não tenha dito para ele que possa lhe dar coragem?

Myrtes suspira. Olha para mim, olha ao redor. Quando acho que vai repetir a ladainha de que não

pode dizer nada, ela fala:

— Eu realmente não deveria estar aqui, nem me meter no que não tenho permissão, mas sim. Aconteceu algo. Não sei o que, exatamente, mas nesses últimos dias ele me pareceu desconcentrado. Eu diria até mesmo triste. Mencionou que eu deveria fazer de tudo para mantê-la aqui, em Orr, caso perdesse a luta, e aquilo me enfureceu. Isso não é o tipo de frase que falamos antes de um embate!

Sei por que está assim, e me sinto horrivelmente responsável. Quero dizer para ela o que foi que aconteceu — que me recusei a deixá-lo me tocar, caso não contasse o que aconteceu —, mas falta coragem. Agradeço seus esforços e ela parte. Levanto decidida a procurá-lo. Dessa noite não passa. Direi a ele que não me importa mais nada, desde que recupere a coragem em si mesmo, e em nós. Que desisto do ultimato, e da minha imposição ridiculamente romântica. O romantismo é para as épocas de paz, e não estamos em épocas de paz.

Eu só queria tê-lo por completo, penso ao subir as escadas. Jamais imaginaria que poderia desestabilizá-lo por causa disso. Como pude

quebrá-lo justamente agora?

Caminho em direção ao quarto. Não ficarei acordada à sua espera: irei até ele, e revogarei tudo. Sinto uma saudade quase física de seu toque, não suportarei vê-lo partir amanhã sem que saiba que de todas as coisas que fiz, amá-lo foi a mais corajosa. E foi a mais corajosa que ele fez, também. Sua coragem está provada, e eu o honro com minha vida por isso.

Mas ele não está em seu quarto. Olho ao redor, procuro na antessala, volto ao corredor. Ando até meus aposentos sem saber onde ele pode ter ido, mas assim que a lamparina ilumina o quarto, vejo sua silhueta parada ao lado da cama.

A sensação que cresce em mim é sublime. É ele e sua presença poderosa e perfeita a causadora da fraqueza nas pernas.

Caminho em sua direção, e ele se vira. Tem uma outra rosa nas mãos, e sua expressão é séria.

— Você veio cedo, hoje — digo sem esconder a emoção na voz.

Ele olha para a flor. Pouso a lamparina sobre a mesa e me aproximo, não demais para espantá-lo, mas o suficiente para que veja que sorri. Um sorriso mínimo, quase imperceptível à meia-luz.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estava com saudades — murmuro.

Sua reação é colher minha cintura e me puxar até ele. Ele estava com saudades também. O beijo não chega a colar os corpos como eu esperava, mas sua língua procura a minha com desespero. Envolvero seu rosto entre as mãos e beijo-o como se já fosse amanhã. Como se jamais fosse vê-lo outra vez.

Deveria haver mais palavras para descrever como as línguas dançam na boca, e o cheiro delas nos impregna. Como sentir a pele ao redor dos lábios traz tantos arrepios quanto sentir a saliva deslizar entre eles. Mordo seu lábio inferior com ansiedade, e ele o canto de minha boca. Os ruídos são de anseio profundo pelas mil coisas não ditas. Ele arrisca a aproximação e me deixa trazer para perto, deixando que dite a distância.

— Eu quero tanto você — ele solta, rouco.

— Estou aqui. Sempre estarei.

— Minha amada. Minha vida. — Ele crava os dedos em meus braços, encostando a testa na minha. — Eu faria tudo diferente, se conseguisse.

— Você esteve aqui todas as noites. Isso significou o mundo para mim.

— Por favor, me perdoe por fugir. Por fazer

PERIGOSAS ACHERON

você sofrer.

Olho para ele sem acreditar que está dizendo aquilo.

— Erik, eu respeitarei todos os seus limites. Por favor, esqueça aquilo que disse. Eu quero você, eu preciso de você. Me leve para o subsolo, se é assim que consegue me tocar. Mas por favor, me toque.

— Não. — Ele balança a cabeça, me fazendo gelar. — Estou aqui porque preciso fazer isso antes que amanheça. Eu preciso.

Ele me solta e anda até a cama. Meu coração para ao vê-lo recostar ao lado dela, e olhá-la. Ele está me convidando para me aproximar, quase frágil. Mas não o quero frágil, eu o quero cheio de ódio e propósito. Quero que dilacere Raul. Que se vingue pelo que fez. Ele precisa lutar como um leão, como quem luta pelo mundo.

— Você não precisa.

— Preciso — ele afirma. Seu rosto está sombrio, mas resoluto. — Descobri que o ódio, sozinho, não seria suficiente para encarar Raul, amanhã. Que você saiba o que aconteceu comigo.

Vejo-o desabotoar a jaqueta e livrar-se dela, sem saber se sento, onde ponho as mãos ou como reagir. Seja lá o que tem para me mostrar, é algo

terrível. Algo que fez com que cobrisse a pele de desenhos, e o tornasse intolerante a contatos. Ele se envergonha, e cresce meu medo de que reaja de maneira inapropriada.

— Quero que entenda por que todos aqui conhecem seu nome, e te odiaram quando chegou. Por que tive tanto ódio de você, e por tantos anos. Raul fez questão que eu não te esquecesse também.

O quarto está na penumbra, mas não importa: os estragos foram tampados. Sem blusa, ele dá um passo em minha direção e pega minha mão. Ele a pousa sobre o peito largo e inteiramente pintado e a deixa ali, para que eu sinta. Deslizo a princípio os dedos pela pele quente, envolta em sensações que remexem as entranhas. O que acontece em mim é bom, mas só até eu reconhecer, entre desenhos perfeitos e feitos para esconder as cicatrizes, a primeira ondulação sobre a pele. Ergo os olhos. Os dele estão no meus; suas sobrancelhas estão unidas e seu semblante está pesado. Os olhos, sempre tão claros e límpidos, estão escuros.

Olho para a queloide que os dedos encontraram. Deslizo a ponta do dedo por ela, perdendo o ar quando sinto que ela desce centímetros por baixo dos braços, e some nas costas. A sensação boa

desaparece, substituída por outra, sombria e claustrofóbica. Sinto a boca tremer, mas seguro a emoção. Não quero desabar agora, não posso deixar a cabeça voltar à noite em que o levaram.

— Eu podia ter impedido — murmuro com a voz tão trêmula que as palavras saem falhadas.

Ele balança firmemente a cabeça que não. Eu não podia. Seus olhos dizem que ele estava lá e sabe disso; sabe também o que teriam feito comigo.

Engulo os espinhos presos à garganta e continuo a tatear ao redor da cicatriz. A pele engelhada mostra uma queimadura que carcomeu a pele. Fecho os olhos e sigo com os dedos, com a respiração pesada, pelas costelas. Ele ergue os braços para me dar acesso, agoniado, com os punhos fechados. Costelas, cintura, base da coxa. Continuo achando riscos, cortes cicatrizados, pele costurada sobre pele. A visão pouco ajudaria a ver, em meio às rosas, armas e caveiras pintadas, mas os dedos acham tudo.

Deve ter doído tanto.

— Como conseguiu sobreviver? — pergunto sem perceber que as lágrimas escorrem pelo rosto.

— Imelda. O Conde. Myrtes e Áurea. Leander.

Encosto a testa em seu peito. É desesperadora a

necessidade que tenho de confortá-lo. O que posso fazer para compensar sua dor, além de amá-lo com loucura? Envelhecer ao seu lado? Ser a mulher que ele merece?

— Erik, por favor. — Mil pensamentos cruzam a cabeça, todos bons: modos de como agradá-lo, beijá-lo, acarinhá-lo, tomá-lo para mim enquanto o seguro. Mas a frase que escapa é: — Por favor, mate Raul.

Não há um pingo de dúvida em sua voz quando ele responde:

— Eu matarei.

— Não se apiede, nem o deixe viver por misericórdia. Mate-o. Se não por você, por mim.

Ele acaricia meu cabelo enquanto penso nos anos em que acusei Raul e ele mentiu para mim, sem qualquer remorso, dizendo que não sabia do paradeiro de Erik. Em como cheguei a duvidar de minha sanidade. Como alguém tão civilizado poderia cometer o ato brutal de matar alguém?

Mas a morte é mais honrosa que a tortura. Há algo de malévolo em quem vê a dor do outro e persiste no ato. Há algo de sombrio e demoníaco em quem fere de propósito, repetidas vezes, até que o outro seja quebrado. Dilacerado. Extinto.

— Era eu quem deveria estar aqui, cuidando de você. Eu cuidaria de você dia e noite. Dia e noite.

Ele beija minha testa. Ele sabe.

— Eu cuidaria de cada cicatriz. De cada corte e ferimento. Eu amaria cada estrago que ele fez em você. Em dobro.

— Hoje eu sei disso — ele diz, segurando meus ombros e me afastando. — Mas por muito tempo duvidei de você.

E enquanto as lágrimas pingam, nós nos encaramos.

— Meu ódio por você era infinito, Christine. Você terminou comigo aquela noite, mas aceitou me encontrar no roseiral. Achei que tivesse dito àqueles homens onde eu estava.

Levo a mão à boca, mas ele balança a cabeça:

— Hoje eu sei — e no fundo sempre soube — que você não teve nada a ver com aquilo. Mas o que fizeram comigo mexeu com minhas certezas.

Ele pega minha mão outra vez e leva ao mesmo ponto em que levou no início.

— Sinta os detalhes. Leia.

— Ler? — Olho para sua mão sobre a minha, sem entender. Mas então algo estala dentro de mim,

e eu afasto seu braço, e o viro sem acreditar. A boca se abre em espanto e horror, enquanto os olhos buscam com pressa o que acabei de perceber. Os dedos caminham pelas cicatrizes, e a cada letra que descubro , mais meu coração vira uma pedra pesada dentro do peito.

C. H. R. I.S...

Não.

Giro-o, sem acreditar. Sob as caveiras estão profanidades impronunciáveis. Sob as rosas, palavras horríveis. São dezenas delas. Frases inteiras. O peito de Erik foi talhado com algo afiado, um prego, uma faca, e virou uma lousa de horrores. Mas o que mais me apavora é que do meio de seu peito até as costas, como uma forma de não deixá-lo jamais esquecer do que aconteceu ali, está a frase: *Christine pertence a Raul e sempre pertencerá.*

Afasto-me dele sem quaisquer lágrimas nos olhos. Não saberia dizer que tipo de pensamento passa pela cabeça, ou que sentimento se espalha no peito. Sei que meu semblante está congelado em uma máscara, e que o dele aos poucos degela. Quando nossos olhos se encontram, entendo que qualquer tentativa de me perdoar ou me esquecer

no passado jamais seria possível.

Foi isso que Áurea leu quando o imobilizou anos atrás. Foi isso que Imelda leu quando tratou dele, o que explica seu horror inicial por mim. Ele espera meu choque passar, como deve ter feito muitas vezes. Quando consigo, profiro entre os dentes:

— Nunca fui, nem nunca serei dele. Mate-o. Por mim.

Ele faz que sim, e se aproxima. Se meu peito pesou, o dele ficou leve. Ele me beija com gosto salgado de lágrimas, mas dessa vez não são as minhas que correm. Agarro-o com força, com tanto ódio no peito que poderia matar eu mesma aqueles covardes. O ódio não é mais compartilhado, porque Erik me perdoou, e nem a lembrança do que carrega na pele tem mais importância.

Ele se afasta, limpando o rosto, ligeiramente encabulado. Mas se essa era a lágrima que guardou por anos até derramar, é a lágrima mais valiosa do mundo.

— Amanhã será inesquecível — afirmo com convicção.

— Será épico — ele responde, e com a mão sob minha bunda, me ergue. O corpo imediatamente

responde a ele, perdendo a tensão do ódio. As pernas acham caminho até sua cintura, entregues depois de dias de tortuosa espera. Ele me abraça pela primeira vez sem contrair o corpo, com tanta força e pressão que me rouba o ar. Tombamos na cama, eu por baixo e ele por cima, enquanto entre grunhidos arrancamos as roupas. Olho para ele de outra maneira, agora. De certa forma mais próxima. Mais dele.

— Que seja no seu tempo, Erik — murmuro quando sinto-o erguer o corpo para não colar no meu.

— Meu tempo é agora, Christine.

Ele leva as mãos até a virilha, ajeita o membro em minha entrada e me penetra sem aviso. Sinto-o entrar centímetro a centímetro, gemendo quando ele me alarga. Ele me olha com a expressão pesada. Não há mais nada a esconder. Ele solta um gemido rouco quando chega ao final, tão dentro de mim quanto seria possível chegar. Sua respiração está ruidosa e profunda, e sua boca prensada. Minhas mãos passeiam por suas costas, sem se preocupar com a mentira com que o marcaram. Uma mentira, isso é o que aquilo é. Uma crueldade sem tamanho, mas que não conseguiu quebrar o seu espírito.

PERIGOSAS NACIONAIS

Beijo seu pescoço, seu queixo, enquanto ele sai de mim. Ele volta, e eu o beijo mais. Ele vai, e eu fecho os olhos. Eu poderia ficar para sempre ao sabor desse ir e vir, sendo preenchida de formas físicas e não físicas por ele. Ele beija meu pescoço, e cheiro seu cabelo. Desarrumo-o para ver seus cachos, e vejo.

Sorrio, e ele sorri também.

Ele atinge o ápice e eu, logo em seguida. Dessa vez ele tomba sobre mim. Suado, delicioso, meu. Ele rola depois de um tempo para o lado. Sei que ainda tem a cabeça repleta de pensamentos e que demorará até que deitar ao meu lado seja algo natural. Mas virá.

Deito de lado, suspirando feliz. Ele se deita de frente para mim.

— Quase morri de saudades — fala.

Levo as mãos até sua face, contornando a parte do rosto livre da máscara.

— Eu também.

Ele segura meu pulso e o beija. Beija os dedos, a palma das mãos, sem qualquer pressa. Leva minha mão até seu rosto outra vez, parando-a ali.

Seus olhos descem pensativos para os lençóis, como se precisasse ponderar o que vai fazer. Seus

PERIGOSAS ACHERON

dedos se entrelaçam aos meus, e os apertam. Então, pegando ar e coragem, leva minha mão até a base de sua máscara. Sei o que está fazendo e sinto o coração bater forte, posso ouvi-lo latejar nos ouvidos. Ele quer. Eu sei que luta internamente entre a vergonha e o desejo, mas sei o que quer que eu faça.

— Se achar que pode suportar o que vai ver, gostaria que...

Não espero que termine. Tiro sua máscara com delicadeza, revelando a metade disforme de seu rosto. Seus olhos são uma ilha entre um oceano de pele enrugada, uma crosta curada sobre uma superfície corroída. A linha do cabelo é falha, a bochecha desapareceu. Ainda assim, o que enche meu peito é quente e bom.

Aproximo o corpo com cuidado e ele se esquiva. Tento outra vez, dessa vez acariciando sua pele. Levo os lábios até seu rosto e beijo-o dezenas, centenas de vezes, por toda a superfície. Não há nada ali que não ame com paixão intensa, e queira ao meu lado para o resto da vida. Repito baixo 'eu te amo' tranquilizadores e verdadeiros. Compensatórios, inegáveis e sobretudo reais.

Muito tempo depois que ele dormiu em meus

PERIGOSAS NACIONAIS

braços e ressona baixinho, ainda olho para o teto na escuridão do quarto. Amanhã será o melhor ou o pior dia da minha vida. Penso a respeito e conserto a frase: esse foi até agora o melhor dia da minha vida.

Quanto amanhã, não há nada que eu possa fazer, apenas confiar.

E eu confio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 33

ERIK

Cavalgo longe do séquito que me acompanha até o local marcado. A tropa do rei, composta por oito homens, aguarda na fronteira entre Orr e Andaluzia, e os vejo à distância. O general que mediará a disputa está a postos e à nossa espera. Aproximo-me do grupo, saudando a todos com um aceno. Olho ao redor: a tropa de Andaluzia ainda não chegou. A minha vem, chegará em breve. Desço do cavalo sob a sombra de uma árvore centenária, olhando para cima. O ar está azul e

PERIGOSAS ACHERON

limpo, e o sol deixa a paisagem nítida e realçada, como se a natureza tivesse recebido uma dose extra de cor.

Um ajudante se aproxima para pegar o cavalo e o leva. Com o sol a pino, na exata metade do céu, não deve demorar muito até que esteja tudo acabado. Geralmente essas ocasiões são solenes, com um ritual inicial breve — e geralmente uma extrema unção ao final —, mas dessa vez o rei pediu discrição. Resolveríamos a questão pessoal — Christine — de forma discreta, mas o que estava realmente sendo selado ali era a disputa secular entre as duas cidades. Este era o motivo de tão poucos homens. Para o reino, não havia disputa alguma. As cidades viviam em paz. O ganhador voltaria para sua terra e faria silêncio sobre o ocorrido. A guarda real escreveria a declaração e reportaria o resultado ao rei.

Desembainho a espada e giro-a na frente do corpo, sentindo os músculos do braço retesarem pelo seu peso. O aço pesado reluz sob a luz do sol, refletindo minha máscara. Um sentimento de fechamento gira no peito. O coração experimenta uma calma como se descansasse no olho de um tornado. Estou surdo e cego pela concentração.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nada acha espaço na mente, apenas a imagem de Raul no chão, e a ponta dessa espada cravada em sua garganta. Posso ver o momento acontecer — eu descendo a espada com força até o chão, e a lâmina encontrando a terra. E porque posso ver, acontecerá.

O general se aproxima. Como juiz, me informa de que quando a outra parte chegar, lerá em voz alta as regras do embate. Faço um gesto de concordância, pousando a espada ao lado e dobrando a manga da camisa na altura dos cotovelos. Conheço as regras. Elas são poucas e claras: ao vencedor, as honras; ao perdedor, a morte.

O som de cascos no cascalho faz a guarda real se voltar para a estrada que leva a Andaluzia. Eles estão chegando. Não olho, não deixo que nada entre na frente da visão fixa no cérebro desde ontem. Eles apeiam dos cavalos e trocam palavras com o general. Não ouço vozes, nem mesmo as indistintas. Continuo concentrado à firmeza de minha mão no cabo, e no destino da lâmina. Ouço passos atrás de mim. O general está se aproximando, e suas feições mostram ligeira confusão.

PERIGOSAS ACHERON

— Vossa Graça. Andaluzia gostaria de fazer uma declaração.

Olho para a tropa inimiga. Raul está sobre o cavalo entre cinco outros homens, vestido com pompa demais para a ocasião. Ele tem o queixo erguido e a postura enrijecida, e olha diretamente para mim. O general se vira em direção à guarda de Andaluzia e faz um aceno: eles têm permissão para passar a mensagem.

Um homem bate continência e pronuncia em alto e bom tom que a guarda Andaluzenha vem até aqui, hoje, para propor uma alternativa à carnificina. Oferecem diálogo.

Ainda ajeitando a manga da camisa acima dos cotovelos, subo os olhos até Raul. Os dele, abertos, indicam exatamente o que visualizei. Ele está com medo, e sabe que eu sei.

— Queremos iniciar uma nova era ao lado de nossos vizinhos, e encerrar de vez a animosidade que vem nos acompanhando há séculos — é Raul quem fala. — Estamos estendendo a mão a Orr e propondo paz. Esqueçamos o duelo! Andaluzia tem todo o interesse em restabelecer as relações comerciais com Orr, e iniciar uma parceria pela primeira vez na história.

O general franze a testa. Por segundos pensa no que o regulamento diz, mas essa resposta não lhe cabe. Eu sou a outra parte e não quero a paz.

— Não.

O general me olha, o cavalo de Raul se move entre os outros, agitado. O soldado que ditou a oferta tenta ver com o canto dos olhos o que os outros têm a dizer; é claro que não esperavam aquela resposta.

Raul estala o pescoço.

— Estamos propondo cancelar o duelo — o garoto repete, como se eu não o tivesse entendido da primeira vez. — Não estamos requerendo a cidadã de Andaluzia de volta.

Interrompo o garoto: — A *ex-cidadã* de Andaluzia é agora a Condessa de Orr. Aliás, seu retorno a Andaluzia nunca esteve em disputa.

E enquanto a tropa comenta a mudança de eventos, meus olhos sobem até os de Raul. Ele está pálido, o que é ótimo. *Sim, me casei com a sua ex-esposa. E antes que o sol se mova um único grau no céu, você sentirá quão irônica foi essa troca.*

— Quero o duelo — digo, agilizando as coisas. Dou alguns passos em direção ao descampado, esperando que aquilo se encerre o mais rápido

possível.

Raul ainda não parece recuperado. Ele não veio preparado para se arriscar, ele veio como político, e intendia me comprar com o que trouxe sobre o lombo dos animais de carga atrás deles. Eu, por outro lado, não poderia estar mais preparado. Esse capítulo do meu passado se encerra hoje, por bem ou por mal.

O general encara Raul. A resposta foi dada.

— Que ocorra o duelo — diz.

Os soldados se atrapalham ao pegar a espada, e até mesmo me admiro que ele tenha trazido uma. Raul salta do cavalo e tenta conversar com o general em particular, mas o general estende a mão, parando-o antes mesmo que se aproxime. Só lhe resta retornar até seus homens.

Ando até o centro do local da disputa, observando com o canto do olho que Myrtes chegue com o resto de meus *homens*. Faço uma anotação mental que preciso mudar o termo, já que meu exército só tem mulheres.

Elas causam furor ao se aproximar. Os soldados de Andaluzia comportam-se como pubescentes mentalmente lesionados: balbuciam gracejos e ironias, gritam que querem embate corpo a corpo.

Olho-os com certa pena. Troçam como se pudessem vencê-las, caso colocados frente a frente, mas se fosse eles não me arriscaria. Elas não são as mulheres domadas de Andaluzia.

Raul anda em minha direção, sem condições de prestar atenção em quem vem. Seu suor empapa o rosto, e a gola da roupa, pelo jeito, está apertada demais.

Quanto mais ele se aproxima, mais atento estou à sua chegada, como se o duelo estivesse para começar. Rondo-o como um predador que circula a presa, exigindo toda sua atenção. Ele passa o lenço pelo rosto, e noto que suas mãos tremem.

— Achei que poderíamos resolver as coisas de outra maneira. — Ele dá um passo em minha direção e eu ergo minha espada.

— Ôa, ôa, calma. — Ele ergue os cantos da boca. — Calma, precisamos conversar antes. Você... Você disse que *desposou* Christine? — Ele chacoalha a cabeça, como se a informação pudesse ter sido entendida errada.

Seu riso cínico me leva de volta ao local ermo onde fui despejado, quando ele e seus amigos cansaram de mim. De volta à noite opaca pela neblina. Ouço suas risadas misturadas às

outras, *flashes* de lembranças da noite. Aperto o cabo da espada entre os dedos.

— Seria algo inédito, e... depreciativo para um *nobre*. — Ele finge pensar. — Ainda assim, acho que podemos resolver todas essas questões no diálogo. Trouxe coisas que podem interessar Orr, coisas que em Andaluzia...

— Embainhe sua espada, Sr. Santiago.

— Não precisava ser pela via mais difícil — ele insiste.

— Não quero que seja fácil — digo baixo. — Quero que seja *sujo* e *doloroso*.

Ele se espanta. O general entende que a luta pode ter começado e grita:

— Senhores, lutem! Que vença o melhor!

Raul olha para trás, confuso, e pega incerto a espada. Nada daquilo está fazendo sentido, ele não esperava esse desfecho.

Ele não sabe o que me move. Ele não faz ideia, mas fará.

Ele ergue a espada, acertando o equilíbrio com passos incertos. Continuo na mesma posição, encenando a coreografia na mente. Ele é destro. Seu movimento virá da esquerda para a direita. Um golpe, e eu a derrubo. Dois golpes, e ele está no

chão. Não planejo uma luta longa.

— Não era a minha intenção matar ou sair morto daqui hoje, Vossa Graça — ele tenta pela última vez. Ando para a esquerda e ele dá dois passos para longe de mim. — Por que está insistindo nisso?

— Porque você é quem você é. Porque eu sou quem eu sou.

Ele não entende.

Assim que noto que sua espada está bamba, a minha desce sobre ele. Ele salta em um ato reflexo para trás. Sua espada vai parar em uma das mãos, enquanto a outra tenta trazê-lo de volta ao equilíbrio.

— O que foi que fizemos a vocês? *Nós* tínhamos motivos para lutar! — Sua voz está aguda. — Christine era a *minha* esposa! Fomos casados durante quinze anos antes que você a levasse para trás daquelas cortinas e...

— Esqueça Christine. O duelo de hoje é pessoal.

Não o deixo se assentar em um lugar. Assim que ele para, avanço, e ele precisa recuar, ora para a direita, ora para a esquerda.

— *Eu* deveria insistir nesse duelo, mas estou

propondo o contrário! Eu a peguei nos seus braços, me traindo como uma... Uma *prostituta*! Leve-a! — ele se altera. — Quem se importa?! — Ele salta outra vez para trás quando dou mais uma investida. O metal da minha espada se choca à dele, e a dele quase cai de sua mão.

— Não tenho problemas com prostitutas.

É burlesco o modo como não me entende, e nem mesmo vendo as amazonas paradas ao lado, observando esse duelo pífilo, consegue compreender.

— Por mim, que a carregue ao inferno! Por que raios estaria interessado em lutar comigo, se abri mão dela?

— Deveria tê-la deixado ir anos atrás. — Avanço outra vez, e dessa vez Raul rebate. Sua espada se firma entre os dedos, e ele ganha o olhar concentrado dos duelos. Ele avança pela primeira vez, e sou obrigado a recuar. As lâminas se chocam na altura do meu peito, dentro do meu campo de proteção. A luta começou. A dança do aço, por vezes por cima das cabeças, por vezes cruzando-se no ar, se acirra.

E então *ela* chega: *a força das lutas*. O líquido primevo que corre pelas veias dos soldados durante

as batalhas corre agora por mim. Um calor cheio de energia acende minha disposição. Mais alguns choques, e Raul se afasta, arfando.

— Deus. Estou lutando com um homem de máscara. Ao menos tire-a, e seja digno.

— Ah, eu a tirarei.

— Quando? — ele pergunta. — Na hora em que eu cravar essa espada em você?

Ele avança outra vez, descendo a arma com tanta força sobre a minha que ela se desestabiliza em minhas mãos.

— Não — respondo revidando, a fúria impelindo o corpo à frente: — No segundo que anteceder à sua morte.

— Não vou morrer hoje — ele diz, trazendo um ataque de surpresa por baixo. Salto para trás, vendo a lâmina afiada descer a centímetros da minha virilha.

Raul dá dois passos para trás e limpa a boca, olhando para mim. Começa a rir, como se algo engraçado tivesse lhe ocorrido.

— Seria hilário, se não fosse trágico — diz, olhando para mim. —... Se o mascarado voltasse sem as bolas para casa. — Completando para si mesmo, exala: — Como se isso fizesse alguma

diferença para ela.

Estalo o pescoço. Meus anos de cavalheirismo me impedem de dizer em voz alta o quanto minhas bolas andam sendo requisitadas.

Mas o segundo de cavalheirismo passa. Ataco por baixo, e ele para a lâmina com a sua. Tenta por cima, e eu rebato. Por longos segundos vamos e voltamos no descampado, ora atacando, ora nos defendendo.

— Onde aprendeu a lutar, Vossa Graça? — ele diz quando se afasta. — Nos bordéis da cidade? Nos inferninhos que fizeram Orr conhecida?

— Adivinhou.

— Você não pode vencer — Raul determina como se lhe coubesse determinar aquilo. — O duelo de espadas é uma *arte*, uma luta dos bem nascidos. Você o deixa vulgar.

— Mutilar jovens com cravos de ferradura também é uma arte dos bem nascidos? — Ataco, levando a ponta afiada a centímetros de seu rosto. Ele se defende, mas não parece entender a frase.

Ele bambeia. Algo lhe vem à memória, e eu acelero os avanços.

— Talvez o lançamento de óleo quente sobre a pele seja uma arte em Andaluzia.

Se antes sua pele estava vermelha, agora parece ter sido drenada. Ele pisca, olhando de maneira diferente para mim. É demais para ele ligar a noite de tortura ao rapaz que considera morto. O rapaz virou um homem. Está vivo e furioso.

Afasto dois passos para observar sua transformação. Talvez seja a hora de deixar o cavalheirismo de lado.

— Ouvi dizer que o sexo não foi um esporte lá muito praticado entre o senhor e sua ex-esposa nos últimos quinze anos. Talvez não seja sequer uma arte que o senhor domine.

Os ombros de Raul caem. E assim que caem, ergo a espada, e, com um grito de ódio, desço-a sobre ele. Os segundos passam rápido, numa sucessão de sangue e gritos. Ao passar rente ao seu rosto, a lâmina levou sua orelha.

Ele salta pelo descampado gritando, com a mão sobre o vazio lateral. O sangue desce quente pelo seu braço, manchando a roupa rebuscada.

Desestabilizado, Raul anda para trás. É matar ou morrer, sem misericórdia, como prometido. Ele dá dois passos para trás ao ver que ataco, e sua espada cai da mão. Ele a leva à frente pedindo clemência, mas minha espada também leva sua

PERIGOSAS NACIONAIS

mão.

Seu corpo caído na campina é puro deleite para os olhos. Ele rola de um lado para o outro, literalmente sem mão para estancar tanto sangue. Subo sobre ele, uma perna em cada lado do corpo depois de ter chutado sua espada para longe. Não me importa que ao redor todos observem sem voz, ou que a clemência que pede, em outras épocas, teria me feito parar ali a luta.

Mas não o quero vivo.

— Sei que se lembra — digo, arrancando a máscara da frente do rosto, para espanto de todos. Ele arregala os olhos, em choque. Ele se lembra, apenas não acredita.

— E o que farei com você — envolvo o cabo da espada manchada com ambas as mãos, posicionando-a sobre seu pescoço —... e mais tarde, com seus amigos, será não só por mim, mas por cada um que vocês feriram em Andaluzia.

A espada desce, e eu estou finalmente livre.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 34

CHRISTINE

Parada no meio da estrada, olho para o horizonte.

No coração bate um alento triste e fraco. Uma batida em unissonância com o resto do corpo, que me faz de vez em quando puxar o ar como se tivesse esquecido de respirar. Se ele não chegar, eu morro. Não faz mais sentido viver sozinha. Conheço a solidão e experimentei com ele o sabor da companhia. Como tirar graça da vida, se não com ele?

O sol vai mudando sua posição no céu, e se

PERIGOSAS ACHERON

antes as sombras ao redor estavam nítidas, agora estão compridas, como se escorressem para longe de seus donos. Por duas vezes Leander me pergunta se quero companhia. Não conseguiria ser uma boa companhia, não hoje, por isso digo que ele pode ir tranquilo. Se Erik não chegar, caminharei até o local onde ele se foi, e de lá não terei mais planos.

As mãos se apertam. As unhas machucam as palmas, os pés voltam a doer. Apareça. Mas apareça vivo. Expulso da cabeça as lembranças de Raul treinando esgrima, e mais tarde, espadas. Não pense nisso. Arrasto a mão no cabelo, gasto o chão da estrada de terra andando de um lado para o outro. Se Myrtes chegasse antes, acabaria com a minha tortura. Mas também não quero pensar em que tipo de notícia ela pode trazer. Preciso vê-lo chegar, ou meu coração não aguentará.

Mais uma respiração profunda e uma fígada de dor me corta na altura da barriga. Esqueci de respirar outra vez.

Quando olho outra vez para o horizonte, vejo uma poeira discreta elevar-se ao longe. Estreito os olhos. Pode ser o vento, podem ser cavalos. Dou dois passos adiante, como se isso pudesse me ajudar a ver melhor. O sol está quase se colocando,

e esta é a hora em que Erik disse que nos veríamos, caso ele retornasse.

Caso retornasse. Como pode ter me dito aquilo? Desde então eu só sofro.

A poeira aumenta em tamanho. Fecho os olhos e imagino-o na campina, deitado e inerte. Chacoalho a cabeça, e outra cena vem: o cavalo chegando sozinho, ele morto em uma carroça. Não, não não. O coração se acelera a uma velocidade inimaginável. Quando abro os olhos, vejo que um cavalo vem na frente do resto do grupo. Um cavalo negro, tão grande e forte, tão rápido, que ergo as saias e começo a correr.

Preciso chegar mais perto e diminuir, nem que seja em centímetros, a distância entre meu coração angustiado e quem vem. E já não sei se sorrio ou choro quando não restam mais dúvidas que o cavaleiro que galopa tão rápido é ele. *Quanta agonia você me fez passar!* Grito internamente. *Quanta dor!*

Paro no meio da estrada com as mãos na frente da boca quando ele freia o cavalo e o bicho quase empina. Ele salta com um só pulo do animal, manchado de sangue de cima embaixo. Anda em minha direção como se tivesse saído de uma

carnificina, esguichos e manchas vermelhas escuras por todo lado. Não me interessa saber se o oponente está morto, só me interessa saber se está machucado.

— Diga-me que não está ferido! — Agarro sua roupa, correndo os olhos por seu corpo.

Ele me envolve em um abraço tranquilizador, ciente de que estou a um fio de uma crise nervosa. Perco a força das pernas quando entendo que está tudo bem, e seu abraço forte é o que me sustenta. Com o rosto colado em seu peito, aperto-o tão forte que acho que vou cortá-lo em dois.

— Estou bem.

Beijo-o tantas vezes ali, onde seu coração bate, que mancho sua blusa de lágrimas. Ele ergue meu queixo e me fita com os olhos pesados. Talvez pergunte em pensamento se eu sei o que fez. Fico na ponta dos pés e respondo com um beijo que não me importa o que fez. Esse assunto está encerrado para mim.

— Acabou, não acabou? — Olho-o, implorando para que diga sim.

Ele faz que sim.

— Prometa-me! Diga que este foi o último duelo de sua vida. Que não fará mais isso comigo!

— Eu prometo. — Ele beija o topo de minha cabeça. — Este será o meu último duelo.



A casa de banho é um cômodo no subsolo, parte do complexo da masmorra. Foi construída pelo Conde anterior ao antigo Conde d'Orr, com tecnologia trazida dos Bálcãs. Composta de paredes escuras e uma enorme piscina central, ela transforma a água do rio subterrâneo, fria, em um banho de vapor. A água é aquecida por fornalhas até altas temperaturas, e o que sai dessas câmaras são vapores quentes, que enchem a casa de banho.

Nunca havia estado antes em uma. Erik disse que eu sentiria agonia no primeiro momento. Acharia que morreria sufocada, mas me garantiu que, assim que eu me acostumasse, eu experimentaria algo inteiramente novo.

Desço naquela noite disposta a dar uma chance àquilo. Os músculos de Erik continuavam tensos pela luta, e pediu que preparassem os banhos. As masmorras estão vazias. Os empregados que geralmente ficavam à sua disposição foram

dispensados. Tiro o vestido e penduro-o no cabide ao lado do seu roupão, tentando ver algo do pequeno vidro da porta. Das frestas escapam vapores, e pego o ar antes de entrar. Abro a porta e caminho como se andasse em direção a nuvens. Fecho a porta.

— Leander? — Erik pergunta com a voz cansada, como se estivesse quase em estado de sono.

— Não. Sou eu.

Não consigo ver onde ele está. Vejo de modo difuso as bordas da piscina, as paredes escuras ao redor e a luz que chega fraca de um vitral.

— Ande até a borda da piscina, minha rainha. Depois entre nela e nade até mim.

Obedeço. A piscina tem degraus que levam o fundo, e embora não veja a profundidade, anseio seus braços. Coloco um pé na água, sentindo-a envolver quente meus pés. Mesmo sem vê-lo, confio que ele estará lá do outro lado, e continuo descendo. Logo a água está na altura dos ombros, e o corpo colide com algo macio. Suas pernas. Elas me envolvem e me trazem até ele, em um só impulso. Meu corpo se choca contra o dele, e seus braços me enlaçam. Sorrio ao vê-lo, e pergunto:

— Como pode existir algo assim?

— Como pode haver um homem tão louco por uma mulher? — ele responde, correndo os olhos pelo meu rosto.

Levo o rosto ao seu, arrastando a face por sua pele úmida e quente. É tão sensual sentir a pele suada, mesmo estando dentro da água.

— Estava falando da casa de banhos.

Sua boca procura a minha e elas se acham. Beijo-o lânguida, suspirando de prazer. Sinto-me mais sensual que nunca, mais entregue. É o calor, que amolece tudo, dos pensamentos ao corpo. A sensação é que a paixão brota como o suor, e surge ali, na camada mais visível de pele. Roço o peito no dele, e procuro-o com a virilha. Logo suas mãos estão por toda a parte, e as minhas nas partes dele. Há tanto o que explorar e descobrir ao seu lado. Há tanto o que fazer e deixá-lo fazer em mim, comigo, pra mim.

Ele leva os dedos até minhas coxas e as abre. Como se abrisse uma flor, pétala por pétala, seus dedos se enterram dentro de mim. Encaixo o corpo em sua cintura, as pernas ao seu redor. Ele acha caminho para dentro de mim com facilidade. Subo e desço sobre ele mordiscando sua orelha, seu

pescoço, de olhos fechados, sentindo o suor se acumular ao redor da nuca, do rosto. Ele geme no meu ouvido, uma mão em um seio, a outra na minha cintura, sentindo o meu vai e vem.

Por algum tempo nos entregamos às sensações mais incríveis e instintivas. O corpo está quente pelo ar e pelas sensações, adorando a experiência de sentir paz pela primeira, tanto na cabeça quanto nos músculos.

Saio de cima dele antes que ele chegue lá antes que eu, e sorrio. Quero experimentar algo.

— Sente-se no degrau de cima — peço a ele. Ele me obedece.

Abro suas pernas, ajoelhando à sua frente. Olho para a profusão de fios alourados entre elas, e o membro rijo e pesado, erguendo-se como uma haste em direção à minha boca. Levo os lábios de forma tímida até ele. Eu o vi sendo satisfeito aquela vez, na roda, e sonhei nos últimos dias em como satisfazê-lo igual. Mas não sei como, só sei que quero. Abro a boca e sinto sua glândula entrar na boca, seu gosto único, a textura de veludo. Ele firma as mãos em minha cabeça. Ele não observa o que faço: sua cabeça está escorada na parede e seus olhos estão fechados. Mas é mais fácil que

imaginei, porque a cada vez que o levo até a boca ele geme de prazer, indicando como setas no caminho a direção para onde — e como — ir.

Aliso sua base e suas bolas enquanto o vejo sumir em mim, e descubro que gosto de fazer aquilo. Ele retorna do lugar só seu onde estava para me incentivar. Suas mãos massageiam minhas costas enquanto me entrego ao vai e vem, seus dedos passando com pressão por minhas costelas e bunda.

— Quer que eu vá até o final? — Levanto os olhos e pergunto. Seus olhos estão cheios de desejo, tanto desejo que parecem pesar. — Não. Quero você aqui, do lado de fora.

Ele levanta e perco o ar ao ver seu corpo musculoso e longilíneo elevar-se sobre mim. Ele me pega no colo com extrema facilidade e me traz, pela água, até a outra borda, onde o vapor está menos intenso. Deita meu corpo arrepiado sobre a pedra e continua na piscina. Seus olhos passeiam por mim como se eu fosse sua paisagem preferida. Seu tesouro.

Sua atenção está em suas próprias mãos, e em como ela se molda às minhas curvas. Seus dedos passeiam de forma delicada ao redor do meu rosto,

do nariz à boca, e eu os mordo quando pausam ali. Ele sorri, e olha brevemente para mim. Depois suas mãos descem, massageando meus ombros, circundando os seios e contornando os mamilos eretos. Descem pela barriga, brincam com o umbigo, até sumirem entre as coxas. E lá elas param.

Ele sai da piscina e deita sobre mim. Seu corpo molhado e quente é uma delícia. Minha perna acompanha o traçado de sua coxa até as nádegas, e param em sua cintura. Ele se encaixa entre minhas pernas e enterra o pênis tão fundo em mim que chego a me mover sobre o chão. Ele não está mais gentil, está enlouquecido de tesão. Sua expressão se fecha e ele arremete outra vez. Eu gemo, ele geme. Um, dois, três. Meus dentes travam, a força daquilo me faz arranhar seu peito e morder seu mamilo. Ele estremece, mas não para. Agarro seu cabelo e puxo-o para um beijo cheio de loucura, sem freios. Ele não para nem uma vez de bombear o corpo dentro do meu. Ele entra e sai de mim com força, às vezes me beijando, outras me mordendo. Amo o Erik atencioso e carinhoso, mas esse lado seu me transforma em outro tipo de criatura. Quando estou assim, quero mais — e tudo, e muito. Descubro

PERIGOSAS NACIONAIS

com ele que também sei ser insaciável. Se ele está sempre ávido por mais, estou também.

Vejo-o travar os dentes, e me olhar por entre os cachos como uma fera em meio a uma floresta escura. Mordo os lábios, assustada e excitada por tudo que está acontecendo, e vai acontecer daqui por diante. A masmorra não é mais dele, agora.

É minha e dele.

Ele estremece dentro de mim, e quando sai, rola até a piscina. Rio quando ele submerge na água e me puxa junto.

Na escuridão da piscina, sou agarrada por ele.

Se há mais felicidade do que a que achei em Orr, ela ainda precisa ser descoberta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 35

ERIK

O convite chegou meses depois, quando as estações haviam mudado mais de uma vez e a vida voltado ao normal. Embora nada depois daquele dia em que a reencontrei, um ano atrás, pudesse ser considerado normal.

Quem diria que há um ano ela desfaleceria em meus braços com meu nome na ponta da língua, rasgando meu peito em dois? Quem diria que ouviria meu coração, parado há tanto tempo, voltar a bater? Ando pelos corredores com a cabeça nas

PERIGOSAS ACHERON

crueldades e nas bonanças que se seguiram àquele encontro. Paro na porta de nosso quarto e vejo-a sentada na frente da penteadeira, escovando os cabelos compridos. Ela me vê pelo reflexo e sorri.

— Como está se sentindo? — Entro e ando até ela. Trago sua cabeça até meu quadril e afago-a, sentindo a maciez de seus cachos.

— Maravilhosamente bem.

— Tem certeza?

— Absoluta. — Ela ergue os olhos e vê o que tenho nas mãos. — O que temos aqui?

Ela pega o convite e o abre, correndo os olhos pelo brasão real no topo da página. Por um segundo sua testa vinca, mas logo se desfaz.

— Não vamos, certo? — Ela me devolve o convite.

— O rei faz questão.

— Não pisarei em Andaluzia outra vez. E nem você pisará.

— São ordens do rei — digo com delicadeza, passando os polegares por seu rosto. — Estaremos seguros no baile.

O baile traz péssimas lembranças a ambos, e é compreensível que depois do duelo ela não queira que eu pise lá outra vez. Mas esse ano será

diferente. Tão diferente.

— Myrtes também foi convidada — digo para acalmá-la.

Ela volta a se olhar no espelho, desconfiada.

— Ainda assim. Não sei se quero encarar a sociedade de Andaluzia. Eles me dão calafrios.

Encosto na penteadeira ao seu lado e cruzo os braços. Ela olha para mim.

— Por que está rindo? — pergunta.

Olho ao redor, verdadeiramente divertido pelo que me cruzou a cabeça.

— Christine, meu amor... Você agora é cidadã de Orr, esse lugar misterioso onde mulheres bebem como russos, falam com homens de igual para igual e prostitutas integram o exército. Casou-se com um renomado devasso, que jogou sua virtude na sarjeta em uma armadilha tornada pública sobre o palco de um teatro. Foi açoitada pelo mais proeminente político da cidade — seu ex — e expulsa por ele da cidade. Um homem a quem você não deu, nos quinze anos em que foi casada, filho algum. Aparecer nesse baile ao meu lado, com essa linda barriga de seis meses causará neles todo tipo de calafrios.

Ela continua encarando-se no espelho, mas

dessa vez segura um sorriso. Pega a escova sobre a penteadeira e continua a escovar as mechas douradas.

Inclino-me sobre ela e sussurro, fazendo questão de sentir em sua pele seu perfume discreto:

— ... E caso eles soubessem tudo o que já fiz com você dentro daquela masmorra — e que voltarei a fazer depois da chegada de nosso bebê —, eles tombariam duros. Todos, como moscas.

— Estou com saudades de lá — ela diz, me encarando no espelho. — Podemos tentar coisas menos... exóticas.

— Absolutamente não. — Volto a cruzar os braços. Que Deus me livre da imagem de minha esposa grávida na masmorra. — Não há nada pouco exótico por lá, e o não exótico podemos fazer aqui. Além do mais, no momento não estou conseguindo amar você de forma não devocional.

Ela larga a escova outra vez sobre o móvel e se levanta. Olho para suas curvas completamente perdido de felicidade. Estou sendo um perfeito idiota, mas sendo por isso retribuído como nunca. Ela pega minha mão e leva até a base da barriga. Meu corpo inteiro aquece, desejando-a como um louco. Desço os dedos até o meio de suas pernas,

procurando-a.

— Não, seu pervertido. — Ela traz minha mão de volta até a barriga. — Sinta.

Um chute — ou cotovelada — passa como uma pluma contra a minha palma. Olho-a assustado. É tão estranho sentir a presença de alguém vivo dentro de outra pessoa, e saber que esse alguém será em breve o centro do meu mundo.

— Ele está inquieto. — Ela alisa a barriga, olhando para baixo. — Acho que assustou-se com a ideia de ir até Andaluzia.

— Ele, o bebê? Ou ele, um menino?

Não sei se ela sabe o quanto desejo esse filho. O quanto quero encher esse castelo de risos. Menino, menina — tanto faz para mim, desde que venham com saúde.

— Acho que será um menino — ela diz, pensativa. — Embora, pela primeira vez, penso que se fosse menina, não temeria por sua vida.

Ela se inclina e me beija, como se agradecesse por algo.



Como previsto, a chegada de Christine ao meu lado causa furor. A sociedade de Andaluzia mal consegue segurar os comentários e olhares, e abrem-se à nossa passagem como se estivéssemos infectados. Se o rei e a rainha não estivessem presentes, seríamos expulsos e até presos, mas o rei estava ali para forçar a união entre as cidades goela abaixo. Províncias insatisfeitas eram celeiros de revoltas, e a paz reinaria naquele reino custe o que custasse.

Para nós a paz custou algumas lacerações, mas nada que o amor e o tempo não pudessem curar. Aos pais de Raul, padrinhos dela, custaram a vida do filho — que nunca entenderam por que precisou morrer. Eles se retiraram quando chegamos, a despeito das ordens do rei. O que aconteceria com eles mais tarde era uma incógnita.

Minha preocupação e toda atenção estavam nela, deslumbrante naquela noite. Seu vestido mostrava a barriga saliente, e não economizava no decote.

Passamos boa parte do tempo entre os novos regentes de Andaluzia, encenando a paz. Não é uma noite divertida, só necessária. Myrtes circula pelo salão com uma máscara para não ser

confundida com a rainha, e em determinado momento para ao nosso lado.

— Cansou? — pergunto para ela.

Ela afirma, indicando que chegou o momento.

Nessa hora, a rainha se aproxima de Christine.

— Christine, por favor, acompanhe-me pelo salão — diz em tom de quem não aceita recusas. — Como sei que é daqui, quero que me apresente algumas pessoas.

Christine olha para mim, mas não há nada que eu possa fazer. Ordens da rainha. Assim que ela sai a contragosto, Myrtes parte e eu vou atrás.

Atravessamos o salão e passamos por alguns corredores vazios até chegar ao primeiro andar. Conheço o caminho de cor, e alcançamos a porta de saída em questão de segundos. A porta é guardada por um soldado do rei, que troca olhares com Myrtes quando ela passa.

— Como conseguiu trazê-los até aqui? — pergunto a ela, caminhando pelo antigo e hoje malcuidado roseiral. Sinto um aperto no peito ao passar por ali.

— Oras, Erik. Com o truque mais antigo do mundo.

Os dois corpos estão caídos no chão. Olho-os

PERIGOSAS NACIONAIS

com a mesma frieza com que olhei Raul, morto na campina. Não sinto nada — nem culpa, mal-estar ou dúvidas sobre o que fazer.

— Estão mortos?

— Desacordados. Embora aquele ali eu não saiba direito. — Ela aponta para um deles. — Posso ter apertado o pescoço com força demais.

Agacho ao lado deles e retiro um lenço do bolso. Giro o rosto, tentando reconhecer nele as feições que ainda me assombram nos pesadelos.

— Alguém te viu?

— Fora o guarda, não. Não acho que com tantas máscaras alguém possa me reconhecer, ou reconhecê-los.

Por um segundo fazemos silêncio.

— Erik. Se Christine descobrir, você...

— Ela nunca saberá.

Levanto, olhando para os dois homens, hoje maduros e com as têmporas cobertas por fios prateados. Embora nenhum dos dois me inspire perdão, é inevitável me perguntar se os adolescentes sádicos que foram teriam, com o tempo, se tornado humanos.

— Acha que são pessoas decentes hoje em dia?

— pergunto a Myrtes, hesitando.

PERIGOSAS ACHERON

A resposta de Myrtes é tirar o artefato do bolso do vestido e me entregar.

— Se não matá-los, eu matarei. Conheço-os dos meus anos de rua. — Ela os olha com raiva e distância ao completar: — E Áurea os conhece, também.

Está explicado o apoio real, e por que agora é uma questão maior que justiça terminar o serviço. Pego a arma, um tipo de soco inglês, e puxo o fio retrátil acoplado. O fio prateado é tão fino e afiado que deceparia um osso —, um instrumento perfeito para noites assim, em que armas de fogo e facas são proibidas.

Myrtes faz o mesmo com o seu instrumento, e antes que me abaixe, ela já está sobre um deles.



Retornamos aquela mesma noite para Orr, acompanhados pela guarda real. Os cavalos galopam mansos e a cabine chacoalha em um ritmo tranquilo, que embala Christine em um sono profundo.

— Eles se foram — Myrtes comenta quando a

PERIGOSAS NACIONAIS

guarda dá meia-volta na estrada vazia e retorna. Estamos agora sozinhos na estrada escura que leva a Orr.

Olho para a cabeça de Christine encostada em meu ombro, e sinalizo para Myrtes que chegou o momento. Myrtes bate de leve no vidro da cabine e Leander responde com outra batida.

A carruagem para ao lado de um pântano, um dos muitos da planície. Ouvimos da cabine o baú arrastar no teto, e depois tombar no chão, fazendo barulho pelo impacto. Myrtes observa da janela as sombras de Carlo e Matteo arrastarem o baú pela terra e jogarem a caixa na escuridão do lamaçal. Mesmo estando escuro, vemos o baú desaparecer sob o lodo.

Myrtes solta um longo suspiro e recosta no assento. Carlo e Matteo sobem no carro e a carruagem volta a se mover, em direção à terra que hoje todos ali chamamos de lar.

— Obrigada — ela diz no silêncio da noite. Não sei pelo que agradece, se por hoje ou pelos últimos anos, mas respondo:

— Digo o mesmo a você. Obrigado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 36

O dia está amanhecendo quando chegamos em Orr. Christine desperta, ligeiramente perdida. Boceja, espreguiçando-se pela noite passada em uma posição única. Ajudo-a a descer da carruagem, amparando-a em direção ao castelo.

— Sobrevivemos — ela diz, desamarrando os sapatos, já no segundo andar.

— Sim, sobrevivemos.

Para sua surpresa, ergo-a do chão. Levo-a com cuidado até a cama, nos braços, sentindo o peito leve. Ela envolve meu pescoço, recostando o rosto ali, onde nada mais pesa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi pior que eu imaginava. Mas ao mesmo tempo, um tipo de fim, sabe? — ela diz. — Não quero mais voltar lá. Nunca mais.

— Nunca mais voltaremos. — Deito-a do seu lado da cama, ajudando-a a tirar o vestido pesado. Primeiro saem as mangas, depois o espartilho, então a anágua. Ela se remexe entre os lençóis, nua, feliz pelas costas estarem esticadas. Sua barriga arredondada é uma visão extraordinária, de grandeza sem nome. Deito-me do seu lado, me sentindo envolto em paz.

— Quero que nossos filhos cresçam aqui, e nunca mais precisem conhecer aquele lugar — ela diz pensativa.

— Feito — concordo como se fosse uma ordem.

— E quero paz. Não quero mais ter medo de perder você.

Balanço a cabeça entre sua cabeça e seu ombro, concordando com essa solicitação também. Como amo o cheiro dessa mulher.

— ... E quero ser amada assim, para sempre — ela diz, procurando minha boca. — ... Sem escassez de amor ou declarações...

— Tem minha palavra — digo, erguendo a mão

PERIGOSAS ACHERON

e beijando-a. — Prometo dizer todas as palavras de amor que eu souber, até o fim.

E quando o sol desponta pelos vitrais coloridos trazendo mil cores ao quarto, estamos novamente entregues ao outro, perdidos e encontrados em beijos, entrelaçamentos de dedos, idas e vindas e sussurros de amor eterno.

E assim foi durante os anos,
todos os anos,
até o fim.

FIM

OUTRAS OBRAS DA AUTORA

Fantasia

[A Morte e a Donzela](#)

[A Jornada das Bruxas](#)

Romance Adulto

[A Última Peça](#)

(romance ganhador do prêmio Literário FLIC – 2016)

[Sessenta Noites em Trindade](#)

[Meu Capitão: Sessenta Noites em Trindade 2](#)

[Sexo, Amor & Outros Estragos](#)

[O Clube da Vingança](#)

[Selvagens](#)

As Leis do Amor

O Lado Bom do Inferno

Contos e Antologias

[Spin-off de Selvagens: a história de June e João](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

Homens de Farda: “O Lado Bom do Inferno”

Doze por Doze: “Janeiro”

PERIGOSAS ACHERON

S O B R E M I M

Sou formada em Publicidade, Marketing e Psicologia. Já fui também professora de alemão, instrutora de Lego e agora, escritora. Após sete anos morando fora, voltei em 2015 para o Brasil e tive um conto publicado na antologia juvenil “Doze por Doze.” Lancei ainda “Sessenta Noites em Trindade,” “Sexo, Amor e Outros Estragos,” “A Jornada das Bruxas” entre muitos outros na Amazon. Ganhei pelo meu romance *new adult* “A Última Peça” o concurso literário FLIC-ES 2016. Também escrevo sobre escrita terapêutica no site www.ocaminhointerior.com.br, onde ofereço um curso de escrita terapêutica cheio de cuidado e carinho para quem precisa de ajuda.

Escrever para mim é fazer magia. O bom da mágica (e dos livros) é que ambos contagiam, proliferam, encantam e eternizam. Linhas puxam parágrafos que se desdobram em folhas, e no fim, seu sonho vira um universo. É nesse universo que eu e minha família andamos vivendo ultimamente <3

www.karinaheid.com.br

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON